



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**  
**CURSO DE DOUTORADO**

**ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO NASCIMENTO**

**LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A  
CONSCIÊNCIA CRÍTICA: A EXPERIÊNCIA DO CEBI EM MOSSORÓ (Décadas de  
80 e 90)**

**RECIFE/PE**

**2024**

N244I Nascimento, Zélia Cristina Pedrosa do.  
Leitura popular da Bíblia como prática de educação  
para a consciência crítica : a experiência do CEBI em  
Mossoró (décadas de 80 e 90) / Zélia Cristina Pedrosa do  
Nascimento, 2024.  
182 f. : il.

Orientador: João Luiz Correia Júnior.  
Tese (Doutorado) - Universidade Católica de  
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em  
Ciências da Religião. Doutorado em Ciências  
da Religião, 2024.

1. Bíblia - Estudo e ensino. 2. Teologia da libertação.  
3. Centro de Estudos Bíblicos. 4. Educação popular.  
5. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. I. Título.

CDU 22

Luciana Vidal - CRB 4/1338

ZÉLIA CRISTINA PEDROSA DO NASCIMENTO

**LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A  
CONSCIÊNCIA CRÍTICA: A EXPERIÊNCIA DO CEBI EM MOSSORÓ (Décadas de  
80 e 90)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião, na linha de pesquisa: Tradições e Experiências Religiosas, Cultura e Sociedade, sob orientação do Professor Dr. João Luiz Correia Júnior.

RECIFE/PE

2023

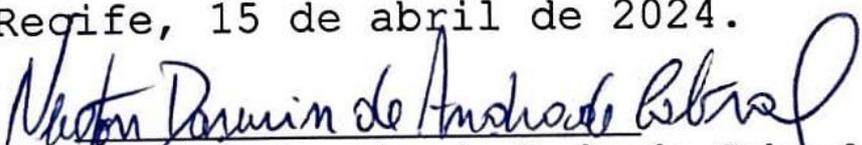
## FOLHA DE APROVAÇÃO

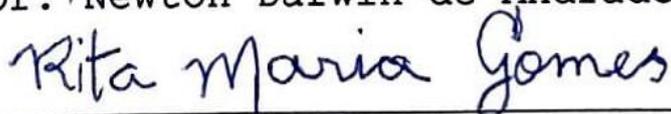
**Aluno (a): Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento**

**Título da Tese** LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA: A EXPERIÊNCIA DO CEBI EM MOSSORÓ (Décadas de 80 e 90)

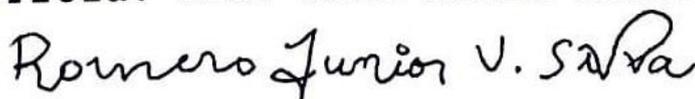
Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião. A presente tese foi defendida e aprovada em 15 de abril de 2024 pela banca examinadora e constituída pelos professores:

Recife, 15 de abril de 2024.

  
Prof. Dr. Newton Darwin de Andrade Cabral



Profa. Dra. Rita Maria Gomes



Prof. Dr. Romero Júnior Venâncio Silva



Prof. Dr. Mariosan de Sousa Marques



Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior  
(Presidente da Banca Examinadora)

## AGRADECIMENTOS

Cada objetivo conquistado merece uma parada para reflexão, louvor e gratidão. Para chegar até essa tese muitos caminhos foram percorridos e muitos companheiros e companheiras estiveram e estão junto comigo, e contribuíram para me formar. Fazer uma lista das influências e ajudas recebidas é difícil pois sempre se pode cometer injustiças, a memória é traiçoeira. Então rendo graças ao universo e a vida. E particularmente não é possível deixar de citar:

Minha família de sangue e minhas comunidades de fé e de luta, seja na Igreja Oficial ou fora dela;

As irmãs Missionárias de Jesus Crucificado que me apresentaram a LPB e ao CEBI, onde me encontrei e mudei minha forma de olhar o mundo... e de onde nunca mais saí;

As amigas e os amigos, que não nos deixam desistir e tornam a existência mais bela e mais leve;

As pessoas que participaram da pesquisa e aceitaram partilhar suas experiências de vida, suas crenças e suas esperanças... espero ter sido fiel e respeitosa com as suas falas;

O meu emprego público de onde retiro o sustento e o suporte financeiro necessário para me dedicar a pesquisa;

As professoras, os professores e os colegas;

As instituições de ensino por onde passei e aos espaços de educação popular que frequento;

À Universidade Católica de Pernambuco pelo espaço de conhecimento e partilha proporcionado e a Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pela Bolsa de Estudos que custeou as mensalidades do PPGCR.

Ao meu Professor, orientador e amigo João Luiz Correia Junior, pela relação de carinho exigente, por me ensinar a estudar e ter disciplina e por acreditar mais em mim que eu mesma; Sônia Maria de Araújo, minha companheira de tantos anos e de todas as horas, pela parceria cotidiana e por abrir mão de seus projetos para me acompanhar e me apoiar;

Ao divino que está no começo e no fim das nossas buscas, a RUAH pelo alento para continuar caminhando e acreditando num mundo melhor onde a dignidade de todos os seres seja respeitada.

Amém, Axé Awere, Namasté!

## RESUMO

A Leitura Popular da Bíblia (LPB), na forma realizada pelo Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), é uma prática educativa que contribui para a formação da consciência crítica. A veracidade dessa hipótese será demonstrada no nosso trabalho a partir da experiência vivida na Diocese de Mossoró da Igreja Católica Romana nas décadas de 80 e 90 do século XX. Partimos de um resgate histórico recordando o nascimento do CEBI em parceria e comunhão com outras experiências de educação e ação libertadoras que surgiram no Brasil a partir dos anos 60 e contribuíram para a formação de diversos movimentos populares. Destaca-se, no percurso, a estreita relação entre leitura popular da bíblia e Educação Popular a partir de suas influências mútuas, diferenciações e inspirações no método Ver, Julgar e Agir. Como processo educativo e místico, a Leitura Popular da Bíblia gerou adesões e transformações na compreensão de mundo e nas opções políticas e profissionais de várias pessoas que construíram a LPB na Diocese de Mossoró, a principal delas foi a criação de uma nova consciência crítica, como ficará demonstrado a partir das falas dos sujeitos. Essa é uma experiência revolucionária que pode iluminar a atual conjuntura religiosa brasileira marcada pela polarização e pelo fundamentalismo, pois a Leitura Popular da Bíblia desperta para uma ação na realidade e um compromisso com os empobrecidos como exigência ética da fé em Jesus. A religião sempre tem uma presença política na sociedade, seja revolucionária ou conservadora. A forma como lemos o mundo e a Palavra de Deus é que vai definir nossas opções.

**Palavras-chave:** Leitura Libertadora da Bíblia. Educação Popular. Cristianismo da Libertação. Consciência Crítica.

## ABSTRACT

Popular Bible Reading (LPB), as carried out by the Center for Biblical Studies (CEBI), is an educational practice that contributes to the formation of critical consciousness. The veracity of this hypothesis will be demonstrated in our work based on the experience lived in the Diocese of Mossoró of the Roman Catholic Church in the 80s and 90s of the 20th century. We start with a historical review, remembering the birth of CEBI in partnership and communion with other experiences of liberating education and action that emerged in Brazil from the 1960s onwards and contributed to the formation of several popular movements. Along the way, the close relationship between popular reading of the Bible and Popular Education stands out, based on their mutual influences, differentiations and inspirations in the See, Judge and Act method. As an educational and mystical process, Popular Reading of the Bible generated adherences and transformations in the understanding of the world and in the political and professional options of several people who built the LPB in the Diocese of Mossoró, the main one was the creation of a new critical consciousness, as will be demonstrated from the subjects' statements. This is a revolutionary experience that can illuminate the current Brazilian religious situation marked by polarization and fundamentalism, as the Popular Reading of the Bible awakens to action in reality and a commitment to the impoverished as an ethical requirement of faith in Jesus. Religion always has a political presence in society, whether revolutionary or conservative. The way we read the world and the Word of God will define our options.

**Keywords:** Liberating Reading of the Bible. Popular Education. Liberation Christianity. Critical Consciousness.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CCJ – Centro de Capacitação da Juventude  
CEBI – Centro de Estudos Bíblicos  
CEBS – Comunidade Eclesiais de Base  
CENPACRE – Centro Pastoral de Ciências Religiosas  
CELAM – Conselho Episcopal Latino Americano  
CESEEP – Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular  
CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNLB – Conselho Nacional do Laicato do Brasil  
CPT – Comissão Pastoral da Terra  
ICAR – Igreja Católica Apostólica Romana  
JOC – Juventude Operaria Católica  
LPB – Leitura Popular da Bíblia  
MCP – Movimento de Cultura Popular  
MEB – Movimento de Educação de Base  
MST – Movimento dos Trabalhadores sem Terra  
ONG – Organização Não Governamental  
PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular  
PT – Partidos dos Trabalhadores  
STF – Supremo Tribunal Federal

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 RESGATE DA HISTÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS - CEBI</b> .....	22
2.1 A SERVIÇO DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA .....	22
2.1.1 A leitura Popular da Bíblia já existia antes do CEBI Nascer .....	22
2.1.2 Origens e objetivos do CEBI.....	24
2.1.3 Em parceria e comunhão com outras experiências Libertadoras .....	26
2.2 O CEBI EM MOSSORÓ .....	29
2.2.1 As origens e a acolhida pela Diocese de Mossoró (Igreja Católica Romana) .....	30
2.2.2 As escolas bíblicas e a expansão do CEBI .....	32
2.2.3 Do interior para a capital – crises e mudanças .....	34
2.3 SITUAÇÃO ATUAL DO GRUPO EM MOSSORÓ .....	38
2.3.1 Uma caminhada sustentada pelas mulheres.....	38
2.3.2 Semente teimosa que resiste em diálogo com as Instituições religiosas e civis .....	40
<b>3 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA</b> .....	44
3.1 O QUE ENTENDEMOS POR METODOLOGIA.....	44
3.2 METODOLOGIAS QUE AJUDAM A PENSAR .....	46
3.2.1 Método ver, julgar e agir .....	47
3.2.2 Educação Popular – a contribuição de Paulo Freire .....	50
3.2.3 Relações com a Teologia da Libertação .....	54
3.3 CONSCIENTIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA CRÍTICA .....	56
3.4 A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA .....	59
<b>4 A PARTICIPAÇÃO NO CEBI E O SEU SIGNIFICADO NA VIDA DAS PESSOAS</b> 65	
4.1 O TRABALHO COM DEPOIMENTOS ORAIS .....	65
4.2 CAMINHOS PARA O ENGAJAMENTO.....	67

4.2.1 Sentir-se chamado por Deus .....	67
4.2.2 As transformações pessoais .....	69
4.2.3 Relação com outras experiências religiosas e de cidadania .....	76
4.2.4 O engajamento Político e Social.....	85
4.3 INFLUÊNCIAS NA REALIDADE ECLESIAL E SOCIAL.....	91
4.3.1 O CEBI e a Igreja .....	91
4.3.2 As oposições e os limites.....	98
4.4 A INFLUÊNCIA DO CEBI NAS OPÇÕES DE VIDA.....	102
4.4.1 Compromisso com as causas populares.....	102
4.4.2 Frustrações e decepções.....	106
4.4.3 Projetos e esperanças .....	109
<b>5 LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA .....</b>	<b>112</b>
5.1 UM CONTEXTO DESAFIADOR.....	112
5.1.1 Breve análise de conjuntura.....	112
5.1.2 A animação Bíblica da Pastoral.....	117
5.2 EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA .....	122
5.2.1 CEBI Quarto Sábado .....	124
5.2.2 Grupo de Mulheres Plantando Vida Colhendo Dignidade .....	127
5.3 PASSAR DA LEITURA PARA A AÇÃO ENFRENTANDO NOVOS DESAFIOS.....	130
5.3.1 Redescobrir na caminhada a sacralidade da vida .....	130
5.3.2 Desafios e impasses para a LPB .....	132
5.3.3 Caminhando com as periferias no cuidado da casa comum, em busca do bem viver ...	134
<b>6 CONCLUSÃO.....</b>	<b>138</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>145</b>
<b>ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>151</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A Leitura Popular da Bíblia (LPB) nasceu desde os anos 1950 do século passado e conjuga fé e vida em confronto com a realidade. O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), cuja trajetória e metodologia nos propomos a estudar, é um serviço à LPB, uma ferramenta que ajuda a cada pessoa a fazer sua própria leitura crítica e transformadora da Palavra.

A importância dessa experiência deve ser ressaltada, pois, para uma grande parcela da humanidade, a Bíblia é reconhecida como Palavra Divina que contém as verdades sobre o mundo e as normas para a vida. Essa concepção abre margem para o fundamentalismo<sup>1</sup> e a instrumentalização da Bíblia para manipular as consciências, a partir de uma leitura descontextualizada e literal, com forte presença nos grupos neopentecostais, sejam católicos ou evangélicos.

Faremos uma abordagem a partir das Ciências da Religião, campo de estudo bastante abrangente que procura entender como a abertura do humano para o transcendente orienta as opções de vida dos crentes e não crentes na sua compreensão de mundo. Em relação às tradições cristãs, esse caminho passa pela leitura da Bíblia, livro sagrado que é confessado como fonte da revelação, espiritualidade e normatividade. São várias as experiências de interpretação do texto revelado, dentre elas a Leitura Popular da Bíblia realizada pelo CEBI.

O Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) se dispõe a fazer uma leitura libertadora das tradições religiosas, visando a desenvolver o espírito crítico, a tolerância e o respeito à laicidade do Estado. Este trabalho é realizado em diversas denominações religiosas e também em parceria com os movimentos sociais.

Outro ponto que iremos estudar é o processo de Educação Popular vivido nos encontros de formação do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI), e como estes favorecem o desenvolvimento individual dos sujeitos envolvidos e a sua ação social. Enfocando ainda as relações desse processo com a Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire

O CEBI não é conhecido nos meios acadêmicos, com exceção das faculdades de Teologia e de Ciências da Religião. Portanto, para compreender o tema há necessidade de esclarecer a nossa visão dessas realidades e demonstrar as afinidades existentes desde o seu

---

<sup>1</sup> Usamos o termo fundamentalismo numa concepção negativa, como, 1. Corrente teológica de origem protestante que, desenvolvida nos E.U.A. durante a Primeira Guerra Mundial, admite apenas o sentido literal das Escrituras. 2. P.ext. Qualquer corrente, movimento ou atitude de caráter integrista que exige obediência rigorosa a um conjunto de princípios básicos; integrismo (Bastos, 2015, p. 135).

surgimento nos anos 1960, partindo de uma aproximação e identificação com as classes populares que começavam a emergir para uma atuação social da realidade.

O cenário atual do Brasil é bem diverso e desafiador. Desde o século XIX, foi proclamada a morte de Deus<sup>2</sup> e o fim das religiões ou, pelo menos, da sua importância para determinar os destinos das pessoas e das sociedades. No entanto, essa previsão se mostrou errada, pois a religião e a busca de Deus continuam vivas, embora as formas de pertença e identificação tenham mudado.

O sociólogo Peter Berger, que defendia o fato de a modernidade caminhar para a secularização, entendida como “o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (Berger, 1985, p. 119), confrontado com a realidade especialmente dos Estados Unidos e do Terceiro Mundo, passou a adotar como instrumento de análise o paradigma da pluralidade.

A obra “Os Múltiplos Altares da Modernidade” demonstra claramente essa mudança de paradigma. Berger percebeu que o fenômeno religioso permanece vivo, mas se renova. A religião institucionalizada a qual o fiel aderira e nela permanecia participando dos ritos e acreditando em verdades estabelecidas, perdeu “mercado”<sup>3</sup>, cedeu espaço para a vivência de outras experiências religiosas contemporâneas. O trânsito religioso e o ambiente de debates e questionamentos possibilitaram a ascensão de uma religião plural e diluída, em que o fiel escolhe suas crenças e as práticas que mais atendem as suas necessidades. Por fim, o sociólogo entende que o ambiente de relativismo pode levar ao fundamentalismo como busca de reafirmação da identidade de uma determinada tradição religiosa em meio ao contexto de apagamento das verdades (Berger, 2017, p. 165).

O Brasil é um exemplo dessas mudanças. Fomos colonizados e catequisados pelos portugueses, nosso país teve o catolicismo como religião oficial e quase exclusiva por longos anos, porém, essa realidade mudou. O Censo Demográfico de 2010 revela o declínio na declaração de crença católica, que vem se acentuando desde 1980. A declaração de pertença ao catolicismo caiu de 73,8% registrados no censo de 2000 para 64,6% nesse último. Na mesma década, tivemos a continuidade do crescimento evangélico no Brasil, passando de 15,4% registrado no censo de 2000 para 22,2% em 2010. Destes, a maioria é pentecostal. No período

---

<sup>2</sup> A frase “Deus está morto” é a mais célebre do filósofo alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Aparece pela primeira vez em *A Gaia Ciência*, da seguinte forma: “O homem louco se lançou para o meio deles e trespassou-os com seu olhar. ‘Para onde foi Deus’, gritou ele, ‘já lhes direi! Nós o matamos – vocês e eu’”. (§128). Ele, um ateu convicto, celebrava a perda de influência da religião na Europa do seu tempo

<sup>3</sup> A palavra mercado é usada de forma deliberada pois para Berger na modernidade as religiões oferecem seus produtos aos consumidores e disputam espaço de uma forma quase comercial.

retratado, a terceira maior declaração de fé é dos “sem religião”, com 8%<sup>4</sup>. No ano de 2020 o Censo não aconteceu. Em 2022, o Censo Demográfico que estava previsto para ser realizado não aconteceu em consequência da pandemia do Coronavírus que prejudicou todas as atividades públicas e privadas no mundo. Em 2021, também não ocorreu por problemas de orçamento. A coleta de dados só começou a ser feita em 2022 por ordem do Supremo Tribunal Federal (STF), mas as perguntas são reduzidas e não contemplam o tema da religião.

Dessa forma, vivemos em um país de forte tradição católica e que recebe grande influência do cristianismo pentecostal. O fundamentalismo religioso ameaça o estado laico e pretende impor seus dogmas e costumes como norma geral para a sociedade. Isso ficou explicitado nas eleições de 2018, e foi assumido por pessoas ligadas ao governo Bolsonaro. Para eles, quem vai mudar o Brasil não é a política, mas sim, a Igreja Evangélica.

Estamos muito distantes do contexto das décadas de 1970 e 1980, quando, apesar da repressão política, as religiões viviam um forte movimento de compromisso com os pobres e construção de comunidades eclesiais na base. As religiões foram ambientes de organização, formação e resistência da população na luta pela redemocratização do País. Fala-se religiões, porque a influência pentecostal era pequena e as Igrejas Cristãs atuavam conjuntamente em várias frentes e entidades. Essa conjuntura será mais detalhada no primeiro capítulo da Tese, em que será feito um resgate histórico que engloba o contexto da época estudada, situando a LPB dentro desse quadro.

Um levantamento das produções acadêmicas sobre nosso tema, ou seja, o estado da arte, revelam estudos nas áreas de Teologia e Ciências da Religião, mas adentrando nas áreas de Sociologia e de Pedagogia, por apresentarem relações com a Educação Popular. Suas conclusões e intuição podem contribuir com nossa Tese.

Zildete Aparecida Guimarães defendeu Tese na Universidade Católica de Goiás em 2011 intitulada *As Contribuições da Pedagogia do Oprimido para a Teologia da Libertação*. Segundo sua pesquisa, a Teologia da Libertação<sup>5</sup> tem muito em comum com a Pedagogia de Paulo Freire, embora tenham histórias de nascimento e desenvolvimento próprias, pode-se notar uma influência recíproca, pois, a luta pela libertação e democratização do Brasil deve muito a

---

<sup>4</sup> Para uma análise mais detalhada dos dados do censo de 2010 consultar o livro “Religiões em movimento: o censo de 2010”, organizado por Faustino Teixeira, especificado nas referências bibliográficas

<sup>5</sup> De modo bem resumido podemos afirmar que a Teologia da Libertação é um movimento teológico que emergiu na América Latina na década de 1960 e 1970, que visa analisar as condições sociais, tristeza e políticas de injustiça e opressão dos povos marginalizados e oprimidos. Essa teologia enfatiza a relação entre fé e prática, e enfoca a luta por uma sociedade mais justa e igualitária como uma dimensão central da vida cristã

esses dois movimentos que tiveram nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)<sup>6</sup> o chão, no qual se discutiam a fé e os problemas da vida a partir da Leitura da Bíblia, utilizando a estratégia dos Círculos de Cultura.

Também na Universidade Católica de Goiás, o pesquisador Arcangelo Scolaro sustenta na sua Tese de Doutorado, aprovada em 2016, como a Formação Bíblica foi precursora da Educação no Campo na Diocese de Goiás nos períodos entre 1967 e 1998, partindo de conceitos fundamentais como: Ação Católica, Educação do Campo, Teologia da Libertação, Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e leitura popular da Bíblia. Esse autor demonstra a efetiva ligação dos trabalhos da Diocese de Goiás com a vida do camponês, valorizando seus saberes e sua cultura, evidenciando que a mesma base teórico-metodológica foi utilizada na Diocese de Goiás e pela futura educação do campo, com fundamento pedagógico na Pedagogia do Oprimido. Percebe ainda frutos perenes na vida do camponês, como o número de assentamentos existentes na área geográfica da Diocese e o retorno de famílias ao campo.

Jimmy Sudário Cabral que, em dissertação apresentada na Universidade Católica de Goiás, aborda o específico da hermenêutica bíblica da libertação vivida na América Latina em face da hermenêutica tradicional imposta pelas tradições religiosas irmanadas com o poder colonizador. No seu entender, a hermenêutica bíblica da libertação promoveu um profundo questionamento de uma leitura bíblica a partir do poder, abrindo brechas do controle das Escrituras pelo poder eclesial, empreendendo uma árdua reconstrução histórica das raízes populares dos documentos sagrados da tradição judaico-cristã, afirmando, a partir de uma práxis de libertação, os novos caminhos da hermenêutica bíblica, que buscou reconstruir as experiências dos oprimidos da Bíblia.

Uma Tese antiga e clássica de Tereza Maria Pompéia Cavalcanti, de 1991, apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro estuda especificamente o método de leitura popular da Bíblia na América Latina e a contribuição de Carlos Mesters. Outros pontos da Tese abordam a influência da Leitura Popular da Bíblia na hermenêutica feminista, na pastoral da juventude e no aconselhamento pastoral. Para este trabalho, ainda referenciamos os

---

<sup>6</sup> As comunidades eclesiais de base (CEB) são grupos de cristãos que se reúnem em uma comunidade para orar, estudar a Bíblia e participar de atividades pastorais e sociais. Essas comunidades se originaram na América Latina na década de 1950 como uma resposta à pobreza, à opressão e à falta de oportunidades para os fiéis nas paróquias tradicionais.

trabalhos de Jonas Santos Cruz<sup>7</sup>, Isabel Aparecida Félix<sup>8</sup>, Odja Barros Santos<sup>9</sup>, Joilson de Souza Toledo<sup>10</sup> e Priscila Leite<sup>11</sup>. Todos esses textos estão especificados e citados nas referências bibliográficas.

A dissertação apresentada por Marciano do Prado para obtenção do título de Mestre em Educação, na Universidade Metodista de São Paulo, trabalha um tema próximo da nossa pesquisa, pois estuda os elementos da obra freireana<sup>12</sup> e da Teologia da Libertação nas décadas de 1950 a 1970 realizando, assim, uma análise combinada de sua gênese e identidade.

Diante da realidade de dominação cultural e religiosa, pretendemos abordar o tema da leitura popular da Bíblia e o caráter educativo e formativo dessa prática que pode levar à libertação das consciências. Embora o fenômeno religioso atual esteja marcado pelo pluralismo e por um grande trânsito entre as instituições, a atuação política dos fiéis prescinde de um engajamento efetivo nas instituições políticas, e de um discernimento sobre os valores e aspirações coletivas. As lideranças, principalmente as midiáticas, instrumentalizam as massas em benefício próprio.

A partir desses estudos e das experiências vividas no CEBI e na Diocese Católica de Mossoró, surgem vários questionamentos que buscamos esclarecer nesse trabalho e que serão úteis para clarear outras realidades. Perguntamos principalmente: como o processo da Leitura Popular da Bíblia atua na vida e na consciência das pessoas que participam dele? As transformações observadas no passado ainda podem acontecer hoje?

Na realidade da Diocese Católica de Mossoró, é grande o número de lideranças populares que despertaram para uma atuação política a partir da participação na caminhada da Igreja na Base. Isso se deu principalmente nas décadas de 1980 e 1990 quando houve um crescimento dos grupos de reflexão em toda a região da Diocese, com o apoio de parte da hierarquia católica.

---

7 Abrindo Brechas na Igreja”: Disputas e Consensos em Torno da Leitura Feminista da Bíblia – Dissertação apresentada na Universidade Federal do Ceará, no Mestrado em Sociologia - 2017

8 Anseio por Dançar Diferente Leitura Popular da Bíblia na Ótica da Hermenêutica Feminista Crítica de Libertação. Tese apresentada no programa de Doutorado em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo - 2010

9 A pastora Batista abordou o tema da prática comunitária da Leitura Popular e Feminista da Bíblia no seu mestrado e no Doutorado em Teologia, ambos realizados na Faculdades EST, dos luteranos, em 2010 e 2019 a partir da experiência realizada pelo Grupo Flor de Manacá.

10 Na dissertação de mestrado em Ciências da Religião, realizado na PUC de Goiás, em 2016, este autor estudou a Hermenêutica Bíblica da Pastoral da Juventude.

11 Aconselhamento Pastoral e a Leitura Popular da Bíblia: Um diálogo com o pensamento de Carlos Mesters, título da dissertação desta autora no mestrado em Ciências da Religião, na Universidade Metodista de São Paulo - 2015.

<sup>12</sup> Utilizaremos o termo freiriano/freiriana para nos referirmos tanto a obra de Paulo Freire quanto a pesquisadores e movimentos inspirados por ele.

A expressão "Igreja na Base" pode ser relacionada às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). As CEBs são grupos de cristãos que se reúnem em nível local, muitas vezes nas comunidades mais simples e na base da sociedade, para praticar a fé, discutir questões sociais, promover a justiça e se apoiarem mutuamente (CNBB, 1982). Portanto, quando alguém menciona "igreja na base" em um contexto relacionado às CEBs, geralmente está se referindo à prática religiosa e social que ocorre em um nível mais local, próximo às comunidades, em oposição a uma estrutura eclesiástica mais formal e hierárquica. Essa abordagem valoriza a participação ativa dos fiéis nas decisões e nas questões que afetam suas vidas cotidianas.

Então, em resumo, "igreja na base" pode ser considerada uma expressão que reflete a ênfase na participação e na vivência da fé em nível comunitário, alinhada com a abordagem das Comunidades Eclesiais de Base. Deste modo, a Igreja na Base, tem como referências a partilha de vida e da palavra na leitura comunitária. A influência e importância da Leitura Popular da Bíblia no surgimento e sustento das CEBs é enfatizada pelos historiadores e estudiosos dessa experiência na América Latina. Leonardo Boff explica como se estruturam e funcionam essas comunidades "Tudo começa com círculos bíblicos que se vão conquistando uma situação estável até formar a comunidade, geralmente constituída de 10 a 20 grupos de reflexão bíblica" (Boff, 1986, p. 94). O nascimento deste Centro de Estudos tem suas raízes na prática revolucionária e rebelde dos anos 1960/1970, ao lado da Teologia da Libertação, de experiências de Educação Popular, de processos revolucionários e de comunidades eclesiais de base.

O Sociólogo da Religião, Michael Lowy, usa o termo Cristianismo da Libertação que destaca a dimensão política do movimento vivido por essa mística que ainda persiste nas Igrejas da América Latina, mesmo tendo sido duramente combatida pela hierarquia católica.

O Cristianismo da Libertação deu forma à cultura religiosa e política de várias gerações de militantes cristãos no continente, a maioria dos quais muito provavelmente não abandonarão suas convicções éticas e sociais, profundamente arraigadas. Além disso, ele contribuiu para o surgimento de uma multiplicidade de movimentos sociais e políticos não religiosos, desde associações de moradores em favelas até partidos trabalhistas ou frentes de libertação que, autônomos da Igreja, hoje têm sua dinâmica própria. Foi lançada uma semente pelo Cristianismo da Libertação no terreno aquecido da cultura política e religiosa latino-americana que continuará a crescer e florescer nas próximas décadas e que ainda guarda muitas surpresas em seu seio (Lowy, 2016, p. 219).

Os grupos da Igreja na Base são anteriores e mais abrangentes do que a Teologia da Libertação, visto que a reflexão teológica é posterior à prática. Mais do que a liberdade individual, a busca e a utopia são a libertação estrutural. Nesses grupos, a leitura dos textos

bíblicos e da herança da tradição cristão era sempre precedida de uma leitura da realidade, a partir do lugar de fala e de vida dos participantes.

Investigar o papel da Leitura Popular da Bíblia na origem e na manutenção do “Cristianismo da Libertação” também é essencial para a elucidação do problema de pesquisa. As pessoas participam de grupos e experiências, mas, muitas vezes, não têm a oportunidade de refletir sobre o sentido e o significado deles nas suas vidas. Puxar pela memória pode levar a descobrir as motivações e a mística inerentes ao compromisso assumido. É necessário também, questionar os limites e as lacunas, para que o encantamento gerado pela utopia sonhada e compartilhada não esconda as “sombras”.

Na pesquisa partimos de um resgate histórico e da escuta de vivências de quem participou do movimento da Igreja na Base nas décadas de 1980 e 1990, especificamente na realidade da Igreja Católica Romana de Mossoró. São muitas as realidades a esclarecer:

- a) Em relação aos fatos em si e as suas consequências: Qual o alcance dessa expansão dos grupos de reflexão de base que existiam na Diocese de Mossoró no período? Quais pastorais e movimentos sociais foram mais atuantes nessas décadas? É possível mensurá-los e localizar suas áreas de atuação? Onde atuam hoje as pessoas que estavam à frente dessa experiência?
- b) Como a participação nos grupos impactou os participantes: Qual seu compromisso ou identificação com a Igreja Católica naquelas décadas? Como a experiência religiosa despertou o compromisso cidadão? A participação nos grupos de reflexão e de leitura popular da Bíblia contribuiu para o seu crescimento pessoal e comunitário? Essas pessoas ainda guardam alguma relação com o universo religioso em geral, e com a Igreja católica em particular? Atualmente, participam de algum movimento político ou grupo comunitário na perspectiva da libertação? Qual o sentido espiritual ou religioso dado a sua vida e a sua atuação política?

Essas perguntas têm o fito de aclarar um entendimento que era compartilhado pelo senso comum dos agentes de pastoral da Diocese, pelo menos os que se identificam com a vivência do cristianismo da libertação. Diziam que, com a perseguição à teologia da libertação e a retirada do apoio as CEBs, que ocorreu a partir do pontificado de João Paulo II, a perspectiva de uma leitura bíblica libertadora e a utopia da construção do Reino de Deus como objetivo a ser perseguido tinha “migrado” das Igrejas para os movimentos sociais, porém, até que ponto é verdadeiro e verificável?

A investigação e verificação que desejamos empreender não se prendem ao passado, mas alcança os seus reflexos atualmente e se propõem como possibilidade de vivência religiosa libertadora. Destacamos aqui que, nos primeiros anos do século atual, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) tenta renovar as suas estruturas, organizando as paróquias em uma rede de comunidades. Hoje, não são mais chamadas de CEBs, mas de pequenas comunidades ou comunidades missionárias, chegando até a expedir um documento Oficial sobre o tema, o Documento 100, no ano de 2014. Intitulado Comunidade e Comunidades: Uma Nova Paróquia, esse documento serviu de fundamento para o planejamento da instituição nos anos posteriores e aponta a leitura bíblica comunitária como essencial para essa transformação. No ano de 2023 foi publicado um documento que trata especificamente da Leitura Bíblica na Igreja Católica, sob o número 111 denominado: “E a Palavra habitou entre nós (Jo 1,14): Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias”

Diante deste quadro, nos perguntamos se é possível reviver a vida comunitária atualmente e de onde pode surgir o impulso para a reunião das pessoas. O religioso ainda tem esse poder de agregação? Em tempos de amizades virtuais a aposta na comunidade, esse tipo de movimento ainda tem validade? Ainda é capaz de dar identidade e sentido de pertença às pessoas? A fé pode ser um caminho de combate ao preconceito e de despertar para o crescimento e o compromisso pessoal e social? A Leitura Comunitária da Palavra pode ser uma alternativa para enfrentar o fundamentalismo religioso?

Em pesquisa anterior realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação – POSEDUC na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, abordamos e procuramos enfocar os elementos da Educação Popular na perspectiva de Paulo Freire, presentes nas formações do CEBI. Parti da análise da atuação do grupo de assessoras da cidade de Severiano Melo no sertão do Rio Grande do Norte, que já completou vinte anos de atividades.

Um dos elementos mais destacados, tanto pelas integrantes da assessoria, como por outros e outras que ingressaram na caminhada, foi a importância da leitura praticada no CEBI para a “abertura de sua mente”. Eles afirmam que, ao partir da realidade vivida e do confronto com o texto bíblico e as relações presentes na comunidade, descobriram novos sentidos na Palavra que, antes, só era ouvida e, depois dessa experiência, passava a ser apropriada como sua. Podendo assim, por meio dessas reflexões, passar por uma mudança de vida e ainda ter orientação na tomada de decisões.

A realidade mostra que as formas de compreender Deus se diversificaram e se multiplicaram. A religião saiu fortalecida, mas as lideranças midiáticas e fundamentalistas não

contribuem para o crescimento do fiel, porque o infantilizam e o tornam apenas um objeto da ação pastoral. Assim, a prática da Leitura Popular da Bíblia se inspira na *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire e se institui como um processo de Educação Popular, ou seja, uma leitura bíblica a partir do próprio povo. Esse seria um caminho para fazer de nossas comunidades espaços de crescimento, nos quais o grupo deve realizar a tarefa de desvelar a sua realidade a partir dos textos bíblicos. m

O texto conclusivo da pesquisa, é composto desta introdução e de mais quatro capítulos. Que passamos a especificar. No capítulo segundo fazemos o resgate à história da formação e atuação do Centro de Estudos Bíblicos no Brasil, especialmente na Diocese Católica de Mossoró, abrangendo os grupos de estudos bíblicos e sua influência na realidade da Igreja local. Esse é o objetivo do primeiro capítulo.

Como se trata de uma pesquisa qualitativa e prospectiva, não nos prenderemos ao passado, mas pretendemos iniciar uma reflexão que permita apreender lições dessa experiência que possam servir como inspiração para novas. Portanto, no segundo capítulo, intitulado “Relação Entre a Educação Popular e Leitura Popular da Bíblia” discutimos as convergências e divergências entre as propostas da Educação Popular e da leitura popular da Bíblia, destacando a abordagem dada aos temas liberdade, libertação e consciência crítica.

No terceiro capítulo, “A Participação no CEBI e o Seu Significado na Vida das Pessoas”, pesquisamos as motivações, sentidos e significados apreendidos pelas pessoas que fizeram parte dos grupos da Leitura Popular da Bíblia na Diocese de Mossoró. Partimos assim das experiências dos grupos do CEBI que atuaram na Diocese de Santa Luzia, em Mossoró, como as suas atividades têm relação com a educação, e como influenciaram a visão de mundo e a atuação das pessoas que participaram desses grupos.

Para conhecer a realidade, fizemos pesquisas históricas para identificar os grupos e pessoas mais relevantes. Para isso, além de conversar com protagonistas e pioneiros do CEBI na região, consultamos os arquivos da Secretaria Estadual onde estão guardados relatórios de encontros e reuniões acontecidos e também arquivos em vídeo retratando seminários e momentos celebrativos. É de grande importância ressaltar que o link para acesso a essas mídias, é liberado no *Facebook*, rede social do CEBI, e estará disponível nos anexos da pesquisa.

A quantidade de pessoas participantes foi definida nesse estudo prévio da realidade. O desafio é encontrar formas de atuar na pesquisa e extensão que revelem a complexidade da realidade e a diversidade dos sujeitos envolvidos. Ao analisar as falas e os sentimentos gerados na atividade, o pesquisador não se prende à mera descrição do fato. Este é apenas o primeiro

passo. Também não se trata de enaltecer a realidade estudada, mas de enfrentar o desafio da pesquisa, tendo por base a questão problematizadora, buscando descobrir as situações-limite que não são necessariamente problemas, pois também são possibilidades de crescimento e desafios imperceptíveis a um olhar superficial.

De antemão, considera-se ressaltar a importância de esclarecer que, para uma melhor leitura e compreensão dos escritos discorridos na pesquisa, as falas dos entrevistados e das entrevistadas, no corpo do texto, foram sintetizadas para se adequar, de modo mais pertinente, ao contexto exposto, no entanto, todas estarão escritas na íntegra, conservando, inclusive, todas as expressões utilizadas contidas na oralidade dos sujeitos entrevistados.

No quarto capítulo que traz como título “Leitura Popular da Bíblia Como Prática de Educação Para a Consciência Crítica”, não pretendemos encerrar a pesquisa, mas fazer uma síntese das descobertas e questionamentos e propor a Leitura Popular da Bíblia como instrumento na formação da consciência crítica e no engajamento social dos participantes de comunidades religiosas de fé cristã.

O referencial teórico da pesquisa inclui autores que trabalham o tema da Educação Popular, como Carlos Rodrigues Brandão, que irá ajudar na compreensão deste fenômeno e sua relação com a Leitura Popular da Bíblia. A obra de Paulo Freire é essencial para a compreensão da gênese e desenvolvimento da Educação Popular e, conhecer a vida deste educador, também é importante, pois suas ideias não são dissociadas de sua vida, nascem de suas experiências. Portanto, a literatura utilizada inclui textos bibliográficos e testemunhais sobre Freire, que falam da sua vida e historiam as suas concepções de mundo e influências plurais.

Em relação ao Centro de Estudos Bíblicos, analisamos as obras de Carlos Mesters, fundador e primeiro presidente do CEBI, principalmente nos livros sobre metodologia, nos quais ele detalha as características da leitura popular da Bíblia, diversas publicações próprias do CEBI e de estudiosos que se debruçam sobre o tema e que têm afinidade com esse tipo de trabalho. Assim sendo, esses textos devem ser utilizados para verificar a compreensão que o CEBI tem de si mesmo e de sua missão.

Torna-se imprescindível também nos fundamentos teóricos recorrer aos trabalhos sobre a estratégia de problematização da realidade como fundamentação teórica e metodológica na pesquisa em educação, fundamentada em Paulo Freire, especialmente os estudos da professora Hostina Nascimento e outros textos impressos ou em meio digital que constam na bibliografia e no quadro de referências. Para auxiliar na análise dos discursos, nos valeremos dos teóricos

que abordam os fundamentos da Pesquisa Social, especialmente Maria Cecília de Souza Minayo e Rosalind Gill.

Na era da informática, o diálogo com os textos se expande para o meio virtual. Por isso, é necessário buscar estudos que guardem relação com a temática que se propõe estudar. Verificamos em pesquisas anteriores que existem poucas dissertações e Teses sobre o tema e, a maioria delas, não têm a metodologia como foco, mas partem da Leitura Popular para iluminar um aspecto específico da realidade. Algumas estão citadas na bibliografia, outras precisam ser descobertas para que possamos com elas dialogar na busca do constante crescimento e aprendizado.

Na tentativa de conjugar a atuação em movimentos e grupos populares com o saber acadêmico, especialmente no campo das ciências da religião, ousamos, a partir da experiência realizada pelo CEBI na Diocese de Mossoró, e diante do uso da leitura bíblica para justificar práticas fundamentalistas e reacionárias, questionar também, se a Leitura Militante da escritura ainda tem vez, e se é capaz de despertar consciências adormecidas para o sentido da partilha e da justiça.

## 2 RESGATE DA HISTÓRIA DO CENTRO DE ESTUDOS BÍBLICOS - CEBI

O percurso do nosso trabalho começa com o resgate da história da formação e atuação do Centro de Estudos Bíblicos no Brasil, especialmente na Diocese Católica de Mossoró, abrangendo os grupos de estudos bíblicos e sua influência na realidade da Igreja local. O passado deve ser uma fonte de aprendizado e crescimento, pois refletir sobre os tempos idos impede que se cometam os mesmos erros no futuro. É preciso também considerar as mudanças de contexto e as possíveis consequências negativas.

### 2.1 A SERVIÇO DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

Por se propor a realizar um serviço à Leitura Popular da Bíblia, o CEBI não nasceu de um projeto ou reunião de gabinete, mas a partir da necessidade concreta que as comunidades cristãs tinham de aprofundar o texto bíblico que era lido e atualizado a partir do chão da vida. Carlos Mesters lembra essa realidade diversas vezes, como em uma entrevista dada ao *site* Observatório Bíblico, no ano de 2007: “Num certo sentido o CEBI nasceu antes de nascer porque o povo já lia, já explicava a Bíblia nas comunidades. Assim, no fundo, esta leitura popular da Bíblia nasce lá. O CEBI nasce e existe para articular, aprofundar e espalhar melhor esta leitura popular para que o livro, a Bíblia que nasceu do povo possa voltar para a mão do povo”.<sup>13</sup>

#### 2.1.1 A leitura Popular da Bíblia já existia antes do CEBI Nascer

A Leitura Popular da Bíblia (LPB) desenvolvida no Brasil e na América Latina, nasce das experiências das comunidades do meio popular, em que a Bíblia se torna instrumento de luta e organização do povo. A LPB consegue devolver a Bíblia para a mão do povo, criando um espaço democrático e comunitário de leitura da Bíblia. Surge em um momento em que no Brasil e na América Latina estão eclodindo movimentos populares de resistências aos regimes ditatoriais. É também no auge da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1970, época de muita repressão, mas também de muita resistência.

A leitura popular repercute no Brasil um movimento bíblico latino-americano de uma leitura que rompe com os critérios e os métodos da exegese científica europeia e propõe uma hermenêutica bíblica latino-americana, identificada com os pobres em uma perspectiva de libertação.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <https://airtonjo.com/blog1/2009/07/entrevista-com-carlos-mesters-fundador.html>. Acesso em: 03 jul. 2023.

A leitura popular da Bíblia surge de encontros populares e das celebrações nas comunidades eclesiais de base (CEBs) que buscavam uma correlação entre a leitura da Bíblia e a vida do povo sofrido. As comunidades eclesiais de base que começam a surgir na metade dos anos 1960 no Nordeste do Brasil, tanto na zona rural como na zona urbana, são lócus hermenêutico de onde surge essa forma de leitura popular da Bíblia. As CEBs são espaços democráticos em que se pode fazer leitura da Bíblia fora do controle ideológico. As igrejas, naquele momento de perseguição, tornaram-se espaço de articulação da oposição, onde se podia ainda trabalhar com certa liberdade.

Na Igreja Católica Apostólica Romana o Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), valorizou e estimulou a leitura da Bíblia por todos os seus membros, prática antes reservada ao clero e religiosos. Antes do Vaticano II a Encíclica *Divino Afflante Spiritu*, do Papa Pio XII, representou uma abertura para o uso das ciências bíblicas e dos estudos literários da sagrada escritura pelos estudiosos católicos, sendo um grande estímulo para o Movimento Bíblico.

Como ações de estímulo à leitura da Bíblia pelo povo, podemos citar o Programa de Evangelização Encontro de Irmãos criado por Dom Hélder Câmara em 25 de maio de 1969, logo após a sua chegada ao Recife e os círculos bíblicos estimulados pela Arquidiocese de Belo Horizonte, desde 1971, que depois foi estendido para todo o País pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) nos encontros do mês da Bíblia, sempre em setembro.

No livro que organizaram para recordar e celebrar os 50 anos do Mês da Bíblia<sup>14</sup> no Brasil, Edinaldo Medina Batista e Zuleica Silvano (2021) resgatam as etapas da difusão da Bíblia entre os católicos em nosso país. Nas décadas de 1940 a 1960 tivemos o uso da Bíblia na liturgia e na catequese e a realização das semanas bíblicas e fundação da Liga de Estudos Bíblicos, em 1956. Sob o impulso da *Dei Verbum*<sup>15</sup> nas décadas de 1970 e 1980 foi criada a Pastoral Bíblica, visando a ação mais coordenada e planejada. Dentro desse planejamento se destaca a criação do mês da Bíblia, em 1971, e a realização dos Círculos Bíblicos. Sobre a criação dos círculos Bíblicos os autores destacam a atuação de Carlos Mesters, como vemos:

Os Círculos Bíblicos, assumidos tanto nas Missões Bíblicas, no Mês da Bíblia, como nas Cebbs, foram o ponto de mudança para uma nova *práxis* após o Concílio Vaticano II, dando à Pastoral Bíblica uma dimensão eclesial mais clara e defendida, além de consciência e a opção por um projeto popular e

---

<sup>14</sup> O Mês da Bíblia é uma iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) que acontece todos os anos no mês de setembro, desde 1971. O objetivo principal é incentivar a leitura e o estudo da Bíblia, especialmente entre os católicos, e promover a reflexão sobre a importância das Sagradas Escrituras na vida cristã.

<sup>15</sup> *Dei Verbum* é uma expressão latina que significa “Palavra de Deus”. É também o título da Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina produzida pelo Concílio Vaticano II, promulgada pelo Papa Paulo VI em 18 de novembro de 1965 e descreve os ensinamentos da Igreja Católica sobre as fontes, natureza e transmissão da revelação divina.

transformador (e conseqüentemente, pelos mais pobres), em que os leigos e leigas, grupos e comunidades passaram a ter um engajamento mais ativo e participativo, por meio da reflexão compartilhada, o debate, o estudo, a formação de lideranças e iluminação da vida prática. A organização dos Círculos Bíblicos teve como mentor, criador e incentivador Fr. Carlos Mesters (Batista; Silvano, 2021, p. 67).

Com o objetivo de devolver à “Palavra de Deus” o lugar central que ela ocupa na vida dos cristãos, surgem os círculos bíblicos para atender a necessidade de um trabalho bíblico mais capilar, congregando pequenos grupos ao redor da Palavra que ilumina o cotidiano da vida e convoca para transformar a realidade.

Em cada encontro a partir da leitura de um texto bíblico previamente escolhido, os participantes partilham suas impressões sobre o texto e como ele se liga a sua vida cotidiana e as questões do dia a dia da comunidade. Fazem uma releitura dos acontecimentos à luz da Palavra de Deus, ligando a vida dos participantes aos ensinamentos evangélicos de forma simples e despretensiosa. Não raro brotam dos grupos gestos concretos de solidariedade e ações sociais e de cidadania.

### 2.1.2 Origens e objetivos do CEBI

O CEBI foi fundado em 1979, no Brasil, por um grupo de biblistas e agentes pastorais comprometidos com a leitura popular da Bíblia. Desde então, o CEBI se expandiu para diversos estados do Brasil, como São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Bahia, Ceará, entre outros.

O biblista Carlos Mesters, um dos fundadores do CEBI, em entrevista concedida no dia 18 de dezembro de 2012 ao *site* do Instituto de Humanas da Unisinos e intitulada “A individualização do sujeito e os desafios da leitura bíblica hoje”<sup>16</sup> fala sobre o começo da instituição e suas raízes e inspirações:

Como um ser humano que quando nasce já viveu nove meses, o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos – CEBI já existia quando nasceu. Isso porque o povo já estava lendo a Bíblia em suas comunidades. As pessoas começaram a lê-la a partir do único livro que existe: a vida. Então, passam a entender a existência a partir da Escritura. Isso se dava na época da ditadura militar, com todo sofrimento que esse período produziu. Percebeu-se que a leitura da Bíblia era uma força muito grande. Havia um grupo de padres, leigos, homens, mulheres, católicos, metodistas e luteranos que se reuniam umas duas vezes ao ano e falavam que a leitura que o povo estava fazendo era importante. Contudo, percebiam que era preciso se articular mais para ajudar o povo. Era, então, o ano de 1979.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/4840-francisco-orofino-e-carlos-mesters#:~:text=O%20maior%20desafio%20da%20leitura,ganha%2C%20acumula%2C%20C3%A9%20seu.> Acesso em: 03 jul. 2023.

Conforme sua fala o CEBI nasce para articular, organizar e assessorar os grupos já presentes e atuantes nas comunidades de base.

Pelos últimos meses de 1977, estava em Petrópolis um grupo ecumênico que, desde 1974, costumava se reunir três ou quatro vezes por ano. Sua preocupação era acompanhar, atentamente e com os olhos da fé, o que vinha acontecendo com o povo. Uma das coisas que mais se sentia era o apetite das comunidades populares pela Palavra de Deus e a necessidade urgente de abastecê-las. A partir daí, surgiu a inspiração para criar o Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos.

Vejam os que diz irmã Agostinha, uma das fundadoras, sobre o nascimento do CEBI.<sup>17</sup> “E o CEBI nasceu. Nasceu a partir da necessidade bem concreta, sentida por muita gente havia vários anos, de se articular um serviço que ajudasse o povo das Comunidades Eclesiais no uso e na interpretação da Bíblia”.

O primeiro encontro feito explicitamente em vista da criação do CEBI foi no dia 23 de janeiro de 1978, lá em Angra dos Reis/RJ. O resultado não foi imediato. O Centro só foi nascer, de maneira quase imperceptível, no dia 26 de junho de 1978, quando Carlos Mesters e o pastor Iranildes Estácio Dutra escreveram uma primeira carta-circular que anunciava a criação do CEBI e convidava para o primeiro curso, que se realizou em outubro do mesmo ano.

A Assembleia de fundação oficial e jurídica, como entidade civil e sem fins lucrativos, de caráter religioso e ecumênico, aconteceu em 20 de junho de 1979, abraçando o objetivo de divulgar, aprimorar e capacitar pessoas no uso dessa forma nova de ler e interpretar a Bíblia (metodologia). O CEBI constitui uma associação ecumênica sem fins lucrativos, formada por mulheres e homens de diversas denominações cristãs, reunidos pelo propósito de captar e fortalecer esse jeito de ler a Bíblia para que, junto com Jesus, possamos orar: “Pai, eu te agradeço porque escondeste essas coisas dos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado!” (Mt 11,25).

Dentre os objetivos específicos do CEBI, podemos destacar:<sup>18</sup>

- Estudar a Bíblia a partir de uma perspectiva crítica e contextualizada, levando em consideração as realidades sociais, políticas, culturais e dos povos bíblicos e dos contextos atuais;

---

<sup>17</sup> Agostinha V. de Mello, Carlos Mesters e Tereza Cavalcanti. E o coração pegou fogo: o fio que costura tudo – notícias do primeiro encontro de espiritualidade do CEBI. Série A Palavra na Vida, n. 61/62, 1993.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://cebi.org.br/objetivos/>. Acesso em: 05 jul. 2023.

- Aprofundar e consolidar essa leitura da Bíblia que defende e promove a vida, através da inserção em comunidades eclesiais, grupos populares e movimentos sociais;
- Espalhar e divulgar, entre os pobres, esse jeito comprometido de ler a Bíblia e, assim, devolver ao povo o que nasceu do povo, a Palavra de Deus, a Palavra da Bíblia;
- Articular e organizar a prática da leitura orante feita dentro da realidade e da comunidade, despertando a solidariedade e a cooperação na busca de soluções para os problemas do cotidiano;
- Gerar uma espiritualidade que defende todas as formas de vida, começando por aquelas que hoje estão ameaçadas, contribuindo para a promoção da igualdade de gênero, a luta contra o racismo e outras formas de discriminação;
- Desenvolver materiais e metodologias de ensino que possam ser utilizados em diferentes contextos de Educação Popular e formação teológica para ajudar pessoas a fazer do estudo e da ciência um serviço ao povo;
- Descobrir, com a ajuda da Bíblia, a Palavra de Deus na vida do povo, a fim de se chegar a uma nova consciência de cidadania, contribuindo para criar uma sociedade mais digna, justa e sustentável;
- Promover a formação de lideranças comprometidas com a defesa dos direitos humanos, a promoção da justiça e a construção de uma sociedade mais justa e solidária;
- Articular-se com outras organizações e movimentos sociais, nacionais e internacionais, que inspiraram os mesmos objetivos e valores.

Na perseguição desses objetivos, o CEBI não atua isoladamente, mas em parceria e comunhão com outras experiências de religiosidade libertadora.

### 2.1.3 Em parceria e comunhão com outras experiências Libertadoras

A fundação do CEBI se insere dentro de um processo de trabalho com o povo que vem de muito longe. É herdeiro das práticas de Educação Popular, do Movimento de Educação de Base (MEB), dos Círculos de Cultura de Paulo Freire, da Ação Católica, da inserção dos “Padres Operários”, das influências de Medellín e de muitas outras vertentes com raízes já nos círculos operários do início do século XX. E nasceu ecumênico, princípio que deseja que se fortaleça cada vez mais.

O CEBI é fruto da experiência das CEBs e de um contexto bastante específico, tanto religioso como político no Brasil e na América Latina, pois a leitura popular da Bíblia foi garantindo espaço para que mulheres e homens, jovens e crianças das classes populares

pudessem interpretar livremente a Bíblia a partir da sua realidade de luta e opressão. Não se pode esquecer também as falas proféticas das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla.

A Conferência de Medellín foi realizada em Medellín, Colômbia, em 1968. Foi um encontro da Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), que reuniu bispos de toda a América Latina. A conferência foi significativa porque marcou uma mudança na abordagem da Igreja à justiça social e à teologia da libertação. Os bispos reconheceram a pobreza e a desigualdade existentes na América Latina e exortaram a Igreja a assumir um papel mais ativo na abordagem dessas questões. A conferência também enfatizou a importância da inculturação, ou seja, adaptar os ensinamentos e práticas da Igreja à cultura local.

A Conferência de Puebla foi realizada em Puebla, México, em 1979, também organizada pelo CELAM. Essa conferência baseou-se nas ideias e temas da Conferência de Medellín e enfocou a evangelização e o papel da Igreja na promoção da justiça social. Os bispos da Conferência de Puebla enfatizaram a necessidade de a Igreja trabalhar com os pobres e marginalizados e promover os direitos humanos e a democracia. A conferência também pediu que a Igreja se envolvesse mais nas questões sociais e políticas do dia.

Embora parte da hierarquia e da Igreja Católica tenha apoiado o golpe de estado e ido às ruas contra a “ameaça do comunismo” e as reformas de base, realizando a famosa “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em 19 de março de 1964, na cidade de São Paulo, a resistência à ditadura e a propagação das ideias de libertação encontraram guarida no seio das Igrejas.

Ciente desta tensão, o educador Paulo Freire escreveu, em 1971, *O papel educativo das Igrejas na América Latina*, que compõe os escritos reunidos no livro *Ação Cultural para a Liberdade* e também o livro *Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos*, publicado em Portugal, em 1978, destacando a necessidade delas optarem pela modernização para ser o refúgio do povo mantendo a cultura do silêncio ou assumir o papel profético que o tempo exigia pois as Igrejas não são entidades abstratas, mas instituições inseridas na história.

A eclosão da experiência progressista da tradição cristã não eclodiu de repente nos anos 1960, mas tem seu fundamento em experiências já anteriores ao Concílio Vaticano II com comunidades de padres e religiosos que deixam a segurança de suas paróquias e conventos para se inserir na vida do povo, seja residindo nas periferias, trabalhando em fábricas ou participando de suas lutas.

Paulo Freire também bebeu desta fonte. Chegou a participar da Ação Católica. Nas suas ideias encontramos a influência de pensadores cristãos progressistas. As influências cristãs no

pensamento de Paulo Freire são detalhadas por Danilo Streck no artigo, *Paulo Freire: uma Leitura a partir da Educação Cristã*, enfocando desde os relatos autobiográficos de Freire sobre suas origens católicas e os motivos que o levaram a se afastar e retornar para a Igreja, sua participação na Ação Católica e a citação de autores cristãos como Tristão de Athayde.

No livro *Educação como Prática da Liberdade* cita expressamente a encíclica *Mater et Magistra* do Papa João XXIII quando critica o assistencialismo. A professora Hostina Nascimento, na nota 32 da sua Tese de Doutorado destaca:

Há uma linha de pensamento que aproxima os três momentos pedagógicos; a orientação católica de ver-julgar-agir, adotada no início do século passado pela Ação Católica e veiculada especialmente pelo Conselho Mundial das Igrejas; e o pensamento de Paulo Freire sobre a ação-reflexão-ação (Nascimento, 2011, p. 76).

Há uma colaboração entre a Educação Popular e a Teologia da Libertação que nascem do mesmo chão e da mesma experiência. Destaca-se ainda que, no ano de 1968, aconteceu a Conferência de Medellín na qual a Igreja Católica da América Latina procura traduzir para sua realidade as propostas do Concílio Vaticano II e onde nasce a opção pelos pobres. No ano de 1971, dois anos depois da publicação da “Pedagogia do Oprimido”, o teólogo peruano Gustavo Gutierrez publica o livro “Teologia da Libertação – Perspectivas”, considerado o início da sistematização teórica da Teologia da Libertação.

Anos rebeldes e anos fecundos. As resistências aproximam os que lutam contra os totalitarismos e a favor da vida. Não se trata de fatos isolados, mas de um processo que depois de iniciado pode sofrer diversas transformações e passar por períodos de atividades e reflexões mais ou mesmo intensas, guardando, porém, a intuição e a inspiração originais.

Cabe perguntar agora qual o papel da Leitura Popular da Bíblia, na forma entendida e praticada pelo CEBI, nesse processo e qual seu vínculo com a Educação Popular e a Igreja na Base.

Em artigo escrito como reflexão em preparação à quinta conferência do Episcopado Latino Americano (CELAM) que ocorreu de 13 a 31 de maio de 2007, na cidade de Aparecida no Brasil, Francisco Orofino, presidente do CEBI Nacional nos anos de 2008 a 2013, admite a influência de Paulo Freire no compromisso político social dos cristãos e no método adotado pelo CEBI para fazer a Leitura Popular da Bíblia: “Na América Latina, nos anos 1960 e 1970, o compromisso político de muitos cristãos repercutiu e continua repercutindo profundamente na maneira de se ler e de se interpretar a Bíblia. Aqui temos que destacar o trabalho de Educação Popular desenvolvido por Paulo Freire.”

O método usado nos Círculos Bíblicos, como que naturalmente, levava em conta, de um lado, a experiência adquirida nos grupos de Ação Católica com o seu método Ver-Julgar-Agir e os ensinamentos de Paulo Freire sobre a pedagogia do oprimido e, de outro lado, a tradição dos próprios evangelhos. Esses elos e influências serão analisados posteriormente neste estudo.

O CEBI mantém ainda o Serviço de Articulação e Intercâmbio, responsável pelo diálogo e pela troca de experiências em torno da Leitura Popular da Bíblia com diversas partes de nossa casa comum, o planeta Terra. É profícuo o contato com diversos países da América Latina, com a Europa (em especial com a Alemanha, a Itália e a Holanda) e a África (Angola, Moçambique, África do Sul e Kênia).

Devemos destacar também o programa de publicações do CEBI e o boletim informativo “Por Trás das Palavras”. A Palavra na Vida. Ao longo dos anos o CEBI produz material educativo e formativo com ênfase na leitura crítica da Bíblia visando a promover o estudo e a divulgação da escritura, especialmente entre os cristãos de tradição popular. Os temas abordados são diversos como teologia, espiritualidade, política, negritude, masculinidades, leituras de gênero. As publicações dão especial atenção aos círculos bíblicos destinados aos grupos de reflexão. Já o boletim informativo, segundo o próprio *site* do CEBI Nacional “é uma publicação bimestral cujo projeto editorial procura valorizar três aspectos principais: a reflexão bíblica em suas relações com as dimensões do CEBI e temas do cotidiano; as informações das atividades e acontecimentos das bases do CEBI; a oferta de subsídios práticos para o trabalho de Leitura Popular da Bíblia de grupos e comunidades”.<sup>19</sup>

A principal característica do CEBI é a forma de trabalhar a Bíblia, em mutirão e aliada com as lutas populares. O método usado é o elemento primeiro a identificar o que faz, quem é e como trabalha o CEBI. Frei Carlos popularizou o método com o triângulo hermenêutico: Realidade - Bíblia – Comunidade, que será aprofundado e analisado no segundo capítulo dessa pesquisa.

## 2.2 O CEBI EM MOSSORÓ

Na Diocese Católica Romana de Mossoró, a vivência da LPB esteve presente desde o início dos anos 1980 quando houve um momento de grande efervescência, que perdura até hoje, embora em pequenos grupos. Para recuperar os dados históricos sobre essa atuação, consultei documentos e gravações. Tive acesso aos relatórios, cartas e planejamentos guardados pelas coordenações estaduais e que hoje estão arquivados na Secretaria do CEBI Estadual, na cidade

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://cebi.org.br/produto/assinatura-ptp-singular-simples>. Acesso em: 02 set. 2023.

de Parnamirim/RN, e também a gravações em vídeo de encontros e momentos celebrativos realizados e que foram convertidos para o formato MP4<sup>20</sup>. A memória das pessoas que estiveram presentes desde o começo foi de grande valia para contar a história.

### 2.2.1 As origens e a acolhida pela Diocese de Mossoró (Igreja Católica Romana)

Nas terras potiguares os primeiros grupos do CEBI começaram a aparecer na década de oitenta, formados pelas irmãs Missionárias de Jesus Crucificado (MJC) que, desde os anos 60, atuavam na Diocese Católica Romana de Mossoró como responsáveis pela catequese. Nas décadas de 1980/1990 tivemos a presença das irmãs Iraci Lino dos Santos e Danieta Machado. Elas começaram a trabalhar a leitura da Bíblia com os catequistas.

O contexto local favorecia o trabalho com a Bíblia devido ao episcopado de Dom José Freire de Oliveira Neto, um entusiasta do Concílio Vaticano II. D José Freire, iniciou seu episcopado em 1973, como auxiliar, passando a coadjutor em 1979, auxiliando o Bispo D Gentil Diniz Barreto. No ano de 1984 passou a Titular. Ao todo permaneceu mais de 25 anos imprimindo seu estilo e suas ideias na forma de organização e atuação da Diocese. Inspirado pela Tradição da Igreja da América Latina que nas décadas de 1960 a 1980 protagonizou a irrupção da Teologia da Libertação, do apoio aos movimentos populares, da experiência das comunidades eclesiais de base e da valorização da formação integral das pessoas, especialmente os cristãos mais ligados à Igreja.

Tinha uma especial atenção pela catequese. Realizou mestrado na área, finalizado no ano de 1975, na Faculdade de Ciências Sociais da Educação, da Universidade Pontifícia Salesiana, tendo defendido o tema: Educação Libertadora e catequese: viabilidade do método psicossocial de Paulo Freire em uma catequese antropológica<sup>21</sup>. Foi responsável pela coordenação da catequese no Regional Nordeste II da CNBB<sup>22</sup> e ajudou na redação do livro Catequese Renovada.

---

<sup>20</sup> Para quem tiver interesse de assistir as gravações disponibilizo o link para acesso aos vídeos que estão salvos no drive do meu e-mail. Disponível em:

[https://drive.google.com/drive/folders/1n9IaSWIB\\_mjzhId4voEWfKO4n0Cw0t0q?usp=share\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1n9IaSWIB_mjzhId4voEWfKO4n0Cw0t0q?usp=share_link).

<sup>21</sup> Hoje a dissertação de D. José Freire está disponível para leitura de todos os interessados pois foi publicada em 2019 pela editora Sarau das Letras.

<sup>22</sup> Os regionais da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) são divisões geográficas da Igreja Católica no Brasil que correspondem às regiões eclesiásticas. O Brasil é dividido em 18 regionais. Cada um é coordenado por um bispo referencial, que é responsável por promover a comunhão e a cooperação entre as Dioceses e Arquidioceses da região. Além disso, os regionais da CNBB possuem diversas comissões pastorais, que atuam em áreas específicas, como a pastoral da juventude, a pastoral da saúde, a pastoral carcerária, entre outras.

Retornando nosso olhar para as missionárias de Jesus Crucificado já temos notícia da presença da Irmã Iraci Lino dos Santos na II Assembleia Regional do CEBI Nordeste, realizada de 30/03/1908 a 03/04/1987 na Vila Medalha Milagrosa – Jaboatão/PE. Os encontros eram compostos de um momento de estudo, seguido de análise de conjuntura, partilha das realidades dos participantes e tomadas de decisões e encaminhamentos. O relatório registra a fala de Irmã Iraci Lino dos Santos sobre a situação do CEBI, em Mossoró, naquela época:

Há um trabalho com a Bíblia nos grupos de catequistas e nos grupos de adultos. Na Diocese ainda não existe quem faça a animação do trabalho bíblico. O começo da caminhada está acontecendo muito a partir de um encontro de animadores de catequese, jovens e adultos, no mês de fevereiro. Estudo: “O Projeto de Deus – Uma Visão da História do Povo de Israel” assessorado por Agostinha. Neste encontro surgiu a necessidade de um melhor conhecimento da Bíblia, para um melhor conhecimento da Bíblia, para uma maior experiência de Deus e para ajudar na evangelização e catequese no meio popular. Previsto para 1988 um Curso de Atualização.<sup>23</sup>

Também esteve presente na assembleia a referida Irmã Maria Belmar de Matos Brito - MJC que, na época, morava na Paraíba. Posteriormente, ela foi transferida para a cidade de Caiçara do Rio dos Ventos, o Rio Grande do Norte, assumindo importante papel na expansão do CEBI para o litoral potiguar.

As religiosas trouxeram do Recife a nova metodologia e reuniram pessoas que se dispunham a estudar a Bíblia dentro da metodologia do CEBI. Os grupos se encontravam semanalmente para estudar um tema bíblico e eram mistos, envolvendo padres, religiosas e leigos.

Um grande impulso foi dado com a vinda a Mossoró de alguns dos fundadores do CEBI para realizar cursos de aprofundamento com a comunidade católica local, especialmente as catequistas. Em 1987, Ir. Agostinha trabalhou a história de Israel com os catequistas. No ano de 1988 tivemos a presença de Luiz Carlos, criador das escolas bíblicas que veio repassar sua experiência e ajudar os agentes a estudar a Bíblia em uma perspectiva libertadora, em um curso que durou uma semana inteira e reuniu agentes de pastoral da Diocese e também pessoas de outras Igrejas. No ano de 1990 foi a vez de Carlos Mesters vir a Mossoró para aprofundar o tema exílio e pós-exílio. Eram os primeiros passos que serviram para acordar o oeste potiguar para o novo que acontecia.

Um trabalho mais articulado e que levasse a proposta do CEBI para as bases só ocorreu com a criação do Centro de Formação São José, pelas irmãs Clara e Janine, americanas que

---

<sup>23</sup> Para fins dessa pesquisa providenciamos cópias dos relatórios das reuniões regionais e estaduais do CEBI das décadas de 80 e 90, que podem ser consultadas com a autora. Os originais estão arquivados na Secretaria do CEBI Estadual. As transcrições são desses relatórios.

residiram por mais de vinte anos no sertão potiguar. Elas também acompanhavam a caminhada das CEBs na Diocese. Essa etapa será detalhada no próximo item.

### 2.2.2 As escolas bíblicas e a expansão do CEBI

A experiência das escolas bíblicas e a expansão do CEBI aconteceu a partir da pequena cidade de Governador Dix-Sept Rosado, distante 38km de Mossoró. A referência maior do período é o Centro de Formação São José e as Irmãs Clara e Janine, da Congregação das Irmãs de São José de Lyon.

A importância do trabalho dessas religiosas para a cidade e para o catolicismo na Diocese de Mossoró, nas décadas de 1970 a 1990, ainda não foi totalmente mensurada. Foram pioneiras da renovação conciliar e assumiram a administração e a organização pastoral da paróquia. Apoiaram e difundiram também as CEBs, a catequese familiar, os ministérios leigos, as equipes e conselho paroquial, os grupos de jovens, as celebrações da Palavra, a alfabetização de adultos, a saúde com cursos e uso da multimídia difundida pela Pastoral da Criança. Eram verdadeiras vigárias.<sup>24</sup>

Um resumo da presença delas na cidade foi publicado na Revista Alilo da Academia Dix-Septiense de História, edição 003, ano de 2022, 5º ano de fundação, uma edição especial que celebra os 80 anos da Paróquia de São Sebastião. A revista não está indexada e foi publicada pela própria Academia. Segue o texto:

No ano de 1970, as Irmãs Jeannine Levasseur e Claire Lepage da Congregação das Irmãs de São José de Lyon, da Província de Maine nos Estados Unidos da América, acompanhadas de suas superiores e do Bispo Dom Gentil, tiveram seus primeiros contatos com o povo da Paróquia e no dia 14 de fevereiro de 1971, as irmãs vieram residir definitivamente na nossa comunidade. Daí em diante elas não só se ocuparam da parte espiritual do povo, mas procuraram realizar tanto na sede como sítios um trabalho na linha da educação e da saúde, buscando também integrar a conscientização dos valores humanos, pessoais e coletivos.

As irmãs estiveram à frente da paróquia até o ano de 1986 quando os trabalhos paroquiais passaram para a responsabilidade de uma equipe de leigos. As irmãs dedicaram-se mais a partir de então a Comissão Diocesana de Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) e a fundação no Rio Grande do Norte, do Centro Ecumênico de Estudos Bíblicos (CEBI).

---

<sup>24</sup> A experiência de religiosas como responsáveis por paróquias católicas era bastante difundida no Brasil nas décadas de 160-1970, especialmente no Nordeste. Inicialmente tinham o objetivo de suprir a falta de padres, geraram uma igreja mais atenta e solidária às necessidades do povo. Foram a semente das CEBs. No Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da UNICAP, existe pelo menos uma dissertação sobre o tema, com o título: A ATUAÇÃO DAS MISSIONÁRIAS DE JESUS CRUCIFICADO COMO VIGÁRIAS PAROQUIAIS EM NÍSIA FLORESTA/RN (1963-1989): Uma Inovação Pastoral, de autoria de Luzia Valladão Ferreira. Posteriormente a Dissertação foi publicada em forma de livro, pela Editora Bagaço, em 2018, com o título *Mulheres no Altar - A Experiência das "irmãs Vigárias" em Nísia Floresta (RN)*

Após 26 anos de trabalhos na Paróquia as irmãs regressaram definitivamente para a sua pátria em 07 de julho de 1997. Substituídas por Ir. Guiomar Chemelo, Ir. Kátia Rejane Sassi, Ir. Cecilia Slongo (retornando para a casa de origem logo em seguida) e Irmã Delcia Decker, que ficam até o fechamento da casa das Irmãs de São José em Gov. Dix-Sept Rosado, em novembro de 2001 (Silva, 2022, p. 10-11).

No texto acima faltou citar a construção do Centro de Formação São José, com recursos conseguidos de projetos e doações do exterior, destinado a ser um apoio para a formação de agentes de pastoral que atuavam nas CEBS e a casa das Escolas Bíblicas e do CEBI, construção iniciada no final da década de 1980 e inaugurado, em agosto de 1991.<sup>25</sup>

Dentre as diversas atividades realizadas pelas irmãs de São José destacamos a organização e articulação do CEBI na região e também a redação de relatórios de todos os encontros e reuniões que aconteceram no tempo de sua permanência no CEBI, fonte riquíssima de pesquisa.

Sobre os anos iniciais do CEBI os relatórios trazem algumas datas e dados importantes. Em dezembro de 1987 a criação oficial do CEBI de Mossoró. Em junho de 1989 aconteceu a 1ª Reunião da Coordenação Estadual provisória composta pelas irmãs Iraci Lino, Belmar, Jeannine e Clara. No mesmo ano, em outubro, aconteceu a 1ª assembleia estadual que contou com 53 participantes. No ano de 1990 existiam 11 grupos de formação permanente se encontrando regularmente para estudo e muitos pedidos de assessorias. São relatadas também parcerias com o Curso de Teologia Pastoral, em Natal, e o Centro Pastoral de Ciências Religiosas em Mossoró.

A década 1990 foi marcada pela realização das Escolas Bíblicas. Estas podem ser definidas como um curso introdutório de formação bíblica em uma perspectiva crítica, que partia da realidade e dos questionamentos dos participantes. Além disso, dialoga com as realidades sociais, culturais, políticas e econômicas dos povos, buscando a libertação e a transformação da sociedade. Eram realizadas em diversas etapas que, normalmente, aconteciam em finais de semana e possibilitavam a convivência, a partilha de tarefas e de responsabilidades eram marcadas também por momentos celebrativos.

Nos relatórios aos quais tivemos acesso e constantemente nos reportamos, elas sempre são citadas e aconteciam em três níveis: popular, destinadas ao pessoal da base; escola de

---

<sup>25</sup> O professor Reginaldo Claudino dos Santos, natural da cidade de Governador Dix-Sept Rosado, participou do CEBI na cidade, abordou com mais detalhes a presença das irmãs de São José no Município, na sua monografia de conclusão de curso de História na Universidade do Rio Grande do Norte, em 2003. O texto, que pode ser encontrado no repositório da Universidade, é intitulado: As irmãs da Congregação de São José em Governador Dix-Sept Rosado – RN.

agentes, para os animadores; e escola de assessores, destinada a pessoas com mais tempo para estudo e que se dispunham a acompanhar os agentes e assumir as escolas populares. Ao longo da década aconteceu apenas uma escola de assessores. No ano de 1995 já tinham acontecido ou estavam acontecendo: 3 escolas bíblicas de agentes e 13 escolas Bíblicas ou cursos de formação populares. Além disso existiam cinco grupos de estudo e formação permanentes distribuídos em 5 áreas do estado (Mossoró, Pau dos Ferros, Médio Oeste, Alexandria e Luiz Gomes/Uirauna) nos quais estavam engajados uma média de 57 pessoas.

As escolas contribuíram para espalhar o CEBI por todo o estado pois tiveram a participação de pessoas da Arquidiocese de Natal. Diante do interesse foi necessário realizar uma escola na cidade de Parnamirim, nos anos de 1993 e 1994. Ao mesmo tempo, nas bases, continuavam os grupos de estudo permanente e fortaleciam-se as comunidades que realizavam escolas populares e círculos bíblicos. Podemos citar como centros de irradiação as cidades de Portalegre, Severiano Melo, Grossos, Campo Grande, Caraúbas, Alexandria e Pau dos Ferros.

Em 1997 as irmãs Clara e Janine retornaram a sua terra natal. A coordenação do CEBI em Governador Dix-Sept Rosado continuou os trabalhos de estudo e celebração da palavra, auxiliada pelas irmãs de São José que vieram do Sul do país para assumir o Centro de Formação e auxiliar na caminhada. Destaca-se a figuras de Irmã Délcia pela sua constante dedicação ao CEBI e pela sua formação bíblica, que assumiu também a secretaria e a coordenação do CEBI local.

### 2.2.3 Do interior para a capital – crises e mudanças

Na última década do século XX o CEBI do estado sentiu fortemente a crise que atingiu os grupos progressistas ligados às Igrejas. A onda conservadora e o fortalecimento dos movimentos levaram a uma leitura mais fundamentalista da Bíblia. Além disto, na nossa região o CEBI era abraçado mais fortemente pelas religiosas. Muitas delas foram transferidas ou tiveram suas comunidades fechadas por falta de vocações.

Lembramos que, mesmo no período de efervescência dos movimentos populares e das comunidades de base, apenas uma minoria de cristãos fazia essa leitura, enquanto a grande maioria fazia uma leitura mais tradicional e mais fundamentalista, mas o impacto dessa experiência influencia até hoje os movimentos e métodos populares na América latina.

João Paulo II, que era polonês e foi eleito papa em 1978, teve uma visão conservadora da teologia e da doutrina da Igreja Católica. Ele considerava que a Teologia da Libertação

apresentava uma ameaça ao ensino tradicional da Igreja e que suas ideias poderiam levar a uma subversão da ordem social.

Por isso, durante o seu pontificado, a teologia da libertação foi alvo de críticas, censuras e perseguições por parte da autoridade católica, em especial da Congregação para a Doutrina da Fé, liderada pelo então cardeal Joseph Ratzinger, que mais tarde se tornaria o papa Bento XVI. Muitos teólogos da libertação foram silenciados, excomungados ou obrigados a se retratar de suas posições. O próprio João Paulo II se manifestou publicamente contra a teologia da libertação em várias ocasiões, chegando a chamar seus convidados de "neo-marxistas" e "desviantes".

Nesse sentido a obra *50 Anos de Teologias da Libertação - Memória, Revisão, Perspectivas e Desafios*, destaca a história da Teologia da Libertação na América Latina, e em alguns artigos enfoca as perseguições e proibições vinda de Roma. Neste livro, Agenor Brighenti escreve sobre “Contribuições e crises da Teologia da Libertação”, no item 2 levanta os principais obstáculos colocados pela Igreja Católica à caminhada da Teologia da Libertação, que Brighenti chama de “provação” e entende como um plano de combate a Teologia da Libertação. A provação começa em 1972 com a indicação de A. Lopes Trujillo para a Secretaria geral do CELAM e este, respaldado pela cúria romana pronuncia-se abertamente contra a Teologia da Libertação e suas práticas populares. Esse grupo reacionário quer exercer o controle sobre a Conferência Episcopal de Puebla. Aponta ainda o autor a instrução *Libertatis Nuntius* em 1984, acusando-a de utilizar conceitos decorrentes do Marxismo na sua prática. Apesar da instrução seguinte de 1986 intitulada *Libertatis Conscientia* abrandar a crítica, o estrago estava feito<sup>26</sup>. O autor aponta ainda os entraves colocados para a publicação da Coleção Teologia e Libertação (Brighenti, 2022, p. 210-215).

Na obra já referida, o Padre José Oscar Beozzo escreve um artigo intitulado “A caminhada da Teologia da Libertação: o êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas”, (Beozzo, 2022, p. 15-87). O autor detalha as tensões e perseguições sofridas pelos teólogos e pensadores latino americanos por ocasião do lançamento da coleção Teologia e Libertação. A coleção pretendia produzir um ensaio de reflexão mais sistemática do conjunto da fé cristão a partir da libertação dos pobres. Apesar de receber o apoio de parte do episcopado dos países da América Latina, do compromisso e engajamento de

---

<sup>26</sup> Os detratores da Teologia da Libertação só se referem a primeira instrução

teólogos e teólogas e do empenho da Editora Vozes, foi censurada pela Cúria Romana e dos 54 volumes previstos, apenas 18 foram publicados<sup>27</sup>.

A perseguição atingiu também a leitura popular da Bíblia que pode ser utilizada como uma ferramenta para a compreensão do contexto social e político em que se inserem as pessoas, e para a promoção da justiça social e da transformação da sociedade. A partir dessa leitura, os teólogos da libertação buscam identificar as relações de poder presentes na sociedade e denunciar as injustiças e opressões que mataram os pobres e marginalizados. Podemos dizer que a leitura popular da Bíblia é uma das bases teológicas da Teologia da Libertação, que busca inspiração nas histórias de libertação e justiça presentes nas Escrituras para promover a transformação social e a luta pelos direitos dos mais pobres e marginalizados.

Para ilustrar essa informação recordamos os cerceamentos e perseguições sofridos pela LPB por parte da hierarquia, seja romana ou local. Na década de 80 houve uma forte tensão entre a Congregação para o Doutrina da Fé e estudiosos bíblicos latino-americanos ligados à teologia da libertação. O motivo foi o projeto Palavra-Vida da Conferência Latino-Americana de Religiosos (CLAR). O objetivo desse projeto, decidido em 1986, era cerca de 5 anos de leitura comunitária da Bíblia por parte dos consagrados latino-americanos como preparação 500 anos após a descoberta da América. Devido a esta projeto surgiu um conflito entre a Conferência Latino-Americana dos Bispos (CELAM) e a CLAR, na qual também a Cúria Romana (Congregação para os Religiosos e Congregação para a Doutrina da Fé). Portanto, em 1989 o projeto foi suspenso pela CLAR, mas a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) decidiu levá-lo adiante com leve modificações sob o título Tua Palavra é Vida e expandiu-o para durar sete anos. Os materiais publicados contaram com a participação de Carlos Mesters.

Já nos anos 90, as tensões no relacionamento pioraram devido a presença de forças conservadoras na Conferência Episcopal Brasileiro. Em preparação para o Ano Jubilar de 2000 foram elaborados uma série de instrumentos de trabalho e Mesters foi convidado pela referência para o trabalho bíblico da Conferência Igreja Episcopal Brasileira, para redigir o texto base da Evangelho de Marcos, que em 1997 deveria ser refletido em todas as comunidades católicas do Brasil. Mas seu texto foi censurado pelo secretariado da Conferência Episcopal e publicado apenas anonimamente. Em 1996, Mesters publicou uma parábola sobre Jesus que causou uma abertura conflito. O texto apareceu no final de um longo artigo sobre “Jesus e o povo”, que Mesters publicou no livro preparatório (texto base) para o nono Encontro Intereclesial de

---

<sup>27</sup> Ver de modo particular o item 3 do artigo referenciado que descreve com riqueza de detalhes os confrontos entre os idealizadores e apoiadores da coleção e a cúria romana, p. 32-59

Comunidades de Base (San Luis, 15/07-19/1997). O encontro refletiu sobre o diálogo com os cultos Afro-brasileiros (candomblé, umbanda, macumba). Mesters, depois de apresentar em seu artigo a práxis de Jesus no contexto das tensões culturais de seu tempo, contou em uma parábola de como Jesus visitou um terreiro e, a chegar participou do culto e proclamou um louvor à revelação de Deus aos pequeninos, composta segundo Mt 11,25. Esta parábola, que pretende ser uma provocação, desencadeou fortes reações. O movimento carismático, influente no Brasil, exigia uma intervenção do Magistério. Mesters foi instado a dar provas da sua ortodoxia através de novas publicações, que recusou. O material preparado por Mesters em 1997 para a Campanha Fraternidade sobre a apresentação de Jesus como educador no Evangelho de Lucas, foi submetido novamente pelo Conferência Episcopal a uma reformulação<sup>28</sup>.

Já no ano de 1989 essa conjuntura eclesial adversa começa a ser sentida pelos participantes do CEBI da Região Nordeste. Em uma análise conjuntura feita na abertura do I encontro de Coordenadores e Assessores do CEBI Regional Nordeste II foram citados como fatos inquietantes: a nomeação e transferência de bispos progressistas, a perseguição e interdição de teólogos e biblistas, apoio a grupos espiritualistas e integristas e o corte de verbas para a pastoral popular.

O corte de verbas e a falta de apoio do clero impactou os agentes de pastoral e animadores de comunidades que, para participar de encontros, tinham de custear suas próprias despesas. Ora, em uma realidade de pobreza e seca em que a sobrevivência e a luta cotidiana eram determinantes em suas vidas, ter dinheiro para formação é uma utopia.

Em 2001 as Irmãs de São José deixaram a Diocese e o CEBI ficou sem uma referência na articulação e continuidade dos estudos. Como o Centro de Formação São José foi entregue a administração da Diocese Católica de Mossoró, que, na ocasião, tinha como Bispo D Mariano Manzana, o CEBI não tinha mais liberdade de usar as suas instalações. Foi criada uma administração local formada por leigos e leigas ligados a experiências das CEBs e CEBI, mas o centro foi alugado para um colégio, o que dificultou o acesso aos grupos pastorais e populares.

Na assembleia estadual de 2002, decidiu-se mudar a sede do CEBI-RN para a cidade de Parnamirim onde funciona até hoje. Esta mudança deu-se pela necessidade de maior articulação com outros estados, principalmente o CEBI-PE, pioneiro do Nordeste, e também porque o local disponibilizava uma estrutura física para sediar a Secretaria pois umas das participantes do CEBI de Parnamirim, Raimunda, era proprietária de uma escola e destinou uma sala para

---

<sup>28</sup> Ralf Huning e Tereza Cavalcanti recordam essas tensões nas suas teses, citadas nas referências

funcionamento da Secretaria e a estrutura da escola para os encontros. Esse momento é referido de forma breve pois ocorreu após o lapso temporal delineado para nosso estudo.

## 2.3 SITUAÇÃO ATUAL DO GRUPO EM MOSSORÓ

O tempo e a conjuntura exigem que os grupos se adaptem e mudem, ou evoluam para poder sobreviver e dar sentido a suas ações. Isso ocorre no CEBI da Diocese de Mossoró, sem o empenho das religiosas e com parco apoio da hierarquia, a formação bíblica libertadora continua e abrange novos espaços, temas e parcerias. Assim, Mossoró assume também a responsabilidade de despertar e reunir os grupos dispersos no Estado e pensar junto com eles a forma de continuar a caminhada da Leitura Popular da Bíblia diante das novas conjunturas e desafios que surgem.

### 2.3.1 Uma caminhada sustentada pelas mulheres

As mulheres são maioria nas Igrejas. Esse fato pode ser constatado em uma simples observação de celebrações e outros eventos religiosos. As mulheres são ativas nas comunidades paroquiais, muitas vezes assumindo papéis importantes como catequistas, obreiras, leitoras, ministras da eucaristia, decididas em obras sociais e caritativas e membros de conselhos pastorais. Elas também têm um papel vital na educação religiosa de crianças e jovens, como professoras de catequese ou de escolas bíblicas, e líderes de grupos de jovens.

Em particular na Igreja Católica, muitas mulheres estão envolvidas em movimentos e organizações leigas que buscam promover a justiça social, os direitos humanos e a paz, refletindo os valores do Evangelho. Porém estão ausentes das tomadas de decisões e do sacerdócio. No CEBI de Mossoró ainda hoje acontece a mesma coisa e não podemos seguir adiante em nosso estudo sem reconhecer a sua importância.

Pelo relato da história vemos que o CEBI Mossoró deve muito às comunidades de religiosas inseridas. Elas introduziram e estiveram à frente da coordenação e assessorias desde as origens. Além das Irmãs de São José e das Missionárias de Jesus Crucificadas, já citadas, tivemos a intensa participação de religiosas de outras congregações como as Combonianas, Filhas do Amor Divino, Irmãs da Sagrada Face, Missionárias da Sagrada Família e algumas Franciscanas Hospitaleiras.

Nos relatórios e listas de presença dos encontros quase não se encontram padres, mas uma grande maioria de religiosas e leigas somados a alguns leigos. Os padres contribuíram mais com o apoio, a presença em momentos celebrativos e com o envio de pessoas para participar

dos cursos, ou ainda acolhendo atividades do CEBI em suas paróquias. Raros são os que participam de cursos ou se inserem em grupos de estudo permanente.

Na coordenação e equipes de assessorias são raras as presenças masculinas. Quando avaliamos as pessoas que, pela sua vivência e compromisso com o CEBI, tinham de ser ouvidas nessa pesquisa, os principais nomes são de mulheres, e muitas ficaram de fora devido aos limites do estudo e outras porque já faleceram ou não tem mais lucidez. Algumas poucas não responderam à pesquisa. Foram escolhidas Irmã Iraci Lino, Irmã Eliane, Irmã Lucia Silva, Ana Jacira, Socorro Holanda, Socorro Oliveira, Gorete Duarte, Irapirema, Linda, Idaisa, Dilma Morais, Francineide e Eleni. Os homens foram cinco: José Edson, Raimundo Canuto, Reginaldo, Antônio Sales Neto e Sebastião Armando. Sebastião foi ouvido na condição de assessor nacional e segundo presidente do CEBI Nacional, nesta condição ele sempre acompanhou Mossoró e o RN.

Destacamos que todas as pessoas que participaram da pesquisa autorizaram o uso do seu nome e não solicitaram o uso de pseudônimo. Ficaram felizes em contribuir.

Na celebração dos 35 anos do CEBI no Rio Grande do Norte, que aconteceu em Mossoró, no dia 09/07/2022 foi lembrada e louvada a presença feminina. A notícia do evento e fotos foram publicados no *site* do CEBI Nacional.<sup>29</sup> Pela sua importância para o grupo, compartilhamos o inteiro teor do relato:

#### CEBI RN – 35 Anos de História e missão

No dia 09 de julho de 2022 o Centro de Estudos Bíblicos do Rio Grande do Norte esteve reunido celebrando 35 anos de presença no chão potiguar. Acolhidos em Mossoró-RN na Casa da Mãe Rainha, um espaço da Igreja Católica da cidade. Contamos com a presença de representantes das cidades de Natal, João Câmara, Severiano Melo, Martins, Luiz Gomes, São Francisco do Oeste e da anfitriã Mossoró, ao todo 35 participantes.

Iniciamos participando da eucaristia com a comunidade da Igreja da Mãe Rainha. A missa foi celebrada por Padre João Batista, que participa do CEBI desde a origem aqui no RN e que fez uma memória da história e abriu espaço para apresentação dos participantes.

Durante o dia fizemos a memória de experiências exitosas da Leitura Popular da Bíblia (LPB) que aconteceram no nosso chão e na realidade amazônica. Esse momento foi Coordenado por Ana Jacira e Irmã Lúcia, contando com diversos depoimentos dos participantes, entre eles o Pastor Marcus Aurélio. Na conversa foram destacados os principais elementos que caracterizam a LPB.

Eliza Moreira, do CEBI Mossoró, trouxe para o grupo informações e reflexões sobre a Animação Bíblica da Pastoral proposta pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) para que pudéssemos verificar em que ela pode ajudar ou atrapalhar a prática da leitura bíblica nas comunidades e nos movimentos sociais.

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://cebi.org.br/noticias/cebi-rn-35-anos-de-historia-e-missao/>. Acesso em: 07 jul. 2023.

Em pequenos grupos conversamos sobre as marcas que ficaram na vida pessoal e na vida das comunidades com a vivência da leitura popular da Bíblia. Também foram levantadas propostas concretas para retomada da leitura popular da Bíblia, como instrumento de libertação e animação das lutas. O afastamento e esfriamento decorrentes da pandemia da Covid-19, fez com que muitos grupos paralisassem suas atividades. Esse encontro foi também uma oportunidade de estreitar os laços entre os integrantes do CEBI RN e de tomar um novo fôlego para continuar a caminhada.

As propostas levantadas vão ser levadas para a Coordenação Estadual para o devido encaminhamento. De imediato se acertou inserir todos os participantes no grupo do Whatsapp do CEBI RN, movimentar mais as nossas redes sociais e realizar uma atividade no mês da Bíblia com o estudo do Livro de Josué em todos os lugares onde os cebianos potiguares atuam. Saímos com data de planejamento on-line marcada (21 de julho).

A palavra que resume esse encontro é gratidão, o encontro só aconteceu devido a muitas doações. Desde o esforço dos que vieram de longe, os amigos e amigas que contribuíram com a partilha da alimentação até as equipes de serviço que foram responsáveis pelas inscrições, organização do espaço, vendas de publicações, momentos de liturgia e animação. São tantos e tantas que evitamos nomear para não cometer injustiça.

Elevamos ao céu o nosso louvor pela existência do Centro de Estudos Bíblicos que nos reúne ao redor da palavra, nos ajuda a desenvolver o espírito crítico e o compromisso com a transformação da realidade. Dos fundadores - Jether e Lucília Ramalho, Agostinha Vieira de Mello e Carlos Mesters – a cada cebiano e cebiana que faz da prática da LPB uma missão e uma esperança, existimos e caminhamos juntos, juntas, juntes. Aqui no RN recordamos as irmã Clara e Janine, as Missionárias de Jesus Crucificado, Rita Martins, Irmã Maria Elisa, Zé Teixeira... uma multidão de testemunhas as quais somos devedores e continuadores.

Nos encontros, as vezes em tom de brincadeira, as pioneiras do CEBI eram chamadas de matriarcas. Irmã Iracy Rocha não gostava do título pois achava que embutia um sentido de autoridade, preferia o carinhoso tratamento de madrinha. Poderíamos dizer também que elas foram parteiras pois ajudaram a novidade da Leitura Libertadora da Palavra a nascer no sertão potiguar.

### 2.3.2 Semente teimosa que resiste em diálogo com as Instituições religiosas e civis

Em Mossoró, o CEBI continua presente em novos espaços de diálogo, no campo eclesial e na sociedade. Atua em comunidades de periferia, junto com o Grito dos Excluídos<sup>30</sup> e também

---

<sup>30</sup> O Grito dos Excluídos é um movimento popular iniciando no ano de 1995 por iniciativa das pastorais ligadas a Igreja Católica em parceria com os movimentos sociais e sindicatos. Foi proposto como fruto da Segunda Semana Social Brasileira e para marcar a Campanha da Fraternidade que tinha o mesmo lema. Em vários locais do Brasil toma as ruas no dia 07 de setembro reivindicando direitos e sendo um canal para expressar os anseios daqueles e daquelas que não têm vez na sociedade brasileira. Em Mossoró não se resume a gritar no dia 07 de setembro, mas realiza encontros preparatórios e rodas de conversa nas ruas para levantar os problemas e construir estratégias de pressão por mudanças ou gestos concretos de transformação.

presta assessoria bíblica onde houver um grupo interessado, seja de juventude, mulheres, animadores de comunidade, movimentos sociais e pastorais.

Uma das atividades assumidas pelo grupo do CEBI e a realização do programa radiofônico semanal *Aprendiz da Palavra*, na Rádio Rural de Mossoró, emissora AM pertencente à Fundação Santa Luzia de Mossoró, da Diocese de mesmo nome, fundada em 1963. No princípio a emissora promovia a educação de base através de escolas radiofônicas, o que desempenhou por 20 anos consecutivos em parceria com o Movimento de Educação de Base – MEB.

O Programa *Aprendiz da Palavra* acontece a mais de 10 anos vai ao ar todos os domingos de 8h00 às 9h00 da manhã e busca alinhar a mensagem bíblica às realidades do povo, proporcionando momentos de reflexão e releituras dos textos bíblicos, com base na caminhada e na memória dos movimentos sociais, dos trabalhos pastorais, de grupos que atuam em defesa da vida e na promoção da dignidade da pessoa humana, mostrando que todos podemos nos tornar verdadeiros aprendizes da Palavra.

Em cada programa há a participação de líderes comunitários, representante de classes de trabalhadores, sindicatos, professores universitários, ONGs, jornalistas, CEBs, Paróquias, movimento estudantil e grupos de mulheres que, através de uma entrevista, expõe suas linhas de trabalho, suas pautas de reivindicações, seus projetos, sua mística evangelizadora e sua ação profética. Os participantes do CEBI Mossoró se revezam na locução, mas os temas a serem trabalhados são decididos nas reuniões mensais da equipe.

Há também um momento de espiritualidade através de mensagens, leitura orante, salmos, orações e cantos que relembram a história e a caminhada do povo de Deus de ontem e de hoje e a divulgação das atividades do CEBI e das Igrejas, grupos e movimentos sociais que somam com ele na mística e na caminhada. O programa se encerra com a leitura e reflexão de um texto bíblico que é escolhido diante dos temas abordados, de datas comemorativas e do contexto e momento eclesial.

Além dos conteúdos clássicos da *Leitura Popular da Bíblia* nos quais são destacadas as ações libertadoras de Deus em favor do seu povo, a crítica profética e a atuação solidária de Jesus e das comunidades cristãs, novos temas surgiram para dar resposta aos sinais dos tempos. Temos, por exemplo, a leitura de gênero, a leitura na ótica da negritude, a perspectiva ecumênica e a discussão sobre novas masculinidades possíveis e necessárias. Desse modo, para assumir esses desafios, a equipe do CEBI Mossoró vive em permanente processo de formação, participando de cursos promovidos em nível local, estadual, regional e nacional.

Realiza ainda estudos mensais a partir de temas previamente escolhidos, levando em conta a necessidade da equipe. Ocorrem desde as origens do CEBI local. Nos anos de 2020 e 2021 foi trabalhado o tema das origens do cristianismo. A partir de uma bibliografia básica os membros do grupo pesquisam e partilham os aprendizados entre eles e buscam subsídios para responder aos questionamentos surgidos no debate. Esses estudos são abertos a pessoas interessadas desde que tenham uma formação bíblica básica que possibilite entender a discussão. Congregam cerca de 15 pessoas que se consideram eternos aprendizes.

Podemos elencar alguns frutos desses estudos de formação permanente:

- Fortalecimento e desmistificação a fé;
- Reforço dos laços de união dos grupos de estudo e círculos bíblicos;
- Inspiração e caminhos para continuar o processo de transformação pessoal, comunitária, eclesial e social;
- Crescimento da consciência crítica;
- Geração de ações concretas.

O período da pandemia, em que prevaleceu o distanciamento social, o estudo não parou, porém migrou e se apropriou dos recursos tecnológicos e das redes sociais. Muitos estudos foram realizados pela plataforma *Google Meet*, *Instagram*, *Facebook* ou *Youtube*. Essas reuniões ocorreram principalmente entre os participantes da equipe de assessores que se viram obrigados a aprender a lidar com novas tecnologias e adquirir os equipamentos necessários para acessá-las e acostumar-se à convivência virtual.

Por outro lado, foram criadas diversas oportunidades de formação por meio de cursos e lives com estudiosos de renome na área, promovidos pelo próprio CEBI ou por faculdades e associações bíblicas. Celebrações, vigílias e exercícios de leitura orante também ocorreram em ambiente virtual.

A mesma forma se procedeu com o contato com as comunidades. No mundo virtual o diálogo é dificultado. Nas *lives* a palavra é monopolizada. Adotou-se, portanto, o recurso de criar grupos de WhatsApp. Como as pessoas da comunidade já têm o hábito de se comunicarem através desse recurso tecnológico, o aplicativo pode ser utilizado para impulsionar e instigar o grupo a partilhar ideias, orações e dúvidas que surgem no intervalo entre os encontros. Também podem ser partilhadas músicas, pequenos vídeos e relatos. Deve-se ter cuidado para não fugir do tema, evitar as polarizações e combater as *fake news*.

Conhecer a Bíblia não é o objetivo final das conversas, mas reforçar os laços de pertença e de amizade, para se fortalecer na luta pela vida. A mística bíblica nos identifica como continuadores da história do povo de Deus e igualmente guardados e amados pela divindade.

Cada um é querido na sua inteireza e integra a caminhada dos que não se conformam com a vida pela metade e se engajam na busca da plenitude. A plenitude não é a prosperidade individual, mas a solidariedade com o próximo e a construção da justiça social.

Quem abre os olhos se torna responsável por aquele que não vê. Como a Leitura Popular da Bíblia é uma experiência religiosa, embora não esteja ligada a uma confissão específica, pode querer abrir mão do diálogo, da escuta e da paciência histórica para apelar para o proselitismo e o argumento da autoridade ou a propaganda proselitista que quer “ganhar” as pessoas e defender suas verdades.

A prática da Leitura Popular da Bíblia é um verdadeiro processo de Educação Popular que parte de uma pedagogia libertadora e transformadora, como pretendem os comprovar nessa pesquisa. Uma leitura bíblica a partir do popular seria o caminho para fazer de nossas comunidades espaços de crescimento em que o grupo deve realizar a tarefa de desvelamento da sua realidade e dos textos bíblicos.

O ser humano existe no mundo e sofre influência dele, mas não é subjugado por ele. Pelo contrário, pode mudá-lo. Isso é verdade tanto em relação aos fenômenos naturais e aos fenômenos sociais. A capacidade de mudança é acordada na pessoa pelos processos educativos formais e informais. Utilizamos o termo educação no sentido de experiências que levem o indivíduo a se defrontar com a realidade de forma crítica e a questioná-la, passando a pensar com sua própria cabeça, dizer a sua palavra e agir conforme a sua decisão. Podemos perceber sementes desse processo transformador brotando com teimosia nas terras de Mossoró.

### **3 A RELAÇÃO ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA**

A Leitura Popular da Bíblia é uma ferramenta prática de educação para a consciência crítica. Sua metodologia de trabalho é herdeira da Educação Popular e de outras experiências de trabalho com o povo. No capítulo anterior, ao abordar a origem do CEBI já destacamos essa íntima relação com a Educação Popular; neste segundo capítulo queremos explicitar em que consistem esses vínculos.

Um elemento essencial dessa prática é a escuta e a valorização dos saberes da experiência da cultura de cada pessoa, fugindo da educação bancária<sup>31</sup> e estabelecendo o diálogo. As metodologias participativas não são uma técnica ou uma teoria, mas uma forma de ver e de se posicionar no mundo.

#### **3.1 O QUE ENTENDEMOS POR METODOLOGIA**

O termo “metodologia” pode ser conceituado de diferentes maneiras, dependendo do contexto em que é usado. Geralmente, a metodologia se refere ao conjunto de métodos, técnicas, procedimentos e abordagens utilizadas para conduzir uma pesquisa, um estudo ou alcançar um determinado objetivo em um campo específico. No caso do nosso estudo, os campos da educação e da cultura popular.

É um campo diferente a ciência cartesiana<sup>32</sup>. A ciência tradicional tem uma abordagem que enfatiza a importância da razão, da análise lógica, da separação mente-corpo e, em alguns casos, do mecanicismo na explicação das causas naturais. É uma abordagem que valoriza a clareza e a precisão no pensamento e na investigação científica.

Aplicada ao campo das ciências sociais são valorizadas as seguintes exigências: o conhecimento é um valor; a objetividade é uma meta a alcançar; a rigurosidade na elaboração dos conceitos favorece a cooperação e a compreensão entre os estudiosos; a necessidade de conhecer e dialogar com posições divergentes. Busca um saber sólido, confiável e seguro. Separação entre Mente e Corpo: Descartes é conhecido por sua afirmação “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo), que reflete sua ênfase na mente como uma fonte fundamental do

---

<sup>31</sup> A educação bancária é um termo que Freire utiliza para descrever um modelo de educação tradicional, autoritário e opressivo, no qual os estudantes são tratados como beneficiários passivos que recebem o conhecimento depositado pelos professores, como se fosse bancário, e são desencorajados a questionar, analisar ou participar no processo de aprendizagem. Esse conceito é trabalhado com detalhes pelo autor no segundo capítulo do livro *Pedagogia do Oprimido*.

<sup>32</sup> O termo “cartesiano” no contexto dos estudos das ciências está relacionado às ideias e à filosofia do filósofo e matemático francês René Descartes (1596-1650). Os elementos principais do método estão descritos na sua obra.

conhecimento. Ele argumentou que a mente e o corpo são substâncias distintas, uma dualidade mente-corpo que é fundamental em sua filosofia.

Metodologia é o conjunto de princípios, diretrizes, processos e estratégias que orientam a forma como o trabalho é planejado, programado e avaliado em uma determinada área de estudo, disciplina acadêmica ou contexto de pesquisa. Ela envolve a escolha e a aplicação adequada de métodos e técnicas para atingir objetivos específicos, resolver problemas ou responder a perguntas de forma sistemática e confiável.

Em suas assembleias e avaliações o CEBI reflete sobre a sua prática e partilha os resultados em publicações para ajudar os grupos de base. No ano de 2007 foi publicado o resultado o número 237 da coleção *A Palavra na Vida* com as conclusões e inquietações resultantes da reunião nacional que estudou A Metodologia de aprendizagem bíblica. O título já podemos perceber que o CEBI assume o caráter educativo de sua atuação. O organizador, Luiz Carlos Araújo, resume alguns tópicos importantes sobre metodologia e procedimentos metodológicos (2007, p. 11-13), que passamos a apresentar.

O texto trata de metodologia da educação, definindo-a como os princípios que orientam o processo educacional, o processo de aprendizagem. O CEBI busca pautar a sua atuação pela metodologia da “educação libertadora”, que observa os seguintes princípios:

- Sujeito da educação é quem participa do processo educativo. Quem educa é um facilitador, cuja função é tentar criar condições favoráveis ao processo de educação.
- A educação é entendida como um processo a partir de dentro do sujeito, ou seja, da educanda e do educando; é um processo surpreendente, de idas e vindas, e não linear e previsível.
- O processo educacional não se restringe à comunicação e aquisição de conhecimentos, mas mobiliza a pessoa inteira, nas várias dimensões da sua identidade.
- A educação é concebida e praticada como um processo de construção coletiva, no qual quem educa e quem é educado se tornam de algum modo cúmplices, sendo, portanto, indispensável e primordial o respeito e a valorização das colocações e dos sentimentos dos educandos e das educandas.
- A aprendizagem é um processo, no sentido próprio da palavra, e como tal não começa quando começa, porque de algum modo já começou antes, nem termina quando termina, porque continua.

As metodologias dos trabalhos populares não separam alma e corpo e não acreditam na isenção do estudioso. Portanto, é importante reconhecer que ninguém é completamente neutro

ou objetivo em sua compreensão da realidade, uma vez que todos trazemos nossas próprias bagagens de experiências e perspectivas para o processo de interpretação. Isso ressalta a importância da diversidade de vozes e perspectivas para uma compreensão mais completa e contextualizada do mundo ao nosso redor.

Essa característica do processo educativo praticado pelo CEBI é ressaltada por Carlos Mesters no livro *Flor Sem Defesa*:

Saber escutar, transformar o saber em serviço, não esquecer que ele vive aqui no Brasil usar a ciência também para conhecer a sociedade de hoje. Disto segue uma quinta tarefa para o intérprete. Ele deve saber que a sua ciência não é neutra, nem ele mesmo pode ficar na neutralidade, pois ‘a pessoa do intérprete não é estranha ao processo de interpretação, mas é envolvida por ele. Todo o seu ser é colocado em questão’ (Mesters, 1999, p. 81).

Nesse mesmo sentido, o educador Paulo Freire, no livro *Extensão ou Comunicação*, verbaliza sua certeza de que não existem conhecimento ou técnicas neutras:

Equívoco, que se repete, por exemplo, quando se tenta a capacitação dos camponeses com uma visão ingênua do problema da técnica. Isto é, quando não se percebe que a técnica não aparece por casualidade; que a técnica bem acabada ou “elaborada”, tanto quanto a ciência de que é uma aplicação prática, se encontra, como já afirmamos, condicionada histórico-socialmente. Não há técnica neutra, assexuada (Freire, 1982, p. 21).

Uma concepção libertadora da educação busca promover a emancipação das pessoas, estimulando sua autonomia, pensamento crítico e capacidade de transformação social. O mais importante é que a educação, especialmente a Educação Popular, seja vista como um processo de libertação, que estimula o pensamento crítico, a participação ativa e a transformação social. Como veremos nos próximos itens deste capítulo, as metodologias emancipatórias são compartilhadas por grupos populares que lutam por um mundo melhor. A forma de trabalhar com o povo deve refletir suas crenças e suas utopias. Em alguns momentos essas metodologias também serão chamadas de método, mas sempre se referindo mais às práticas do que às teorias.

### 3.2 METODOLOGIAS QUE AJUDAM A PENSAR

Neste trecho do trabalho vamos salientar as metodologias e reflexões libertadoras que estão presentes na Igreja e no continente Latino Americano e a relação entre elas, que caminham juntas e se influenciam. São práticas educativas que colaboram para a construção da consciência crítica e partilham as características destacadas no item anterior.

### 3.2.1 Método ver, julgar e agir

O método “ver, julgar e agir” é uma abordagem que se desenvolveu principalmente no contexto da Ação Católica e do movimento operário cristão, no início do século XX. Embora não tenha um autor específico, suas origens estão relacionadas a pensadores e líderes católicos que buscavam integrar a fé e a ação social de acordo com os princípios cristãos.

Joseph Cardijn, um padre belga e fundador da Juventude Operária Cristã (JOC), foi uma figura importante na aplicação do método “ver, julgar e agir” em grupos da juventude operária católica. Seu objetivo ao implementar esse método era capacitar os jovens trabalhadores para se envolverem em questões sociais, políticas e econômicas, enquanto mantinham sua fé cristã como guia moral. Atualmente é utilizado por grupos pastorais e populares em sua ação social e engajamento comunitário, assim como em documentos oficiais da Igreja Católica.

Uma abordagem sistemática do método, englobando sua gênese e desenvolvimento, é tema da obra do padre Agenor Brighenti, intitulada “O Método ver-julgar-agir: Da ação católica à Teologia da Libertação”. A obra foi antecedida por um grande trabalho de pesquisa, a partir de mais de quatrocentos escritos de seu criador zelosamente guardados, parte nos arquivos de J. Cardijn, na Universidade de Lovaina, e parte nos arquivos da Juventude Operária Católica (JOC), em Bruxelas. Essa era uma tarefa necessária pois Cardijn não sistematizou o método, mas fez diversas reflexões sobre ele ao longo de sua trajetória.

Ele consiste em três etapas:

**Ver:** Nessa etapa, os participantes do grupo pastoral ou popular procuram analisar a realidade em que estão inseridos, observando atentamente as situações e contextos que os cercam. O objetivo é identificar as principais questões e desafios enfrentados pela comunidade, bem como as necessidades e potencialidades existentes.

**Julgar:** Na segunda etapa, o grupo faz uma análise crítica da realidade observada na etapa anterior, buscando compreender as causas e consequências dos problemas identificados. É o momento de refletir sobre os valores e princípios que orientam a ação do grupo, bem como as possibilidades de mudança e transformação social.

**Agir:** Na etapa final, o grupo decide como agir em resposta às questões e desafios identificados nas etapas anteriores. Aqui, são definidas as estratégias e ações que serão tomadas para promover a transformação social e o bem-estar da comunidade. É importante que as ações estejam monitoradas com os valores e princípios do grupo, de modo a promover uma atuação ética e coerente com a visão de mundo do grupo.

Seu objetivo ao implementar esse método era capacitar os jovens trabalhadores para se envolverem em questões sociais, políticas e econômicas, enquanto mantinham sua fé cristã como guia moral. Na origem estava uma preocupação de certa forma proselitista e de defesa da fé ante a ameaça da infiltração comunista nos meios operários. Para fazer face a ela o jovem operário cristão deveria fortalecer sua fé e perceber o evangelho como um chamado para a transformação da realidade. Sobre o tema diz o padre Brighenti:

Em geral, desde o final da época patrística até o Vaticano II, a Igreja ou mais propriamente sua hierarquia continuou atrelada à Cristandade e, depois, à Neocristandade. Mas, já na década de 1920, J. Cardijn não queria continuar refém de uma postura apologética, que confinava a Igreja num passado sem retorno, enquanto o laicismo e o marxismo se faziam protagonistas de uma sociedade que tendia a reduzir a religião a um suposto “ópio do povo”. J. Cardijn queria um cristianismo revolucionário, extraindo do evangelho todo seu potencial humanizador e promotor de uma sociedade justa e fraterna. Sobretudo na América Latina, o serviço da Ação Católica na sociedade vai dar-se de forma profética e transformadora, na medida em que ela assumiria o grito dos grandes contingentes de jovens à margem de uma sociedade marcada pela injustiça institucionalizada e a exclusão (Brighenti, 2022, p. 204).

A sua proposta de trabalho foi muito além do seu intuito original e terminou influenciando toda a pastoral da Igreja Católica, pelo menos no que se refere aos setores mais progressistas. O padre Brighenti sustenta, inclusive, que os três passos do método ver-julgar-agir são uma verdadeira pedagogia e uma nova maneira da Igreja que, junto com outras experiências eclesiais inovadoras ocorridas desde a década de 1950, do século XX, “desembocaram no Concílio Vaticano II e contribuiu significativamente para o novo lugar da Igreja no mundo, para a nova teologia do laicato, para uma pastoral encarnada e transformadora, para a militância cidadã dos cristãos na sociedade, enfim, para uma fé comprometida com as grandes causas da humanidade”<sup>33</sup> (2022, p. 202).

Em relação aos documentos do próprio concílio, a Constituição Pastoral “*Gaudium et Spes*” utiliza implicitamente o método “ver, julgar e agir” em sua abordagem à relação entre a Igreja Católica e o mundo moderno. O documento confirma a importância de examinar a realidade social e cultural (ver), fazer uma avaliação crítica à luz dos ensinamentos da Igreja (julgar) e, com base nessa avaliação, determinar como a Igreja deve se envolver e agir no mundo

---

<sup>33</sup> Algumas das principais inovações eclesiais que influenciaram as discussões do Concílio Vaticano II incluem: Movimento Litúrgico que promoveu uma compreensão mais profunda da liturgia e da participação ativa dos fiéis na celebração da Missa; Movimento Bíblico ao incentivar o estudo e a leitura da Bíblia por parte dos fiéis e do clero; Movimento Ecumênico: O movimento ecumênico buscava promover a unidade entre as diferentes tradições cristãs; O Movimento Teológico Moderno: com destaque para teólogos como Karl Rahner, Henri de Lubac e Yves Congar e, por fim, os Movimentos Leigos.

(agir). O texto em si é uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II para a reflexão da Igreja Católica sobre questões sociais e culturais<sup>34</sup>.

O magistério da Igreja Católica tem utilizado o método “ver-julgar-agir” como parte de sua abordagem à reflexão e à ação social. Alguns exemplos notáveis incluem: “Mater et Magistra” (Mãe e Mestra) - Papa João XXIII, de 1961; “Populorum Progressio” (O Desenvolvimento dos Povos) - Papa Paulo VI de 1967. Os ensinamentos do Papa Francisco se notabilizam por partirem da realidade e buscarem a iluminação da fé para que ela oriente o agir, como é o caso das Encíclicas *Laudato Si*, de 2015, que trata da ecologia integral e “Fratelli tutti” (Todos Irmãos) de 2020 que discute as divisões sociais, a desigualdade e os desafios globais, e propõe um chamado à ação para construir um mundo mais inclusivo e justo<sup>35</sup>.

Conferências episcopais, encontros de bispos e outros grupos pastorais na América Latina frequentemente utilizaram o método “ver-julgar-agir” para abordar temas como pobreza, desigualdade, direitos humanos, justiça social e participação política. Eles procuraram entender a realidade das pessoas com base em suas próprias experiências (“ver”), avaliar essas realidades à luz da doutrina social da Igreja (“julgar”) para, em seguida, propor ações pastorais, sociais e políticas que refletissem os valores cristãos e a busca pela justiça (“agir”). Essa ligação também é destacada por Brighenti:

Sem dúvida, é na América Latina que o método ver-julgar-agir encontrou o terreno mais fértil e onde produziu seus melhores frutos e continua produzindo. Ele está na base das práticas eclesiais populares, as quais, na América Latina, em torno à Conferência de Medellín (1968), desembocaram na opção pelos pobres, nas comunidades eclesiais de base, na leitura popular da Bíblia, na pastoral social, na militância cidadã e na própria Teologia da Libertação. No magistério da igreja no continente, o método entrou através da Conferência de Medellín, que teve por objetivo implementar o Vaticano II em contexto marcado pela injustiça institucionalizada e a exclusão. O resultado foi uma “recepção criativa” de seus postulados, incluído o procedimento metodológico da *Gaudium et Spes* na leitura dos “sinais dos tempos”, na perspectiva da trilogia do método da JOC (Brighenti, 2022, p. 191).

A Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM) também desempenhou um papel significativo ao promover a aplicação do método “ver-julgar-agir” em muitos documentos, reuniões e encontros pastorais ao longo das décadas. Um exemplo notável é o documento “Medellín”, resultante da Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano,

<sup>34</sup> No seu livro, já referido, Agenor Brighenti afirma expressamente que a Constituição *Gaudium et Spes* utiliza o método da Cardijn como se pode ver às páginas 185 e 186.

<sup>35</sup> No livro de Agenor Brighenti sobre o Método Ver, Julgar e Agir, todo o item 5 da segunda unidade detalha como diversos documentos oficiais o adotam, (202, p. 177-202).

realizada em 1968, que adotou a abordagem do “ver-julgar-agir” para abordar questões sociais e pastorais na região.

A influência do método ultrapassou a esfera religiosa e foi utilizado em outras instâncias como na Educação Popular e nos movimentos sociais, como veremos.

### 3.2.2 Educação Popular – a contribuição de Paulo Freire

O legado de Paulo Freire, considerado patrono da educação, também reverberou por outros campos que não apenas o educativo. O pedagogo e filósofo brasileiro contribuiu de forma significativa ao fazer parte do Conselho Mundial de Igrejas (CMI), em Genebra, na Suíça.

Nascido Paulo Reglus Neves Freire aos 19 de setembro de 1921, em Recife, Paulo Freire foi uma das maiores personalidades brasileiras e deixou um legado extremamente notável na educação e em diversos outros campos de estudo, como a filosofia, com seu trabalho teórico e prático. Sua contribuição se estendeu por todo território latino-americano e mundial.

Ao destacar a vida e legado do educador, Kohan (2019) elege três etapas importantes na vida de Paulo Freire, a saber:

[...] a primeira é aquela que se inicia com seu nascimento e que culmina quando o Programa Nacional de Alfabetização de Adultos [...] é suspenso pela ditadura instaurada no Brasil em 1964. Paulo Freire é encarcerado e deve se exilar [...]. O segundo momento ocorre justamente durante esse exílio. No Chile, assessora o Ministério da Educação e o Instituto de Capacitação e Pesquisa para a Reforma Agrária; nos Estados Unidos, dá aulas na Universidade de Harvard [...]; na Suíça, é consultor especial para educação do Conselho Mundial de Igrejas [...]. A terceira etapa começa em 1980, com seu retorno ao Brasil [...] (Kohan, 2019, p. 04).

Essa segunda etapa nos interessa bastante, pois foi durante sua passagem pelo CMI que Paulo Freire participou ativamente nas decisões e atividades do conselho. Segundo Oliveira (2019, p. 415), atuou no conselho por dez anos, “assessorando países recém-libertados politicamente no continente africano, como Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Tanzânia, Cabo Verde, Moçambique, entre outros”.

Andreola e Ribeiro (2005) afirmam que sua ida ao conselho pode ser entendida como uma decisão histórica, na medida em que o educador só permaneceu um ano em Harvard e fez questão de aceitar o convite do CMI, abrindo mão de uma carreira ilustre na universidade. Paulo Freire desejava estar perto dos mais oprimidos e era fiel aos mais necessitados, especialmente no que se refere aos preceitos educativos.

O próprio educador confessa que: “a primeira coisa que me preocupava era saber até que ponto eu ia me mover bem num contexto diferente, sobretudo no contexto do trabalho, que era uma casa de fé, uma casa ecumênica [...]” (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 111).

[...] o CMI lhe possibilitou realmente ser professor em todas as esquinas do mundo. [...] Deu-lhe [...] condições as mais favoráveis para que, a partir do CMI, pudesse desenvolver, pessoalmente ou em conjunto com a equipe do IDAC uma ação ampla e muito variada em numerosos países de todos os continentes (Andreola; Ribeiro, 2005, p. 110).

Dessa maneira, verifica-se o quanto a ação do educador brasileiro foi pontual para que o conselho atuasse junto aos países da África. Ajudou a resgatar os oprimidos e mais necessitados, tendo agido de forma humanizada para participar das questões mundiais e ser agente de transformação nessas questões. É verdadeiro quando Oliveira (2019, p. 428) afirma que, junto ao CMI, Paulo Freire concedeu um verdadeiro testemunho de amor pelo mundo, visto que, ao ir ao encontro dos oprimidos, o educador demonstrou um “[...] gesto concreto de amor [...] em comprometer-se com sua libertação”.

Adotamos aqui o conceito de Educação Popular formulado por Conceição Paludo no Dicionário Paulo Freire:

Em síntese, para Freire, a expressão Educação Popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação Libertadora, que é, ao mesmo tempo, gnoseológica, política, ética e estética (Streck; Redin; Zitkoski, 2018, verbete Educação Popular).

Paulo Freire também defende uma abordagem de educação libertadora, que permite aos estudantes assumirem um papel ativo em seu próprio processo educacional e desenvolver habilidades críticas de pensamento e resolução de problemas. Essa abordagem se contrapunha à educação tradicional que, muitas vezes, era vista como uma forma de controle social e reprodução das desigualdades existentes.

Como já nos referimos na introdução deste trabalho, a Educação Popular é fruto da efervescência dos anos 1960, especialmente do Movimento de Cultura Popular (MCP). Criado em 1960, na gestão do Prefeito Miguel Arraes, originalmente como um plano de extensão da formação escolar para crianças e adolescentes carentes da cidade. Paulo Freire foi um dos fundadores do MCP.

O movimento defendia a ideia de que a cultura popular deveria ser considerada um instrumento de transformação social, capaz de despertar a consciência política e promover a mobilização popular. Assim, o MCP buscava aproximar a cultura das classes populares,

levando arte, música, teatro, dança, literatura e outras formas de expressão para espaços públicos, como praças, escolas, sindicatos e comunidades.

Dentre as principais atividades desenvolvidas pelo MCP, destacam-se os festivais de música popular, as oficinas de arte e expressão cultural, as apresentações teatrais, as aulas públicas, os debates políticos e os projetos de alfabetização. O movimento tinha uma abordagem democrática e participativa, estimulando a criação coletiva e o engajamento das pessoas nas atividades propostas.

Germano Coelho defende que o método Paulo Freire nasceu no Movimento de Cultura Popular (MCP). Em artigo que faz parte da coletânea Paulo Freire, Educação e Transformação Social, organizado por Paulo Rosas e publicado pela UFPE, essa afirmação é um dos subitens de seu texto e pode ser encontrada a partir da página 59.

Apesar de ter tido uma atuação marcante durante os anos 1960 e 1970, o MCP enfrentou a repressão e a censura do regime militar, o que acabou enfraquecendo suas ações. No entanto, sua influência se fez presente em movimentos culturais posteriores, sendo considerado um marco na valorização da cultura popular e na busca por uma sociedade mais justa e inclusiva.

O Movimento de Cultura Popular, que teve início nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil, buscava promover a conscientização política e social das camadas mais marginalizadas da população, especialmente nas áreas rurais. Esse movimento envolve a utilização de métodos educacionais informais, como círculos de cultura, para discutir questões sociais, políticas e econômicas com as pessoas comuns.

A Pedagogia do Oprimido foi desenvolvida com base na ideia de que a educação deveria capacitar as pessoas a compreenderem criticamente sua realidade, questionarem a opressão e trabalharem coletivamente para criarem uma sociedade mais justa. Em outras palavras, ver a realidade sem véus e sem alienações, fazer uma análise crítica e buscar transformá-la.

Portanto, o propósito da Educação Popular é incitar a habilidade de formular questionamentos, provocar a indignação e a curiosidade, e fomentar o conflito no processo de ensinar e aprender, com o instinto de explorar e experimentar possibilidades. Em oposição às narrativas que justificam a desigualdade e o sofrimento como inalteráveis, a Educação Popular adota o sofrimento como um material de conhecimento que liberta, pois a realidade não é vista como inalterável.

Por essa razão, na Educação Popular, a alfabetização transcende a mera habilidade instrumental de ler e escrever. Ela envolve aprender a decifrar o mundo, compreender as

dinâmicas sociais e interpretar o contexto em que se vive. Ao ler o mundo, também se lê a própria identidade, desvelando as forças que alimentam a opressão, a violência e a submissão.

Além disso, é importante destacar que a Educação Popular tem uma dimensão histórica e que mudanças no cenário de poder na América Latina têm se oposto constantemente às práticas e interpretações críticas da realidade. As iniciativas de Educação Popular e as lutas populares continuam a enfrentar a resistência por parte das políticas das elites na América Latina, que buscam restringir as formas de participação e impedir o aprofundamento da democracia.

Assim, as perguntas e os estranhamentos desempenham um papel vital na Educação Popular, pois são as chaves que desbloqueiam as portas dos “inéditos viáveis” e das “soluções praticáveis despercebidas”.

O conceito de “inédito viável” na obra de Paulo Freire, como entende Nita Freire, no *Verbetes* sobre esse nome, no *Dicionário Paulo Freire*, refere-se à capacidade de identificar e buscar soluções criativas e transformadoras para superar as “situações-limite” e as condições de opressão na sociedade. Essa expressão representa a ideia de que, mesmo diante de desafios aparentemente insuperáveis, as pessoas podem encontrar caminhos inovadores e viáveis para a mudança. O “inédito” simboliza o novo e o desconhecido, enquanto o “viável” sugere que essas mudanças são possíveis e realizáveis, por meio da ação consciente e da reflexão crítica. Portanto, o “inédito viável” é uma palavra-ação que expressa a esperança, a transformação e a busca por uma sociedade mais justa e democrática, e está intrinsecamente ligada à ideia de educação como instrumento de libertação e humanização.

Pelo exposto facilmente se verifica uma comunhão de ideais e de forma de trabalhar entre o método ver-julgar-agir e a Educação Popular. O padre e professor Luís Sartorel, que atua na articulação e coordenação do CEBI, em Fortaleza/CE, e tem participação em programas do CEBI no âmbito nacional desde 1992, resume de forma brilhante o que entende por Educação Popular:

Por Educação Popular, entendo todo tipo de trabalho feito com o povo que tem como elementos:

- Uma metodologia participativa para construir um saber conjunto, partindo da real situação, mentalidade e cultura de um povo, favorecendo os passos para dialogar e crescer, aprendendo em recíproca contribuição;
- O objetivo bem claro de conscientização, isto é, da formação de uma consciência crítica em vista da transformação do mundo;
- O favorecimento de ações coletivas para eliminar o individualismo e contribuir para o crescimento da coletividade;
- É importante não esquecer que na Educação Popular e, portanto, nas coisas com ela relacionadas, temos de reconstruir a relação SABER-PODER de

forma que o autoritarismo desapareça e deixe lugar para a verdadeira autoridade, que é sempre serviço.<sup>36</sup>

Nessa definição encontramos temas afeitos a nossa Tese. Alguns já foram ventilados e outros serão trabalhados na sequência.

### 3.2.3 Relações com a Teologia da Libertação

A Teologia da Libertação e a Educação Popular estão intimamente relacionadas, pois ambas têm como objetivo a transformação social e a promoção da justiça. A Teologia da Libertação é uma corrente teológica que surgiu na América Latina, na década de 1960, e que busca uma interpretação da fé cristã a partir da realidade das classes populares e da luta por sua libertação. A Educação Popular, por sua vez, é uma abordagem educacional que tem como foco a formação crítica e reflexiva dos sujeitos populares, para que possam se empoderar e transformar a realidade em que vivem.

A Teologia da Libertação defende que um cristão de fé deve estar a serviço da justiça e da libertação dos oprimidos. Nesse sentido, a Educação Popular é uma ferramenta importante para conscientizar as pessoas sobre a realidade em que vivem e para que possam se organizar e lutar por seus direitos. A Educação Popular busca promover a participação popular na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Assim, a Teologia da Libertação e a Educação Popular se complementam na busca por uma transformação social que promove a admiração e a igualdade entre todas as pessoas. Ambos têm como objetivo principal a libertação dos oprimidos e a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Na segunda parte do seu livro sobre o método ver, julgar e agir, Agenor Brighenti explicita a forma como a Teologia da Libertação assumiu essa metodologia e a transformou, ou atualizou, ao introduzir ferramentas de análises sociológicas da realidade. Vejamos os seguintes trechos:

Como resposta realista e ousada, tanto a Ação Católica como a Teologia da Libertação se propõem a ler a globalidade da mensagem revelada a partir de uma perspectiva particular. Na Ação Católica é a situação dos jovens operários que com anda a reflexão, tanto no momento do ver, como do julgar e do agir. Na Teologia da Libertação tudo é visto e proposto na ótica dos pobres; porquanto a libertação não é um tema, mas uma ótica a partir da qual se relê a globalidade da revelação, em estreita relação com as questões postas por um

---

<sup>36</sup> Essa definição está afixada num quadro na parede da sede do CEBI do Ceará em Fortaleza fotografei e transcrevi para esse trabalho. Segundo apurei, o conceito foi proclamado por Luís num encontro de formação local e, pela sua relevância, guardado e divulgado

contexto de injustiça institucionalizada e exclusão (Brighenti, 2022, p. 233-234).

A racionalidade moderna, mais especificamente a segunda ilustração, horizonte no qual se situam a chamada “sociologia crítica” latino-americana e o “método Paulo Freire”, que muito influenciaram a Teologia da Libertação, rompeu com a inocência de três pressupostos básicos: que o observador ou investigador (sujeito) e a vida social observada (objeto) constituem realidades separadas e distintas; que o investigador chega a um verdadeiro conhecimento do objeto na medida em que consegue se distanciar de seus próprios pontos de vista pessoais, fazendo, assim, uma leitura “objetiva” da realidade e tirando dos dados recolhidos conclusões “científicas”, em virtude de procedimentos puramente formais e analíticos; e que esse tipo de ciência social não constituiria uma ação política, pois seria independente do ponto de vista do investigador e isenta de favorecer uma determinada tendência ideológica na sociedade (Brighenti, 2022, p. 241).

Missão da teologia – ciência a serviço da compreensão e da prática da fé no seio das comunidades eclesiais, inseridas profeticamente na sociedade (Brighenti, 2022, p. 244).

Em resumo, os trechos retrotranscritos destacam o compromisso da Teologia da Libertação em relacionar a fé cristã com as questões sociais concretas, adotando uma perspectiva particular, centrada nos pobres, e influenciada pela sociologia crítica e pelo pensamento de Paulo Freire. Isso demonstra uma abordagem ativa e engajada da fé, que busca a transformação social em busca da justiça.

Não se trata de uma reflexão de gabinete, mas de um olhar que nasce da solidariedade com os excluídos e espoliados. Não é uma reflexão de letrados e de acadêmicos, mas uma corrente de espiritualidade que o sociólogo Michael Löwy denomina Cristianismo da Libertação. Essa corrente surgiu na América Latina, na década de 1960, em um contexto de crescente mobilização social e luta por direitos civis e políticos, em meio a uma realidade de pobreza e desigualdade social acentuada na região.

Os cristãos da libertação acreditam que a mensagem de Jesus Cristo é essencialmente uma mensagem de libertação, e que, portanto, o Evangelho deve ser interpretado à luz da luta contra a opressão, a exploração e a exclusão sociais. Essa corrente teológica enfatiza a importância da ação política e social para a transformação da realidade, bem como o compromisso com os pobres e marginalizados.

De acordo com Löwy, o Cristianismo da Libertação é uma expressão do cristianismo progressista, que se opõe ao conservadorismo e ao fundamentalismo religioso. Embora criticada e combatida pelos conservadores, essa forma de vivência da fé cristã resiste e atua e ainda realiza movimentos como romarias da terra, encontros de comunidade eclesiais de base e grito dos excluídos, além disso é alimentada por uma espiritualidade própria.

Destacamos também que um dos fundamentos da TdL é a Leitura Bíblica, como nos recordam Solange Maria do Carmo e Francisco Cornélio Freire Rodrigues no artigo “Teologia da Libertação: um sopro do Espírito na América Latina”, que compõe a coletânea celebrativa dos 50 anos da Teologia da Libertação:

Resumindo, a TdL sempre se fundou na Escritura Sagrada. E não poderia ser diferente. Pois “a Sagrada Escritura é a alma da teologia”. E a neoescolástica, não se fundamentava na Sagrada Escritura? Sim, mas fazia teologia bíblica a partir do dogma. A Escritura tinha utilidade prática na defesa dos ensinamentos da Igreja. Pinçavam-se versículos bíblicos para justificar as afirmações dogmáticas que sustentavam o edifício teológico que a Igreja erigiu. Primeiro se afirma o dogma; depois se vai aos relatos bíblicos buscar elementos que lhe dê credibilidade.

A TdL, no entanto, fez diferente, com já vinha fazendo o movimento teológico em torno do Vaticano II. Primeiro, ousou ler os relatos bíblicos, sem medo de heresias, deixando-os falar sem receios e restrições. Depois, mostrou que esses textos alimentam a fé da Igreja. A novidade da TdL foi que a Nova Teologia buscava razões teóricas como já dissemos acima; já a TdL viu na Escritura Sagrada razões práticas para crer, esperar e amar. Viu no pobre de Nazaré, oprimido e maltratado, a razão para proclamar a libertação dos pobres (Carmo; Rodrigues, 2022, p. 196).

Como se trata de uma experiência religiosa cristã, a Teologia da Libertação, apesar dos limites que lhes são inerentes, como em qualquer outra teologia, representa uma tentativa de expressar uma mensagem sobre o Deus de Jesus no contexto contemporâneo. No entanto, esta mensagem não aspira apenas a ser um conceito teórico, mas busca ser uma palavra ativa e eficaz, semelhante à própria palavra de Deus.

### 3.3 CONSCIENTIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA CRÍTICA

Neste item adentramos em um conceito fundamental para nossa Tese. Consciência Crítica e Conscientização são dois termos com significado aproximado, mas não são iguais. O primeiro é muito trabalhado pelo Cristianismo da Libertação, para o qual, ter consciência é uma necessidade para o cristão comprometido. O segundo é um conceito fundamental de Paulo Freire e que evoluiu ao longo de sua obra.

Ambos são vistos como fundamentais no processo de formação de pessoas livres e comprometidas com a transformação social, tanto agentes de pastoral como educadores que precisam ter discernimento e fugir da alienação ao olhar para a realidade.

Por essa razão, mesmo de modo sintético, buscaremos destacar seus conceitos e seu alcance.

O termo “conscientização” foi introduzido por Freire em seus trabalhos com grupos de jovens e adultos na zona rural de Pernambuco, Brasil. Para Freire, a alfabetização vai muito

além do simples ato de aprender a ler e escrever ou considerar de palavras. É um processo profundo em que a pessoa deixa de apenas existir para ser. Significa aprender a escrever sua própria vida, tornando-se autor e testemunha de sua própria história. Deixemos que o próprio autor se pronuncie:

Ao ouvir, pela primeira vez, a palavra conscientização, percebi imediatamente a profundidade de seu significado, porque estou absolutamente convencido de que a educação como prática da liberdade é um ato de conhecimento, uma aproximação crítica da realidade [...]. No nível espontâneo, o homem, ao aproximar-se da realidade, faz simplesmente a experiência da realidade na qual está e procura. Está tomada de consciência não é ainda a conscientização, porque esta consiste no desenvolvimento crítico da tomada de consciência (Freire, 1979, p. 65).

Se a tomada de consciência, ultrapassando a mera apreensão da presença do fato, o coloca, de forma crítica, num sistema de relações, dentro da totalidade em que se deu, é que, superando-se a si mesma, aprofundando-se, se tornou conscientização. Este esforço da tomada de consciência em superar-se a alcançar o nível da conscientização, que exige sempre a inserção crítica de alguém na realidade que se lhe começa a desvelar, não pode ser, repitamos, de caráter individual, mas sim social. Basta que se saiba que a conscientização não se verifica em seres abstratos e no ar, mas nos homens concretos e em estruturas sociais, para que se compreenda que ela não pode permanecer em nível individual. Por outro lado, não será demasiado repetirmos, a conscientização, que não pode dar-se a pão ser na práxis concreta, nunca numa práxis que se reduzisse à mera atividade da consciência, jamais é neutra. Como neutra, igualmente, jamais pode ser a educação (Freire, 1979, p. 77).

Ele articula quatro momentos interdependentes: primeiro, a capacidade de ler o mundo com um olhar crítico; em seguida, o compartilhamento do conhecimento adquirido por meio do diálogo, produção e instruções do saber; por fim, a libertação e a conscientização, que representam a educação para a “prática da liberdade”. Para Freire, a conscientização se materializa quando a consciência ingênua ou dominada é superada por meio de um processo cuidadoso e respeitoso de investigação temática, que conduz à compreensão profunda da realidade. Um caminho de passagem da consciência ingênua para a consciência crítica

A compreensão desse conceito evoluiu ao longo da obra de Paulo Freire que o entende como um processo permanente que deve incluir uma consciência política e de classe social e uma consciência das múltiplas subjetividades presentes nos processos formativos/pedagógicos. Uma formação asséptica e sem compromisso político é irreal e perigosa pois torna a pessoa prisioneira das ideologias. Como herdeiro do Cristianismo da Libertação, do qual herdou o humanismo, Paulo entende que pensar a prática é a melhor maneira de pensar corretamente.

Consciência crítica é a habilidade de avaliar informações de forma objetiva e criteriosa, a fim de desenvolver uma compreensão mais profunda sobre um determinado assunto. Isso

inclui a capacidade de questionar pedidos, identificar falácias lógicas, reconhecer e avaliar aspectos relevantes e considerar pontos de vista múltiplos antes de chegar a uma conclusão.

Ter consciência crítica também significa ser capaz de reconhecer e avaliar o impacto de fatores sociais, culturais e políticos em nossas crenças e opiniões, e como esses fatores podem afetar nossa capacidade de pensar de forma objetiva e imparcial.

Nos grupos da Igreja na base, despertar a consciência crítica dos agentes de pastoral era um dos objetivos do processo formativo. Mais que um conteúdo a ser trabalhado, era vista como uma necessidade fundamental para combater a alienação.

Uma obra significativa é a trilogia *Formação da Consciência Crítica*, do teólogo João Batista Libânio, publicada pela Editora Vozes, nos anos de 1979 a 1981. Trata-se de um conjunto de livros pequenos nos quais o autor auxilia o leitor a percorrer o caminho que o leva a ultrapassar a consciência ingênua ou alienada. Apresenta os clássicos três momentos da evolução da consciência: do objeto, do sujeito, social. Ele mesmo explicita os objetivos da obra<sup>37</sup>:

A consciência crítica não é uma estrutura abstrata, nem uma entidade teórica. Ela é o momento teórico de uma prática crítica. Para que tal momento exista importa que se elaborem elementos teóricos capazes de construir a inteligência da prática. Nessa linha, pensamos elaborar três tipos de subsídios: filosóficos-culturais, sócio estruturais e psicopedagógicos (Libânio, 1978, p. 16).

Além de apresentar o texto para uso das instâncias de formação, Libânio também ministrou cursos sobre o tema em diversos países da América Latina, atuando conjuntamente com a Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos/as (CLAR). Para o autor:

É de fato evidente que o mundo moderno se encontra profundamente ideologizado. As nossas análises, os nossos juízos, os nossos projetos necessariamente sofrem impactos das ideologias em curso. E, muitas vezes, defendemo-nos por detrás do evangelho, querendo escapar a tal influxo ideológico. Acabamos sucumbindo de modo pior a ele. Já que nem sequer o percebemos. Diante de tal fato, só nos resta uma possibilidade: procurar tomar consciência das influências ideológicas e assumir posição crítica diante delas (Libânio, 1980, p. 23).

Em outras palavras, a formação da consciência crítica dos participantes pode ser vista como educação e conscientização sobre as questões sociais e políticas que afetam as comunidades de fé. Isso envolve uma análise crítica das estruturas sociais, econômicas e

---

<sup>37</sup> Na internet o canal do YouTube do professor Edward Guimarães compartilha uma série de seis vídeos que contemplam curso FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA ministrado pelo próprio autor da trilogia, o teólogo Pe. João Batista Libânio. Disponível em: <https://youtu.be/t3u0K-AUmJo?si=8p1WTbd-ySq95ZH3>. Acesso em: 15 jul. 2023.

políticas que perpetuavam a injustiça e a desigualdade, além de incentivos à participação ativa na busca por mudanças sociais e políticas.

Portanto, as pastorais progressistas da década de sessenta tinham um forte foco na formação da consciência crítica como parte de seu compromisso com a justiça social e a transformação social.

Um exemplo de como era feito o trabalho de conscientização nos grupos de base é o livro “*O Senso Crítico e o Método Ver, Julgar e Agir para Pequenos Grupos de Base*”, do Padre Jorge Boran, editado pela Vozes, em 1977. Se trata de um manual no qual o sacerdote, da Congregação dos Padres do Espírito Santo, fundador e presidente do CCJ - Centro de Capacitação da Juventude, demonstra, de forma prática, como acompanhar grupos de base que busquem desenvolver uma visão de mundo mais atenta a realidade e um agir transformador.

Em suma, uma boa análise de conjuntura no processo educativo contribui para a educação se tornar mais significativa, engajadora e voltada para a transformação social. Ela permite que os estudantes compreendam melhor o mundo ao seu redor, desenvolvam habilidades críticas e se tornem agentes de mudança em suas comunidades.

### 3.4 A LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

Carlos Mesters (Jacobus Gerardus Hubertus Mesters) nasceu na Holanda em 20/10/1931, no pequeno cidade de Bunde, na província de Limburg, de tradição Católica, quinto filho de uma família de sete irmãos. Viveu sua infância no campo. Chegou no Brasil com 17 anos, no dia 20 de janeiro, juntamente com seu amigo Vital Wilderink, para exercer atividade missionária. Concluiu o curso de Humanidades no Convento do Carmo da Rua Martiniano de Carvalho e em janeiro de 1951, recebeu o hábito carmelita e o nome de Frei Carlos. Para continuar a formação teológica, a Ordem enviou-o para Roma, onde foi ordenado sacerdote em 1957. Continuou seus estudos de teologia na Universidade Dominicana (Angelicum) e as ciências bíblicas no Pontifício Instituto Bíblico de Roma. Depois de mais dois anos de estudos na École Biblique de Jerusalém, fez exame licenciatura em ciências bíblicas perante a Pontifícia Comissão Bíblico em 1962 e doutorou-se em 1963, no Angelicum, com uma tese sobre: “O tema do Êxodo na composição do Apocalipse, obtendo o grau de doutor em Teologia.

Retornando ao Brasil em 1963 exerceu várias atividades. Primeiro, foi nomeado professor no curso teológico dos Carmelitas em São Paulo com uma rápida passagem no Colégio Internacional Santo Alberto em Roma (em 1967). Em 1968 foi morar em Belo

Horizonte, no Convento do Carmo e lecionar no Instituto de Teologia e Filosofia da Universidade Católica de Belo Horizonte.

Em 1969 e 1970, teve contatos com comunidades pobres do Nordeste, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Durante anos visitou regularmente Crateús, no Ceará, a convite de D Antônio Fragoso, sendo que em 1975 passou seis meses nessa região.

Sobre esse período da vida de Frei Carlos, seu confrade, o Frei Carmelita Gilvander Moreira dá o seguinte testemunho:

Após fazer mestrado e doutorado em Ciências Bíblicas, Frei Carlos Mesters foi conviver com o povo nordestino empobrecido no sertão do Ceará, na Diocese de Crateús. Dia 22 de janeiro de 1971, Frei Carlos escreveu: “Diante da vida do povo sofrido, a gente não fala; só sabe calar. Esquece as ideias do povo sabido, fica humilde e começa a pensar”. E pensando, Frei Carlos começou a escrever com o olho na Bíblia e outro na vida dos pobres, com o coração na realidade de injustiça que se abate sobre o povo (Moreira, 2021, online).

Participou ativamente do surgimento de diferentes movimentos de base dos quais emergiram gradualmente comunidades de base. Este desenvolvimento foi corroborado pela renovação da Igreja Católica com o Concílio Vaticano II (1962-1965) e a segunda reunião plenária do Episcopado Latino-Americano em Medellín (1968). Também a situação política do país Brasil teve grande influência nas comunidades base. Após uma breve fase de reforma política e uma crescente politização e mobilização da população, a

Os militares tomaram o poder em 1964 através de um golpe de Estado. Iniciou-se uma política de repressão aos movimentos de oposição, que atingiu o seu auge em 1968. Belo Horizonte, onde Frei Carlos morava desde 1968, foi um dos centros do movimento estudantil e da resistência acadêmico contra a ditadura militar.

Em um encontro de camponeses que durou vários dias, teve uma experiência chave: o que os camponeses contaram sobre suas experiências da fome e da opressão despertou nele a memória de textos bíblicos que ele pesquisou detalhadamente durante seu estudo, especialmente os primeiros capítulos de Gênesis. A Participação na experiência de vida dos agricultores abriu-lhe dimensões do sentido dos textos que antes ele não percebia. Por sua vez, os textos bíblicos assim entendidos de uma maneira nova o ajudaram a ler, à luz da fé cristão, a difícil situação da população pobre e a entender que estes, na sua experiência de vida, tinham um papel fundamental para a compreensão da Bíblia e que, por sua vez, a Bíblia poderia ser uma chave para descobrir a ação de Deus em suas vidas. Além se referir a essa conversão em diversas entrevistas em pelo menos dois livros o Frei Carlos detalha as profundas impressões

que a partilha da vida do povo deixou em seu espírito, são eles *Seis Dias nos Porões da Humanidade* e *A Missão do Povo que Sofre*.

Decidiu colocar-se a serviço de leitura da Bíblia em comunidades de base. Era a razão de sua vida. Em 1973 ele deixou o cargo de professor para ministrar cursos bíblicos em diferentes lugares. A maior parte das suas publicações surgiram desses cursos e conferências que ministrou.

É digno de nota em particular seus trabalhos sobre o uso da Bíblia em Encontros Intereclesiais de Comunidades de Base, que desde 1975 ocorrem em intervalos irregulares. Desde 1974, um grupo de teólogos reúne-se várias vezes por ano para refletir sobre acontecimentos nas comunidades de base. Nesse grupo, ao qual pertencem os teólogos juntamente com Mesters da libertação tão conhecidos como L. Boff e Fray Betto, surgiu a ideia de fundar um centro ecumênico para corresponder à grande demanda das comunidades de base por materiais para o trabalho bíblico. Como já foi referido no resgate da história do CEBI, essas provocações foram fundamentais para o surgimento do Centro em 1979.

Mesters foi diretor do CEBI desde a sua fundação até o ano de 1990. Junto com numerosos textos compostos para o CEBI, Mesters também fez muitos diversos materiais publicados pelo Serviço de Animação Bíblica para o mês bíblico celebrado anualmente em setembro em todo o país.

No ano de 1990 ganhou reconhecimento mundial por uma conferência na reunião plenária da União Luterana Mundial e na quarta reunião plenária da Federação Bíblica Católica em Bogotá. No mesmo ano, Mesters foi substituído como diretor do CEBI, mas até hoje trabalha nesse centro bíblico.

Em 2001 Mesters Foi eleito para o Conselho Geral dos Carmelitas; junto às suas diversas atividades na Ordem continua a trabalhar para o CEBI e publica regularmente novos materiais para círculos bíblicos. Na introdução já fizemos referência ao surgimento e objetivos do CEBI que, desde a sua gênese, se dispõe a ser um serviço a Leitura Popular da Bíblia. Nessa parte da Tese é importante esclarecer qual o método aplicado pelo CEBI no diálogo e acompanhamento dos grupos de base.

A Leitura Popular da Bíblia tem por objetivo captar a mensagem da Palavra de Deus para nossa vida hoje; nesse sentido, a metodologia ganha também uma dimensão de espiritualidade imprescindível para o tipo de conteúdo com o qual trabalha: a Bíblia. Por isso, a Leitura Popular da Bíblia não é apenas um método, mas um jeito, uma atitude e uma prática que conduzem a um estudo dentro de uma espiritualidade libertadora.

O método de Leitura Popular da Bíblia, proposto por Carlos Mesters e aplicado pelo CEBI, sistematiza essas experiências e pode ser resumido no chamado triângulo hermenêutico, representado na figura seguinte.

Figura 1: Triângulo hermenêutico.



Fonte: [www.cebi.org.br](http://www.cebi.org.br). Acesso em: 22 jul. 2023.

Nos três ângulos, temos: realidade, texto/Bíblia e comunidade. A figura é um triângulo, mas também poderia ser representada por um círculo ou uma espiral, pois inexiste uma definição rígida acerca de por onde se deve começar. Pode ser pelo texto, pela vida da comunidade que lê ou pelos apelos da realidade na qual o grupo está inserido. A leitura nunca é feita individualmente e nem de forma alienada. A atenção ao texto exige que se evitem leituras descontextualizadas ou fundamentalistas, respeitando a época em que foi escrito, o gênero literário e o lugar social de sua elaboração. Não se trata de um processo encerrado em si, mas aberto a novas perspectivas e enfoques.

De um lado, temos a leitura crítica da realidade e da vida comunitária dos participantes. Por outro lado, temos o exercício de ler a Bíblia de maneira contextualizada, indo além da simples letra e buscando entender cada livro em seu contexto de construção, em que época foi escrito, em que contexto histórico, quais personagens aparecem e quais são suas principais características. Além disso, é fundamental compreender qual significado o texto tinha para a época em que foi produzido e que relevância ele tem para nós nos dias de hoje, após uma atualização adequada. O terceiro ponto do “triângulo hermenêutico” envolve a prática da leitura bíblica dentro da dinâmica da comunidade reunida.

Partir da realidade concreta é essencial, fazendo uma leitura crítica dessa realidade, muitas vezes com a orientação de pessoas mais capacitadas nesse campo. É importante evitar que alguém tenha o monopólio da interpretação, pois a interpretação deve ser compartilhada

entre os participantes, leitores e leitoras da Bíblia, à medida que o Espírito Santo inspira cada um deles. É fundamental começar com uma análise crítica da realidade, o que Paulo Freire chamava de “leitura de mundo”, como primeiro passo preparatório para uma imersão na Palavra de Deus contida na Bíblia.

A Bíblia deve ser vista como um espelho, refletindo a inspiração do Espírito contido naquele texto, iluminando os caminhos da história das comunidades. Após essa leitura orante da Bíblia, considerada como um instrumento de revelação de Deus, da vida e da história, é importante continuar ouvindo o que o Espírito Santo tem a dizer nos dias de hoje para as diversas comunidades e o povo de Deus. A atenção deve retornar constantemente ao contexto de vida daquela comunidade.

Um aspecto essencial é a primazia que deve ser dada a escuta do outro silenciado, de modo particular nos Círculos Bíblicos, congregando pequenos grupos ao redor da Palavra que ilumina o cotidiano da vida e convoca para transformar a realidade.

Em cada encontro, a partir da leitura de um texto bíblico previamente escolhido, os participantes partilham suas impressões sobre o texto e como ele se liga a sua vida cotidiana e as questões do dia a dia da comunidade. Fazem uma releitura dos acontecimentos à luz da Palavra de Deus, ligando a vida dos participantes aos ensinamentos evangélicos de forma simples e despretensiosa. Não raro, brotam dos grupos, gestos concretos de solidariedade e ações sociais e de cidadania.

Toda a estrutura, formação e organização do CEBI deve estar a serviço dos grupos populares, sejam pertencentes as Igrejas ou outros grupos sociais. O relatório do Conselho Nacional do CEBI, no ano de 2021, recorda esse objetivo fundamental da instituição, como transcrito:

Ao falar da Leitura Popular da Bíblia, precisamos nos lembrar de que, sendo este um método de Educação Popular, o olhar crítico e o viés sociopolítico deveriam estar sempre subentendidos. Todavia, é comum encontrarmos grupos que confundem Leitura Popular com uma “boa” exegese. Há excelentes exegetas da libertação, militantes inclusive. Entretanto, seus discursos e produção não se identificam necessariamente com a LPB. Esta, aliás, muitas vezes é melhor feita por pessoas leigas em exegese, pois ela tem mais a ver com a práxis e os processos (exigência do método) do que com precisões conceituais e teóricas. O discurso acadêmico tradicional não tem obrigação de dialogar com a realidade concreta de quem pisa o chão das comunidades (religiosas ou territoriais), lugar privilegiado dos encontros e formações do CEBI. Mas a Educação Popular – retomando Paulo Freire – é um ato político.

Não podemos deixar de lado as questões que nos levam à transformação política, social, do bem comum, da ecologia e do meio ambiente. Não podemos ignorar o contexto em que vivemos. Desde o nosso lugar de fala, é

imperativo adotarmos, de fato, uma postura e uma prática politizadas no processo de formação dos grupos, núcleos ou círculos bíblicos.<sup>38</sup>

Carlos Mesters também faz um alerta sobre a impossibilidade de separar Bíblia e Vida: “Não podemos alienar a Bíblia da vida do povo, escondendo-nos atrás de uma pretensa preocupação com a fé e com a ciência exegética. Afinal, se a Bíblia ainda tem valor e mensagem, só pode ser para nós que vivemos hoje esta nossa vida, pois não há outros para receberem, viverem e transmitirem a mensagem” (2012, p. 21).

Em resumo, a metodologia de leitura popular da Bíblia proposta por Carlos Mesters, é um valioso tópico de estudo em Ciências da Religião, pois aborda como as crenças religiosas podem interagir com as realidades sociais e como as religiosas interpretadas podem influenciar as dinâmicas culturais e sociais.

---

<sup>38</sup> Disponível em: <https://cebi.org.br/relatorios-anuais/>. Acesso em: 02 ago. 2023.

## 4 A PARTICIPAÇÃO NO CEBI E O SEU SIGNIFICADO NA VIDA DAS PESSOAS

Neste quarto capítulo queremos resgatar o impacto da participação no CEBI da experiência da LPB na vida das pessoas que fizeram parte dessa história. Como já delimitado na introdução e no título do trabalho o recorte feito são as décadas de 80 e 0 do século XX na Diocese de Mossoró na ICAR. Iniciamos esclarecendo qual a metodologia usada na análise dos depoimentos e depois passamos a decorrer e analisar os depoimentos a partir de categorias previamente escolhidas

### 4.1 O TRABALHO COM DEPOIMENTOS ORAIS

O campo de estudos dos cursos de Ciências da Religião abrange uma ampla gama de tópicos relacionados à religião, práticas religiosas e seu impacto na sociedade, cultura e história. Os cursos de Ciências da Religião geralmente buscam uma abordagem interdisciplinar, combinando elementos de antropologia, sociologia, psicologia, história, filosofia e estudos religiosos comparativos para examinar as várias dimensões das religiões e espiritualidades.

Na nossa pesquisa defendemos que as experiências vivenciadas nos ambientes religiosos podem servir como uma prática de educação para a consciência crítica, como na experiência do CEBI, em Mossoró. Para verificar essa hipótese observamos não apenas dados históricos e teóricos, mas também a experiência vivida pelas pessoas.

Isso porque a religião é construída pelos que a ela aderem e não apenas pelas instituições, como nos recorda Portella (2011):

[...] o bom historiador do tempo presente não pode se furtar a concentrar, e muito, talvez prioritariamente, sua investigação e pesquisa nos produtores não institucionais da fé/religião. É a partir dos vivenciadores da religião que se deve, prioritariamente, escrever a história e interpretá-la. [...] Não que as fontes normativas e institucionais não devam ser acionadas. Isto seria inconcebível. Mas, mais inconcebível, e inocente talvez, seja o historiar a atualidade sem colher as fontes da boca e da vida do povo em sua religião. Quem quer entender religião, ontem ou hoje, precisa olhar mais as pessoas – seus discursos e, principalmente, suas atitudes – que os documentos oficiais e normativos. [...] Religião, mais que a doutrina, é o que o povo faz dela (Portella, 2011, p. 496).

Como já fizemos referência na introdução, a escolha das pessoas ouvidas na pesquisa partiu do exame dos relatórios dos encontros do CEBI Mossoró e privilegiou aqueles e aquelas que participaram mais ativamente de uma atividade duradoura como uma escola bíblica em várias etapas e que, depois disso, mantiveram contato com o CEBI e/ou com a proposta da LPB.

Assim, abordamos não apenas os discursos, mas as atitudes e caminhos que tomaram na vida e como elas foram influenciadas pela experiência religiosa.

A metodologia foi inicialmente usada pelos pesquisadores em história, mas hoje foi apropriada por diversas ciências sociais. No campo das ciências da religião permite conhecer a experiência religiosa dos sujeitos. Sabemos que o relato nunca é totalmente puro ou “fiel” aos fatos pois apela para a memória de quem fala. A memória é seletiva, composta de fragmentos das experiências vividas e que deixaram suas marcas. Os acontecimentos recordados passam pelo filtro da emoção, e constituem uma interpretação do passado feita a partir da realidade presente. Como diz o professor Muniz, “a recordação é, pois, um trabalho de reorganização de fragmentos, reunião de pedaços de pessoas e coisas, pedaços da própria pessoa que boiam no passado confuso e articulação de tudo criando com ele um mundo novo”.<sup>39</sup>

Fizemos uma entrevista semiestruturada com três questões abertas: 1. Conte um pouco sobre a sua experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró; 2. Essa experiência influenciou na sua vida, na sua militância e nas suas escolhas? Como? 3. Qual a sua ligação com o trabalho comunitário e com a fé, nos dias atuais? Foram escolhidas Irmã Iraci Lino, Irmã Eliane, Irmã Lucia Silva, Ana Jacira, Socorro Holanda, Socorro Oliveira, Gorete Duarte, Irapirema, Linda, Idaisa, Dilma Moraes, Francineide e Eleni. Os homens foram cinco: José Edson, Raimundo Canuto, Reginaldo, Antônio Sales Neto e Sebastião Armando, este participava do CEBI Regional e Nacional e sempre ajudou na formação e acompanhamento das atividades de Mossoró e do Rio Grande do Norte.

Algumas das pessoas entrevistadas optaram por responder por escrito, nessas os entrevistados se limitaram a responder as perguntas feitas. Nas entrevistas pessoais, seja online ou presenciais a conversa rendia, pois uma fala ou uma referência evocava várias lembranças e suscitava novos questionamentos, como nas conversas com Socorro Oliveira, Raimundo Canuto, José Edson e Francineide e na reunião com os representantes da cidade de Governador Dix-Sept Rosado. O link para acesso as entrevistas orais, já foi disponibilizado para consulta nesse trabalho e em anexo a este texto, colocamos a transcrição das falas. Neste capítulo fazemos uma primeira interpretação.

Interpretar é buscar o sentido do que é observado, seja um texto, um fato ou uma experiência. Interpretação para ser fiel não pode levar em conta apenas o fenômeno de forma isolada, mas compreender o contexto em que ela ocorre e quais as pessoas ou grupos

---

<sup>39</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Violar memórias e gestar a história: abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil, ISSN: 01026003, 1994.

envolvidos. Por fim, quem interpreta jamais está totalmente isento pois vê o mundo com os olhos da sua cultura e das suas experiências de vida. “onde pisam os pés, a cabeça pensa e o coração ama”<sup>40</sup>.

Na interpretação dos dados obtidos com a pesquisa de campo, procuramos agrupar os depoimentos em categorias observando os temas que mais se repetem, identificando padrões, temas e significados subjacentes. As categorias encontradas serão detalhadas na sequência e estão divididas em três grandes blocos: caminhos para o engajamento; influências na realidade eclesial e social e inspiração do CEBI nas opções de vida.

Neste caminho buscamos respeitar as falas das pessoas, pois cada uma tem dentro de si um mundo e uma forma de perceber a realidade. Ao se defrontar com a própria história, ou parte dela, o entrevistado passa do simples existir (fato biológico) para o ser (fato biográfico).

## 4.2 CAMINHOS PARA O ENGAJAMENTO

Usamos o termo “engajamento” para referirmo-nos à participação ativa, envolvimento ou comprometimento de uma pessoa, grupo ou comunidade com uma determinada atividade, causa, organização ou tarefa. Esta pesquisa, em particular, destaca a identificação como CEBI e sua influência e relações com outras experiências religiosas e de cidadania.

### 4.2.1 Sentir-se chamado por Deus

Quando se trata de uma experiência religiosa, a pessoa pode atribuir seu ingresso a um chamado divino, a uma vocação. Na tradição católica, da qual fazem parte a maioria dos entrevistados, a vocação muitas vezes se refere à chamada de uma pessoa para um estado de vida específico, como o sacerdócio, a vida religiosa (freira ou monge), o matrimônio ou a vida laica consagrada. Acredita-se que Deus chama cada pessoa para um propósito específico. Essa chamada pode se manifestar de várias maneiras, incluindo sentimentos internos, reflexões espirituais, experiências de oração ou mesmo eventos específicos na vida da pessoa.

No exame das falas se constata o entendimento expressado pelos entrevistados de compreender seu ingresso no CEBI como um chamado, mesmo que de forma implícita. Destacamos três pessoas que deixam clara a forma como a LPB mudou sua forma de compreender a Deus e a sua missão:

---

<sup>40</sup> Refrão cantado nos encontros de estudos bíblicos, de autoria da assessora Maria Soave.

Ah... se essa experiência influenciou a minha vida. Sim, e muito no jeito de me encontrar com Deus na oração e na vida. O texto e o contexto bíblico a realidade vivida pelo povo, a metodologia do CEBI na Leitura Popular da bíblia tudo envolve, penetra, renasce (Iraci Lino, p. 4)

Então isso ajudou a esclarecer também a minha paixão pela missão aí as missões populares, o estar constantemente em saída de encontro com aqueles lugares, aquelas pessoas que mais necessitam (Irmã Lúcia, p. 1)

... eu sou agradecido a Deus por que eu peguei esse rumo, o rumo da teologia da libertação. Eu vou colocar em cada... o rumo da teologia da libertação na Igreja, o rumo da pastoral da terra, a luta pela terra, a luta pela educação, educação libertadora, a luta por eu estar desse lado da história, por eu estar na esquerda porque a minha primeira formação foi na Igreja. Então o que fundamenta é o evangelho de Jesus Cristo (Socorro Oliveira, p. 6).

Então, assim eu sou uma pessoa privilegiada Zelinha porque participei, porque Deus me deu a oportunidade de estar desse lado e por que tive a possibilidade de viver a Igreja na paróquia de Campo Grande com Padre Pedro e na Diocese com Dom Freire que nos possibilitou inúmeras coisas da gente voar da paróquia de Campo Grande a gente voou para muitos lugares: São Paulo, o regional, a Diocese também. Então foi assim isso na minha vida foi um divisor de água (Socorro Oliveira, p. 7).

A irmã Iraci Lino que, como vimos, foi uma das pioneiras do CEBI em Mossoró, aponta mudanças até mesmo no jeito de se encontrar com Deus na oração. Ao passar a colocar os textos dentro de contexto de escrita e no contexto da comunidade que acolhe a Palavra, essas realidades impactaram na sua forma de viver a espiritualidade. Por isso afirma que a metodologia do CEBI envolve e penetra. Penetra os pensamentos e os sentimentos que estão além do alcance da “enxada da razão”, para usar uma expressão de Carlos Mesters<sup>41</sup>.

A irmã Lúcia entende que a vivência da LPB teve forte influência na sua atração pela missão. A missão abordada por ela não é apenas em sentido figurado, mas real. Neste ano de 2023 a Irmã Lúcia está vivendo a sua segunda experiência de viver e atuar na Amazônia que se encaixa perfeitamente na definição de lugar onde moram pessoas que mais necessitam. Para a freira não basta a consagração religiosa como resposta ao chamado de Deus, mas é preciso ir além do cotidiano e sair de sua área de conforto para dar testemunho de sua fé em outras realidades.

A voz que mais destaca o sentido espiritual vivido na participação do CEBI é a leiga Socorro Oliveira que despertou para as lutas dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda a partir de sua primeira formação, que se deu na Igreja. E ela deixa claro também que a Igreja da qual ela se sente parte é aquela que prega e vive a Teologia da Libertação ou, como já foi enfocado nesse trabalho, vive o cristianismo da libertação.

---

<sup>41</sup> Trecho de um depoimento gravado por Mesters para o CD “Em nome do Primeiro Amor” no ano em que comemorou 25 anos de sua criação, ou seja, em 2004.

Reforço o comentário de que, para Socorro, o seu ingresso na caminhada não é uma experiência social, mas espiritual, fundamentada no evangelho, que é visto como um chamado de Deus para a vida em abundância para todos e todas. Tanto é que ela agradece a Deus o caminho que trilhou e que a construiu como pessoa e como cristã. A paróquia de Campo Grande foi um dos centros de irradiação do CEBI, na Diocese, nas décadas de 80 e 90, a partir da iniciativa de Padre Pedro que era o vigário da época e investia na formação dos agentes de pastoral, assumida fortemente por um grupo de leigos e leigas que vestiram a camisa do CEBI e das CEBs.

Além das atividades na paróquia e em outros organismos ligados à Igreja da Base Socorro enfatiza um aspecto essencial da ação educativa libertadora que é promover o crescimento das pessoas. Sair de uma cidade do interior do sertão do Rio Grande do Norte e de uma visão provinciana da vida e da história para o mundo, partindo da realidade paroquial para a Diocese e daí para a integração com outras lutas e outras realidades. Mas as transformações pessoais, possibilitadas a partir da participação no CEBI, serão abordadas e destacadas com mais detalhes no item seguinte

#### 4.2.2 As transformações pessoais

Neste item nos deparamos com testemunhos dos processos transformadores que aconteceram na vida das pessoas que participaram ativamente das atividades do CEBI de Mossoró nos decênios abordados na pesquisa. Quase todos os entrevistados relatam e tomam consciência das mudanças ocorridas na maneira de encarar a realidade e de compreender as exigências que nascem da fé que abraçaram.

Inicialmente vamos nos deter nas reflexões partilhadas pelas religiosas ouvidas na pesquisa: Irmã Lucia Silva, Irmã Iraci Lino e Irmã Eliane. Embora pertençam a congregações diferentes é visível o impacto que a Igreja na Base teve na compreensão da vida consagrada. Todas elas viveram, duas delas ainda vivem, em comunidade inseridas nos meios populares. As duas primeiras ligadas a grupos que nasceram no Nordeste: a Fraternidade Santo Estevão e a Congregação Missionária da Sagrada Família, fundada na cidade de Uiraúna, no sertão paraibano e, a terceira da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado. Vejamos:

E o que isso ficou na minha vida o que isso influenciou primeiro me ajudou a crescer na convicção de que Deus sempre está perto do seu povo incansavelmente encontrar forma para se revelar forma para se revelar e que a verdadeira sabedoria se encontra naquele mais simples porque são eles que vivem e que sentem bem de perto o carinho e o cuidado de Deus (Irmã Lúcia, p. 1).

Então, essa experiência influenciou muito na minha clareza, meu discernimento, na minha forma de posicionar-me pelos mais fracos, pelos mais pobres e sobretudo nas minhas opções para definir o lado em que devo estar, o lado daqueles que mais precisam, o lado daqueles que são mais injustiçados, o lado daqueles que estão mais dispersos por uma questão de estar sempre de fora dentro desses sistemas muitas vezes excludentes e a perseverar porque a questão vocacional missionária ele também exige uma perseverança e nessa perseverança, todos os dias encontrando formas de responder ao chamado que se renova de estar com o povo, de estar no meio do povo, de continuar participando nessa história construindo juntos (Irmã Lúcia, p. 1).

Há uma mudança de mentalidade de jeito de rezar, a ligação fé e vida é palpável. Há tempo para escutar Deus, para discernir antes de assumir as escolhas a palavra de Deus sempre me desafiou para um agir comunitário, junto aos necessitados, principalmente nas realidades periféricas onde vivi. Levo sempre comigo no coração (João 10, 10) “haja vida e vida em abundância” a vida do jeito que Jesus deseja em abundância não é fácil em uma sociedade desigual onde a luta pela justiça e a desigualdade é gritante. Mas, lutar com a presença a união e a força transformadora de Deus será sempre a missão cristã de todos (Irmã Iraci Lino, p. 4).

Quero dizer que sem sombra de dúvida o CEBI influenciou e muito na minha vida tanto pessoal quanto nas minhas escolhas. Como também na minha militância, só o que sou hoje graças a formação que eu recebi do CEBI e isso desde as minhas origens da minha vida vocacional. Porque, a minha congregação a qual faço parte Missionária da Sagrada Família. Desde que eu entrei no primeiro ano da minha experiência na formação inicial já tínhamos formação bíblica na linha de CEBI. Porque na minha paróquia de origem, Uirauna já existia o CEBI nosso Padre lá sempre apoiou o CEBI e implantou na paróquia até hoje ainda existe CEBI há 40 anos que existe o CEBI, mais de 40 anos que o CEBI existe também na minha paróquia desde do início que o CEBI existiu, então é a formação base da minha vida religiosa consagrada a formação bíblica toda na linha do CEBI Graças a Deus que eu tive essa oportunidade, de ter essa formação tão rica, tão bela. Agradeço muito a existência do CEBI para formar a pessoa que sou hoje, uma pessoa humana, cidadã convicta da minha missão também não só como religiosa, mas como cidadão nessa linha da Leitura Popular Libertadora. Então, a formação da minha congregação até hoje, a formação bíblica é toda na linha do CEBI, nós temos muitas irmãs até hoje que fazem, onde nós moramos nas Paróquia na comunidade investimos na formação do CEBI, fazendo até assinaturas dos livros das revistas formando os ciclos bíblicos. Então, o CEBI é essencial na minha vida, posso dizer (Irmã Eliane, p. 17).

Quero dizer que o CEBI influenciou e muito na minha opção de vida, na minha escolha também pela atuação, porque eu escolho e escolhi até hoje está do lado daqueles que ninguém querem estar e é a linha CEBI, é a linha de estar inserida na opção exclusiva pelos mais pobres os excluídos os que não tem voz nem vê. É a ação do CEBI é uma vida grita, então, a minha escolha é essa como vida consagrada sobretudo e nessa dimensão do CEBI com essa Leitura Popular da Bíblia fazendo acontecer essa leitura junto aos empobrecidos pela sua autolibertação a sua promoção humana integral Libertadora (Irmã Eliane, p. 18).

Quero dizer que a ligação do CEBI com a leitura Orante e Libertadora na minha vida Comunitária, já foi colocada anteriormente e também a minha vida de fé, ela é essencial porque é a partir da leitura bíblica, dessa leitura que alimenta a minha mística, pessoal comunitária social e da forçando que ilumina toda a minha caminhada minha trajetória Comunitária social, política e cidadã. Então, ela é que realmente fortalece, essa leitura fortalecedora, motivadora, inspiradora, incentivadora é o que alimenta minha espiritualidade é a leitura Orante do CEBI nessa dimensão Popular transformadora. Então, o que me faz caminhar nessa dimensão comunitária junto ao povo na minha vida Comunitária também como a vida consagrada estão, inseridos também nas diversas realidades, nas periferias existenciais, sociais, culturais, na labuta do dia-a-dia unindo a minha fé com a luta, fé e vida, fé e militância, fé e luta não podemos separar. Então, essa Leitura Popular CEBI está muito presente nessa minha caminhada (Irmã Eliane, p. 18).

A renovação trazida pelo Concílio Vaticano II, Conferências Episcopais do continente latino americano e pela Teologia da Libertação plantaram raízes na vida religiosa consagrada, principalmente nas congregações femininas que assumiram a evangélica opção preferencial pelos pobres e pelo seu testemunho e vida no meio do povo geraram diversas comunidades. Estão na linha de frente da Igreja na Base, conforme destaca Maria José Nunes:

As alterações sofridas pela vida religiosa feminina nas décadas de 1960 e 1970 seguiram então de perto, em certo sentido, o que se passou na Igreja na mesma época. [...] A década de 70 marcou significativamente a Igreja Católica no Brasil. Politicamente, após um primeiro momento de entusiasmo com a instalação dos militares no poder, ela passou a integrar o movimento civil de resistência ao regime ditatorial militar. Por essa época, surgiu um novo pensamento teológico, que procurava fundamentar-se numa análise sociológica da realidade e era respaldado pelo patrimônio ideológico do catolicismo, com seu ideal de aproximação dos pobres. Trata-se da Teologia da Libertação. A expressão pastoral desse discurso teológico foram as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Organizadas no contexto das paróquias tradicionais, desenvolveram-se, sobretudo, nas áreas rurais e na periferia das grandes cidades, entre as camadas pobres da população (Nunes, 2012, p. 503-504).

A influência da LPB e dos círculos bíblicos na gênese das CEBs já foi destacada neste trabalho e fica explicitada nas falas retro transcritas. São tantos elementos e nuances ricos para destacar que vamos nos limitar a listar algumas convergências que se ligam ao escopo desta Tese. A participação no CEBI ajudou no discernimento da vocação e no compromisso com os mais pobres. Os estudos na linha da LPB ajudaram as irmãs a perceber a realidade desigual em que vivemos, a se indignar com ela e a assumir uma ação missionária libertadora. A LPB também é fonte de espiritualidade, de formação permanente e de esperança.

Também os leigos ouvidos na pesquisa reconhecem o caminho de aprendizado trilhado com a LPB como, por exemplo, Socorro Oliveira:

O que aprendi da leitura? Não vou nem falar dos livros em si, mas da Leitura Popular da bíblia da realidade, uma leitura que a gente precisa contextualizar, por que o contexto em que ela foi escrita é um contexto bastante diferente, escrita em outras línguas que nem existem mais. E aí é preciso pegar essa leitura e da bíblia a gente tirar o cerne aquilo que vai nos ajudar na vida, aquilo que vai nos ajudar a construir um mundo melhor, a construir novas reações construir um mundo mais humano, mais igual, isso eu não estou dizendo a gente deve adaptar a bíblia ao nosso bem querer. Não é isso. Padre Pedro dizia que a bíblia é elástica se você quiser pode puxar pro lado e não é disso que eu estou falando. Estou falando que se a gente compreende que a bíblia foi escrita contando a história de um povo e para ajudar esse povo a se libertar. Então, a bíblia hoje em 2022 também será, assim, utilizada. Utilizada, bem utilizada que é para a libertação das pessoas, a busca de um novo mundo. Então, assim a bíblia... o importante é isso como é que ela ilumina a nossa vida pro mundo melhor. Eu lembro que o Padre Pedro dizia “precisa no escuro todo mundo levar uma lâmpada, mas se algumas pessoas levarem e iluminarem”. Então, a bíblia é um farol, nos ajuda, nos ilumina, a bíblia é luz. E a bíblia cheia de parábola então a gente precisa trazê-la para a nossa realidade, como a história de um povo, nós que acreditamos que a bíblia é luz. Então, nós contamos a história do povo, a história atual com a luz que é a luz da bíblia (Socorro Oliveira, p. 5).

Até hoje, qualquer leitura da bíblia que faço ou ouço eu sempre trago para minha realidade e se eu tiver participado de algum encontro alguma reflexão eu sempre me remeto aquela reflexão. O CEBI é na minha vida um caminho, uma luz (Socorro Oliveira, p. 5).

Trazemos a fala de Raimundo Canuto para dialogar com o entendimento de Socorro Oliveira pois os dois se referem à influência de Padre Pedro na Paróquia de Campo Grande e vão na mesma linha:

Posso lhe dizer com toda certeza que foi a formação que tive que fez com que hoje eu seja essa pessoa que tem tentado continuar, então, foi a influência que eu tive número um. Aí a gente pode enumerar o grande homem que foi o Padre Pedro, hoje eu tenho certeza que ainda olhando e vendo ninguém se aproximou desse processo quanto ele era um homem que queria realmente fazer com que a inclusão acontecesse nas comunidades. Então, hoje eu tenho essa formação, tida e vinda do processo das Comunidades através da leitura da Bíblia (Raimundo Canuto, p. 19).

Os dois se referem a um aprendizado que vai além do conteúdo, pois tem a ver com opções de vida. A LPB foi um instrumento fundamental para a formação cidadã e cristã, aplicando o que foi aprendido as situações cotidianas. O que importava não era a doutrina ou decorar a história do povo e/ou trechos da escritura, mas a mensagem e o apelo que nascem dessa leitura militante, comprometida, que ilumina toda a vida.

Segundo Carlos Mesters a interpretação da Bíblia deve servir exatamente para isso:

A Bíblia é, antes de tudo, Palavra de Deus para nós. Por isso, a sua interpretação e leitura devem ser feitas com a convicção de fé de que Deus nos fala por meio da Bíblia. E Ele fala não para que nos fechemos no estudo e na leitura da Bíblia, mas para que, pela leitura e pelo estudo da Bíblia, possamos

descobrir a palavra viva de Deus dentro da história da nossa comunidade e do nosso povo (Mesters, 1999, p. 29).

A LPB não se prende ao aspecto político, mas, sobretudo, é uma leitura crente e orante. O compromisso com a libertação e a sensibilidade com as realidades desumanas são decorrentes dessa leitura.

Outros colaboradores da pesquisa também relacionam a sua vivência com a LPB ao crescimento de sua consciência e uma força que impulsiona suas convicções e sua forma de se colocar diante do mundo, como vemos:

Ampliei o olhar e comecei um engajamento mais ligado com o social. Passei a compreender a linguagem das CEBs, mesmo estando em uma paróquia urbana. Sendo de uma família numerosa, treze irmãos, à única na época que optei por continuar engajada nas pastorais dentro da Igreja Católica ...] O olhar para as injustiças sociais, se deu depois desses passos dados (Gorete Duarte, p. 25).

Foi através do Estudo Bíblico que aprendi que o pobre tem valor, que os leigos têm um papel importante na construção do Reino, que Deus está sempre do lado dos pequenos e oprimidos. Sem esquecer que foi através da Bíblia que aprendi ler o texto, olhando o seu contexto. Na Minha Militância e escolha, a experiência com a palavra me firmou na vocação e missão pela construção do Reino de Deus, onde estou e do jeito que sou (Eleni, p. 26).

A maneira de ver a Bíblia como Palavra de Deus, iluminando a vida e nos inserindo na caminhada das comunidades e grupos de convivência e estudo me deixou mais consciente de meu compromisso com a vida, o trabalho e a missão. É algo que me norteia, tem me ajudado até aqui. Uma experiência ímpar para o meu crescimento (Antônio Sales, p. 27).

Reforçando o que foi dito alhures, percebemos que o encontro com a leitura libertadora da Palavra inserida na realidade aumenta a consciência e a valorização do outro e da comunidade. É visto como um chamado para o compromisso com a vida e a construção do Reino de Deus. Reconhecem que essa escolha é assumida por uma minoria, mas, quando se comprometem, se torna uma regra de vida.

Nas falas dos representantes do CEBI de Governador Dix-Sept Rosado, ouvidos conjuntamente, além dos aspectos anteriormente destacados chama a atenção o fato de que o encontro com o CEBI, além de modificar a forma de entender a fé cristã, aumentou a auto estima. As pessoas ouvidas passaram a ter esperança e a acreditar em si mesmas, passando a atuar efetivamente em favor da comunidade e de si mesmas. Passemos a elas a Palavra:

[...] o CEBI para mim foi uma verdadeira vivência cristã, por que foi através do CEBI que eu aprendi realmente a viver a vida cristã. Porque antes era aquela coisa rezar e tudo amém (Idaísa – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 12).

Eu faço como aquela música que diz: “olha seu moço quando eu vim de bodocó a minha mala era o saquinho e o cadeado era um nó”. Para mim a minha vida foi aqui quando eu vim de Aguilhada para cá, para Governador Dix-Sept Rosado era desse jeito a minha mala era um saco e o cadeado era um nó. Eu só trazia coragem e três filhos para criar viúva. E aqui continuei com a leitura da Bíblia com as comunidades indo lá para Aguilhada para me reunir com a comunidade. Para mim foi o período áureo da minha vida, pois eu renasci, eu era uma fênix renascida das cinzas (Dilma – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

Eu sou Irapirema comecei um trabalho na paróquia em 1971 propriamente dito eu não sabia nem entendi porque tinha sido chamada para fazer um trabalho quando as Irmãs me chamaram. Eu dizia não sei nada, não sei fazer nada ela disse: aprende. E a gente começou um trabalho que foi tudo na minha vida, porque eu me achava sem sorte não era gente e foi nesse trabalho com as comunidades que eu comecei com as Irmãs em 1971, que fui me descobrindo né. Me lembro que elas me deram uma máquina de datilografia que eu nunca tinha nem visto e elas me deram e a partir daí eu aprendi com dois dedos e depois me disseram que era Padre Ivan que veio dar um curso de datilografia eu não me lembro quem mais dizem que foi ele. E eu fui auto me descobrindo e justamente andando nas comunidades, planejando a vida da Paróquia. Quando a gente trabalhava com o método ver, julgar e agir a gente via o problema, julgava a luz do evangelho e agia. E a gente tinha esse trabalho lindo na sua comunidade. Descobria como tinha problemas e o povo nem enxergava, vinham as enchentes não tinha como o povo se locomover, do lado para o outro, por que não tinha canoa fazia um abaixo assinado e apareciam as canoas (Irapirema – Cebi Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

E aconteceram muitas coisas, eu achava que não tinha nada na vida e foi na comunidades que eu descobri que eu era gente que eu tinha vida não tinha aquele povo que a gente chegava tinha um fogão a lenha com os garranchos do mato que iam pegar, a criança com a barriga desse tamanho tomando uma garapinha de açúcar, café ele doido para dar um cafezinho para a gente e não tinha era uma borrinha de café e tinha muita comida nas vazantes ele colhiam e diziam ficou a raizinha de batata lá vão buscar e a gente botava no fogo as raízes dessas batatas. Eu aprendi com a palavra que eu era gente, eu tinha vida, não tinha aquele povo e foi quando eu aprendi, meu Deus, a aceitar, na minha vida foi tudo na minha vida, eu aceitar a minha vida e foi muito bonito eu tinha vida mesmo, eu tinha vida e foi quando eu aprendi que o pobre tem valor, o pobre não é bicho, o pobre é para comer, o povo pobre é para viver bem, como todo mundo e quando eu vi aquela pirâmide que lá em cima tinha podre de rico, aqui mais ou menos, e aqui um em cima do outro se matando por que não tinha nada nem para comer. Eu agradeço a Deus. Deus eu quero viver, eu vou trabalhar, eu quero viver, eu vou trabalhar e só vou amar a pobre, pode ter eu não vou dizer que não tem rico bom, de coração bom que ajuda e que não merece ganhar alguma coisa mas eu peço a Deus todo santo dia me mande quem precisa por que eu dou e não dou porqueira. Eu dou o que presta, eu fico com o que é ruim mais eu dou o que é bom e eu agradeço a Deus. E quando veio o CEBI melhorou muito mais. Porque foi neste livro que me mostra quando eu erro tô errada porque eu vi no CEBI que isso é pecado não faça mais. Eu conduzir foi uma vida muito pesada, quando nós tivemos um problema na paróquia nós íamos para o Frei Carlos, minhas meninas sempre eu as orientava sempre desde pequenas quando tinha reunião elas me

acompanhavam eu rezava o terço dos defuntos com elas ao lado (Irapirema – Cebi Governador Dix-Sept Rosado, p. 13–14).

São depoimentos fortes e emocionantes que retratam a verdadeira revolução que as Irmãs de São José começaram na cidade de Governador Dix-Sept Rosado que, durante muito tempo, foi o centro de irradiação do CEBI na Diocese da ICAR de Mossoró.

Um trabalho de base que passa pela descoberta e empoderamento de lideranças. Mulheres do sertão que não viam em si nenhum valor e na caminhada formativa das CEBs e da LPB se descobriram agentes de transformação da sua realidade e sustentáculo das comunidades. Não somente elas, mas as suas famílias participaram ativamente do processo. Deixar de dizer apenas amém e aprender a dizer a sua palavra percebendo que essa palavra tem força. Uma força que não depende apenas de um indivíduo isolado, mas da União da comunidade e da inspiração da Palavra de Deus. E continuam buscando, nas suas novas condições de vida, formas de acolher e ajudar o próximo.

Cabe destacar ainda o depoimento de Socorro Holanda. De todas as entrevistadas é a única que continua engajada no CEBI e atuando com a difusão da LPB na sua comunidade, na cidade de Severiano Melo. Ela e mais algumas companheiras conseguem, a mais de vinte anos, manter ativo um serviço de formação bíblica popular. Atentemos para esse trecho de sua entrevista:

Eu, costumo sempre dizer que a Leitura Popular da Bíblia, na minha vida foi como o divisor de água, existiu a minha vida Pastoral minha vida de agente de comunidade, antes e depois de conhecer o CEBI. Porque antes eu tinha uma visão apesar de uma catequese renovada, já tem uma compreensão da Bíblia e tudo, mas era uma coisa muito superficial não aprofundava. E como eu tinha essa visão muito superficial abrangendo todo mundo, é coordenação de catequese, infantil de crisma, festa de padroeiro e quando eu conheci a Leitura Popular da Bíblia, eu passei a ver que tinha coisas mais importantes, formar a comunidade, formar os agentes, lá fora para ter uma visão melhor da vida, da vida, da fé e vida partilhada juntas que não são separadas fé e vida. E fui mais faltando essa questão de sobrecarga de muita coisa, em festa de padroeiro e passei a viver mais como, como multiplicadora da palavra de Deus, fazendo esse trabalho, mas junto ao povo e pretendo, agora aposentada, abranger, fazer e formar mais comunidade, fazer um trabalho diferente, não só mais escola Bíblica Popular. Mas uma coisa nas periferias assim eu quero, pretendo dar continuidade começando com a Campanha da Fraternidade e aprofundar mais a questão do trabalho mais de periferia, indo nas casas das pessoas (Socorro Holanda, p. 23).

Aí, no segundo momento você pergunta sobre a questão se a Leitura Popular da Bíblia influenciou nas minhas escolhas na minha militância. Claro que influenciou, como? Porque, antes desse movimento de conhecer a Leitura Popular, de conhecer o CEBI, ainda tinha uma visão muito limitada, muito presa da militância. Eu, já desde 89, sou filiada ao Partido dos Trabalhadores. Mas a partir da Leitura Popular da Bíblia, eu fui tendo uma visão mais

profunda dos menos favorecidos de onde estava realmente a questão da burguesia, da população menos favorecida. Onde estava realmente o menos favorecido que Jesus realmente veio para os mais pobres e para os menos favorecidos (Socorro Holanda, p. 24).

De tarefeira na Igreja para multiplicadora da Palavra. Neste segundo papel Socorro se encontrou e se identificou. Passou a agir de forma mais consciente e a compreender o alcance de suas ações e escolhas. Atuar como formadora para despertar nas pessoas a consciência da necessidade de ligar a fé com a vida. Aposentou-se na vida profissional e quer se dedicar à LPB, sempre buscando novos caminhos e aprendizados. Nessa sua trajetória se destaca o crescimento pessoal e permanente. Paulo Freire chama a atenção para essa consequência do trabalho educativo:

Pois bem, se a educação é esta relação entre sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível, na qual o educador reconstrói, permanentemente, seu ato de conhecer ela é necessariamente, em consequência, um que fazer problematizador. A tarefa do educador, então, é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado. Neste ato de problematizar os educandos, ele se encontra igualmente problematizado (Freire, 1982, p. 54).

Aparece já aqui uma ligação com a nossa hipótese de pesquisa, a de que a LPB pode ser compreendida como uma prática educativa que leva a um crescimento da consciência. A leitura Bíblica se torna, além de uma prática de fé, uma oportunidade de abrir os olhos das pessoas para problematizar a realidade. Esse olhar crítico não leva à apatia, ao imobilismo ou ao pessimismo, mas a uma ação libertadora que sustenta o esperar.

Essa irradiação fica mais evidente quando abordamos a influência da experiência libertadora e evolutiva pessoal para outras instâncias da vida, começando pelo próximo item.

#### 4.2.3 Relação com outras experiências religiosas e de cidadania

Certamente a participação do CEBI não foi a única experiência marcante na vida dos que se identificam como cebianos e cebianas<sup>42</sup>, mas permitiu a abertura de visão e a percepção de novos enfoques da realidade eclesial e social. Uma mudança pessoal revelou um potencial transformador e de busca de outros horizontes. Paulo Freire já ensinava que “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo” (1979, p.84).

---

<sup>42</sup> Cebiano e cebianos são termos utilizados para identificar os participantes do CEBI. Tanto aqueles e aquelas que participam ativamente das atividades realizadas, como os que abraçam a metodologia e a espiritualidade que brotam da LPB.

Trazemos algumas falas que demonstram como a prática da LPB foi a porta de entrada para ações em outras realidades. Iniciamos com o depoimento de Socorro Oliveira, que foi a que deu maior destaque à influência da sua experiência religiosa na construção de suas concepções de vida e no seu posicionamento perante a realidade.

De que lado eu estou? Eu, acho o sermão da montanha a coisa mais graciosa, mais profunda, forte da bíblia, é porque fala de lado mesmo, do que lado você está? Está do lado do amor tem tantas leituras das primeiras comunidades, dos primeiros cristãos, leitura sobre o amor, fé, a fé sem obra, a fé com obras isso tudo, na verdade, foi a bíblia que fundamentou toda a minha militância, minha vida até hoje. Tem uma música na Igreja que canta no “tão sublime” tem uma parte que diz assim: “Venha a fê, por suplemento os sentidos completar”. E aí na minha vida tem sido assim, Zelinha, até hoje, tem sido a bíblia a minha luz, essa leitura o evangelho, nessa perspectiva da libertação, tem fundamentada na minha vida até hoje mais na perspectiva da libertação (Socorro Oliveira, p. 6).

Eu acho, e não tenho receio de dizer, eu penso que, na Igreja, a gente aprende o senso de justiça mesmo. Eu sou capaz de repetir o que Junior disse que na Igreja a gente aprende, o senso de justiça e não é em vão (Socorro Oliveira, p. 7).

O que eu destaco é isso que disse agora há pouco o senso de justiça que me acompanha até hoje, hoje, o que há de mais forte na minha vida na minha formação é o que eu aprendi na Igreja o que há de mais forte são as maiores amizades, os maiores bem querer de você não ... eu digo que na Igreja a gente aprende o que não aprende em mais nem um lugar e que sempre a gente pode voltar a Igreja sempre nos deixa uma porta para a volta (Socorro Oliveira, p. 7).

Destacamos na fala de Socorro a recorrente referência à leitura bíblica como um apelo para desenvolver o “senso de justiça”. A interpretação que Socorro faz e atribui a sua experiência na Igreja mostra uma leitura libertadora que privilegia mais a ação do que a devoção, pois a fé sem as obras é morta<sup>43</sup>. Sobressai também a dimensão afetiva da vida comunitária que deixa marcas profundas pois aquece o coração, constrói amizades e sempre sente o desejo de voltar.

A leitura libertadora dos textos bíblicos é um dos princípios básicos do cristianismo da libertação, como assevera Michel Lowy:

Sejam quais forem as diferenças entre os teólogos da libertação, é possível descobrir uma série de princípios básicos na maior parte dos seus escritos, que constituem inovações radicais. Alguns dos mais importantes são:  
1. A luta contra a idolatria (não o ateísmo) como inimigo principal da religião, isto é, contra os novos ídolos da morte adorados pelos novos Faraós, pelos novos Césares e pelos novos Herodes: Bens Materiais, Riqueza, o Mercado, a

---

<sup>43</sup> O texto bíblico da Carta de Tiago 2,14-26 desenvolve o tema da relação entre a fé e as obras e conclui com a frase dita por Socorro.

Segurança Nacional, o Estado, a Força Militar, a “Civilização Ocidental Cristã”.

2. Libertação humana histórica como a antecipação da salvação final em Cristo, o Reino de Deus.

3. Uma crítica da teologia dualista tradicional, como produto da filosofia grega de Platão, e não da tradição bíblica na qual a história humana e a história divina são diferentes, mas inseparáveis.

4. Uma nova leitura da Bíblia, que dá uma atenção significativa a passagens tais como a do Êxodo, que é vista como paradigma de luta de um povo escravizado por sua libertação (Lowy, 2016, p. 77).

Essa nova Leitura Bíblica, na realidade da Diocese de Mossoró da ICAR era estimulada e vivida não apenas nos encontros do CEBI, mas em todos os grupos que seguiam a prática libertadora do cristianismo, rompendo com uma religião institucionalizada e avessa à modernidade para descobrir nas lutas pela irrupção do Reino de Deus a razão de ser do cristianismo.

As pessoas ouvidas nessa pesquisa descrevem como a visão libertadora da realidade nasceu em grupos e práticas pastorais tradicionais, vividas numa outra perspectiva. Podemos ver, claramente, esse percurso na descrição feita por Francineide sobre sua vivência na Paróquia de Apodi:

Eu acho que a leitura mesmo que eu vim compreender mesmo na Bíblia foi a partir da Leitura Popular da Bíblia mesmo né de pegar a Bíblia botar os pés no chão e começa a ler e ler com a partir da das reuniões com os jovens, a partir dos encontros da juventude que nós íamos aqui em Mossoró. Chega Padre Teodoro né praticamente a gente ele nos torna, nos tornando discípulas que também mulher não era para ser nem discípula não era e o povo falava muito de Apodi achando que isso não era preparação, o interesse dele era nos preparar para a vida, para sermos cristãos comprometidas com o evangelho, porque o povo percebia que o evangelho era de outra forma era para a gente tá ajoelhada rezando não indo fazendo cursos bíblicos que, por exemplo, às vezes a Congregação do Sagrado Coração de Jesus tinha. O Padre nunca gostou desses cursos, sempre gosta dessas coisas mais populares não daqueles cursos que eram elitizados que eram aquela coisa da Bíblia pela Bíblia. Toda vida dizia que não tem como a gente ler a Bíblia se não for para contextualizar a Bíblia para você fazer daquele ambiente que você tá um ambiente melhor a partir dessa leitura ele disse se não faz isso ele disse para que que serve a Bíblia, para que você passa o dia todo debruçado na Bíblia (Francineide, p. 126-127).

Eu tinha 13 anos e ele me ensinou tudo que eu sei, ele me ensinou a ler. Ele trouxe uma biblioteca quando ele veio para Apodi, Nós não tínhamos nem acesso a isso uma biblioteca, ele trouxe a biblioteca vários dos livros da Universidade Popular vinha alguns livros da Ediouro era a própria Bíblia outros formatos de Bíblia que a gente só conhecia aquelas Bíblias com aquela gravura aberta numa casa. Ele traz a Bíblia e começa a estudar conosco todos tínhamos um grupo de jovens e a leitura da Bíblia que ele nos instigava, nos preparava para fazer era a leitura dessa né uma leitura mais popular mais real da Bíblia, nós que preparamos, nós quem fazemos a liturgia de todas as missas, nós com 14 anos nós preparamos tudo ele ensinava tudo como nós, nós líamos

o evangelho e aí nós iremos refletir e ele ia mostrar outra perspectiva do Evangelho né, ele dentro daquela leitura apresentava Apodi para a gente dizia como era Apodi, como era que os trabalhadores, por exemplo, agricultor sofriam pela concentração de terra, ele ia fazendo a comparação, eu nunca esqueço quando era no Domingo de Ramos, ele sempre achava, isso muito bonito quando Jesus entrava no jumentinho ele disse você acha que Jesus, você acha que Jesus para ser o Rei, por que que ele vai no jumentinho? Ele fazia essas coisas para outras pessoas quando e a ler a Bíblia não tinha nenhum significado. Mas, ele apresentava outro significado para a gente, o próprio, aí a gente chega ao curso de teologia do (CENPACRE) que foi, assim, gente chegar ali e ver e estudar com aquela perspectiva da Bíblia com pessoas, lá do (ITER) que vinha aqueles que viam era Marcelo Barros, nós o tivemos, tivemos muita gente Padre Hermínio, estou começando a lembrar do nome do povo, Roberto foram muitos. Nós tivemos em Apodi Irene que era Alemã organizar as associações, ela criou o MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças), que aí a gente se reunia na casa dela para também conversar sobre a Bíblia, sem nenhuma Bíblia na mão. Mas, ela lia pegava aqueles livrinhos que tinha lá os trechos da Bíblia e a gente ia lendo como criança, sabe isso nos construiu muito, isso me construiu muito (Francineide, p. 127).

No relato de Francineide se destaca a forte impressão deixada pela forma de trabalho abraçada pelo Padre Teodoro, da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, na Paróquia de Apodi-RN. Seu investimento na formação bíblica incluía reunir-se com os jovens para ler a Bíblia a partir da sua realidade. Para isso eram utilizadas perguntas objetivando contextualizar e problematizar o texto, como propõe a metodologia do CEBI. Uma boa pergunta é essencial para o processo de formação, levando o participante a buscar suas próprias respostas, mesmo parciais e provisórias. Também abrangia o estímulo a um crescimento cultural com a oportunidade de acesso à biblioteca

Nas décadas analisadas nessa pesquisa a Paróquia de Apodi proporcionava oportunidades de formação de agentes de pastoral e organização comunitária. Enviava pessoas, especialmente os jovens, para cursos e encontros fora da cidade e construía centros comunitários especialmente nas zonas rurais e nos sítios. Nos relatórios das escolas Bíblicas realizadas pelo CEBI em Governador Dix-Sept Rosado, sempre havia a presença de pessoas de Apodi. Nesse aspecto Francineide exalta a diferença que fez na vida dela a participação nos cursos do CENPACRE.

O CENPACRE, Centro Pastoral de Ciências Religiosas, foi criado pelo Monsenhor Américo Simonetti que, na época, era Vigário Geral da Diocese e Diretor do Departamento Diocesano de Ação Social, com o objetivo de favorecer a formação de agentes de pastoral. Oferecia um curso de Teologia, mas o carro chefe eram as disciplinas bíblicas. Desde o começo eram trabalhadas na perspectiva da LPB. No início funcionava aos sábados e domingos possibilitando a participação de pessoas de fora de Mossoró, como Francineide. Alguns

professores vinham do Recife para trabalhar as disciplinas em módulos como Marcelo e Hermínio citados por Francineide. O Professor João Luiz Correa Júnior fazia parte do grupo de professores que vinha de Recife para dar aulas nesse centro.

Outro agente de pastoral que também foi aluno do CENPACRE foi Jose Edson, marido de Francineide. Apesar de integrar uma paróquia mais tradicional, a Paróquia de São João, na cidade de Mossoró, participou de processos de formação e articulação na Diocese e na cidade que o levou a ter contato com a perspectiva libertadora do cristianismo. Como veremos:

Mas, assim a minha proximidade já é genética com a caminhada da Igreja né e o seguinte depois da primeira eucaristia a gente fez o caminho que todo jovem faz vai embora. Vai participar de uma missa outra coisa. Mas, um momento importante de aproximação com relação aos movimentos de Igreja com relação a série de questões dessas foi no período da Crisma né. E quando terminei já fui convidado para o trabalho com a turma, ou seja, um ano anterior tava aluno de Crisma. Nos anos seguintes já tava com trabalho e foi o que aconteceu a gente já foi fez parte da fundação de um grupo de jovens, começamos a fazer parte da Coordenação Paroquial de juventude, aí houve aproximação com a pastoral da Juventude do Meio Popular que a partir desse período a gente já começou a ter uma visão sobre essa necessidade de ligar as reflexões que a gente fazia sobre o evangelho a vida e a caminhada da Igreja com a vida em si (José Edson, p. 8).

E aí, quando termina esse momento da Primeira Eucaristia, eu vou para a Legião de Maria, né? Que mesmo na Legião de Maria, naquela época, feita por esses jogos que alguns desses jovens tradicionalismo, mas também era muito bom e mais uma cidade que eu vinha por dentro não tinha nada para você fazer. Você tem um grupo que lê a Bíblia, queria discutir sobre sua realidade a partir da Bíblia, isso era muito importante. Foi muito importante na minha trajetória pessoal, também, para escolher minha profissão de gente também, né? Que é uma coisa que eu acho muito importante para mim é humanização foi primordial (José Edson, p. 8).

Então, assim, dos trabalhos com a PJMP, das atividades, eu lembro de um encontro que, isso foi interessante, por fazer parte da Coordenação Paroquial, mas tivemos uma Assessoria com o pessoal da CPT. Eu lembro muito claramente de Edvan Pinto e Júnior, eles nos assessoram e eu me vislumbrei com aquilo, porque eu achei muito interessado como é que eles conseguiram pegar a Bíblia, pegar essa ideia de religião que há muito era colocado na cabeça da gente que era uma formação para outro mundo para a gente ir para o céu e coisa desse tipo. E eles começaram a fazer isso, e eu comecei a ver que é uma possibilidade de você com essa construção por aqui não dá perspectiva de uma santidade desencarnada mais de algo muito pé no chão, muito próximo. Essas atividades de Formação com ele as atividades de informação também que a gente participou depois que já foi fazer parte da coordenação e muitos encontros. Isso, foi uma coisa muito interessante a minha aproximação com esse conjunto de coisas foi via Igreja, via movimento as pastorais com as quais eu participava sobre a maneira nesse momento inicial do conhecimento que tive com o pessoal do trabalho CPT do trabalho com a PJMP e também da Educação de base e eu fui durante cinco anos trabalhei no MEB foi uma escola muito interessante (José Edson, p. 9).

Então, a gente foi bebendo de diversas fontes, isso, a gente começava na Paróquia, a gente via esse formato de trabalho, ambiente, ia trazendo para dentro da Paróquia para ir fazendo isso lá na Paróquia de São João que ainda sou dela. Mas, assim, eu acho que o divisor de águas, o grande divisor de água na Perspectiva mais de reflexão, mais acentuada eu poderia chamar até de mais atualizado, coisa desse tipo foi no curso de Teologia no CENPACRE (José Edson, p. 10).

Uma realidade eclesial muito dinâmica que abria oportunidade de engajamento e crescimento para jovens curiosos e inteligentes, como José, que Edson aproveitou as oportunidades que teve. A proximidade, o compromisso e o desejo de aprender cada vez mais fizeram com ele participasse da coordenação de trabalhos, o que contribuiu grandemente para alargar seus horizontes e despertar para a necessidade de ligar fé e vida, reflexão e realidade.

Catequese, PJMP, CPT, MEB, apenas quatro grupos citados que mostram a integração que havia entre esses grupos. Relembro aqui que a catequese na Diocese Católica de Mossoró na época era coordenada pelas irmãs Missionárias de Jesus Crucificado. Essa Congregação iniciou os estudos da LPB na região, uma semente do CEBI nos começos dos anos 80 do século XX. Espaços de experimentação da mística da libertação e de humanização pessoal, comunitária e social.

Conseguir ligar fé e vida a partir da Leitura Bíblica e aprofundar a fé no CENPACRE, são dois pontos-chaves apontados por José Edson para viver uma fé encarnada. Uma porta de entrada para um novo mundo. Cabe destacar aqui que nos últimos anos de funcionamento as disciplinas bíblicas do CENPACRE foram ministradas pelo grupo de assessores do CEBI Mossoró.

A cebiana Linda e o cebiano Raimundo Canuto, destacam a ligação entre CEBI e CEBS:

E, também, tive um grande prazer em participar dos 20 anos do CEBI em Caruaru. Para mim foi uma experiência muito boa. Aí você acha que CEBS e o CEBI tinham muito a ver, estavam interligados? Eu acho que são interligados, sabe por que, Zélia? Porque é como Dona Idáisa fala, não é só rezar que você tem um momento da oração, mas, você tem que colocar em prática. Se tinha alguém na comunidade precisando, você não ia dar as costas para lá, só rezar, não, você procurava uma forma da comunidade reunir para resolver o problema daquela família (Linda – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

Bom, nós começamos a participar do movimento das Comunidades eclesiais de base no ano de 1983, entrando no grupo de jovens da minha comunidade, a comunidade de permissão município de Janduí da paróquia de Campo Grande. Eu, posso dizer a cada um e a todos que sou desse trabalho das Comunidades Eclesiais de Base. E aí fizemos o estudo da palavra, o estudo da Bíblia, eu tive uma primeira formação bíblica ainda no Instituto de Teologia do Recife, um curso bíblico que durou um bom tempo, não, não lembro aqui e depois continuando essa luta das comunidades. E aí veio o Centro de Formação São José em Governador Dix-sept Rosado, que tinha ali a tutela das

irmãs Claras e Janine, CEBI enfim, que tinha uma equipe, aí fizemos a segunda etapa de informação da escola bíblica, posso dizer de alto e bom som que essa é a formação que eu tive né não tive uma outra formação a minha formação foi rezando, olhando, meditando e vendo a Bíblia nessa ótica do povo, fazendo com que a gente pudesse aprender e compreender essa missão, essa missão das Comunidades de Base (Raimundo Canuto, p. 19).

Essa relação falada por Linda foi destacada, anteriormente, no nosso trabalho e é bastante evidente na Paróquia de Governador Dix-Sept Rosado, onde atuaram as Irmãs de São José. Além do trabalho de formação bíblica, as freiras atuaram como vigárias e organizadoras de comunidades a partir da catequese familiar. Linda destaca a dimensão de apoio que nasce na convivência nas CEBS, empatia e convivência intergeracional. A partir da oração em comum buscar respostas para os problemas.

Da fala de Raimundo Canuto se pode perceber como a Paróquia de Campo Grande investia na formação dos agentes. Raimundo até hoje é animador de comunidades. As CEBS são seu lugar de pertença e de fala. Nas suas próprias palavras, não teve outra formação a não ser a leitura bíblica na ótica do povo. Não participa de nenhum outro movimento ou grupo pastoral na Igreja, pois para ele a Igreja são as comunidades. Mas Raimundo é agricultor e cidadão do mundo a partir desse seu compromisso com a LPB e as comunidades que dela nasceram.

Uma outra paróquia que investia na formação e se tornou um centro de irradiação do CEBI, na Diocese, foi a paróquia de Martins. Vejamos o que diz Eleni:

A minha experiência com o CEBI nasceu em minha comunidade através do incentivo e apoio do Pe. Walter Collini que nunca mediu esforço para ajudar na Formação d@s leig@s de sua Paroquia. De 1979 a 2010 na Paroquia de Martins, 18 pessoas fizeram Escola Bíblica, vários grupos de estudos e encontros de Formação Bíblica foram realizados. Essa experiência com o estudo da bíblia sempre fez parte de minha caminhada do dia a dia (Eleni, p. 26).

A resposta de Eleni à entrevista foi dada por escrito, por isso decidimos manter a arroba usada ao se referir ao gênero. É um detalhe que demonstra a preocupação dela com o respeito e a necessidade de se referir sempre aos homens e às mulheres. Além de enviar 18 pessoas para fazer cursos fora, a paróquia também realizou diversos encontros e jornadas bíblicas em seu território, sempre com a assessoria do CEBI<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Nos anos de 2008 a 2011 a Paróquia de Martins procurou revitalizar o estudo da Bíblia em pequenos grupos nas comunidades. A sistemática consistiu em realizar um encontro de introdução a um livro previamente escolhido no início do ano e a indicação de subsídio para estudo e aprofundamento do livro ao longo do ano. O processo se completa com um encontro de avaliação e aprofundamento. Chegaram a formar mais de 40 grupos que se encontravam semanalmente, mobilizando quase 500 pessoas. Os livros escolhidos foram os seguintes: em 2008, o

Dentro dessa perspectiva de integração e complementariedade entre as diversas experiências religiosas destacamos também a reflexão de Gorete Duarte:

Começo o relato lembrando dos primeiros passos dentro dos grupos pastorais da Igreja Católica. Ainda criança, já animava as missas dominicais no grupo MAC (Movimento de Adolescentes e Crianças) coordenado pela irmã Lucimar, na matriz de Nossa Senhora da Conceição. Em seguida ingresso para o catecismo e posteriormente primeira eucaristia, meu primeiro contato direto com leituras bíblicas, evidente que não eram nada popular. Só tempos depois passei a ser catequista. Daí em diante, passei por algumas formações da catequese, tanto a nível paroquial como de Diocese. No entanto, ainda não tinha uma visão tão aberta das leituras bíblicas, mas já me ariscava trazer para o contexto das crianças. Passados os anos, me deparei com a possibilidade de fazer uma escola bíblica do CEBI, com as Irmãs, Clara e Janine, se não me engano quase três anos. Só a partir daí, pude ter a possibilidade de clarificar o contexto das leituras e fazer a conexão com a realidade. As leituras eram vivenciadas e interpretadas pelos participantes do curso. Nesse tempo também fazia parte de grupos de jovens e desenvolvia algumas ações sociais. Em nível de Diocese, a troca de experiência nas assembleias diocesanas com os outros zonais, paróquias, ajudaram a compreender a realidade com outro olhar. Ainda trabalhei na cúria Diocesana com o Bispo e fiz parte da coordenação diocesana de pastoral. Morando em outro estado, pude continuar com a formação bíblica. Fiz parte de um grupo de estudos bíblicos (religiosas e leigas) com leituras de teólogas feministas, como Ivone Gebara, Elisabete Fiorenza e Livie Tosh, entre outras (Gorete Duarte, p. 25).

Mais uma vez a porta de entrada na caminhada da Igreja é a catequese. Uma caminhada iniciada na infância e com ativa participação nas atividades da Igreja, seja na liturgia ou no trabalho de educação da fé com as crianças. Nasce o anseio em algo mais, que foi encontrado na LPB a partir da participação na Escola Bíblica, uma formação continuada que partia da realidade dos participantes. Grupos de jovens, ações sociais e participação nas reuniões e equipes de coordenação da Igreja Diocesana ampliaram os horizontes e enriqueceram a vida com a troca de experiências.

Mesmo em outro estado, Campina Grande, na Paraíba, embora tenha se afastado da Igreja enquanto instituição, Gorete continua sua caminhada de aprofundamento bíblico agora na perspectiva da Leitura de gênero, por meio do enfoque dado pelas autoras que ela cita.

Uma realidade que se repete é uma certa dependência em relação aos padres. Os agentes de pastoral ouvidos e que fazem parte da Diocese só puderam participar de encontros formativos, seja no CEBI ou em outras instâncias, quando foram patrocinados pelos Padres. A exceção era a paróquia de Governador Dix-Sept Rosado que era administrada pelas religiosas.

---

Evangelho de Mateus; em 2009, o Evangelho de Marcos; em 2010, o Evangelho de Lucas; em 2011, o livro dos Atos dos Apóstolos. O relatório das atividades está disponível nos arquivos da paróquia e foi por mim compartilhado no II Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas promovido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte em 2015 <https://ernab2015.blogspot.com/>

Quando o padre apoiava, seja por se identificar com a proposta ou por ser impelido pela Diocese, a formação acontecia. Caso contrário as atividades de formação passavam por grandes dificuldades.

Estamos diante do que hoje o Papa Francisco chama de flagelo do clericalismo, que ele combate firmemente no processo sinodal que acontece desde o ano de 2018. Parece que a situação só piorou. Em discurso proferido durante a Assembleia sinodal que aconteceu no Vaticano em outubro de 2023, o Papa assim se pronunciou: “Quando os ministros exageram no seu serviço e maltratam o povo de Deus, desfiguram o rosto da Igreja com atitudes machistas e ditatoriais... O clericalismo é um flagelo, é uma chaga, é uma forma de mundanidade que suja e danifica o rosto da esposa do Senhor; escraviza o santo povo fiel de Deus”.<sup>45</sup>

Apesar do clericalismo, as experiências vividas são diversas, multifacetadas e entrelaçadas. Porém, a LPB não era única e nem a hegemônica na Diocese católica de Mossoró, estava em disputa com grupos que tinham uma vivência mais devocional. Mas estava presente em todos os grupos que abraçavam o cristianismo da libertação e a percepção de Deus presente na vida e na história de quem luta por um mundo melhor, seja nas CEBs, nas ONGs, nos partidos políticos ou em outros grupos sociais.

Para as pessoas que participaram da pesquisa a LPB foi uma oportunidade de crescimento e questionamento. A partir da Palavra puderam ler a própria vida, a LPB incomoda, desinstala, e nunca é neutra. Como nos recorda Carlos Mesters:

A Bíblia, ou ajuda ou atrapalha; ou liberta ou oprime. Não é neutra. É como uma faca de dois gumes; corta sempre, para o bem ou para o mal. Ela exerce uma forma de julgamento, “penetra até a divisão da alma e do espírito, revela as articulações dos pensamentos e desejos mais íntimos” (cf Hb 4,12). Ela revela a qualidade de luz que está dentro de nós (Mesters, 1984, p. 88).

Quando o fiel encontra essa Luz a usa para iluminar toda sua vida, mesmo depois que se afasta do serviço pastoral. Nesse sentido temos a declaração de Antônio Sales José Neto, também ouvido na pesquisa:

Após longos anos de uma caminhada mais presencial com os grupos e experiências de estudos no CEBI Mossoró, hoje mantenho uma influência mais laica, porém sempre presente através das redes sociais, interagindo, comentando e compartilhando minha experiência que absorvi em todos esses anos no CEBI. contribuir sempre de uma maneira objetiva e prática o método do CEBI, tem sido algo constante em mim (Antônio Sales, p. 27).

---

<sup>45</sup> Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2023/october/documents/20231025-intervento-sinodo.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

O método da LPB é uma constante na vida. Está presente mesmo nas publicações das redes sociais.

#### 4.2.4 O engajamento Político e Social

Complementando as referências ao engajamento precisamos abordar a reverberação das transformações pessoais e de outras experiências na efetiva participação em lutas emancipatórias. Isso porque a consciência só é crítica quando se transforma em atitudes.

Os cristãos da libertação acreditam que a mensagem de Jesus Cristo é essencialmente uma mensagem de libertação, e que, portanto, o Evangelho deve ser interpretado à luz da luta contra a opressão, a exploração e a exclusão social. Por essa razão enfatiza a importância da ação política e social para a transformação da realidade, bem como o compromisso com os pobres e marginalizados.

Em sua obra *Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos*, Paulo Freire reflete sobre a exigência ética que nasce da consciência da opressão e condena o imobilismo:

Se me perco no cotidiano, perdendo ao mesmo tempo o significado dramático da minha existência, a minha tendência será a de me tornar fatalista e cínico. Por outro lado, se me esforço por emergir do cotidiano no sentido de assumir a dramaticidade da minha existência, porém, sem me querer historicamente comprometido, só me resta o caminho de cair num intelectualismo vazio, igualmente alienado. E começa-se a falar da existência como desespero ou impossibilidade. Portanto, não existe outra forma de superar o cotidiano alienante, senão através da minha práxis histórica, que é essencialmente social e não individual. Só na medida em que assumo totalmente a minha responsabilidade no jogo da tensão dramática me transformo em presença consciente no mundo.

Por isso, não posso aceitar ser mero espectador; pelo contrário, exijo o meu lugar no processo de transformação do mundo. Desta maneira, a tensão dramática entre o passado e o futuro, entre a morte e a vida, entre a esperança e o desespero, entre ser e não ser, já não existe com espécie de beco sem saída, mas é percebida como aquilo que realmente é: um permanente desafio ao qual devo responder. E a minha resposta não pode ser outra que a da minha práxis histórica, isto é, da minha práxis revolucionária (Freire, 1978, p. 24).

Nos depoimentos ouvidos percebemos que quem abraça a LPB supera o cotidiano alienante e reivindica seu lugar no processo de transformação do mundo. Essa atuação é muito diversa e se espalha pelos ambientes em que vivem o drama da existência.

Ana Jacira assumiu a realização de escolas bíblicas como a missão de sua vida. Cria e realiza esses estudos em qualquer lugar para onde vá, como ela mesma afirma:

E eu, me engajei com essa formação bíblica para toda minha vida até antes da Pandemia eu vivia de dar formação bíblica na periferia nas escolas.

A partir dessa experiência me tornei uma assessora das escolas bíblicas populares. Por onde andei criei novas escolas, na Argentina, Amazônia e nos assentamentos do RN. Tanto em João Câmara, como em Touros (Ana Jacira, p. 3).

Criar escolas bíblicas não é uma atividade proselitista e não tem o objetivo de aumentar o número dos participantes do CEBI. A finalidade é permitir que toda a Comunidade participe na interpretação da Bíblia, acabando com a “propriedade privada” que estava sendo reduzida nas mãos de especialistas. Na leitura comunitária, o significado é tecido através de vários tons de voz, de práticas sociais e experiências de fé. É o mesmo Espírito que ilumina a todos e aquele que leva à união comunitária mais profunda.<sup>46</sup> A cidadania eclesial é um passo para uma atuação autônoma.

Na mesma linha de Ana Jacira, mas sem estar necessariamente ligada às escolas Bíblicas, a Irmã Eliane reconhece a metodologia da LPB como companheira constante em todos os seus espaços de atuação.

Então, em toda minha militância nos movimentos sociais e populares, as pastorais sociais, que a gente está sempre presente e atuante. A gente onde passa nas Paróquias investe nessa dimensão social. Isso também é sócio ambiental, tudo a partir dessa metodologia da Leitura Popular e Libertadora do CEBI. Um grupo de mulheres com os grupos de pessoas nas ruas, na formação de mulheres, formação de criança de jovem, os movimentos sem-terra, tudo que é do movimento na nossa militância não só minha, mas das nossas irmãs. Uma boa parte de toda nessa dimensão, então, nós agradecemos muito pela contribuição do CEBI. Para nossa atuação enquanto Missionários da Sagrada Família e eu agradeço muito a oportunidade que eu tive desde a Diocese de Mossoró, quando eu passei, outras Dioceses também, já passei por várias Dioceses e a gente sempre estava no CEBI, acompanhando, formando, militando nos movimentos sociais populares e nas pastorais sociais da nossa Igreja com essa Leitura Popular e Libertadora. Então, ela é de suma importância na minha vida (Irmã Eliane, p. 17).

Temos a fala de uma religiosa de uma congregação de origem nordestina que abraça uma diversidade de destinatários e temas para a militância e na de suas irmãs. Mulheres, crianças, sem terra ou pessoas de rua, todos e todas são chamados e chamadas a entrar nessa caminhada de diálogo conscientizador a partir da Leitura Bíblica. Destacamos, também, que irmã Eliane não fez distinção entre a sua atuação eclesial e a social. Movimentos populares e pastorais sociais são parceiros privilegiados na busca do bem comum.

Já Socorro Oliveira recorda que a própria mudança na consciência já é um engajamento pois leva a uma compreensão crítica da realidade que desemboca em atitudes transformadoras.

---

<sup>46</sup> Para saber mais sobre a especificidade da LPB feita nas comunidades de fé indicamos o artigo de Pablo Richard no primeiro volume da RIBLA, especialmente a partir da página 21.

Ela relaciona várias pessoas que orientam suas vidas tendo como referência o aprendizado feito na Igreja na Base. Vejamos o que ela diz:

Diocese nós temos, que eram do CEBI, que eram da Paróquia, eu lembro de Raimundo de Janduís, Zuleide, no alto oeste Elizaete, Pirema depois entrou na política, não sei como ele está lá. A própria Izolda participava na do CEBI, mas participou de alguns encontros na paróquia. Outra coisa, Zelinha, é assim, eu penso que a pessoa pode não ter ido pra política ou pode não estar em uma coordenação de um movimento, mas a pessoa continua com a Leitura Crítica? Têm muitos companheiros e companheiras nossas que não estão à frente dos movimentos, não estão na política, no partido, mas continuam tendo uma Leitura Crítica se são professora, professor onde estiverem na profissão, onde eles estiverem continuam com a Leitura Crítica que você pode conversar. Por exemplo, Ana Moraes foi do MEB, Bete que foi do MEB, José Carlos está na CPT, Zé Edson, Vaniria que não está à frente de movimento nenhum, mas esteve muito tempo no movimento popular da comunicação. Inês Almeida, que continua na política. Inês Helena, que está na educação bem longe lá em Niterói mas continua, tem pessoas da paróquia que estão longe moram em outros lugares, mas continuam com aquela avaliação crítica eu lembro de Aninha neta de Dona Dolores lá de Campo Grande que hoje está no Maranhão eu acho, mas está lá com o MST. Então, Zelinha, tem outras pessoas que estão ou na Igreja mesmo nessa Igreja mais tradicional. Mas, assim tem uma reflexão crítica mesmo estando dentro da Igreja, porque é essa que temos e é feita por todos nós. Então, pessoas que estão dentro da Igreja, mas continuam com uma visão crítica da realidade lutando onde elas estão, isso para mim é fundamental é super importante. Você vê os meninos da Comissão da Justiça e Paz que são advogados (Socorro Oliveira, p. 6).

A própria Socorro Oliveira coloca em prática esses ensinamentos na sua vida profissional como educadora que já fez parte da CPT e do MEB e, hoje, no trabalho profissional, atua na Secretaria Estadual de Educação.

Confirmando a avaliação que Socorro Oliveira faz da influência da LPB na vida das pessoas, trazemos a fala de Reginaldo e o reconhecimento de que se tornou politizado a partir de sua ligação com o CEBI e a LPB:

E na realidade foi o que esperava solidifiquei a minha fé cada vez mais porque a fé da gente é solidificada a partir da nossa base. E a minha base foi o que o CEBI, a leitura bíblica, a escola popular, foi a minha catequese que eu recebi, catequese renovada e a minha experiência familiar com o meu pai, minha mãe que apesar de serem analfabetos, tinham uma religião sólida, na fé solidificada. E a outra parte foi a questão de uma construção de uma consciência como pessoa, como ser humano, como cidadão. Eu passei a ver a realidade de outro ângulo, sempre analisado em diversos ângulos de uma forma para não cair naquela de ser aquela pessoa influenciada por qualquer um. E essa leitura, essa experiência com a Bíblia, como o CEBI, me tornou aquele dito “revolucionário”, que todas as pessoas falam. Eu sempre fui aquela pessoa que aprendi, eu não queria dizer essas palavras, mas apesar de eu nunca ter militado no PT, eu sempre fui aquela pessoa revolucionária de forma assim tido esse pensamento social, socialista, não seria comunista, porque comunista nunca nos existiu historiadores nunca existiu, mais próximo que chegou foi nas primeiras comunidades primitivas, mas ainda não foi um comunismo

realmente, o comunismo é muito difícil acontecer, e aquelas ideias socialistas se a pregaram na minha consciência como cidadão, como cristão, como pessoa. E eu aprendi com minha mãe a ser bem humano, a ser uma pessoa que gostava de ajudar. E com a Escola Bíblica, com o CEBI, com a leitura bíblica eu me tornei essa pessoa mais chegada das pessoas, mais próximas querer ajudar, uma pessoa politizada (Reginaldo – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 15).

Ao se declarar uma pessoa politizada e atribuir ao CEBI e à LPB parte da responsabilidade pela sua construção como pessoa, Reginaldo relaciona algumas características do ser politizado: ser humano; ajudar as pessoas; ter consciência cristã e de cidadania; não ser influenciado por qualquer um; e ser revolucionário, comum ao pensamento socialista. E se refere ao fato de nunca ter militado no PT várias pessoas das CEBS contribuíram para a criação e crescimento do PT, como veremos em falas posteriores. Em todo o caminho ele fez como São Paulo, guardou a fé (2Tm 4,7), porque sua fé estava alicerçada na rocha da Palavra. Ora a fé não é uma adesão cega a doutrinas e dogmas de uma religião, mas, para os cristãos, implica a vivência do mandamento do amor no seguimento de Jesus.

Nos quatro relatos que trazemos a seguir, há uma convergência na escolha do espaço de vivência da práxis revolucionária, a militância política no Partidos dos Trabalhadores:

E, aí escolher isso teve muito a ver também como eu vivi essa coisa da Bíblia, como eu passei a ver a sociedade, entrar no partido político também que isso aí foi quem é que entrava quando eu falava do PT na minha casa mesmo para minha família. Povo dizia: “isso é um absurdo! a pessoa ir para um partido desse...” que meus tios, que eram velhos, diziam que ia ser comunista botavam até é... “Ah, agora vai ter comunista em casa vai botar nas carroças uma placa”. Tanta coisa para a gente conseguir naquela época estar no partido é ter liberdade de estar compreendendo, você vai se distanciando de certas coisas da própria Juventude da sua cidade você se distancia, porque você tem uma leitura diferente dos próprios relacionamentos também com as pessoas jovens daquela época, também você tem essa diferença foi muito importante muito importante (Francineide, p. 10).

Eu sei que na minha vivência no PT, houve uma influência muito grande, essa vivência bíblica influenciou muito. Me lembro quando as Irmãs chegaram dizendo a gente que estava se criando um partido novo e a gente já sabia e a gente já sabia que estava se criando um partido novo e era um partido popular a gente começou logo a tentar formar e começamos a formar grupos era eu, as meninas de Fafá, Silvaneide e Luzia, Martinha e Naneta, Sula, Bete, chamamos o pessoal de Mossoró, Telma Gurgel, o marido, ela Djalma aí eles vinham quase toda semana aqui nos ajudar (Dilma – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 14).

Bem, eu sempre tenho dito que tenho três bandeiras de atuação. A primeira é as comunidades eclesiais de base, das comunidades eclesiais de base foi que eu entrei para a política sindical e também na política sindical entrei na política partidária, no Partido dos Trabalhadores por compreender que realmente é dessa forma a gente tem que lutar e a política quem resolve, por isso, que a

gente compreende que tinha que entrar, então são três chamadas bandeira de luta, nesse processo da construção democrática. E olhando as pessoas que são espelho, que foram espelho, aí nós temos você própria, Zélia Cristina, temos várias outras figuras o bispo hoje Sebastião Armando que foi um grande Professor, educador nosso da época, e a grande participação de outras figuras importantes nessa caminhada a gente pode citar várias pessoas como: Eulâmpia lá em Campo Grande, Socorro Oliveira, a própria Jacinta, Socorro Holanda, enfim, são alguns aqui que eu tô lembrando, mas se você for enumerar a gente vai passar um bom tempo aqui citando esses nomes de pessoas, como essas que já sei que são pessoas que lutaram para que essas comunidades pudessem ser realmente emancipadas e o povo pudesse ver e ler a palavra de Deus nesse sentido (Raimundo Canuto, p. 19).

E Jesus veio para os menos favorecidos e a partir daí também a militância no PT passou a ser diferente, passamos a fazer um trabalho mais minucioso até que essa cidade pequena nós fazemos encontro e tem a ligação, bem profunda tem bastante pessoas do diretório do PT dos filiados que são também conhecedores, já Leitura Popular da Bíblia, que tem uma experiência, já com Paulo Freire quem desde a faculdade também 96, 97, 98 que a gente já conhecia Paulo Freire que vê, que a questão da Leitura Popular também é muito ligada à questão de Paulo Freire, do método de Paulo Freire, ver a questão da alfabetização de jovens e adultos. Tudo isso influenciou na minha militância, transformando o meu pensar, o meu viver, transformando a minha maneira de pensar e de passar e repassar os conteúdos (Socorro Holanda, p. 23–24).

Quatro pessoas diferentes, em pequenas cidades do sertão nordestino, a partir da sua experiência de LPB e de outras vivências emancipatórias, se dedicaram a construir o Partido dos Trabalhadores nas suas localidades: Apodi, Governador Dix-Sept Rosado, Campo Grande e Severiano Melo. Essa decisão não os afastou das comunidades, pelo contrário, é vista como uma decorrência dos seus compromissos e processos formativos. E sempre vem acompanhada de outros vínculos, bandeiras e motivações.

Michel Lowy trata do tema no seu livro sobre o Cristianismo da libertação e afirma:

Os novos movimentos populares brasileiros – a radical confederação de sindicatos (CUT), o Movimento de Trabalhadores Sem Terra (MST), as associações de moradores das áreas pobres – e sua expressão política, o Partido dos Trabalhadores (PT), são até certo ponto produto da atividade comunitária de cristãos dedicados, agentes leigos das pastorais e comunidades também cristãs (Lowy, 2016, p. 143).

Na sequência de sua análise, Lowy destaca que além de impulsionar movimentos e organismos populares, a Igreja na Base criou uma nova cultura política no Brasil:

Mas é preciso deixar claro que as comunidades de base ajudaram a criar uma nova cultura política no Brasil, “a democracia das bases”, em oposição não só ao autoritarismo militar, como também às três tradições políticas principais do país: o clientelismo – praticado tradicionalmente nas áreas rurais pelos proprietários da terra e nos centros urbanos por políticos profissionais que distribuem favores (empregos, dinheiro); populismo que, sob Vargas e seus seguidores, permitiu que o governo criasse “de cima” o movimento sindical e

popular; e o verticalismo, muitas vezes utilizado pelas forças principais da “velha” Esquerda, seguindo o exemplo soviético ou chinês. Graças a essa nova cultura, os militantes das CEBs, com apoio de teólogos e bispos radicais, contribuíram para construir o movimento trabalhista de massas maior e mais radical de toda a história do Brasil.

Analisando as falas retro transcritas sobre a militância na Igreja e no partido político temos algumas diferenças e semelhanças.

Francineide destaca o preconceito sofrido e o medo que as pessoas, especialmente as mais velhas, tinham do comunismo. Suas escolhas nasceram da participação na Igreja e da busca pela liberdade que implicou num afastamento de antigos colegas pela diversidade de ideias e compreensão da vida.

Dilma deu o depoimento mais empolgado e teve o apoio das Irmãs do Centro de Formação São José. Assumiu a linha de frente da organização do partido em Governador Dix-Sept Rosado.

Já Raimundo Canuto associa diversas militâncias na base do seu proceder: CEBs, sindicato rural e o partido político, bandeiras de luta no processo de construção democrática. Enumera diversas pessoas que influenciaram e auxiliaram no fortalecimento das suas escolhas, mostrando que essa forma de pensar era corriqueira nas comunidades.

Socorro Holanda alia seu compromisso eclesial e político ao trabalho educativo que exerce citando expressamente Paulo Freire e a Educação Popular. Junto com ela estavam muitas pessoas que também conheciam e se envolviam com a LPB.

Não se trata, assim, de compartimentos estanques e incomunicáveis da vida dos militantes, mas da mesma fé e compromisso testemunhado em várias frentes e com o mesmo objetivo, a libertação dos oprimidos, como diz Paulo Freire.

As decepções futuras e até mesmo o afastamento do ideal primitivo não apagam o chamado compromisso e a esperança de ver os trabalhadores assumirem nas suas mãos a construção da história, impulsionados pelo evangelho encarnado no sertão.

Outros espaços e lutas também foram gerados pela vivência da LPB e alimenta as utopias, como, por exemplo, relata Gorete Duarte:

Hoje faço parte de uma ONG que anteriormente trabalhou com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e hoje resiste com o trabalho de mulheres na periferia, por questões financeiras, quase sem atividades. Acompanho grupo de mulheres e continuo presente nos espaços ligados à resistência. Não faço parte de nenhum grupo pastoral, mas continuo próxima de experiências com grupos de religiosas. Sou facilitadora de Yoga e consegui fazer formação em terapias holísticas. Terminando ainda a formação em biodança. Acredito em um mundo com menos violência a partir da minha ação e das demais pessoas que acreditam que, juntas, podemos construir uma

sociedade mais humana e mais solidária. Tenho um olhar voltado para a causa em especial das mulheres (Gorete Duarte, p. 25).

Novos temas, novos atores e novas relações. Organizações não governamentais, terapias holísticas e biodança como aliadas para a construção da comunidade. Procura-se abranger o ser humano de forma integral e não apenas a sua consciência e sua capacidade de pensar. O homem e a mulher como corpo e emoção submersos numa realidade conflituosa buscando sentido e ânimo para viver e fazer a diferença. Onde estão os desafios, aí estará também a militância libertadora buscando se reinventar.

#### 4.3 INFLUÊNCIAS NA REALIDADE ECLESIAL E SOCIAL

Como já ficou expresso na recuperação da história do CEBI, feita no primeiro capítulo, e também no resgate das metodologias que ajudam a pensar, é inegável a ligação entre o método Ver-Julgar-Agir, as experiências de Educação Popular e a LPB. Com a Palavra Carlos Dreher:

O método usado nos Círculos Bíblicos, como que naturalmente, levava em conta, de um lado, a experiência adquirida nos grupos de Ação Católica com o seu método Ver-Julgar-Agir e os ensinamentos de Paulo Freire sobre a pedagogia do oprimido e, de outro lado, a tradição dos próprios evangelhos. Ou seja, a maneira de se ler a Bíblia nas Comunidades Eclesiais de Base imitava de perto o método sugerido pelo Evangelho de Lucas na descrição da caminhada de Emaús, onde o próprio Jesus aparece interpretando a Escritura para os seus amigos (Lc 24,14-35). O processo de interpretação seguido por Jesus tem os mesmos três passos que caracterizam o método adotado pelos pobres nos Círculos Bíblicos das Comunidade Eclesiais de Base (Dreher, 1993, p. 6).

O específico da metodologia da LPB é a sua inspiração bíblica. Se revela nos passos dados em cada encontro e também na iluminação para a vida buscada em cada leitura. Cada comunidade se reconhece como continuadora da experiência dos primeiros cristãos. São a Igreja presente nas realidades de cada local. Assim, se a experiência impacta a vida das pessoas que dela participaram, influencia também o contexto no qual elas estão inseridas.

##### 4.3.1 O CEBI e a Igreja

Iniciamos destacando a ação de graças de Irmã Lúcia por ter podido participar da experiência da LPB na Diocese de Mossoró: “E aí, eu agradeço, aproveito o momento para agradecer o testemunho da Irmã Clara, da Irmã Janine que começaram, lançaram essas sementes aqui na região na Diocese de Mossoró...” (Irmã Lúcia, p. 2).

Seu louvor é semelhante àquele que brotou dos lábios de Jesus: “Naquele tempo, Jesus disse: «Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste essas coisas aos sábios e

inteligentes, e as revelaste aos pequeninos”. A revelação apresentada aos pequeninos se espalha e contagia outras pessoas. Neste mesmo sentido temos um provérbio africano muito utilizado pelas CEBS: “Gente simples fazendo coisas pequenas, em lugares pouco importantes, realiza mudanças extraordinárias”.

Ana Jacira fala em paixões que vive a cada dia, mesmo antes de participar da experiência do CEBI em Mossoró:

Antes de Clara e Janine eu já conhecia o CEBI, com Carlos Mesters, em Angras dos Reis. Mas quando soube das irmãs de Gov. D. Rosado logo fui atrás e me tornei uma das discípulas mais fiéis. Como missionária tenho duas paixões: as CEBS e o CEBI. Para mim é muito gratificante ver a transformação que o CEBI faz nas comunidades (Ana Jacira p. 3).

CEBs e CEBI estão intimamente relacionadas e têm uma relação de gênese entre elas. Ana Jacira não chega a detalhar as mudanças que acontecem na comunidade com a vivência da LPB, mas estas podem ser inferidas a partir dos relatos já presentes nesse texto.

Embora já tenhamos feito o resgate da história do CEBI na Diocese vale a pena trazer o relato de uma de suas fundadoras, a Irmã Iraci Lino que, hoje, mora no Recife:

Quando cheguei em Mossoró para integrar a equipe de catequese diocesana lembro bem no planejamento diocesano de catequese tinha um estudo sobre a bíblia. Aproveitei a oportunidade e falei do CEBI depois para o estudo da bíblia foi convidado o Frei Carlos Mesters um dos fundadores do CEBI. Veio nos impulsionar motivando para o CEBI. Era o fundador. Depois dando continuidade aos estudos da bíblia veio a Irmã Agostinha que muito nos animou para iniciarmos, em Mossoró, o CEBI a animação foi total, isso foi o primeiro chute. Depois as irmãs de Governador Dix-Sept Rosado a Clara e a Janine assumiram a organização e animação do CEBI na Diocese com Bispo, Leigos e padres essa foi a primeira experiência do CEBI (Iraci Lino, p. 4).

A iniciativa de Irmã Iraci de convidar os fundadores do CEBI para vir a Diocese foi, como ela mesma disse, o pontapé inicial da caminhada que, depois, foi protagonizada pelas irmãs de São José, em Governador Dix-Sept Rosado, com o apoio do Bispo, religiosas, leigos e alguns padres. A irmã Iraci teve uma atuação pedagógica, pois aproveitou a oportunidade e a carência da catequese para introduzir a novidade da LPB.

Como já explicitamos no resgate da história, o CEBI também “aproveitou” a conjuntura favorável para iniciar sua parceria com as comunidades. Com extrema lucidez, o biblista e Bispo Anglicano Sebastião Armando relembra esse fato:

O CEBI só nasce a partir disso que você acabou de dizer, mas não está, digamos assim, como o primeiro protagonista, mas ele vem no meio da correnteza. A Correnteza que vinha a partir do mundo dos pobres, e dos intelectuais, e dos agentes de pastoral das mulheres. Ainda naquele tempo, primeiro com a luta ainda meio abafada, lutando para se afirmar o fato é que ali também estavam operando os movimentos feministas, agora,

evidentemente, é um enfrentamento muito difícil porque a Igreja tem séculos e séculos. A Igreja é sobretudo da Idade Média para cá. Com todo poder Dogmático que têm os Papa e na esteira do Papa, os bispos aproveitam e dizem as suas como se fossem inamovíveis e que ninguém pode contestar, a Igreja tem refletido desde a Idade Média sobre o poder conservador. Aí o CEBI, digamos assim, não foi a profecia primeira ele vem na esteira de algo que nasce das lutas anteriores ao Concílio Vaticano II, a ação Católica teve um peso enorme nisso aí, não é por acaso que os padres e os leigos estiveram ligados aquilo que se chamava assistente de ação católica, estava no mesmo paralelo no qual navegou o CEBI (Sebastião Armando, p. 20).

Embora o CEBI não tenha sido o primeiro protagonista e nem a primeira profecia, deu a sua contribuição para a caminhada libertadora da Igreja na América Latina. Sebastião também esclarece o que é específico do CEBI e da LPB:

O elemento próprio eu penso que veio do estudo da Bíblia, evidentemente o estudo da Bíblia fortalece elementos do método como, por exemplo, o poder estudar em comunidade, atenção a realidade, uma nova percepção da imagem de Deus. Mas, não é uma criação do CEBI, o CEBI como instituição com o processo denominado ele nasceu no propósito. Mas um propósito, digamos assim, navegava no leito de rio que já vinha de antes (Sebastião Armando, p. 21-22).

Para Sebastião, a maior contribuição do CEBI está ligada ao objetivo de sua criação que é facilitar e auxiliar a Leitura da Bíblia em comunidade na perspectiva da libertação. Uma nova percepção da imagem de Deus torna as pessoas mais livres e menos manipuláveis, o contato íntimo com a Palavra proporciona essa transformação.

Esse entendimento está em consonância com as Conclusões da Conferência Episcopal de Puebla, em 1979. No item que trata do tema “Comunidades Eclesiais de Base, Paróquia, Igreja Particular”, coloca a escuta da Palavra como um elemento constitutivo das CEBS:

Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as comunidades eclesiais de base criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexo sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local. Destacamos com alegria, como fato eclesial relevante e caracteristicamente nosso e como ‘esperança da Igreja’, a multiplicação das pequenas comunidades (Documento de Puebla).

O documento retrata que o compromisso das pessoas com a transformação da realidade, iniciando pelo seu bairro e se estendendo a outras instâncias, é decorrência natural da escuta da Palavra. Não é uma escuta neutra, mas marcada pelas circunstâncias da vida. Por isso Sebastião fala em possibilitar a construção de uma nova imagem de Deus. Um Deus que está ao lado dos pequenos na busca por um mundo melhor e que se opõe ao Deus oficial que premia os ricos e castiga os pobres. Michel Lowy descreve como fundamental para o cristianismo da libertação a luta contra os falsos deuses:

A luta do Cristianismo da Libertação contra a idolatria (capitalista) é apresentada como uma guerra de deuses – como sabemos um conceito weberiano – entre o Deus da Vida e os ídolos da morte (Jon Sobrino), ou entre o Deus de Jesus Cristo e a multiplicidade de deuses no Olimpo do sistema capitalista (Pablo Richard). Os teólogos mais ativos com relação a essa questão vêm sendo os teólogos do DEI (Departamento Ecumênico de Investigação, Costa Rica), que, em 1980, publicou uma coleção de artigos com o título significativo *The Struggle of Gods. The Idols of Oppression and the Search for the Liberating God* (A luta de deuses. Os ídolos da opressão e a busca do Deus libertador). Esse tema também vem sendo central nos escritos de uma nova geração de teólogos, tais como o brilhante autor coreano/brasileiro Jung Mo Sung que, em seus trabalhos, ataca a “religião econômica” do capitalismo e seu fetichismo do sacrifício<sup>47</sup>.

Destaco a referência a grandes nomes da Teologia da Libertação, da América Latina, de modo particular, Pablo Richard, que foi um dos criadores da Revista de Interpretação Bíblica Latino-americana. O Deus do capitalismo, que hoje é abraçado pela Teologia da Prosperidade, é individualista e exige sacrifícios. O Deus libertador que chama ao compromisso com os outros e à percepção de que tudo está interligado é quem fortalece a resistência das pessoas, grupos e movimentos emancipatórios.

A experiência do CEBI, em Mossoró, se espalhou a partir do compromisso e do encantamento das pessoas que participaram da sua difusão e assumiram um lado nessa guerra dos deuses, abraçando a LPB e contribuindo para sua implantação em diversos espaços da Igreja Local. Vejamos o que nos dizem duas das protagonistas da história:

A minha atuação com a Leitura Popular da Bíblia no CEBI RN. Então, gostaria de dizer que a minha história começou, mais precisamente com o CEBI na Diocese de Mossoró, no ano de 1997, quando me consagrei lá na Paraíba, na minha terra natal, e fui enviada para a missão na paróquia de Portalegre, a qual tinha como pároco, na época, o Padre Dário. E aí eu vim com as irmãs Francisca, Lourença e Irmã Lilia. Chegando a São Francisco do Oeste com acolhida generosa calorosa de Padre Dário dando as boas-vindas, e aí também logo após uma reunião com ele para indicar quais seriam os grupos que eu iria acompanhar, ele propôs que eu acompanhasse o CEBI na paróquia. E a iniciar na Diocese uma escola de animadores do CEBI. E aí ele pediu que eu me inscrevesse e ele estava também motivando alguns leigos da Paróquia para e também para essa escola. E aí foi que a gente fez. Nós inscrevemos uma turma muito boa acho de uns seis, sete pessoas comigo, e aí

---

<sup>47</sup> No ano de 2000 Lowy publicou, pela Editora Vozes, o Livro “A Guerra dos Deuses: Religião e Política na América Latina”, texto atualizado posteriormente e republicado pela Editora Perseu Abramo com o Título de “O que é o Cristianismo da Libertação”, citado nas referências. Essa reflexão sobre o Deus apresentado pelo capitalismo é atual e continua sendo feita também no campo das Ciências da Religião. No último Congresso da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião (ANPTECRE), realizado em setembro de 2023, na cidade de Campinas-SP, uma das Sessões Temáticas, o ST 4, teve como tema O CAPITALISMO COMO RELIGIÃO e como um dos proponentes o Teólogo Jung Mo Sung. Lowy dialoga com esse grupo e chegou a integrar a Banca de defesa do Doutorado de Allan Silva Coelho no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, da Universidade Metodista de São Paulo que, sob a orientação de Mo Sung, aborda o tema do Capitalismo como Religião.

a partir daí ele pediu para gente acompanhar o CEBI na Paróquia e a gente foi formando os grupos de círculo bíblico alguns já tinham a gente foi fortalecendo, organizando nas comunidades a paróquia muito grande, e aí juntamente com o Raimundo Viana que é um leigo da Paróquia com João Eduardo que era leigo também. Depois ficou na Secretaria da Paróquia. E aí a gente ia trabalhando junto no CEBI, participando dos encontros da Diocese de Mossoró (Irmã Eliane, p. 17).

Quando você pergunta sobre a minha experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró, a minha experiência, ou seja, eu conheci a Leitura Popular da Bíblia em 1996, foi quando eu escutei pela primeira vez falar no CEBI no centro de estudos bíblicos e foi através das Irmãs lá de Governador, Irmãs Clara e Janine em Governador Dix-Sept Rosado, as irmãs que vieram para a Diocese de Mossoró. Aí o Padre aqui que na época era da ordem dos Capuchinhos, levou a fazer essa escola bíblica. Em outra reunião conheci a Irmã Clara, e ela propôs que a gente fizesse uma escola bíblica de agentes, lá na Cidade de Governador que seriam oito etapas. Aí fomos seis colegas, seis agentes de pastoral e a partir daí começou o encanto com a Leitura Popular da Bíblia. O encanto a paixão por essa metodologia encantadora, aí todas nós fizemos as oito etapas, quatro do primeiro Testamento, e quatro do segundo Testamento e ao terminarmos decidimos que não ficaríamos só entre nós esse conhecimento, essa nova maneira de ver a Bíblia, de estudar a palavra de Deus e decidimos fazer uma escola Popular aqui em toda paróquia de imediato só participou aqui da cidade de Severiano Melo, terminamos com 10 pessoas adultas, Legionária, pessoas da comunidade, pessoas que já têm uma vivência de Igreja, mas que ficou muito entusiasmada, gostaram demais e com o passar do tempo a gente foi ampliando para toda paróquia de Itaú, a paróquia que é formada por três Cidades Severiano Melo, Rodolfo Fernandes e Itaú e diversas capelas da zona rural (Socorro Holanda, p. 23).

Pelas falas podemos inferir que as escolas Bíblicas realizadas no Centro de Formação São José, construído pelas religiosas Clara e Janine, evidenciam ele ter sido um centro de irradiação da metodologia da LPB pela Diocese. Tanto Irmã Eliane, como Socorro Holanda, foram estimuladas pelos padres e convocadas pelas irmãs para participar da escola. A partir desse momento se tornaram multiplicadoras seja realizando escolas em suas bases ou formando e acompanhando círculos bíblicos. Neste período (final dos anos 80 e início dos anos 90) existiam grupos de estudo permanente e animadores do CEBI organizados em vários lugares, como Caraúbas, Campo Grande, Apodi, Severiano Melo, Martins, Pau dos Ferros, Portalegre, Grossos, Mossoró, Luiz Gomes e José da Penha<sup>48</sup>.

Além das escolas existiam os grupos de estudo permanente, assembleias estaduais e locais e momentos de interação que permitiam, mesmo antes do advento das redes sociais, manter a integração e o aprofundamento constante dos participantes do CEBI. Algumas das

---

<sup>48</sup> Conforme registrado nos relatórios arquivados pela Secretaria do CEBI estadual e consultados para essa pesquisa.

peessoas que fizeram as experiências das escolas depois se tornaram assessores e participantes da Coordenação Estadual, Eliane e Socorro Holanda, já citadas, fizeram esse percurso.

A fala seguinte de Socorro Oliveira resume o momento vivido:

Na verdade, nós éramos influenciados pelo CEBI. Em qualquer espaço que estivéssemos nós éramos como poderíamos dizer ... o nosso fundamento, o fundamento da nossa palavra da catequese familiar eu era professora da educação religiosa também na educação onde nós estávamos em qualquer espaço da pastoral a nossa fundamentação vinha do CEBI, que era uma Leitura Popular da bíblia a partir da realidade, a partir do chão de cada local onde nós estávamos se fosse na zona rural, se fosse na cidade a orientação era que a gente pudesse partir do local que tem uma semelhança muito grande com Paulo Freire (Socorro Oliveira, p. 121).

Socorro faz referência a espaços geográficos e pastorais de presença da LPB. Essa percepção que era partilhada por outras pessoas demonstra que a atuação do CEBI não era isolada ou restrita a pequenos grupos, mas se tratava de uma opção da Diocese. Aquelas décadas a Diocese de Mossoró caminhava na sinodalidade pois já existia uma Coordenação Diocesana que encaminhava e acompanhava, junto como Bispo, os trabalhos e atividades realizadas. Essa coordenação era eleita em assembleias composta por representantes das áreas geográficas e dos serviços diocesanos. A assembleia e a coordenação atuavam como instâncias deliberativas, e não apenas consultivas, e escolhiam prioridades que deviam ser seguidas por todos e todas. Cabe informar que nas décadas enfocadas por essa pesquisa as prioridades vividas na Diocese eram educação e organização popular, formação de agentes e Comunidades Eclesiais de Base<sup>49</sup>.

Se a ligação íntima com a pastoral realizada pela Diocese de Mossoró da ICAR facilitou o crescimento do CEBI na região, também gerou dependência. Quando a conjuntura eclesial mudou os grupos de estudos bíblicos minguraram. Outro fato que influenciou foi o retorno das irmãs Clara e Janine para os Estados Unidos. Como elas eram a referência e o apoio do trabalho de divulgação da LPB<sup>50</sup>, a ausência gerou um vácuo. As irmãs de São José que assumiram a comunidade tentaram continuar a articulação. Irmã Délcia, por exemplo, investiu na juventude e na formação na própria cidade de Governador Dix-Sept Rosado criando o CEBI Jovem.

Sobre o CEBI jovem trazemos as memórias de Reginaldo e Linda:

Cheguei a participar de algumas reuniões do CEBI jovem, mas na época que o CEBI jovem estava acontecendo eu já tinha um contato maior com a outra parte por ter sido já depois de muito tempo, então, o CEBI jovem para mim, eu participava, estava lá, mas para mim era mais interessante o outro grupo porque era o grupo que eu tinha iniciado e tinha assim eu já tinha uma certa maturidade em relação àquela Juventude, mas que eu participava junto com

<sup>49</sup> Como fonte de pesquisa da história da Diocese tivemos acesso aos relatórios das atividades e reuniões periódicas que eram realizadas

<sup>50</sup> Inclusive financeiro pois conseguiam verbas de projetos ou grupos de católicos de sua terra de origem.

ele era um movimento muito bom tinha grande participação dos jovens e havia uma grande mobilização na paróquia dessa juventude o contato dela com a leitura bíblica. Inclusive meu contato com a leitura bíblica Popular é uma forma de trazer para oração, de trazer para a vida foi justamente a partir do CEBI a partir desse encontro inclusive com os encontros com o CEBI jovem (Reginaldo – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 12).

Aprendemos com Clara e Janine, e depois chegou a Irmã Délcia com o CEBI para fortalecer mais ainda caminhada. Para mim foi o momento mais forte da nossa Paróquia, foi a vivência e a participação das Irmãs de São José aqui, porque elas não vieram fazer, elas fizeram com que a gente aprendesse. Então, a gente aprendia, a comunidade, as pessoas participavam, e daí ia passando de geração para outra, e os jovens participavam também. Como eu ficava feliz quando eu entrava ali no centro de São José com aquele CEBI jovem e via aquela juventude. Eu vi mãe evangélica que ia para lá participar do encontro porque o filho estava participando. E vi Irmã Délcia muito feliz com aquilo. Não só ela, mas todos que estavam lá (Linda – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 12–13).

O investimento na juventude e sua iniciação na prática da LPB não se espalhou pela Diocese, mas dinamizou Paróquia de São Sebastião. Era aberto a jovens que não participavam da comunidade católica local e incluía momentos planejados para a participação das famílias. Se as dinâmicas e os encontros investiam também na dimensão lúdica, o objetivo era semelhante, colocar a experiência do Deus libertador na vida.

Voltamos a olhar para a palavra de Irmã Eliane que foi transferida de paróquia mas continuou atuante no CEBI. Por onde andou levou consigo a prática da LPB, como relata:

E aí eu passei bastante tempo no CEBI de Mossoró com a Irmã Délcia participando dos encontros da Diocese do CEBI, na Diocese e, também, ajudando na articulação do Alto Oeste passei, mais ou menos, 8 anos na articulação do Alto Oeste. Foi uma boa caminhada com círculos, com as escolas públicas no Alto Oeste animando, motivando a Leitura Popular da Bíblia. Depois eu fui transferido também para outras paróquias e passei a maior parte da minha vida consagrada na Diocese de Mossoró foram, mais ou menos, 14 anos (Irmã Eliane, p. 17–18).

Ela testemunha nesse pequeno trecho que destacamos a presença de duas estratégias fundamentais para a preservação do CEBI na Diocese: a articulação e os encontros. O trabalho não era isolado, mas planejado e partilhado. Planejamento que ia além de técnicas e análises “científicas” pois incluíam a escrita dos apelos de Deus na realidade e a comunhão de vida e esperanças. Como destacamos no item anterior, deixou marcas na vida das pessoas e, também, nas comunidades e no rosto da Igreja Católica e da sociedade local.

### 4.3.2 As oposições e os limites

Nesse tópico destacamos a experiência de pessoas sem uma preocupação cronológica e conjuntural, para perceber o crescimento pessoal, seja a nível de consciência ou de engajamento na realidade eclesial e nas lutas populares. Nesse caminho também encontraram dificuldades e oposições. Inicialmente decorrem de uma macro conjuntura de mudanças na forma da ICAR se reconhecer e atuar.

Esse caminho de abertura da Igreja para a modernidade e de um posterior retrocesso e covardia é retratado por Sebastião Armando em sua fala. Acompanhemos o seu raciocínio que começa fazendo memória da especificidade da experiência latino-americana:

Acho que o Concílio Vaticano II, é o marco, um outro marco é o que aconteceu no nosso continente, Medellin, Puebla clima que esses eventos episcopais expressão de um movimento que serpenteava na Igreja, em que as pessoas da Igreja Católica, especialmente, se envolviam nas periferias se envolviam com a preocupação de aprofundar os caminhos de Educação Popular etc. Então, com a herança do Concílio aquilo que foi o que mexeu na América, eu não gosto de dizer a América Latina, eu gosto de dizer a América Afrolatíndia e o outro vocábulo aliado a essa é América-afrolatíndia, porque quando a gente diz a América Latina está confessando a própria alienação estamos homenageando os que vieram nos dominar, o nosso nome oficial não traz a presença nem do povo negro, nem do povo Ameríndio, dos índios, dos indígenas eu prefiro Afroameríndia, Afro é uma sílaba muito forte, duas sílabas muito fortes. Afro e índia, então, os africanos e os índios que realmente foram a força de trabalho do continente e no meio, não como uma homenagem, mas como lembrança, Amer que lembra America. Mas, América é o nome que os opressores deram às suas façanhas, e que todo jeito deixou as marcas, Claro, por isso é bom a gente não esquecer (Sebastião Armando, p. 20).

A história da presença da ICAR na América se imbrica com a história civil. Desde a chegada dos colonizadores, a tradição cristã chegou nas caravelas. Após o Concílio Vaticano II algumas pessoas das Igrejas se sentiram chamadas a partilhar a vida nas periferias e se comprometer com os excluídos. Esses não são vistos como destinatários da missão, mas como participantes. Seu clamor também chamava a Igreja à conversão. Sebastião destaca especialmente a herança Africana e Indígena ao propor o nome Afroameríndia<sup>51</sup>.

Da mesma forma que o Vaticano II impulsionou e possibilitou a experiência de uma Igreja libertadora, os pontificados posteriores geraram um retrocesso que Sebastião chama de baixa conservadora:

---

<sup>51</sup> Uma música de Reginaldo Veloso, ex-padre compositor de Recife-PE e que também é parte da caminhada do CEBI, tem uma música com esse nome Afro-Ameríndia, missão e Unidade. Assumir esse nome faz parte de uma música comprometida.

De maneira mais profunda e calma sobre essa inter-relação mas eu penso que são galhos da mesma árvore, no ocultamento se comunicam mesmo quando não aparece são claro, por que sem a renovação do Vaticano II, não seria possível nenhum dos três caminhos, sem a abertura de João XXIII, sem a abertura de Paulo VI, também acho que todos convergiram, evidentemente, com o Papa João Paulo II, como a gente via aquela baixa conservadora em certo aspecto é reacionária (Sebastião Armando, p. 21).

Em conferência proferida na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, em Mossoró, no dia 10 de agosto de 2019, intitulada “Igreja na Sociedade”, Sebastião explicita melhor essa mudança que ocorreu na Igreja<sup>52</sup>:

Acontece que mudanças históricas não são necessariamente lineares. Com a morte dos papas ligados ao Concílio Vaticano II: João XXIII, Paulo VI, João Paulo I, houve a eleição de João Paulo II. Este último era um eclesiástico formado pelo catolicismo polaco, conhecido por seu perfil conservador, forjado na resistência histórica às ambições russas e ao Comunismo e adepto da Teologia pré-conciliar, votava com a minoria derrotada no Concílio. Angustiava-se com a repaganização da “Europa cristã” e nutria o sonho de restabelecer a “civilização cristã” a partir do velho continente. Tinha perfil autoritário e, ao mesmo tempo, inspirava grande simpatia popular por seu carisma midiático. Foi eleito papa bastante jovem, na casa dos cinquenta e teve a seu lado o cardeal que o sucedeu e que cultivava, também ele, a decepção com o Catolicismo europeu, e mesmo tendo sido um teólogo prestigiado, infelizmente, releu o Concílio como brecha pela qual a Igreja se via invadida por influências racionalistas e do relativismo da verdade, com prejuízo das doutrinas julgadas perenes. Tivemos, então, um período sombrio de autoritarismo, de condenação de teólogos, como Leonardo Boff e toda a corrente da Teologia da Libertação e de desconfiança até em relação a certos bispos estimados e influentes, como Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Oscar Romero e Dom Pedro Casaldáliga. De lá pra cá a Igreja tem experimentado um processo de mediocrização do clero e até mesmo do episcopado. Interessava, antes de qualquer outra coisa, “a volta à grande disciplina”, como tão bem caracterizou João Batista Libânio. Importava o alinhamento com a Cúria Romana e, é claro, a obediência antes de tudo (Gameleira, 2019. n/p).

Uma análise dura e realista dos pontificados. Em certo trecho de sua entrevista Sebastião explica: “Estou salientado os Papas, porque na Igreja o Papa é que tem a última palavra”. O medo do novo e da perda de poder e do controle sobre os fiéis levou ao retrocesso por parte do clero e a uma centralização do poder.

Esses fatores influenciaram grandemente na caminhada do CEBI na Diocese de Mossoró e já começaram a ser sentidos como entraves mesmo na época de maior expansão da LPB na região. Dilma relata sua dificuldade de conjugar a militância política com a participação na comunidade de fé na cidade de Governador Dix-Sept Rosado:

---

<sup>52</sup> O texto base dessa conferência pode ser acessado no link: <https://domsebastiaoarmando.wordpress.com/2019/09/18/a-igreja-crista-na-sociedade-2/>.

Eu acho que isso talvez redundou na nossa saída da Paróquia, porque achava que a gente que era do PT, porque a gente não mistura as duas coisas a gente sabia o que era trabalhar a Bíblia com o povo, outra coisa era trabalhar a militância política, mas muitas pessoas cresceram a vista: “Olhe, em Governador Dix-Sept Rosado o PT estava tomando conta da Igreja... a Igreja está sendo dominada pelo o PT... o PT está tomando de conta da Igreja...” foi aquele falatório. Mas a gente era atrevido! A gente teve o atrevimento de ir uma reunião da pastoral em Mossoró no centro de treinamento pedir uma ajuda para a campanha do PT aqui em Governador. Aí, Dom José disse: “meninas, meninas...” (Dilma – CEBI Governador Dix-Sept Rosado p. 14).

Crescer a vista é uma expressão nordestina que pode significar a atitude de prestar atenção aos outros com uma conotação negativa. Pode significar inveja ou reprovação. O atrevimento do grupo dava forças para enfrentar as maledicências, mas até o atrevimento cansa. Esse depoimento mostra também que não havia espaço para questionamentos e diálogos abertos. As críticas se davam em surdina ou por meio de fofocas.

O mesmo denodo e prontidão na defesa dos direitos das pessoas é demonstrado por Irapirema quando fala de uma ação da comunidade na época da seca:

E a gente via que era a força da palavra, eu não tinha medo, tinha gente que me fazia medo. Foram tantos momentos fortes, que eu nessa semana, eu estava me lembrando que com a seca, com o povo morrendo de fome, querendo aquela história de atacar o comércio e a gente não queria que acontecesse isso né. E a gente teve que trocar as comunidades que estavam mais presente, por exemplo, me lembro de uma vez nós juntamos um povo e jogamos lá dentro do Isaura Rosado<sup>53</sup>. Eu acho que era Adailton que era o prefeito. Ele juntou a gente lá e nós saímos por meio da rua mas tudo muito bem controlado, planejado e tudo nesse método ver, julgar e agir (Irapirema – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

Percebe-se a estratégia adotada pelo grupo: reunir as pessoas dispersas que queriam atacar o comércio acoissadas pela fome e a pressão feita para as autoridades agirem. A Igreja como instituição e a Paróquia não são citadas nessa mobilização, mas tudo era feito na força da Palavra.

Noutras falas se percebe que as pessoas ouvidas e que participaram da caminhada hoje estão mais afastadas da Igreja por não encontrarem espaço. Linda diz isso explicitamente. Outras falas deixam transparecer essa frustração:

Atualmente em nível de atividade pastoral e o uso desses conhecimentos, dessas informações, esse trabalho de formação que a gente teve. Eu tenho uma proximidade com a Pastoral Juventude no Movimento Popular, assessorando alguns encontros, mas é algo muito explorado, né? As atividades pastorais e atividades de Igreja, e elas estão muito muito esporádicas né. Terminei enveredando por me aprofundar no trabalho, na universidade, uma série de coisas desse tipo e terminou o tempo me restringindo. Mas, não me furto em mim quando me chamam para alguma dessas atividades inclusive para

---

<sup>53</sup> O Isaura Rosado citado na fala é uma escola Municipal da cidade de Governador Dix-Sept Rosado.

Novena alguma atividade desse tipo, assim, as minhas atividades são mais restritas a isso assessorar alguns encontros da PJMP, e, às vezes, alguns encontros, alguma palestra ou alguma novena quando me chamam. E nesses momentos que a gente começa a perceber a importância da validade de toda aquela formação que se teve, por que a gente vai tendo condição de fazer uma reflexão trazendo para realidade do cotidiano sempre cotidiano ele nos instiga a ficar a pensar sempre no cotidiano a partir disso e a gente vê o quanto é viva a presença da reflexão Bíblica, da formação teológica, que a gente fez em torno disso (José Edson, p. 10).

Atualmente eu não estou participando de nada em relação à paróquia. **Em relação ao partido?** Não, partido sim. Mas também não é mais como antes de maneira mais moderada pois tenho um problema sério de saúde. E quem tem diabetes sabe o quanto é difícil. Mas, a minha fé é inabalável, eu tenho a minha crença, ai de mim se não fosse a minha crença ela me sustenta. Mas, eu ainda penso em melhorar, ficar boa participando das atividades e ser uma mulher de luta como eu já fui. Eu briguei muito por melhoria na educação, tanto Municipal como estadual. Mas, hoje o dilema? eu hoje não tenho espaço, mas aproveito toda conversa que eu tenho com qualquer pessoa para conscientizar. Trago o CEBI na minha cabeça e falo de Deus eu mostro o Deus da Bíblia, seja jovem, seja adulto minha casa anda muita gente (Irapirema – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 15).

Tanto José Edson como Irapirema não deixaram a militância e as convicções, mudaram de local e de forma de atuação. As ações libertadoras realizadas com a comunidade ficaram no passado, mas o aprendizado ficou e impulsiona novas ações. Seja na atividade profissional, na militância partidária ou nas relações pessoas, aproveitam os espaços de vida e de convivências para usar o aprendizado obtido nos estudos da LPB seja para formar ou conscientizar novas gerações.

Fica evidente o caráter pedagógico da experiência vivida e também a vontade de sempre crescer e aprender mais. Não se contentam em ser ovelhas ou membros passivos de uma Igreja clericalizada e nem se alimentam apenas de poucos momentos em que são lembrados e chamados. Ficamos na dúvida se existe um caminho ou um desejo de retorno a um compromisso mais forte com a dimensão do transcendente? Será que a atual conjuntura da ICAR é acolhedora?

Mais uma vez recorremos a lucidez de Sebastião Armando ao caracterizar a Igreja (as Igrejas) como castradora (s):

Agora eu penso que um prejuízo grande que se tem é estar na Igreja, porque a Igreja é castradora, e a gente vê que essas coisas mudam com séculos. A gente vem de uma Igreja muito autoritária, alienada, dominadora, antifeminista, ou seja, tudo isso são entraves para o método do CEBI ter eficácia realmente, por exemplo, se depende muito das estruturas eclesiais o Padre tem de certo modo controle do povo, que está em torno ali da Igreja. E como é que você vai chegar com a Bíblia, o povo da Igreja não pode chegar. Mas, chega aos poucos. Você não funda o CEBI, com gente que não é ou pelo menos tenho ouvido, cheira o que é a Igreja, ter praticado alguma coisa na Igreja. Não é

simplesmente um grupo de Educação Popular que se reúne de noite, na sala em um local e vai estudar a Bíblia, para ter esse propósito tem que ter um mínimo de ligação na vida eclesial. E aí está o entrave, porque a Igreja tem andando para trás... as Igrejas (Sebastião Armando, p. 20).

Se as atividades estão sob controle do clero, o espaço de liberdade e de criatividade é limitado. Vive-se para dar sustentação à Igreja, até mesmo financeiramente. Porém os grupos de estudo bíblico não se confundem com grupos de Educação Popular ou de militância político-partidária: têm a sua base na Palavra e necessitam de uma ligação com a vida eclesial e com a espiritualidade libertadora.

A LPB e a tradição da Teologia da Libertação defendem que a Igreja “é povo que se organiza, gente oprimida buscando a libertação, Igreja é povo que se organiza. Gente oprimida, buscando a libertação, em Jesus Cristo, a ressurreição!”, como proclama um antigo hino entoado nos encontros do CEBI e das CEBs. Nesse canto a ressurreição é comparada ao gesto de levantar-se e lutar pelos direitos, operários, pescadores, seringueiros, lavadeiras... em caminho na busca da plena libertação.

Uma utopia que já foi muito forte nos meios populares e hoje parece suplantada por interesses mais individuais e espiritualizados. Mas percebe-se nas falas ouvidas e vamos destacar no próximo item do nosso texto, que a esperança persiste e alimenta a caminhada de quem aprender a fazer e a ser diferente.

#### 4.4 A INFLUÊNCIA DO CEBI NAS OPÇÕES DE VIDA

Participar da experiência da LPB promovida pelo CEBI, seja em Mossoró ou em outros locais, leva a pessoa a saber que ela pode ser uma prática educativa e espiritual, que pode auxiliar na formação da consciência crítica, e deixar marcas. Como essas marcas se revelam é o que detectamos, de modo resumido, nas falas dos entrevistados.

##### 4.4.1 Compromisso com as causas populares

A mudança ocorrida na vida das pessoas ouvidas durante a pesquisa ocorreu a nível de consciência e de atitude. A percepção crítica da realidade e das estruturas que a sustentam só é efetiva se leva a ação. O objetivo da formação é a mudança. Mas o primeiro passo é conhecer as pessoas e questionar a realidade de opressão, a partir do diálogo que possibilita a escuta do outro. Idaísa e Linda, cebianas da cidade de Governador Dix-Sept Rosado, enfatizam esse aspecto da sua experiência no CEBI:

Mas, o CEBI foi de início viver com a comunidade, participar porque eu participava daquelas reuniões da comunidade assentava no chão se pensando e se avaliando os problemas de acordo com a bíblia foi uma vivência muito bonita uma experiência, para mim uma vida que eu vivi e que jamais posso esquecer, visitar as comunidades conhecer todos os problemas, discutir os problemas viver ao lado do povo da comunidade, porque foram quase todas as comunidades de Governador que eu visitei foram vários anos, além de andar no tempo do CEBI eu ainda participei do estudo de adulto, alfabetização de adultos através do MEB e foi uma experiência muito boa, por que dentro do MEB eu já trabalhava. Conviver com aquelas pessoas adultas que não tinha conhecimento que não sabiam nem escrever o seu nome e foi uma vivência pois saía todas as noites no jipe debaixo de chuva do jeito que fosse minha filha era bem pequena e eu levava e colocava para dormir dentro do jipe e meu esposo dirigindo e nós andando por dentro do mato foi uma lembrança que jamais posso esquecer a vivência do MEB (Idaísa – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 12).

Olha, a partir do momento que eu participava das escolas bíblicas que você ia aprendendo a interpretar a Bíblia que a gente lia e não sabia, era trazido a questão da realidade a partir desses encontros não era mostrando. O que era que deveria se escolher? Você vai escolher quem defende a vida ou quem mata? Então independente do partido que você tivesse, dava para você a partir daí ter uma experiência muito boa e aprender. Eu aprendi muito a partir disso aí, você já participava, ficava esses questionamentos, você aprender a se questionar e saber, mais ou menos, com relação àquelas pessoas que estivessem a frente, que não fosse o seu representante. Quem era que você escolheria será que é esses que defendem a vida? Elas diziam muito vamos ter cuidado, tudo isso era debatido a gente tem que estar sempre do lado de quem quer a vida, mas é a vida em abundância para todos e não só para a minoria (Linda – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 14).

Aprender a questionar e a discutir os problemas buscando soluções coletivas que abrangiam todos os aspectos da vida. Como resume Idaísa “viver a comunidade”. Na fala de Linda fica patente também que a discussão passava pelas eleições e pela escolha dos representantes políticos. A questão base era identificar as pessoas e acontecimentos quem defendem a vida em plenitude para todos e todas.

Os laços construídos duram por toda a vida e impactam nas opções das pessoas e nos seus ideais. Nesse sentido trazemos o depoimento de Francineide, Ir Lúcia e Ir Iraci:

Eu costumo dizer que tudo que aprendi parte muito disso, tudo que sou hoje eu costumo muito de ser isso, tudo que sou hoje, inclusive ser socióloga a escolha da minha profissão parte muito dessa minha convivência nos movimentos populares da Igreja. Na Pastoral da Juventude, no meio popular da PJMP que nós começamos. Eu estou um pouco mais distante diretamente. Mas, a questão é assim pelo menos o compromisso que a gente assume na sociedade tem reflexo. Eu entendo que eu estou no IF no sindicato porque eu não tenho nenhuma obrigação de estar no sindicato, de estar lá e contribuindo com o sindicato porque ninguém quer, porque disse que não ganha nada. Eu acho que isso tem tudo a ver com a minha formação de entender que a caminhada se faz caminhando né que existe a possibilidade de transformação

a partir da caminhada. Muito disso que eu aprendi mesmo foi no movimento popular, né? (Francineide, p. 8;11).

E aí eternamente enquanto estiver sopro de vida disposição meu desejo é justamente estar nesses meios populares por que a leitura bíblica popular nessa ótica ajuda a gente não só a conhecer, mas a sentir a ação, a revelação e a presença de Deus esse Deus que é defensor dos injustiçado, desse Deus que é amigo da verdade, esse Deus promotor da verdadeira vida, esse Deus que não só cria, mas acompanha cada momento fortalecendo, esclarecendo e dando razões para que a gente seja, de fato, um instrumento dele para libertar, para transformar e para recriar (Irmã Lúcia, p. 1).

Hoje, com os meus 85 anos e bem fragilizada não estou mais na periferia com o povo, mas no meu coração o meu sentir, minhas memórias da convivência fraterna na busca pelo bem comum permanecem comigo fortificando-me, alegrando-me e rezando por todos que lutam por mais vida. Para isso, uso dos meios de comunicação, mídias para estar sempre em sintonia com a caminhada do CEBI em suas realidades e o processo de conscientização do povo de Deus na luta por mais vida. Vejamos por exemplo a eleição presidencial, em 2022, o povo gritando vida em todas as dimensões (Iraci Lino, p. 4).

Vemos, assim, que o aprendizado é mais que teórico e mexe com toda a vida, com a forma como a pessoa se coloca diante do mundo em busca do ser mais e estar em sintonia com “o processo de conscientização do povo”. Nas falas acima transcritas temos três formas diferentes de viver o compromisso. Francineide na sua profissão de socióloga e educadora e na luta sindical. Irmã Lúcia sentindo a presença do Deus da vida nos meios populares, trabalhado a LPB e se colocando à disposição para ser instrumento de libertação. Por fim, a Irmã Iraci que, na fragilidade dos seus 85 anos, contempla a caminhada feita e mantém a mente aberta para estar em sintonia com a caminhada do CEBI e o processo de conscientização. Cada uma delas coloca em prática o que aprendeu a partir de suas contingências. Não é um acaso, mas uma escolha, uma resposta ao processo formativo vivido no CEBI.

Os professores João Luiz Correia Júnior e Eunaide Monteiro, num artigo publicado em 2020, na Revista de Cultura Teológica intitulado: “Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire”, destacam as convergências entre a metodologia da Educação Popular e a prática formativa de Jesus e, na conclusão do artigo, anumeram os elementos fundamentais dessas metodologias:

A Teologia da Libertação utiliza o método com a tríade “ver, julgar e agir” para compreender a realidade e buscar ações que a transformem se baseando nos ideais de amor cuja finalidade é a libertação de toda forma de opressão. Freire propôs o método “ação-reflexão-ação” (também em tríade) como estratégia de luta contra a realidade opressora e acreditava que só através da educação, fundamentada no diálogo, na confiança e na afetividade, o mundo pode realmente mudar. Sem falar em religião nem fazer alusão a nenhum texto religioso, em todas as obras de Freire pode-se encontrar ideias que dialogam

com as grandes religiões do mundo e, principalmente na obra *Pedagogia do Oprimido*, ele apresenta os imperativos expostos no evangelho: a esperança, o amor, a denúncia, o anúncio, a utopia e a libertação. A pedagogia de Jesus tinha uma práxis bem articulada, por isso, tornou-se um movimento sociorreligioso Itinerante (circulava pelas aldeias e cidades da Galileia do século I), anunciando o que já experimentava: uma nova práxis, por meio da qual se dava início a instauração do reinado de Deus, o cerne de sua ação missionária que corrobora com a pedagogia de Freire que tem como metodologia a reflexão-ação-reflexão e, por objetivo, a libertação de todas as pessoas, pois, ao tomarem consciência de sua posição de oprimidas, através da educação ativa, começam o processo de superação da passividade e assumem uma posição de participantes do seu próprio aprendizado tornando-se protagonistas de sua própria história (2020, n/p).

São os valores presentes no evangelho e a esperança de mudar que levam ao compromisso com a causa da libertação, as causas populares. Esses valores são partilhados no processo educativo libertador e exige, “diálogo, confiança e afetividade”. Esses requisitos só existem na convivência que gera a empatia e o compromisso. Jesus não tinha a postura de mestre e nem se limitava aos espaços religiosos. Inaugurou a utopia do Reinado de Justiça.

Os movimentos que, na América Latina, se tornaram solidários com o povo tinham no seu horizonte a proposta da libertação. Uma libertação que parte da práxis dos oprimidos, que emerge da sua inconsciência para se tornarem protagonistas da história. O oprimido não é uma coisa inanimada que se resgata, mas um sujeito em crescimento.

Nas falas de Irmã Eliane e Socorro Holanda fica evidente que elas compreendem o caráter pedagógico de suas práticas, como nos trechos que destacamos a seguir:

Então, CEBI ajudou bastante e aí a gente sempre está colocando em prática exatamente a opção evangélica dos empobrecidos está do lado daqueles que ninguém gostaria de estar e aqui a gente em nossas comunidade lugar que a gente escolhe para, assim, sair exatamente as periferias geográficas das cidades, onde ninguém quer estar sobretudo tudo aqui em Aracati, onde a gente mora em uma vila, praticamente, uma vila com bastantes problemas sócio ambientais, com muita violência, com muita droga e a gente tá aqui inserida sendo presentes Libertadores na vida desse povo, sendo luz a partir dessa leitura com as crianças, com jovens, com as famílias, com círculo bíblico. E isso já levou muita a transformação do bairro, como própria família coloca para nós o testemunho, porque as Irmãs, já estão aqui há bastante tempo eu estou com 9 meses, mas eles colocam que aqui já teve tanta mudança a partir da inserção nossa nesse bairro tão periférico tão excluído, tão abandonado em todos os sentidos. Então, o CEBI ajuda muita gente nessa escolha por estar do lado daquele que ninguém gostaria de estar (Irmã Eliane, p. 18).

Se a minha fé e o meu trabalho comunitário nos dias atuais é questão do tripé, a realidade, fé e comunidade e procuro sempre ver a questão dos menos favorecidos do trabalho social, a gente faz um trabalho do Partido dos Trabalhadores, faz também com o sindicato, a parceria com o sindicato dos trabalhadores em educação quem a companheira é a Emirene, também é

Sindicalista vice-presidente do sindicato também é assessora do centro do estudo bíblico, a gente faz desse trabalho e procura ver sempre na comunidade meu trabalho comunitário totalmente hoje depois que conhecia a Leitura Popular da Bíblia, conhecer a metodologia de Paulo Freire é totalmente diferente de 20 anos atrás de uma maneira Libertadora, de uma maneira que liberta e não que oprime, mais ou menos, assim, nos dias atuais tem sido um pouco complicado porque a gente sempre trabalha parceria com a Igreja católica e aqui o Vigário é muito fechado. Mas, tá para sair agora a gente espera que a gente possa fazer um trabalho melhor de forma mais concreta, ou seja, tem que ser perseguido, porque esse outro, nem faz e também não admitia que a gente fizesse. Então, a gente tenta fazer o melhor possível e trabalhar de uma forma que liberte as pessoas, assim, como o próprio Jesus Cristo veio para libertar. E também participei de algumas edições do grito dos excluídos, que é um trabalho que a gente eu participei do grito dos excluídos que é um trabalho mais organizado, participei uns três anos em Mossoró (Socorro Holanda, p. 24).

Apesar das diferenças de estado de vida e local de atuação, percebemos algumas convergências e a consciência de que estão aplicando nas suas realidades os passos constitutivos da metodologia da LPB que se inspiram na Educação Popular e na prática de Jesus.

O primeiro passo é a inserção na realidade. Um segundo momento reunir a comunidade para, a partir da leitura bíblica, reconhecer os seus problemas, descobrir as causas e lutar pelas mudanças. A conscientização é sempre coletiva e ocorre na práxis concreta pois pensar a prática é a melhor maneira de pensar corretamente.

Talvez o ponto mais forte do testemunho de Irmã Eliane e Socorro Holanda seja a perseverança. Os frutos obtidos com o trabalho e a dedicação não geram comodismo, mas, sim, a vontade de continuar a atuar. Mesmo nas situações adversas e numa conjuntura eclesial desfavorável, omitir-se não é uma opção.

#### 4.4.2 Frustrações e decepções

Como em todas as realidades e experiências humanas, a história do CEBI na Diocese não foi composta apenas de momentos bons. Além dos problemas e tensões próprios da convivência, estiveram presentes diversas frustrações e decepções. Muitas delas são verbalizadas pelos entrevistados e retratam a mudança na conjuntura eclesial. As entrevistas revelam o incômodo que essa situação causa.

Vejam o que dizem Socorro Oliveira e Reginaldo:

Eu acho que a Igreja ou uma boa parte da Igreja foi muito pra dentro dela seu umbigo e a bíblia se fecharam para ela, entendeu? A fundamentação da libertação daquilo que era amplo... eu lembro daqueles documentos da Igreja que diziam que a política era espaço do laicato era um privilegiado para a gente fazer o agir porque o método ver, julgar e agir era muito inteligente sábio quem criou, porque, assim, ver a realidade, então, o laicato deve ir para fora

da Igreja se é na política é na política, se é no movimento social só que a Igreja se fechou muito para dentro dela e parte deixou de lado essa coisa da Igreja pé no chão foi para Igreja das nuvens e aí deixou o chão, saiu do chão, tirou os pés do chão de onde a gente pisa. Padre Pedro “a gente pensa a partir do estômago” e eu não tenho dúvida disso quando a Igreja se fechou para dentro dela ela distanciou-se da pobreza dos empobrecidos e das empobrecidas quando ela sai desse meio, então a Leitura Popular da bíblia, leitura libertadora da bíblia deixou de ser o essencial. Porque a Leitura Popular da bíblia a leitura a partir da realidade é para quem tem compromisso de transformar a realidade. Então, parte da Igreja não tem mais esse compromisso então tanto faz (Socorro Oliveira, p. 6).

Só para dizer que a fé, permanece sólida, ela continua firme, cada dia foi se renovando, apesar das coisas que aparecem que os acontecimentos que a gente acaba por vez dizer está realmente acontecendo no caso dessa pandemia que nos deixou muito apreensivos, muito afastados e hoje eu estou participando na paróquia como ministro da comunhão e trabalhos comunitários só que, depois da pandemia, não foi feito quase nada até nas visitas que a gente faz, às vezes ajudando as pessoas que estão necessitadas, mas não têm aquela consistência dos grupos nem das reuniões para fazer acontecer. É lamentável espero que volte (Reginaldo – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 16).

Temos a fala de duas pessoas em realidades diferentes. Socorro Oliveira não participa mais ativamente da comunidade eclesial e das atividades ligadas à LPB e Reginaldo é ministro da eucaristia, na Paróquia de Governador Dix-Sept Rosado. Mas a percepção de que a ICAR está se desligando das lutas sociais é a mesma.

Socorro é mais explícita e dura e afirma que, ao se voltar para si, a Igreja fechou se fechou para a Leitura da Bíblia com os pés na realidade, pois ela deixou de ser considerada essencial. Não cabe aqui discutir se essa percepção corresponde à realidade, pois os depoimentos expressam um sentimento. No próximo capítulo desta tese voltaremos ao tema.

Reginaldo, que é membro atuante da comunidade paroquial lamenta o recuo da consistência dos grupos e das reuniões para fazer acontecer. Em outras palavras, a força da comunidade e o agir transformador na realidade, elementos que constroem a metodologia da LPB.

O teólogo Agenor Brighenti, em obra recente já citada nesta Tese, reconhece que “para um número imenso de cristãos, a religião é algo privado, separado da vida cotidiana, quando na realidade ela deve ser a alma, o motor, a transformadora, a sobrenaturalizadora de toda esta vida” (2022, p. 109). Mesmo no auge da expansão das CEBs e da LPB, a mística libertadora não era compartilhada pela maior parte dos cristãos. A reação conservadora encontrou eco e guarida nos ambientes eclesiais das várias Igrejas. Ainda segundo Brighenti, os adeptos de uma reflexão teológica espiritualizada esquecem que a missão da teologia é ser “ciência a serviço da

compreensão e da prática da fé no seio das comunidades eclesiais, inseridas profeticamente na sociedade” (2022 p. 244).

Para Sebastiao Armando, a maior dificuldade de abraçar a LPB é a necessidade de deixar de lado as concepções tradicionais sobre a vida e a religião. Vejamos:

A prática do CEBI não é nada fácil. Aparentemente é gostoso, é bom se reunir, a gente canta, e a gente toma alguns propósitos, mas é um processo muito complicado e difícil, que exige que você rompa com uma concepção que você tinha anteriormente, da vida, da religião, de tudo. Quando você vê, por exemplo, o Papa, como o Papa Francisco, que quer desenhar um novo rosto, junto com a Igreja e que tem aquela espontaneidade de dizer algumas coisas, que os outros não dizem, mas você vê como ele está mais ou menos isolado (Sebastião Armando, p. 22).

Os encontros bíblicos são momentos fortes de afetividade e de alegria. Não por acaso a convivência é um dos elementos essenciais para se construir o ambiente de liberdade e intimidade necessárias para que cada um possa dizer a Palavra que guarda no coração. Mas se comprometer com a caminhada é mais difícil pois tira a pessoa de sua zona de conforto. Mesmo os apelos do Papa Francisco não ecoam mais em muitos cristãos católicos; pelo contrário, ele é atacado por indivíduos e grupos fundamentalistas.

Se a realidade e o contexto são desfavoráveis, é maior a necessidade de alimentar a resistência. Nesse sentido é muito significativa uma memória trazida por Irapirema. Num trecho da sua fala ela recorda a conversa com uma catequista baiana e como ela achava ingenuidade de Irapirema acreditar na utopia de um mundo novo. Vejamos a sua história:

Em Salvador, no final do curso era uma semana de curso, e tinha Neves lá de Feira de Santana que era uma menina muito boa, uma menina dedicada. Aí, quando a gente teve a despedida ele me entregou um cartãozinho para você nunca me esquecer e eu nunca vou esquecer. Nesse cartão ela dizia que tinha me amado, que eu tinha uma visão muito alta das coisas, mas que tinha muita pena de mim porque eu queria um mundo que eu não ia ver, nunca esqueci. Mas, tinha fé porque o que eu pensava eu queria botar na cabeça dela e de todo mundo era a mudança de mundo, que todo mundo fosse igual, vivesse uma vida digna e eu não ia ver. E hoje estamos em 2023 e tanta coisa ruim. Mas, algumas coisas já melhoraram (Irapirema – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 15).

Mas Irapirema não se deixou abater pois sabia reconhecer e celebrar os pequenos avanços. Seus olhos se recusam a ver apenas o que é ruim, enxergam também as melhoras. Tinha a sabedoria da vida e a certeza de que ninguém trabalha isoladamente, mas que estamos juntos com uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1).

Por fim, trazemos, mais uma vez, a reflexão de Sebastião Armando que reflete sobre as lacunas na caminhada feita pelo CEBI:

Eu estava pensando, também não sei responder essa minha preocupação que o CEBI que foi realmente uma cadeia, uma corrente de grupos de iniciativas, estudos com estudiosos de alto gabarito, gente do próprio povo que ia muito mais pela intuição, ou seja, o CEBI é algo muito plural, como é a sociedade particularmente dos pobres, você também encontra um pouco as fatias da sociedade. Mas, me parece que quem sabe se poderia ter andado pelo menos me parece que não se andou suficiente. É difícil de dizer houve uma fixação muito grande no ambiente de Igreja, quando a Bíblia em parte é um livro entre aspas é um livro sagrado, mas também entre aspas é um livro político, se a gente quiser dizer numa categoria que cheirasse a teológica a gente diria que é a política de Deus que deveria ter sido enfrentada com mais clareza, com mais força e parece que a bíblia podia ter dado mais nesse aspecto (Sebastião Armando, p. 21).

Sebastião louva a parceria entre estudiosos e povo, intuição e ciência. Elos que permitiram a criação e desenvolvimento do CEBI. Por outro lado, lamenta o fato da LPB ter-se ligado mais aos espaços religiosos e sagrados. Será que para ter futuro a LPB deverá andar por outros caminhos e outras companhias? A LPB pode/deve disputar espaço com as interpretações fundamentalistas? As lutas sociais ainda necessitam do apoio dos textos sagrados da tradição cristã?

Essas inquietações vão nos acompanhar ao longo do próximo capítulo, não para serem respondidas, mas para serem aprofundadas.

#### 4.4.3 Projetos e esperanças

Sem esperança e planos para o futuro a vida perde o sentido e se torna uma repetição de atos rotineiros. A utopia é revolucionária e move o mundo. Por isso sentimos a necessidade. Na verdade, nós éramos influenciados pelo CEBI de encerrar esse nosso breve olhar sobre as falas dos participantes da pesquisa compartilhando as esperanças externadas por Dilma e Irmã Lúcia:

Olha, a minha vivência com a Leitura Popular da Bíblia começou com o Mobral na minha Comunidade Aguilhada começou a escola do Mobral e a gente participava. E aí a partir do Mobral, já tem aquelas recomendações para se fazer reuniões para ler a Bíblia e no próprio Mobral a gente lia a Bíblia. Então, começou para mim foi um período rico em que eu saía do momento da minha vida que não era lá muita coisa. E eu tava saindo dele, assim, e essa leitura da Bíblia essa experiência com a Bíblia me fortificou me deu força para eu sair daquela tristeza daquela coisa aí realmente refazer a vida (Dilma – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

Eu que fiz parte da Coordenação Estadual da escola bíblica com Rita, aí depois a gente veio. Eu ainda fiz o curso de assessoria bíblica, foi eu e a Dona Terezinha que fizemos. Quando as irmãs foram embora eu escrevi um texto que dizia que é um oásis no deserto Nordeste. Eu dizia que foram as Irmãs que levaram a conhecer a Bíblia. Porque antes eu lembro que eu disse muito isso e até li o texto na frente de Dom José Freire, porque antes da Bíblia era livro de Padre, a gente apenas ouvia a leitura. Faz como Reginaldo, lia mas não entendia, não sabia o que era e com as irmãs. Elas realmente nessa Leitura

Popular nessas reuniões no sentar no terreiro com as pessoas e sentir a partir da leitura bíblica resgatada a vivência daquelas pessoas e sentir o que elas estavam sentido. E poder ajuda-las de uma certa forma encorajando, isso era uma riqueza profunda, nessa época a gente passou a conhecer o que era a Bíblia. Não é coisa só de Padre, mas que é também para leigos lerem e entenderem (Dilma – CEBI Governador Dix-Sept Rosado, p. 13).

Então, até hoje a minha caminhada é ao lado das comunidades. É estar com o povo através da atitude de fé, e mesmo que pareça tão difícil, tão distante do querer da vontade de Deus para esse mundo a gente caminha na fé porque como diz na carta aos Hebreus “a fé é a certeza daquilo que a gente ainda não vê”. Então, aquilo que a gente ainda não tem, aquilo que a gente não constatou, motiva pra gente continuar seguindo. As experiências dolorosas, as experiências difíceis do passado ajudam a gente a vislumbrar um futuro que se a gente não chegar a colher os frutos do que é semeado hoje, mas ajuda a gente a querer preparar e deixar o mundo melhor para os que virão depois de nós. Talvez a gente não chegue a colher os frutos, mas o importante é semear (Irmã Lúcia, p. 1).

A história pessoal de superação e renascimento de Dilma é vista por ela como um exemplo de que essa possibilidade existe para qualquer pessoa. Ela foi fortalecida pela Bíblia para conseguir vencer as tristezas e as dificuldades. Mas foi sentada nos terreiros e ouvindo o outro que Dilma passou a compreender o que é a Bíblia. Descobriu também que os destinatários da Palavra são principalmente os leigos que pisam o chão da realidade. Dilma demonstrou que aprendeu a mensagem da Bíblia, lida na perspectiva da libertação, a partir das lutas que abraçou seja na defesa da educação ou na política.

Para a Irmã Lúcia, que, neste ano de 2023, está inserida numa experiência missionária na Amazônia, o sentido da vida está no serviço à comunidade. São as carências e as dores do presente que a motivam a seguir semeando a Palavra com sua presença solidária. Sem semeadura não haverá colheita.

A consciência, a mudança e as superações dependem da dedicação de cada um, e essa percepção é partilhada tanto por Carlos Mesters como por Paulo Freire. Mesters deixa claro essa sua concepção da história ao falar sobre o objetivo da própria Bíblia:

O objetivo último da Bíblia não é a investigação científica do seu sentido literal e histórico, mas é preparar os homens para a luta que nos é proposta (cf. Hb 12, 1) e ajudar a viverem a vida em plenitude. A melhor interpretação da Bíblia não é aquela que explica melhor as coisas difíceis da mesma, mas aquela que faz perceber melhor o sentido da Bíblia para a vida, que faz o povo rodar novamente na larga estrada da fé, da esperança e do amor, que faz a vida da gente ser vida de gente (Mesters, 1977, p. 85).

Se aproximar da Bíblia não é uma tarefa intelectual, mas existencial. Ajuda a interpretar a vida e clarear os passos da caminhada. Faz parte de uma existência esperançosa.

Já Paulo Freire é famoso por conjugar o verbo esperar:çar:

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (Freire, 2003, p. 110-111).

Continuar, persistir, acreditar e deixar de ser meramente espectador da vida. Apelos que brotam da Educação Popular e que hoje exigem novas respostas e caminhos para que continuem a exercer seu papel educativo na formação da consciência crítica que deve levar a uma atuação libertadora.

## **5 LEITURA POPULAR DA BÍBLIA COMO PRÁTICA DE EDUCAÇÃO PARA A CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Neste capítulo final vamos apresentar algumas possibilidades de utilização da LPB como ferramenta para a educação das consciências. Mesmo no contexto novo e desafiador para as experiências religiosas libertadoras existem experiências exitosas, das quais escolhemos duas para apresentar. As propostas oficiais da ICAR, espaço do nosso estudo, não enfrentam todos os aspectos da realidade, como demonstraremos. O CEBI não parou no espaço, mas busca se reinventar para continuar sendo fiel a sua mística e missão originais de ser um serviço as comunidades de fé na busca da construção do Reino de Justiça.

### **5.1 UM CONTEXTO DESAFIADOR**

Neste capítulo buscamos refletir a partir do questionamento sobre a utilidade e a viabilidade da LPB na realidade que se apresenta no início do século XXI, num contexto social e religioso bem diverso daquele experimentado nas décadas de 60/80 do século passado.

Quais as inquietações e preocupações do povo pobre hoje e onde ele busca alento, respostas e o sentido de pertencimento? As esperanças de libertação são individuais ou coletivas? Vamos lançar um olhar sobre a realidade que nos desafia e como ela impacta a LPB. Claro que não é uma análise sociológica e nem exauriente, mas o primeiro passo (o ver) para um discernimento frutuoso que leva ao agir transformador.

#### **5.1.1 Breve análise de conjuntura**

Nos grupos de LPB de Mossoró na época enfocada em nosso estudo os encontros sempre começavam com uma partilha das experiências vividas pelos participantes. Troca de informações e de sentimentos diante das dificuldades encontradas e louvores pelas pequenas vitórias e conquistas, era a chamada recordação da vida, muitas vezes ocorrida no momento de oração. Sobre o tema temos o testemunho de Francineide: “eu acho que meu próprio fazer pedagógico bebe muito disso, por exemplo, eu trabalho, ainda hoje eu faço com os alunos uma ferramenta do movimento popular que é a análise de conjuntura” (Francineide, página)

“Estamos diante de uma crise econômica, social, cultural, política e ambiental sem precedentes. Se o novo, para nascer, tem que aguardar o velho sucumbir, é bem provável que estejamos diante de uma exceção: os dois estão convivendo ao mesmo tempo!” Esta frase que consta do texto “Os grandes desafios da sociedade brasileira - uma análise de conjuntura”,

apresentada na abertura da 60ª Assembleia Geral da CNBB em 14 de abril de 2023<sup>54</sup>, elaborado por um grupo de estudiosos criado especialmente para este fim e expressa de forma resumida e clara a ambiguidade de nosso tempo.

No mundo todo acontecem simultaneamente nos anos de 2023 e 2024 28 conflitos armados, mas apenas alguns tem espaço na mídia e comovem o ocidente, como a guerra entre Rússia e Ucrânia e o conflito que opõe o Estado de Israel ao povo Palestino. Muitas desses guerras são apoiadas por grandes potências. O dinheiro gasto com a destruição poderia acabar a fome do mundo<sup>55</sup>.

Outro fator preocupante é a desigualdade social que aumentou no Brasil e no Mundo. A economia do mundo dá sinais de desaceleração, mas a crise econômica não afeta os super ricos que aumentaram suas fortunas. De acordo com o relatório Global Wealth Report 2023, lançado recentemente pelo UBS, quase metade de toda a riqueza no Brasil está concentrada na mão do 1% da população<sup>56</sup>.

Essa concentração de renda é característica do capitalismo financeiro em que as atividades financeiras, como investimentos, especulação, crédito e gestão de risco, desempenham um papel dominante na economia. Nesse tipo de capitalismo as instituições financeiras, como bancos de investimento, fundos de gestão de ações, compras de participação em empresas, exercem uma influência substancial sobre a alocação de recursos e a dinâmica econômica. O lucro gerado pelas transações financeiras muitas vezes supera os lucros obtidos pela produção de bens e serviços tangíveis. A busca de lucro através da manipulação e especulação financeira, prevalece sobre atividades produtivas. Crises financeiras, bolhas especulativas e desigualdades econômicas podem ser características desse sistema econômico. O site [www.proprietariosdobrasil.org.br](http://www.proprietariosdobrasil.org.br) demonstra como poucas empresas controlam a economia do país. Não por acaso, a reforma trabalhista contribuiu para precarizar os empregos gerando insegurança e uberização dos trabalhadores

Há também uma crise da democracia representativa. Essa realidade não é nova no Brasil onde grande parte do eleitorado não tem consciência da força de seu voto. Se nas eleições

---

<sup>54</sup> <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/2023/04/OS-GRANDES-DESAFIOS-PARA-A-SOCIEDADE-BRASILEIRA-230414-191806.pdf>. Vamos seguir um pouco o roteiro apresentado por esta análise, enriquecido por outras fontes, para fundamentar nosso olhar sobre a realidade. Acesso em 18 de dezembro de 2023

<sup>55</sup> <https://odia.ig.com.br/opiniao/2023/06/6644570-isa-colli-menos-dinheiro-para-guerras-mais-para-o-combate-a-fome.html>. Acesso em 18 de dezembro de 2023

<sup>56</sup> <https://istoedinheiro.com.br/riqueza-no-brasil-1-mais-ricos-global-wealth/>. Acesso em 18 de dezembro de 2023

majoritárias as paixões e as simpatias dominam nas eleições para o legislativo prevalece o clientelismo. Temos exemplos de políticos que estão nas câmaras municipais, assembleias legislativas e congresso nacional a vários mandados sem nenhuma coerência ideológica. Votam de acordo com os seus interesses ou de seus financiadores. Na Câmara Municipal de Mossoró, por exemplo, não interessa quem está na prefeitura, o executivo sempre tem maioria assegurada, aprova o que quer e distribui cargos e benesses para manter a fidelidade de sua bancada. A oposição denuncia os desmandos, mas não tem forças para barrar. A presença de militares na política também ganhou força nos últimos anos, estimulados pelo ex-presidente Bolsonaro.

As novas tecnologias digitais favorecem a comunicação, mas também a manipulação. As fake News estão cada vez mais críveis e utilizam a inteligência artificial para simular falas e até imagens de candidatos ou personalidades políticas. No Brasil as fake News ganharam eleição e ainda hoje dominam a mentalidade de muitas pessoas.

Temos de citar também a crise ambiental que pela primeira vez é sentida por todas nas mudanças climáticas. As previsões dos cientistas não mudam as práticas da humanidade e nem geram comprometimento das autoridades políticas mundiais para mudar o quadro enquanto ainda é tempo. O Brasil está no centro desse debate e dessa problemática com o desafio da preservação da Amazônia, maior reserva verde do planeta. Não basta parar o desmatamento, é preciso reflorestar. O sínodo sobre a Amazônia realizado no Vaticano em 2020 discutiu a evangelização na região e a ecologia. Suas conclusões contam da exortação apostólica pós-sinodal Querida Amazonia e a criação da Rede Pan- Amazônica. A Rede Eclesial Pan-Amazônica – REPAM-Brasil é uma rede eclesial da Igreja Católica na Amazônia Legal, que tem por objetivo promover a vida, por meio do cuidado dos povos, territórios e ecossistemas amazônicos e do incremento da consciência da importância da Amazônia para toda a humanidade, por meio de uma atuação socio eclesial articulada em rede<sup>57</sup>.

No âmbito religioso as pesquisas trazem dados contraditórios. Se por um lado o Brasil é o país do mundo com maior percentual de pessoas que acreditam em Deus, chegando a 89% da população<sup>58</sup> e o número de estabelecimentos religiosos do nosso território supera a soma das instituições de ensino e de saúde<sup>59</sup> o percentual população na que mais cresce é de pessoas sem religião. Eram 8% no censo de 2010 e as pesquisas revelam que já chegam a quase 14% em

---

<sup>57</sup> <https://repam.org.br/>. Acesso em 20 de dezembro de 2023

<sup>58</sup> <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2023/05/5097428-nove-em-cada-10-brasileiros-acreditam-em-deus-aponta-pesquisa.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2023

<sup>59</sup> <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/02/6796835-brasil-tem-mais-igrejas-do-que-escolas-e-hospitais-juntos-mostra-censo.html>. Acesso em 20 de dezembro de 2023

2022. Entre os jovens esse percentual aumenta<sup>60</sup> chegando a uma média de 25% no território nacional. Há também um grande número de fiéis que na verdade são infiéis por mudarem constantemente de Igreja. Muitos dos “sem religião” alimentam a espiritualidade criando uma síntese pessoal combinando elementos de fé de diversas tradições religiosas. A socióloga da religião Danièle Hervieu-Léger, estuda o fenômeno desde 1999, sendo sua obra mais conhecida o livro “O peregrino e o convertido”.

Um elemento preocupante na conjuntura religiosa brasileira é o avanço do fundamentalismo e da extrema direita. Neste trabalho já abordamos de passagem esse fenômeno, mas dado a sua importância e a influência na realidade cabe acrescentar que ele surgiu como contraofensiva a um modernismo que, segundo os fundadores, havia se apossado do mundo protestante. Buscou atacar a teologia orientada pela luz da razão moderna, que interpretava os conteúdos da fé, especialmente a exegese bíblica alicerçada nos métodos histórico críticos. Alguns dos pontos que defendem são: a inspiração verbal, literal, da bíblia; a verdadeira divindade e nascimento virginal de Jesus; a inerrância bíblica e a negação da ciência quando essa não coincide com a bíblia; a condenação de todos que pensam diferente.

Além disso se destacam pelo moralismo, pela intolerância religiosa, pelos ataques aos direitos humanos e a educação sexual, pelo proselitismo e apego ao dogma. Ganha adeptos porque “O fundamentalismo oferece segurança em meio a verdades que se desvanecem, porto seguro em meio a pluralidades, relativizações e dissoluções das certezas antigas” (Dreher, 2015, p. 220). Ao se apegar a uma doutrina, intitulada a sã doutrina da Igreja, a fé cristã é cristalizada, torna-se hermética, não aceita críticas. Por meio de uma estética moralista, o fundamentalismo escamoteia e disfarça suas verdadeiras intenções: a busca de poder. Busca recriar dentro dos muros da Igreja o que já não é mais possível na sociedade. Reivindicam para si o papel de representantes oficiais da fé e herdeiros da tradição cristã.

No Brasil, a extrema direita se inseriu nos ambientes religiosos, especialmente em alguns setores do cristianismo evangélico. Nos últimos anos, houve um aumento significativo da influência de líderes religiosos alinhados com pautas conservadoras e de extrema direita na política brasileira. Essa inserção ocorreu principalmente através de líderes evangélicos que utilizam sua plataforma religiosa para promover agendas políticas conservadoras, como a defesa da família tradicional, o combate ao aborto, a oposição aos direitos LGBTQ+ e a defesa de políticas de segurança pública mais rígidas.

---

<sup>60</sup> <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257#:~:text=Os%20sem%20relig%C3%A3o%20no%20Censo%20e%20no%20Datafolha&text=No%20Censo%20de%202010%2C%20os.7%2C3%25%20em%202000>. Acesso em 20 de dezembro de 2023

Além disso, alguns políticos de extrema direita têm buscado apoio e alianças com lideranças religiosas, aproveitando a influência e a capacidade de mobilização desses grupos junto às suas comunidades. Esse fenômeno é parte de um contexto mais amplo de politização das religiões e de uso das instituições religiosas como plataforma para a disseminação de ideologias políticas, o que tem gerado debates e controvérsias sobre a separação entre Estado e religião, bem como sobre os limites da atuação política das organizações religiosas.

O texto de análise de conjuntura da CNBB no qual estamos nos inspirando, detecta a presença dessa realidade também na Igreja católica, vejamos:

É verdade que o catolicismo no Brasil nunca foi monolítico e apresenta várias formas de expressão, inclusive no campo político. Porém, nos últimos anos setores fundamentalistas dentro do catolicismo se associaram a grupos religiosos da extrema-direita do campo evangélico/protestante, inclusive em ações coordenadas de ataques à democracia, às instituições democráticas, às lideranças e aos movimentos sociais nos Paramentos e nas mídias sociais. Ataques ao pontificado do Papa Francisco, aos posicionamentos da CNBB, a líderes religiosos e a leigos que atuam numa perspectiva sociotransformadora passaram a ser constantes, principalmente na mídia, mas também em atos violentos explícitos.

O professor Romero Venâncio, da Universidade Federal de Sergipe tem se dedicado a estudar denunciar e a combater a extrema direita existente no catolicismo tomando por base grupos organizados nas redes digitais e os chamados "youtubers" (figuras católicas que se tornam "celebridade" nos meios religiosos a partir de algum canal no youtube) que, segundo defende, criou um mundo paralelo<sup>61</sup>. Esses grupos vivem um tradicionalismo calibrado com negacionismos e teoria da conspiração. Um dos alvos principais desses grupos é a Campanha da Fraternidade. O professor escreve e fala, seja pelas suas próprias redes sociais ou canais progressistas. Se destaca também o Canal Não é Heresia que colocou no ar uma série de vídeos questionando a extrema direita, com o título "Mais católicos do que o papa"<sup>62</sup>. Vale a pena conferir.

O ambiente não é propício para uma visão crítica da realidade. Nos espaços oficiais da estrutura católica há um retorno a práticas devocionais e sacramentais e um distanciamento da dimensão política da fé. Uma pesquisa coordenada pelo Padre Agenor Brighneti e publicada na obra "O novo rosto do clero, perfil dos padres novos no Brasil" revela a mudança do perfil dos presbíteros brasileiros, especialmente nas últimas décadas. Os chamados "padres novos",

---

<sup>61</sup> <http://revista.olutador.org.br/noticia/a-extrema-direita-catolica-e-seu-mundo-paralelo-12122023-093102>. Acesso em 21 de dezembro de 2023

<sup>62</sup> [https://youtube.com/playlist?list=PLCWoXux\\_IwA\\_ZhpfJdMfmFK0sPk0pvBA&si=MY9qZS5Y\\_2vZw3C1](https://youtube.com/playlist?list=PLCWoXux_IwA_ZhpfJdMfmFK0sPk0pvBA&si=MY9qZS5Y_2vZw3C1). Acesso em 21 de dezembro de 2023

adotam suas práticas pastorais e comportamentos pessoais que promovem o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Esse não é um fenômeno passível de ser desqualificado ou desprezado, mas têm atraído a atenção de teólogos, cientistas da religião e analistas sociais, tal como demonstram pesquisas, comprovando que o ministério presbiteral revela nos últimos anos um deslocamento de um modelo construído pelo Vaticano II para um avanço progressivo de um individualismo religioso tradicionalista ou de um tradicionalismo individualizado (2023, conforme p. 268-269). Neste meio vemos raras exceções como os padres da caminhada e alguns Bispos.

Em tempo se verifica que a análise de conjuntura da CNBB esquece de olhar para si mesma. Deixou de detectar também que atualmente as paróquias católicas estão mais presentes nos bairros de classe média. Os pobres estão nas Igrejas evangélicas que tem uma maior capilaridade, autonomia e presença nas periferias.

A análise também deve levar em conta a presença de sinais de esperança, como a militância dos movimentos sociais e a permanência dos conselhos de controle de políticas públicas. Mas quem está na vanguarda da evangelização libertadora na Igreja católica são as pastorais sociais que não se limitam a cuidar, mas buscam defender os direitos dos grupos com os quais trabalham como menores, moradores de rua, população encarcerada e vítimas de violência doméstica.

O próprio documento da CNBB reconhece que quem promove mudanças são os leigos como o Conselho Nacional do Laicato que promoveu no ano da Eleição o Projeto Encantar a Política e abraçou com ardor a proposta sinodal do Papa Francisco. O CEBI é ecumênico e autônomo, mas muitas de suas atividades ocorrem em parceria ou nos ambientes de Igreja, portanto é necessário ter clareza com qual mundo vai se defrontar e recolocar em pauta a LPB, pois as propostas oficiais não dão conta de responder aos desafios da realidade. Nesse sentido vamos examinar a proposta da CNBB de Animação Bíblica da Pastoral pois a ICAR é o local de pertença da maioria dos membros do CEBI Mossoró e muitas vezes são chamados para colaborar com a formação bíblica dos agentes de pastoral.

### 5.1.2 A animação Bíblica da Pastoral

No ano de 2022 a 59ª Assembleia Geral da CNBB aprovou o documento 111 com o Título “E a Palavra se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14) – Animação bíblica da pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias” como um novo paradigma na Igreja e uma forma de entender o lugar da Bíblia na vida e missão da Igreja.

As inspirações bíblicas e eclesiais da proposta têm raízes em diversos documentos e momentos da ICAR. O Documento da Conferência Episcopal de Aparecida deixa perceber que o conceito “animação bíblica da Vida e da pastoral” não pode ser reduzido a uma pastoral entre outras. A animação bíblica não se identifica com a “pastoral bíblica”, tampouco pode ser simplesmente confundida, devido ao termo animação, com um evento ou uma mobilização maior de pessoas e grupos. A proposta recupera a concepção originária do conceito de animação como “ação ou efeito de dar alma ou vida”.

A Animação Bíblica da Pastoral, segundo a *Dei Verbum*, é todo o impulso, dinamismo e o trabalho que realiza a comunidade eclesial em torno da Sagrada Escritura: sua leitura, interpretação, celebração e vivência, de modo que a mesma seja sustento e vigor da Igreja, fortaleza de fé para seus filhos e alimento da alma, fonte pura e perene da vida espiritual (DV 21). Com a celebração do Concílio Vaticano II a Igreja Católica redescobriu que esta transmissão da fé, entendida como encontro com Cristo, realiza-se mediante a Sagrada Escritura e a Tradição viva da Igreja, sob a orientação do Espírito Santo.

O próprio documento 111 não é um marco inicial do tema que já vinha sendo trabalhado desde 2011 pela Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética da CNBB. O início da reflexão mais próxima foi a realização da 1º Congresso Brasileiro de Animação Bíblica da Pastoral de 8 a 11 de outubro de 2011, em Goiânia. As conferências do Congresso foram feitas por teólogos e biblistas. Estão confirmados dom Jacinto Bergmann, dom Juventino Kesterling, padre Joel Portela, frei Carlos Mesters padre Agenor Brighenti, e Francisco Orofino, irmã Maria Aparecida Barboza e Katiuska Cáceres. Temos aí uma diversidade de abordagem do tema.

Além de Carlos Mesters e Francisco Orofino, Lúcia Weiler, Mercedes de Budalles, Luís Sartorel e outras lideranças do CEBI se fizeram presentes, colaborando nas oficinas e ajudando a divulgar o trabalho de Leitura Popular da Bíblia desenvolvido pelo CEBI. Mercedes de Budalles (CEBI-GO), uma das conferencistas, recuperou a história da animação bíblica na América Latina. Lembrou que, "além dos documentos de Instituições, Sociedades e Igrejas, existiram comunidades e pessoas reais, com experiências bíblicas espalhadas pela 'Pátria Grande', especialmente entre as Comunidades Eclesiais de Base que, comprometidas com uma

nova leitura bíblica, semearam estudos, chaves de leitura e interpretações bíblicas que delinearão sua ‘animação bíblica’ na mística e nas suas realidades e opções de suas vidas”<sup>63</sup>.

A irmã Izabel Patuzzo, Assessora da Comissão para a Animação Bíblico-Catequética da CNBB, em comunicação apresentada no Segundo Congresso Brasileiro de Teologia Pastoral, realizado de 02 a 05 de maio de 2022 na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia em Belo Horizonte, recorda modo sucinto o desenvolvimento histórico da Animação Bíblica da Pastoral a partir do movimento bíblico que precede o Concílio Vaticano II, além dos textos já citados, elenca documentos posteriores ao Vaticano II que abordaram a Sagrada Escritura<sup>64</sup>:

A recepção da Constituição Dogmática *Dei Verbum* tem sido muito produtiva desde o final do Concílio, não apenas no sentido de promover os estudos bíblicos na igreja católica e proporcionar mais familiaridade com as Escrituras, mas também em suscitar importantes documentos direcionados à interpretação bíblica Pela Pontifícia Comissão Bíblica, como:

- Da Sagrada Escritura e Cristologia (1984);
- Unidade e Diversidade na Igreja (1988);
- A Interpretação da Bíblia na Igreja (1993);
- O Povo Judeu e Sua Sagrada Escritura na Bíblia Cristã (2001);
- A Bíblia e Moral, as Raízes Bíblicas da Conduta Cristã (2008);
- A Inspiração e Verdade nas Sagrada Escritura (2014);
- O que é o homem? Um itinerário de antropologia bíblica (2019).

Além desses documentos, foi publicada também a Exortação Apostólica Pós-sinodal, *Verbum Domini*, que se constitui como uma grande autoridade católica sobre o ensinamento da interpretação das escrituras.

Destacados esses pontos da história progressiva vamos analisar o conteúdo em si da proposta. Antes de se tornar palavra oficial da ICAR houve a publicação de um texto de estudo com o número 114 e oferecido as forças vivas eclesiais e aos doutos para acréscimos e sugestões. Em ambos os textos a Conferência entende que: “aos discípulos de qualquer tempo, aos de ontem e de hoje, incumbe a grande missão de ensinar o povo de Deus a ouvir a Palavra e a ela responder” (CNBB, 2022, p.24). Esse enunciado é muito pretencioso pois entende que o povo nada sabe e precisa ser ensinado até mesmo a responder.

De modo geral tanto o documento 111 como os demais que o precederam, e que foram listados anteriormente, se ocupam da vida espiritual do cristão e de suas ações morais abordando temas teológicos como a inspiração bíblica, as escrituras judaicas, critérios para interpretação e a conduta cristã. Embora o documento da CNBB não seja dogmático, mas

<sup>63</sup> <https://cebi.org.br/noticias/cebi-colabora-em-congresso-de-animacao-biblica-da-igreja-catolica/>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

<sup>64</sup> <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/5190>. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

pastoral, se propondo a dar orientações para o uso da palavra nas comunidades cristãs, também não fala dos problemas cotidianos da vida do povo.

O texto do documento pega como inspiração a parábola do semeador na versão narrada no evangelho de Mateus (Mt 13,1-9). É constituído por uma introdução, sete capítulos e uma conclusão. A introdução convida os grupos da Igreja a se alimentarem da Palavra e enfatiza a ligação com as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora válidas para os anos de 2019-2023, que escolheram como única prioridade as comunidades eclesiais missionárias e apresentam a Palavra como um dos pilares constitutivos de qualquer comunidade eclesial.

Já na introdução temos duas considerações a fazer. A primeira é que a vida saiu do documento, será que saiu das preocupações da Igreja? Explico, no capítulo 3 das anteriores Diretrizes Gerais da CNBB (2011-2015, n. 44 e 2015-2019, n. 47) encontramos o título: 3.3 Igreja: lugar da animação bíblica da vida e da pastoral. Ora, no documento oficial que analisamos a animação bíblica é destinada apenas a pastoral.

Outro ponto a se questionar é a denominação “comunidades eclesiais missionárias” (CEMs) em detrimento das CEBS que foram citadas e valorizadas em Aparecida. Há quem defenda que se tratam de duas realidades diferentes que buscam a continuidade do cristianismo primitivo. Como, por exemplo Elias Jordan Travassos de Sousa, ao afirmar: “não podemos dizer que CEBS e CEMs são a mesma coisa, ou que uma cede lugar a outra, mas que cada uma surgiu num dado momento, sob necessidades e condições específicas da Igreja, e que comungam de um projeto de evangelização, oriundas de momentos diferentes. O que também não é reduzir às CEBS à evangelização em território rural, enquanto as CEMs cuidariam da esfera urbana, mas é, justamente, a comunhão entre elas, identificando as novas propostas e metodologias da Igreja, que nos permitirá ir mais longe na experiência de discipulado e missão, hoje. Portanto, há espaço para as duas, enquanto modos próprios e semelhantes de ser Igreja<sup>65</sup>”.

No entanto as diretrizes 2019-2023 da CNBB deixam de usar a denominação CEBS e passam a falar em CEMs para se referir a Igreja na base. No último encontro intereclesial das CEBS, realizado em Rondonópolis de 18 a 22 de julho de 2023 em mensagem dirigida aos bispos do Brasil – CNBB se opõem a essa mudança e questionam o episcopado, como segue:

Compreendemos que a missionariedade, já é da natureza das CEBS. Não se pode conceber uma Comunidade Eclesial de Base que não seja missionária. E

---

<sup>65</sup> <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/download/57613/41616?inline=1>. P. 47. Acesso em 08 de janeiro de 2024.

isso é visível desde a recepção criativa do Vaticano II no continente latino-americano e caribenho, pois as CEBs buscaram nos documentos do Concílio, orientações para sua ação evangelizadora e missionária: a) Uma espiritualidade bíblica (Dei Verbum); b) Ação transformadora no mundo (Gaudium et Spes); c) Coordenação partilhada na perspectiva da colegialidade e da sinodalidade (Lumen Gentium); d) Celebração dominical animada pela comunidade (Sacrosanctum Concilium); e) Uma igreja aberta à missão (Ad gentes) f) Abertura ao diálogo ecumênico e inter-religioso (Unitatis Redintegratio, Dignitatis Humanae e Nostra Aetate).

Então, qual a motivação para as Diretrizes não mais nomearem as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e sim, Comunidades Eclesiais Missionárias (CEMs)? Não será importante responsabilizar e valorizar a fé e o compromisso de tantos irmãos e irmãs nesta caminhada eclesial? É justo não apoiar e não estimular as tantas comunidades eclesiais de base que continuam na sua missão com a Igreja e para o bem da Igreja? Que lugar ocupam as CEBs no coração da CNBB?<sup>66</sup>

Tendo presentes esses questionamentos voltemos ao documento 111 resumindo as principais ideias presentes nos capítulos que o compõe. A primeira seção destaca que "a Palavra fala da Palavra". A Igreja, em constante movimento ao longo da história, segue os passos de Jesus, que se aproximou de cada indivíduo. Os evangelistas reconheceram a centralidade da Palavra no ministério de Jesus, especialmente evidenciada na Parábola do Semeador, na qual Ele mesmo a interpreta. A compreensão da Palavra conforme ensinada pelo Mestre é crucial para os discípulos.

O segundo capítulo ressalta a urgência de "semear neste tempo". É fundamental apresentar a Palavra de Deus como um presente do Pai para o encontro com o Cristo vivo, promovendo a verdadeira conversão, comunhão e solidariedade. O terceiro capítulo aborda os "desafios enfrentados na sementeira" da Palavra de Deus. Assim como na parábola do semeador, há desafios que dificultam a sementeira, demandando uma compreensão clara dos obstáculos enfrentados na evangelização, particularmente nos tempos atuais. Em nenhum momento os desafios da realidade ou a desigualdade social são colocados como obstáculo a sementeira

O quarto capítulo convida os fiéis a se reconhecerem como "semeadores à semelhança do Bom Semeador", destacando que somente quem tem uma experiência de fé transformadora pode testemunhar sua fé de maneira eficaz. O quinto capítulo destaca "a presença da Palavra de

---

<sup>66</sup> <https://cebsdobrasil.com.br/mensagem-das-comunidades-eclesiais-de-base-do-brasil-cebs-aos-bispos-do-brasil-cnbb/>. Acesso em 10 de janeiro de 2024.

Deus em diversos tipos de solo", especialmente enfatizando a importância das celebrações litúrgicas como momentos privilegiados para encontro com Cristo.

O sexto capítulo enfoca "a acolhida e a sementeira da Palavra de Deus", sublinhando a importância da capacidade de acolher a Palavra para produzir frutos abundantes. Apenas no item 6.3 p documento fala que a Palavra de Deus se concretiza na Caridade e no compromisso socioambiental transformador.

O sétimo capítulo impulsiona a "animação bíblica da pastoral e sua implementação", destacando que essa animação não se limita a campanhas temporárias, mas requer um processo contínuo e adaptável às realidades locais, visando uma mudança de mentalidade de longo prazo e envolvimento de todas as forças evangelizadoras. Como se vê é um documento voltado apenas para o mundo intra-ecclesial que que animar a missão comum cunho que poderíamos até chamar de proselitista.

Por fim, cabe destacar duas diferenças entre o documento de estudo e o documento oficial. A se referir aos diversos terrenos de sementeira o documento enumera os ambientes da Ecléssia destinatários da Palavra, liturgia, iniciação à vida cristã e catequese, círculos bíblicos, piedade popular, famílias, juventude, ecumenismo, meios de comunicação, formação de ministros ordenados, formação inicial e os pobres. O documento de estudo (número 114 da série verde) não contemplava os círculos bíblicos e nem os pobres. Como os bastidores das discussões não são divulgados fica a curiosidade de saber quem ou quais grupos foram responsáveis pela inclusão dessas referências.

Podemos concluir que a principal proposta da ICAR para trabalhar a bíblia é bem distante dos objetivos da LPB. Sabemos, porém, que as realidades são muitos diversas e que ainda existem dioceses, paróquias e comunidades que se abrem a uma reflexão mais crítica. Com elas o CEBI entra em parceria e caminha juntos. Como caminha também com outras Igrejas e com os movimentos sociais, buscando levar as pessoas e os grupos a luta por um mundo melhor

## 5.2 EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA LEITURA POPULAR DA BÍBLIA

É comum os críticos a LPB afirmarem que ela nasceu num contexto diferente e que precisa se adequar a novas realidades e atualizar seus métodos, conteúdos e formas de atuação. Quem acompanha as atividades realizadas pelos grupos do CEBI percebe que a experiência não ficou cristalizada no passado, mas que existe uma busca constante de dar respostas aos desafios

atuais para guardar fidelidade aos objetivos do CEBI e ser mais eficaz no serviço à Palavra nas comunidades e na luta pela transformação da sociedade.

Uma rápida consulta ao site do CEBI nacional ([www.cebi.org.br](http://www.cebi.org.br)) basta para verificar a diversidade de temas e de parcerias firmadas. Se reflete sobre infância, juventudes, periferias, gênero e violência, luta pelo direito a terra e a água, ecumenismo, ecologia, política e eleições, dentre outros temas. Sem esquecer de trabalhar a formação básica para a compreensão da Bíblia e a reflexão sobre as novas descobertas das ciências bíblicas. O CEBI caminha junto com o CONIC, PJMP, CPT, MST, Grito dos Excluídos, Centro Martin Luther King, estando ainda presente junto as diversas denominações religiosas através dos testemunhos de seus membros ou de assessorias e estudos conjuntos. O CEBI também está presente nas redes sociais e no youtube<sup>67</sup> promovendo cursos, celebrações, encontros e formações virtuais. Alguns estados também tem suas redes e canais próprios como o CEBI de Minas Gerais<sup>68</sup>, pois na organização do CEBI os estados tem autonomia. O Rio Grande do Norte tem uma página no Facebook, como também o CEBI da cidade de Severiano Melo no RN. O CEBI Mossoró tem uma página no instagram para divulgar as atividades e facilitar a comunicação.

Neste espaço queremos demonstrar apenas duas das experiências exitosas vividas atualmente pelo CEBI como forma de demonstrar como a LPB busca se reinventar ao longo do tempo. Destacaremos o Grupo de Estudos CEBI Quarto Sábado de Pernambuco e o Grupo de Mulheres Plantando Vida Colhendo Dignidade de Campina Grande, na Paraíba. Estes foram escolhidos exatamente por serem experiências bem diversas, a primeira de formação utilizando os meios virtuais e a segunda um trabalho de inserção realizado pelas irmãs Dominicanas da Apresentação. Sobre o CEBI quarto sábado nos valem da comunicação que fizemos, junto com o professor João Luiz, no VIII Congresso da ANPTECRE, já publicada nos anais do evento<sup>69</sup>. Para a experiência da Paraíba os dados gerais foram obtidos no Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família na Universidade Estadual da Paraíba, de autoria de Maria Goretti Duarte Costa<sup>70</sup>, que fez sua pesquisa junto a essa experiencia. Contamos também com o testemunho e a reflexão da Irmã Maria Cleide Pires de Andrade, que partilhou consigo publicações em espanhol divulgadas em boletins internos da

---

<sup>67</sup> [https://www.youtube.com/@cebi\\_nacional](https://www.youtube.com/@cebi_nacional). Acesso em 12 de janeiro de 2024.

<sup>68</sup> <https://www.youtube.com/@cebimg-centrodeestudosbibl1736>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

<sup>69</sup> [https://www.fundarfenquix.com.br/files/ugd/9b34d5\\_32db26c9842041bf887830f8a8f29326.pdf](https://www.fundarfenquix.com.br/files/ugd/9b34d5_32db26c9842041bf887830f8a8f29326.pdf). Acesso em 12 de janeiro de 2024.

<sup>70</sup>

<https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/29334/1/TCC%20-%20Maria%20Goretti%20Duarte%20Costa>. Acesso em 12 de janeiro de 2024.

Congregação e o seu testemunho pessoal salvos nos meus arquivos e drive<sup>71</sup>. Tanto Goretti com Irmã Cleide tiveram sua experiência inicial com o CEBI na Diocese de Mossoró.

### 5.2.1 CEBI Quarto Sábado

O CEBI Quarto Sábado começou as atividades em janeiro de 2007, sob a coordenação da Irmã Adélia Carvalho (religiosa salesiana, biblista e artista plástica) e João Luiz Correia Júnior (doutor em Teologia bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-RIO, professor pesquisador na Universidade Católica de Pernambuco, UNICAP. Os encontros, desde então, passaram a ser realizados mensalmente, na sala do CEBI-PE, situada na Rua do Hospício, 202 (Edif. Olympia), Sala 1105, Boa Vista, Recife-PE, das 10h00 ao meio dia, com uma média de 15 participantes.

Surgiu como um grupo de aprofundamento bíblico voltado para a formação na área dos estudos da Sagrada Escritura, dentro da metodologia proposta pelo CEBI. Foram convidadas pessoas interessadas que faziam parte de Comunidades Cristãs ou que já conheciam o CEBI. Ressaltamos a presença de membros de Igrejas de tradição protestante, como é o caso de Rosa Maria, da Assembleia de Deus da cidade de Garanhuns, PE.

A dinâmica de estudar temas específicos da Bíblia, dentro de uma temática geral, previamente estabelecida pelo grupo, oportuniza que as pessoas participantes colaborem em cada encontro, estudando e partilhando estudos por meio dos temas específicos em cada mês, dentro da temática geral. Assim, o nosso lema tem sido: “No CEBI não há professor e aluno da Sagrada Escritura: todos nós somos aprendizes da Palavra”. Esse lema é exercitado ao longo do nosso estudo em grupo.

A metodologia proposta para o estudo permite aproximar-se da Bíblia em seu confronto com a realidade, partindo da análise literária e exegética do texto. Em seguida procura entender o contexto sócio-histórico em que o texto foi escrito, levando-se em conta a realidade das pessoas empobrecidas e excluídas da sociedade, numa dimensão política e libertadora. E, por fim, são apresentados os aspectos ideológicos e teológicos que estão por trás das palavras, pertinentes para aquela época e para os dias atuais.

Os encontros presenciais do grupo foram suspensos no início do ano de 2020, em virtude das medidas de isolamento social adotadas para combater a pandemia do Covid-19. No entanto, foram retomadas em março do mesmo ano, de modo virtual, pelo aplicativo Google Meet.

---

<sup>71</sup> [https://drive.google.com/drive/folders/18G4IHuqPprPrPH\\_RoS9Za2QKViUCNAGh?usp=sharing](https://drive.google.com/drive/folders/18G4IHuqPprPrPH_RoS9Za2QKViUCNAGh?usp=sharing).

O tema geral a ser estudado, a cada ano, é decidido em grupo, no quarto sábado de novembro do ano anterior, e surge a partir dos desafios da realidade presente, com o objetivo de aprofundar a relação entre fé e vida. Nos encontros mensais, a temática é desmembrada em abordagens específicas. Em 2020, foi estudada a Profecia bíblica e, em 2021, o tema escolhido foi “Economia à luz da Bíblia”. No ano de 2023 o estudo abordou o tema da fome, inspirado pela campanha da fraternidade da ICAR e com o lema “A gente não quer só comida. A gente quer comida, diversão e arte”

A experiência tem sido muito interessante, pois de 10 a 15 pessoas que participavam no estilo presencial na Sala do CEBI, contamos com a presença de cerca de 30 pessoas. Os encontros presenciais em Recife impossibilitavam a participação de pessoas de outras localidades mais distantes. Isso, evidentemente, foi superado por meio da Internet. O formato virtual alargou o alcance geográfico do CQS que permite a participação de membros do CEBI de outros Estados do Nordeste e do Brasil, de estudantes de Teologia e de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco e de animadores de comunidades de todo o Estado de Pernambuco. Vale também destacar que as partilhas têm sido tão instigantes e pertinentes que os encontros passaram a ter início às 9h30, terminando um pouco após o meio dia.

Foi criado um grupo no WhatsApp com o objetivo de partilhar o que está sendo estudado, melhorando a interação entre os participantes entre um encontro e outro. Com antecedência, é escolhida a pessoa ou grupo responsável por apresentar o tema do mês e antes da data do encontro todos os participantes podem partilhar as descobertas e estudos realizados, estimulados por questões e provocação feitas pelo assessor do projeto, professor João Luiz. As falas e comentários são retomados, questionados e aprofundados no momento do estudo em grupo.

A diversidade de formação, de origem, de pertença religiosa e de lugar de atividade e de fala não são um empecilho para o debate e a partilha; pelo contrário, o enriquecem. O CEBI pode ser compreendido como uma grande “universidade popular”<sup>72</sup>, como afirma o biblista Sebastião Armando Gameleira Soares, um dos históricos do CEBI no Nordeste e no Brasil. Isso, de modo particular, pode muito bem ser aplicado ao CQS.

---

<sup>72</sup>Expressão cunhada por Sebastião Armando, ao refletir, em seu Blog, sobre a experiência do CEBI. O Biblista, que reside atualmente em Caruaru, é Bispo emérito da Diocese Anglicana do Recife (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil) e assessor do CEBI. Foi também diretor nacional e coordenador do Programa de Formação do CEBI Nacional. Disponível em: <http://domsebastiaoarmandogameleira.com/uma-experiencia-popular-de-educacao-teologica-o-centro-de-estudos-biblicos-cebi/>. Acesso em: 12 de agosto de 2021

Novas publicações na área dos estudos bíblicos têm sido partilhadas ao longo dos estudos, como leitura complementar para uma compreensão mais ampla sobre a análise literária, exegética e teológica da Bíblia<sup>73</sup>.

Se o saber acadêmico é essencial para a fidelidade ao texto escrito e para a atualização constante sobre as novas pesquisas bíblicas, sem os questionamentos do dia a dia, a leitura bíblica fica carente de relevância. Por isso, o diálogo com a comunidade e o confronto com a realidade, jamais podem estar ausentes de qualquer estudo bíblico. A comunidade dos fiéis recebe a Bíblia como Palavra de Deus, e nela busca orientações para resolver seus problemas.

Ao ler a Bíblia em grupo, de modo crítico e com os pés e os olhos na realidade, temos uma evolução na compreensão do texto, que passa do nível individualista e subjetivo para o nível coletivo e comunitário, ajudando a desvelar as estruturas que sustentam nossa sociedade. A conscientização que nasce daí, é um chamado viver a espiritualidade libertadora e para o engajamento político.

É evidente que o encontro presencial é muito mais rico que as formações *on line*. O contato físico permite o estreitamento de laços de amizade e a percepção do outro em sua inteireza. A partilha no encontro presencial não se limita ao tema oficial, mas engloba as conversas de bastidores, os abraços, o café, a conversa despreocupada recheada de fatos do cotidiano e de emoções.

O CQS tem levado os participantes a aguçarem a consciência crítica, tanto para uma leitura não fundamentalista da Bíblia, como para uma compreensão mais abrangente da complexidade sociopolítica, econômica e cultural em que vivemos. A diversidade de pessoas de diferentes cidades favoreceu a aproximação e o enriquecimento da troca de experiências, bem como a disseminação da hermenêutica política e libertadora da Bíblia. Para não perder o espaço de estudo e as ligações afetivas o grupo optou por continuar com as reuniões virtuais, sem descartar um futuro encontro presencial.

Essa experiência mostra o acerto do CEBI ao investir num caminho pedagógico em que, ao nos aproximar do texto bíblico, aproximamo-nos de nós mesmos, de nossas tradições culturais e religiosas, e aprofundamos o discipulado missionário, continuando a práxis de Jesus de Nazaré, o Cristo de nossa fé.

---

<sup>73</sup> Sobre Análise literária, dentre outros, sugerimos o livro *Introdução ao estudo das formas literárias do Primeiro Testamento* (AUTH; MOREIRA, 2021), e *Introdução ao estudo das formas literárias do Segundo Testamento* (AUTH, 2021). Outro livro importante é “Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009).

Sobre Análise exegética, indicamos o livro “Exegese Bíblia: Teoria e Prática” (LIMA, 2014);

Sobre Análise teologia da Bíblia, indicamos: “Leituras anti-imperialistas e libertadoras da Bíblia” (ROSSI; CORREIA JÚNIOR; SILVA, 2018).

Com isso, numa perspectiva política, libertadora e ecumênica, tempos aprofundado a espiritualidade cristã voltada para a transformação do contexto em que vivemos, segundo o projeto do Reino de Deus tão presente nos ensinamentos de Jesus, inspirados nos Profetas e na Tradição Religiosa do povo de Israel.

### 5.2.2 Grupo de Mulheres Plantando Vida Colhendo Dignidade

O Grupo “Plantando Vida Colhendo Dignidade” é composto por 25 mulheres com idades variando entre 30 e 69 anos, situado no distrito de São José da Mata no Município de Campina Grande e integrado na Diocese de Campina Grande da ICAR. O distrito tem uma população de aproximadamente 19 mil habitantes, sendo formado por dezoito comunidades rurais e três em área urbana, a maioria dessas comunidades são lideradas por mulheres.

Trata-se de um grupo heterogêneo, já que as faixas etárias por si só, apresentam características de diferentes gerações com mulheres de 30 até 69 anos. Das participantes 36% são mães de 1 a 3 filhos; 20% de 4 a 6 filhos; 32% tem 1 filho; 12% não tem filhos. Do total de participantes que têm filhos 13,6% são mães solteiras. Com condição socioeconômica precária a maioria destas mulheres são chefes de família sendo responsáveis pela educação dos filhos e manutenção da casa exercendo as ocupações de domésticas, diaristas, faxineiras, ambulantes e outras, cuja renda é baixa e irregular necessitando do auxílio de programas sociais do governo.

Parte delas não dispõe de seguridade social. As participantes trabalham artesanalmente na produção de sabão com óleo reciclado, xaropes, óleos medicinais e chás, como também repelente natural que são comercializados na própria comunidade, como fonte de renda para as mesmas. Outra atividade é o cultivo de hortaliças em uma horta comunitária. As mulheres preparam a terra, semeiam, cuidam e colhem os produtos, em colaboração e divisão das tarefas. O grupo se reúne semanalmente nas quartas feiras. Cada encontro vivencial tem a duração de duas horas. As participantes também se reúnem em diferentes equipes para realização das atividades de geração de renda noutros dias e horários.

É constituído por pessoas que integram pastorais da ICAR. Surgiu, a partir da proposta de uma Congregação de Religiosas, Dominicanas da Apresentação, que realizam um trabalho social na área há 25 anos. Neste contexto são desenvolvidas ações que contribuem para o cultivo da espiritualidade, da religiosidade, do resgate a dignidade, do sentido e do valor da vida, preservando o cuidado com a saúde e o bem-estar, como também possibilitando vivências que despertam para o autocuidado e a cidadania das integrantes.

Embora não seja obrigatório, uma das principais atividades religiosas realizadas pelo grupo e a participação na Escola Bíblica Irmã. María Elisa Montoya Guarín. O nome da escola é uma homenagem a esta grande missionária, que dedicou 29 anos de sua vida ao Brasil de forma muito especial, levando o conhecimento e a experiência da Palavra de Deus às comunidades carentes por onde passou, uma delas na cidade de Alexandria no Rio Grande do Norte. Lá as irmãs dominicanas participaram ativamente das atividades do CEBI Mossoró nas décadas de 80 e 90 do século XX, abordadas nessa tese.

Sobre a escola Bíblica existente na comunidade a irmã Cleide sustenta em seu relatório para a congregação que<sup>74</sup>:

O desejo de conhecer a Bíblia tem incentivado os participantes da Escola Bíblica a lerem com mais frequência e na medida em que a Palavra de Deus começa a ser conhecida, ela começa a agir e a dar frutos. A iniciativa de uma formação mais sistemática, ecumênica e de longa duração nasceu para responder à exigência das nossas comunidades de aprofundar o conhecimento da Bíblia. A metodologia aplicada gera uma espiritualidade e uma prática não violenta que têm origem na luta por uma sociedade igualitária, solidária e de respeito à vida.

Acreditamos que a Palavra de Deus é uma lâmpada que ilumina os nossos passos e nos ajuda a encontrar caminhos que nos levem como discípulos de Jesus a fortalecer a nossa fé e a nutrir uma espiritualidade viva e encarnada, comprometida com o sonho de um mundo humano mais justo. onde o amor de Deus torna isso possível na vida cotidiana de nossas comunidades.

O estudo da Palavra busca unir a vida das pessoas que leem a Bíblia hoje e a vida do povo de Israel, suas dificuldades, conflitos, vitórias, derrotas, avanços e retrocessos sofridos pelo povo e capacitar as pessoas hoje para discutir, confrontar e tornar-se sujeito de sua própria história.

Vemos presente nessa experiência várias características que são próprias do CEBI como uma formação sistemática, o estímulo para uma ação transformadora e a construção de uma espiritualidade viva e encarnada. Isto implica em buscar também meio de subsistência e autonomia, O grupo foi beneficiado por projetos financiados pela Estratégia ODS é uma coalizão que reúne organizações representativas da sociedade civil, do setor privado, de governos locais e da academia com o propósito de ampliar e qualificar o debate a respeito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil e de mobilizar, discutir e propor meios de implementação efetivos para essa agenda. O projeto além de fornecer material dá formação e acompanhamento técnico<sup>75</sup>.

---

<sup>74</sup> Original em espanhol partilhado no link já disponibilizado em nota de rodapé, tradução feita pela autora

<sup>75</sup> <https://www.estrategiaods.org.br/promocao-de-autonomia-e-geracao-de-renda-para-mulheres-em-projeto-apoiado-pela-estrategia-ods/>. Acesso em 15 de janeiro de 2024.

Aliado ao atendimento espiritual e econômico o grupo se preocupa em dar atenção a saúde mental das mulheres, essa foi a atuação de Goretti, como ela registrou no seu TCC:

Enquanto agente social, nossa atuação no grupo se deu inicialmente a partir de uma contribuição, no sentido de oferecer práticas de yoga e meditação para as mulheres. Esta experiência fez-se revelar o grau de sofrimento emocional e psíquico das participantes (quadro de ansiedade, transtorno do pânico, depressão entre outros), bem como a necessidade de ajuda em prol da saúde mental das participantes. Posteriormente, com a qualificação profissional na área da saúde mental, este suporte pode ser efetivado. Essa ajuda foi sendo implementada por meio de encontros vivenciais e reflexivos com viés centrados nos valores humanos. (Costa, 2023, p. 15)

O início do trabalho se deu com a escuta e acolhimento das mulheres. A coordenação do estudo investiu tempo para que as participantes compreendessem e partilhassem as suas expectativas e preocupações. Um dos momentos mais importantes foram os dois trabalhos que cada presente realizou respondendo e jogando três perguntas: O que é Jesus? O que Jesus para mim? Qual atitude de Jesus mais me incomoda e o que eu gostaria de tentar viver? A pergunta sobre o que incomoda na mensagem de Jesus é essencial para despertar a suspeitar de que aquilo que é ensinado pelas autoridades religiosas nem sempre é uma verdade absoluta.

Além da escola a comunidade realiza também círculos bíblicos nas casas das pessoas em pequenos grupos para permitir a todas e todos o direito de fala, o direito a ter um nome e a liberdade de questionar e duvidar. O trabalho é realizado numa paróquia da ICAR mas não se submete as autoridades eclesiásticas. A assessoria da escola é feita pelo grupo do CEBI Campina Grande, do qual as irmãs participam.

No seu depoimento oral (transcrito no final dessa tese), a Irmã Cleide eleva seu louvor pelas transformações que percebe na realidade onde atua:

E aí a partir da Bíblia a gente reflete sobre a vida, sobre os acontecimentos da comunidade, da localidade, do mundo e tem sido sempre uma experiência muito profunda e muito bonita que a gente diria que é uma experiência de fé e vida que vai se dando ao longo do tempo nas comunidades de base. É sempre um trabalho ligado ao CEBI as CEBS e aqueles grupos e padres que ainda trazem, herdam um pouco essa herança das CEBS, que refletem, que buscam vivenciar esse novo jeito de ser Igreja a partir dos pobres das comunidades de base e a Palavra de Deus tem sido assim fundamental em alimentar a fé e a luta dessas pessoas e principalmente das comunidades (Irmã Cleide, p. 174)

Embora em minoria e atuando na contramão das práticas pastorais vigentes nas Igrejas, as CEBS e o CEBI resistem e dão sentido e força as pessoas, principalmente as mais esquecidas. Existem grupos de economia solidária que prescindem da dimensão da espiritualidade, mas a experiência de São José da Mata opta por integrar o ser humano em sua totalidade. Não apenas para sobreviver e subsistir, mas para ser e fazer a diferença na comunidade.

Neste sentido queremos destacar um de depoimento que Goretti registra na sua monografia e que ilustra a preocupação com a pessoa: “Quando comecei a participar dos encontros estava sem ânimo para nada, depois de várias rodas de conversas, comecei a pensar sobre o que fazia sentido para minha vida. Agora consigo ter alegria novamente” (F.P 58 anos) (Costa, 2023, p. 19).

### 5.3 PASSAR DA LEITURA PARA A AÇÃO ENFRENTANDO NOVOS DESAFIOS

Não temos a pretensão de responder todas as perguntas levantadas ao longo do texto. Nem é recomendável. São as perguntas, as inquietações que movem as pessoas e com elas o mundo. Mas podemos ventilar algumas suspeitas ou pistas e como a experiência da LPB pode continuar a exercer um papel revolucionário e transformador na sociedade. Temos consciência que a LPB não é apenas uma fermenta pedagógica ou uma estratégia revolucionária, mas é animada pela mística do seguimento de Jesus de Nazaré e pela esperança do Reino. Precisamos ter a coragem de abandonar nossas certezas e seguranças e trilhar novas estradas colocando em prática tudo o que aprendemos.

#### 5.3.1 Redescobrir na caminhada a sacralidade da vida

A militância na LPB abre os olhos para a realidade e desperta as pessoas para olhar a realidade de forma mais consciente, como demonstraram os depoimentos transcritos e comentados no capítulo anterior. Da consciência para o engajamento se chega pelo caminho da identificação com a caminhada do povo e com suas lutas. Socorro Holanda testemunhou esse processo acontecendo nas escolas bíblicas e Severiano Melo:

É muito gratificante escutar um depoimento de pessoas que não conhecia a palavra, até a parte de manuseio mesmo, pessoas que diziam que conhecia a Bíblia achava que conhecia lia por ler, e passaram a se ver na Bíblia, a questão que o povo de Deus viveu ontem, nós vivemos hoje. Eles dizem que ficaram admirados, nos depoimentos de dizer que: o povo de Deus era como se fosse uma coisa imaginária, uma coisa que não existia e com a leitura popular da Bíblia, com essa nova metodologia passaram a se ver na Bíblia e descobrir que o povo de Deus ontem, o povo de Israel somos nós hoje. Só mudam, os nomes dos personagens e os locais e a época.” (Socorro Holanda p. 23)

Também Iraci Lino destaca a dimensão espiritual do trabalho com a LPB:

A minha experiência com a leitura popular da bíblia foi muito gratificante, uma experiência aberta e comunitária uma experiência diferente não apenas ouvíamos uma pessoa falar no trabalho bíblico mais íamos com o coração e a luz do espírito santo buscar, descobrir a realidade do texto e do seu contexto,

sair do ouvir para escutar, do racional para o sentir levantamos questões suspeita com objetivo de adentrar a realidade e a palavra de Deus e termos as luzes necessárias para vivenciar com atitudes e comportamento a proposta de Jesus Cristo assim juntos e juntas éramos motivados a atualizar nosso agir no aplicativo do amor de Jesus. Colaborando para a mudança humana fraterna e social, tendo como referência (At. 3, 42-47 e At.4, 32-37) “Vejam como eles se amam. (Iraci Lino p. 4)

Nos encontros da LPB a convivência é essencial pois se faz partilha de vida e escutar e sentir. Para se criar essa relação e alcançar esse resultado é necessário que se tenha em mente as questões reais que surgem da vida e das dificuldades enfrentadas atualmente, evitando perguntas artificiais que não refletem a realidade do povo. Como destaca Socorro Holanda na fala transcrita, é importante perceber que estamos pisando no mesmo solo, tanto no passado quanto no presente. Isso ressalta a necessidade de utilizar a ciência e o bom senso tanto na análise crítica da realidade atual quanto no estudo do texto e do contexto social.

Por fim uma compreensão abrangente da Bíblia que envolva os próprios leitores e esteja conectada com as situações concretas de suas vidas é fundamental. Ao ler a Bíblia dessa forma, cria-se uma iluminação mútua entre a Bíblia e a vida. O significado e a relevância da Bíblia emergem e se enriquecem à luz das experiências vividas e dos sofrimentos enfrentados na vida, e vice-versa.

A interpretação que o povo faz da Bíblia é uma atividade abrangente que não se limita apenas à contribuição intelectual do exegeta, mas abarca todo o processo de participação da comunidade: trabalho em grupo, estudo, leitura individual e coletiva, representações teatrais, celebrações, orações e momentos de lazer. Aqui, a riqueza da criatividade popular e a variedade de intuições que surgem são evidentes.

Para uma interpretação adequada, é crucial um ambiente de fé e fraternidade, permeado por cânticos, orações e celebrações. Sem esse contexto do Espírito, é difícil descobrir o significado que o texto tem para nós hoje. Pois o sentido da Bíblia não é apenas uma ideia ou uma mensagem que se apreende pela razão e se objetiva por meio de raciocínios; é também um sentimento, uma fonte de consolação e conforto que é percebida com o coração e mexe com as raízes da memória que estão muito além do alcança de enxada da razão

Nesse contexto defender a vida não é uma posição moralista que coloca em debate apenas os temas de aborto e eutanásia, por exemplo, mas defende a necessidade de vida em plenitude para todos e especialmente os excluídos.

O professor Alder Júlio Ferreira Calado, Universidade Federal da Paraíba e Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru, que atou em movimentos populares ao lado de Paulo Freire e D Helder reconhece o papel importante do CEBI para barrar o fundamentalismo religioso e assim se pronuncia<sup>76</sup>:

Num cenário histórico profundamente tensionado entre forças antagônicas, o método do CEBI se apresenta como uma vacina contra as tentativas várias de apropriação indébita da palavra de Deus, como uma ferramenta de interpretação como estratégia de acesso inescrupuloso do poder político. Com efeito, tendo em vista que é presente a influências da vertente neopentecostal (seja em sua versão protestante, seja pela sua versão Católica se apresenta uma poderosa ferramenta de manipulação de expressivas parcelas de nossas gentes, a leitura popular da Bíblia como método histórico crítico do CEBI, transforma-se em uma frutuosa ferramenta partir das armadilhas que o fundamentalismo religioso vem apresentando na realidade.

Para vencer a manipulação e emancipar os sujeitos, levando-os a ação. Mas Paulo Freire já nos advertiu que o movimento para a liberdade, deve surgir e partir dos próprios oprimidos, e a pedagogia decorrente será "aquela que tem que ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade". (Freire, 1980, p. 33) Pois não é suficiente a pessoa reconhecer a injustiça social, mas deve se dispor a transformar a realidade.

Mesmo reconhecendo a riqueza do método e o valor do caminho percorrido, há necessidade de evoluir para fazer frente a novas realidades e questionamentos que a mudança de época trás.

### 5.3.2 Desafios e impasses para a LPB

Para ser fiel a sua vocação primeira de fazer da LPB uma prática de educação para a consciência crítica é necessário miudar para dar resposta aos novos apelos da realidade. Em sua fala Francineide, ouvida na pesquisa como participante da experiência do CEBI Mossoró, revela essa inquietação e a necessidade de buscar respostas e fazer um novo caminho.

o trabalho não é só possível é necessário, porque por mais que a gente imagine que hoje com essas novas teologias que se tem por aí, no plural mesmo né, por mais que a gente imagina e as pessoas a mais vocês estão com uma reflexão muito arcaica muito antiga isso é 70, 80. Mas, como essa reflexão é uma chamada sempre a atualização, ou seja, você faz uma reflexão a partir do olhar da Bíblia que é um livro, assim, escrito há muito, muito tempo atrás. Porém

---

<sup>76</sup> <https://teologianordeste.net/index.php/publicacoes/artigos/461-a-leitura-popular-da-biblia-vacina-contr-o-fundamentalismo-religioso-notas-sobre-o-metodo-cebi.html>

quando se consegue fazer leitura popular da Bíblia a gente consegue essa atualização constante e eu acho, isso, necessário importante, justamente para a gente tentar recolocar a reflexão sobre a Bíblia, sobre o evangelho nessa perspectiva que eu acho que a população mais carece e nós como todos carecemos que é a vida. Demonstrar que essa leitura que tem lá é a leitura para a vida e com a vida. (Francineide p. 11)

Sebastião Armando, que também participou da pesquisa e já foi citado, acrescenta a esse quadro a questão da volta a grande disciplina que impera na ICAR e levanta questionamentos sobre o tema:

Mas, depende da Igreja que nós somos, porque como a gente dizia antes tivemos o Papa João XXIII, que digamos, assim, representa a inspiração do Futuro, porque parece um paradoxo o velhinho que está praticamente no final de sua projeção na Igreja para o futuro. Depois, vem Paulo VI que era mais intelectual do que João XXIII, era muito conhecido pela a história alguém muito capacitado na historiografia, Historiador. O Papa Paulo VI era muito mais filósofo, teólogo, não era biblista. Estou salientado os Papas, porque na Igreja o Papa é que tem a última palavra. Vocês imaginam que há Bispo, por exemplo, freiam todo o dinamismo da Igreja local e o clero que tem a força, porque tem povo, o bispo não tem povo, o bispo é supervisor. E no entanto, os padres sabendo que eles tem a força, mas eles não promovem o povo, não ajudam o povo a se promover. Não sei se é porque ganham da Igreja tem medo de ficar na miséria, por que por respeito ao Bispo não é, pode ser por medo do Bispo, por respeito não é muito diferente. (Sebastião Armando p. 21).

Onde impera o medo e se exige a obediência acrítica, nada de novo nasce. Para enfrentar os fundamentalismos e o fechamento e aburguesamento das Igrejas e conter o crescimento da extrema direita deve enfrentar e ganhar a guerra das narrativas. Encontrar novas formas de desenvolver o pensamento crítico através da arte, da academia, dos veículos de comunicação, como as redes digitais e, sobretudo, do trabalho de base no meio popular é tarefa urgente e desafiante. Percebemos um incipiente trabalho nesse sentido feito por Marcelo Barros que utiliza as redes sociais e aplicativos para divulgar vídeos, livros, reflexões diárias do evangelho distribuídas pelo whatsapp.

Outro desafio é o distanciamento entre as novas descobertas da ciência bíblica e a LPB. Carlos Mesters já chamava a atenção para esse risco no final dos anos 70 e ilustra sem ponto de vista com a história que intitula “Televisão sem rede elétrica não funciona.” Na narrativa temos um operário que comprou uma televisão. O técnico foi instalar e explicou como funciona, desde as peças e a programação que ele poderia assistir. Mas esqueceu de ligar na rede elétrica. A noite o operário chamou os vizinhos para participar da inauguração, arrumou a sala e cada um trouxe sua cadeira. Mas o aparelho não funcionou e ninguém lembrou de verificar se estava ligada na rede elétrica. A mesma coisa pode acontecer quando se explica a Bíblia ao povo, tudo

é esmiuçado e esclarecido, mas não se faz a ligação da Bíblia na rede da vida, “onde atua a fora do Espírito que faz enxergar e ilumina o aparelho da Bíblia”. O povo se ajeita nas reuniões, aperta o botão, mas nada acontece. “Ficam olhando num aparelho mudo e sem imagem, que não fala da vida” (Mesters, 1977. P. 231)<sup>77</sup>.

A maior preocupação da LPB e do CEBI é com o serviço a palavra no meio do povo. Dessa forma a formação do biblista popular não pode se resumir a uma atividade intelectual, mas, deve ser uma atitude que leve em conta todos os aspectos da vida, a razão, a fantasia, o coração, a participação, a celebração, a oração, o passatempo, a poesia, a criatividade, a fé, a esperança, o amor. Ao estudar, por exemplo, a influência das novas descobertas arqueológicas sobre os estudos bíblicos e a LPB deve ser enfatizado como as pessoas que manipularam a redação e a sacralização dos textos bíblicos usaram essa estratégia como uma forma de dominação e de justificação teológica do poder exercido.

Ocupar novos espaços e chegar junto as pessoas, não para fazê-las entrar no nosso caminho, mas para ajuda-las a olhar sua vida com uma nova luz. Esse é o desafio que permanece. Permanece também a certeza de que: “A libertação é um processo permanente de busca de liberdade que não é ponto de chegada, mas sempre de partida. Se hoje, faminto e negado, preciso de pão e repouso, amanhã, alimentado e dormido, descubro que preciso de som, de imagem e da palavra escrita.” (FREIRE, 2004, p. 160).

Quem tem fome e sede de transcendência e de sentido se dedica a busca constante, ajudado pelos companheiros e companheiras. Como nos tornar irmãos e irmãs nessa caminhada é o que precisamos descobrir.

### 5.3.3 Caminhando com as periferias no cuidado da casa comum, em busca do bem viver

Acima é inspirado no tema da última Assembleia Nacional do CEBI, a XXI, realizada entre maio e junho de 2021 de forma virtual. Na ocasião foi eleita uma nova coordenação e propostas atividades prioritárias tendo como limite o ano de 2024. O instrumento preparatório do evento explicita as dimensões que estão presentes nesse tema que estimula as ações de todos os grupos do CEBI:

---

<sup>77</sup> A tese de Ralf Hunning intitulada *Aprendiendo de Carlos Mesters: Hacia una teoria de lectura bíblica* estuda o tema em profundidade e se pergunta qual a contribuição que os estudos Bíblicos podem dar a LPB. Texto especificado nas referências

O tema da XXI Assembleia Nacional do CEBI tem uma importância para os tempos que estamos vivendo e para a caminhada do CEBI e a Leitura Popular e Libertária da Bíblia. Três dimensões estão presentes nesse tema e que exigem reflexão, aprofundamento e ação: primeiro, no âmbito do lugar social, há que se perguntar pelo lugar social do CEBI: estamos com as periferias ou estamos nas periferias? Qual a função social da Leitura Popular da Bíblia? Segundo, no âmbito político, libertário e transformador, há que se perguntar pelos passos construídos no caminho para a mudança política e para a transformação. Que caminhos de transformação estamos construindo? Que transformações promovemos com as periferias (Mulheres, Crianças, LGBTQI+, Etnias Afrodescendentes e Etnias Indígenas, Sem-teto, Sem terra, Desempregados e Desempregadas, Escravizados e Escravizadas, Encarcerados e Encarceradas)? Terceiro, no âmbito profético, há que se resgatar a teologia da compaixão e a teologia política da luta pela dignidade dos oprimidos e da defesa das vítimas frente a um sistema opressor, explorador e espoliador. Essas são três dimensões a provocar a caminhada do CEBI e o serviço da Leitura da Vida e da Bíblia para as Comunidades e para as pessoas empobrecidas enquanto sinais de libertação<sup>78</sup>.

O texto contempla vários questionamentos, mas que devem ser respondidos com a vida, o empenho e o testemunhos dos grupos de reflexão, coordenação e assessores. Pode ser comparado a um credo que reúne as principais funções da LPB, estar no meio do povo como presença profética e solidária a profecia. Fortalecer a identificação com os excluídos cientes da possibilidade de perseguição. Embora a realidade política do Brasil esteja normalizada sem os absurdos vividos no tempo do governo da extrema direita, nada justifica a acomodação. Políticas públicas que distribuem renda são emergências e necessárias, mas não mudam a estrutura de dominação do capitalismo. Podem até servir para amortecer as consciências e arrefecer as lutas libertárias.

O mesmo texto motivador escrito para a assembleia, refletindo sobre a passagem da viúva de Naim (Lc 711-17), parte das ações de Jesus para refletir sobre a forma como o CEBI deve estar presente nas periferias: “Nas periferias, Jesus e as comunidades não devem estar preocupadas com os rituais de pureza, com os costumes que separam e distanciam e nem tampouco com as religiões que sobrevivem sobre cadáveres e corpos violentados e mutilados, mas deve caminhar para promover rupturas e transformações.” Não agir como visita ou como quem sabe e chega para ensinar e resolver, mas assumir a irmandade e a identificação com a classe periférica. Se assemelha a proposta do Papa Francisco para a ICAR de uma Igreja em saída, suja e enlameada.

---

<sup>78</sup> <https://cebi.org.br/assembleia-nacional-do-cebi/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2024

Não existem receitas prontas e a certeza de sucesso na missão, mas o desejo de partir e sempre aprender a “ser mais”, junto com o povo. Na medida em que formos se caminha na mesma estrada, procurando ser fiéis a Deus, ao povo e aos fatos, algumas preocupações vão desaparecer, outras novas vão surgir. É preciso que o serviço ao povo seja o critério para avaliar todo o resto. Que a preocupação com o estudo, com o uso dos resultados da exegese, com a aplicação dos vários métodos, seja constantemente avaliada a partir dos encontros que o povo faz quando se reúne em torno da Palavra de Deus para animar sua fé, iluminar a caminhada e dinamizar sua luta.

É necessário começar de novo para mais uma vez cumprir o papel do CEBI da LPB da Bíblia, bem resumido por Sebastiao Armando: ““Eu penso que o CEBI é um instrumento muito importante e que tem o seu chão naquilo que ainda estava vivo como herança do Concílio Vaticano II, que de qualquer forma abriu a Igreja para um Novo Horizonte e desautorizou certas verdades tidas como inamovíveis e indiscutíveis.” (Sebastião Armando p. 20)

Dentre as verdades inamovíveis que precisam ser questionadas a principal é o triunfo, a onipresença e a fatalidade da aceitação do capitalismo como único regime possível. Nos últimos séculos, o capitalismo se infiltrou em todas as organizações públicas e privadas, e na cabeça e no coração da maioria dos cidadãos. Pouco sabem diferenciar a propaganda da realidade, o certo do errado, o público e o privado, os interesses individuais e coletivos. Esses questionamentos são rotulados como ultrapassados. Com isso, o sentimento de pertencimento, da comunidade, é destruído e não sentimos a dor da violência brutal das guerras ou das opressões do cotidiano como sendo nossas dores. Para que a humanidade não acabe precisamos recuperar a vida e o poder das comunidades, lugar onde temos nome, lugar onde somos protegidos. Renovar as lutas aquelas por uma educação crítica para todos, saúde pública, empregos de qualidade e igualmente remunerado para mulheres e homens, segurança pública, habitação acessível, reforma digna. Sem as comunidades somos apenas pessoas perdidas a mercê do capitalismo. A comunidade nos ajuda a resistir e a ser gente<sup>79</sup>.

Bom seria poder cantar de novo “eu sou feliz é na comunidade”. Melhor ainda estar dispostos e dispostas a ser comunidades sem fronteiras e sem preconceitos e divisões,

---

<sup>79</sup> Sobre o tema conferir o texto de Josep-Maria Terricabras, Girona, publicado na Agenda Mundial Latino Americana 2023, página 117, disponível no link <https://agendalatinamericana.red/archivos/agendas/Latinoamericana%202023%20PDF%20WEB.pdf> . Acesso em 09 de fevereiro de 2024

englobado todas as pessoas no mesmo abraço. Parece uma tarefa impossível, mas esse é um projeto para a vida toda e que deve ser assumido pelas pessoas de boa vontade.

## 6 CONCLUSÃO

A pesquisa sobre a o potencial pedagógico e libertador da metodologia utilizada pelo CEBI nas suas atividades de LPB, com certeza é fruto de um envolvimento pessoal da pesquisadora. Afinal são quase quarenta anos de participação no CEBI. Mas ele não é a única. No percurso se descobriu a atualidade do tema que guarda ligação com uma espiritualidade que busca o estudo da Palavra de Deus com o olhar para a nossa realidade. E que esse olhar possa produzir modificações nas pessoas e na sua forma de atuar na realidade.

A escolha por analisar a experiência vivida pela Diocese de Mossoró da ICAR nos anos 80 e 90 revelou-se acertada pela profundidade das marcas deixadas nos seus participantes. Ao todo foram ouvidas 17 pessoas que participaram do CEBI na época abordada. Ouvimos também Sebastião Armando como assessor Regional e Diretor do CEBI nas décadas estudadas e a Irmã Cleide que narra a experiência do Grupo de Mulheres Plantando Vida, Colhendo Dignidade.

A partir do resgate histórico feito percebemos que o CEBI não inventou a roda, pois sua metodologia bebe de várias fontes como o método ver, julgar e agir e a educação popular. Mas traz uma grande novidade que é escutar com atenção as perguntas que o povo faz e sua forma de se achar dentro da “história do povo de Deus”. Foram as inquietações trazidas pelas pessoas da base que levaram ao surgimento do CEBI. Desde o início a entidade busca ser fiel a essa vocação e constantemente avalia sua caminhada para corrigir os rumos e estar atento as transformações sociais.

Em Mossoró o CEBI chegou pelas mãos das religiosas inseridas desde o ano de 1987. Cresceu levado por um grupo de homens e mulheres comprometidos com a Igreja da Libertação e investiram na formação continuada dos agentes de pastoral. Uma formação, teológica, humana e de consciência. No início esse apoio foi uma força, mas posteriormente se tornou uma prisão pois muitas vezes impediu o grupo do CEBI local a atuar em outros ambientes e a buscar outros horizontes fora da Igreja institucional.

Hoje sobrevive num pequeno grupo de leigas e leigos que se identificaram om a proposta e não querem deixar cair a profecia. É acolhido por uma pequena parcela do clero que pede formações nas suas paróquias, mas fogem das lutas sociais. Nesses espaços o CEBI pode até ser confundido com mais uma pastoral ou serviço eclesial, mas também pode introduzir novos temas na reflexão e questionar os discursos religiosos fundamentalistas imperantes. O desafio é manter a autonomia e a criticidade.

Aprofundando nosso olhar para a metodologia usada vemos não se trata de uma opção técnica ou de um planejamento estratégico, mas de uma ferramenta que auxilia as pessoas a pensar e a sentir inquietação diante de uma realidade injusta e agir para transformá-la. Sem a esperança de mudanças, a consciência da opressão se torna uma porta para a depressão.

Como escutar é essencial na LPB escutamos as pessoas que fizeram parte dessa caminhada. Temos consciência que essa escuta é parcial e não exaure a experiência, mas as vozes destacadas são de uma riqueza tão grande que o diálogo com elas ocupa mais de 20% do trabalho. E nem todas as falas foram aproveitadas.

Como já destacamos foram ouvidas 17 pessoas que participaram da experiência do CEBI Mossoró nos anos 80/90 do século XX. A opção de escuta e os limites do trabalho não permitiram incluir aqueles e aquelas que não abraçaram a metodologia do CEBI. Temos notícias de participantes de Escolas Bíblicas naquele período que se afastaram da experiência religiosa por libertação. Alguns chegaram a se identificar com valores da extrema direita ou a viver uma religiosidade fundada puramente no devocional. A ferramenta da LPB não é mágica e nem infalível, mas para produzir frutos depende da resposta e da participação ativa do militante.

Outro limite, infelizmente, foi o fato da pesquisa ter escutado assessores e assessoras e até mesmo animadores de grupos de estudo, mas não teve oportunidade de contactar os destinatários desse trabalho, ou seja os grupos de base ou de comunidade alcançados pela experiência. A escolha de pessoas que corresponderam positivamente a metodologia foi deliberada com o objetivo específico de constatar as transformações e as motivações.

Além dos 17 depoimentos transcritos no anexo 1 deste trabalho e de Sebastião e Irmã Cleide que forneceram informações e reflexões sobre temas específicos, nenhuma outra pessoa foi ouvida, na discussão e reflexão sobre as falas ninguém ficou de fora e todos revelam uma ligação como CEBI, mesmo que seja afetiva e saudosista.

Fizemos um levantamento das contribuições por quantidade de citações e por temas, para melhor analisar os resultados:

QUADRO 1	
NOMES	TOTAL DE FALAS CITADAS
Socorro Oliveira	6
Irmã Eliane	5
Irmã Lucia, Irmã Iraci Lino, Irapirema, Dilma e Socorro Holanda	4
Francineide, Reginaldo, Linda, Raimundo e Gorete	3
Ana Jacira, José Edson, Idaísa, Eleni e Neto	2

As falas de Sebastião Armando foram citadas 7 vezes, mas não foram incluídas no quadro pois corroboram uma visão sobre a Igreja e os rumos do CEBI na época estudada e nos

dias atuais, e por isso mesmo se prestam a dialogar e enriquecer a reflexão, mas ele não faz parte do recorte dessa pesquisa. Mas será contemplado no segundo quadro, que segue:

QUADRO 2 - PRONUNCIAMENTOS POR TEMA	PESSOAS QUE FALARAM SOBRE O TEMA
4.2 CAMINHOS PARA O ENGAJAMENTO	
4.2.1 Sentir-se chamado por Deus	Irmã Iraci Lino, Ir Lucia e Socorro Oliveira
4.2.2 As transformações pessoais	Irmã Lúcia, Irmã Iraci Lino, Irmã Eliane, Socorro Oliveira, Raimundo, Gorete
	Eleni, Antônio Neto, Idáisa, Dilma, Irapirema, Socorro Holanda
4.2.3 Relação com outras experiências religiosas e de cidadania	Socorro Oliveira, Francineide, José Edosn, Linda, Raimundo, Eleni, Gorete, Antonio Neto
4.2.4 O engajamento Político e Social	Ana, Jacira, Irmã Eliane, Socorro Oliveira, Reginaldo, Francineide, Dilma, Raimundo
	Socorro Holanda, Gorete
4.3. INFLUÊNCIAS NA REALIDADE ECLESIAL E SOCIAL	
4.3.1 O CEBI e a Igreja	Ana Jacira, Irmã Iraci Lino, Sebastião, Irmã Eliane, Socoro Holanda, Socorro Oliveira
	Reginaldo, Linda
4.3.2 As oposições e os limites	Sebastião Dilma e Irapirema
4.4 A INFLUÊNCIA DO CEBI NAS OPÇÕES DE VIDA	
4.4.1 Compromisso com as causas populares	Idáisa, Linda, Francineide, Irmã Lucia, Irmã Iraci Lino, Socorro Holanda
4.4.2 Frustrações e decepções	Socorro Oliveira, Reginaldo, Sebastião, Irapirema
4.4.3 Projetos e esperanças	Dilma, Irmã Lúcia

Quanto a esta divisão por tema cabe esclarecer que quem não foi referido no item relacionado na coluna da esquerda não significa que não o abordou. As pessoas destacadas, e cuja fala foi brevemente comentada no capítulo 4, deram mais ênfase a eles. Como a entrevista foi aberta e as perguntas não foram direcionadas, os assuntos que se repetem brotaram de forma “espontânea” das pessoas entrevistadas.

É preciso reconhecer que não foram utilizadas a integra de todas as falas ouvidas, foi necessário optar pelos temas mais frequentes para possibilitar a construção de um retrato mais alargado dos processos e sentimentos vividos pelos participantes. Quem se dispor a rever os depoimentos com certeza descobrirá outros enfoques. Mas é preciso fazer escolhas, especialmente tendo presente o objetivo do trabalho

Os quadros resumo apresentados permitem uma visão geral que vai além da discussão temática e se prestam a comprovar mais uma vez a tese defendida nessa pesquisa.

Se considerarmos a quantidade de citações como critério para avaliar a influência do CEBI na vida da pessoa temos Socorro Oliveira como a principal figura do quadro, seguida por Irmã Eliane. Os dois depoimentos foram extensos e abordaram diversos temas. Logo a seguir temos um grupo de pessoas cujas falas foram citadas 4 vezes: Irmã Lucia, Irmã Iraci Lino, Irapirema, Dilma e Socorro Holanda. Nenhum deles e delas foi citado apenas uma vez. A experiência no CEBI não foi monocromática, mas atingiu a vida em mais de um aspecto.

O segundo quadro revela melhor a importância dada aos temas. É possível perceber em quase todas as falas que a participação do CEBI não foi apenas um evento social e que guardava íntima relação com a fé. Porém, somente três pessoas fizeram questão de destacar a pertença ao CEBI como uma vocação, duas delas são freiras. O último aspecto, que enfoca as esperanças e projetos está em pior situação, duas pessoas ainda acreditam na necessidade de semear, mesmo

sem poder ver os frutos. Entendemos não ser mero acaso termos como temas mais comentados as transformações pessoais (12) e o despertar para o engajamento político (10).

É preciso ressaltar que as transformações pessoais pelas quais passaram os entrevistados consistiram numa evolução. Muitos colocam o CEBI como um marco na sua existência. São pessoas diferentes e mais humanas. É obvio que não foi unicamente a LPB a responsável pelas transformações e crescimentos, mas foram essências para se somar com outros fatores e permitir o amadurecimento. Na pesquisa, conforme o quadro 2, oito pessoas fazem questão de declarar as relações entre o CEBI e outras pertenças. O ser humano não é picotado, as experiências vividas são digeridas e assumidas (ou rejeitadas) conjuntamente nas suas consciências.

Para o CEBI, o conhecimento bíblico é uma ferramenta para alcançar o fim almejado ao ler a Bíblia em grupo, a saber, iluminar a realidade no sentido de buscar justiça e dignidade comunitária. Esta iluminação nos estimula a continuar no caminho de transformação, não somente em nível de grupo e igreja, mas também em nível da sociedade da qual somos parte.

Quanto ao engajamento político, compreendido de forma ampla, é o segundo ponto mais citado nos depoimentos. Temos diversas militâncias entre as pessoas ouvidas, passando pela filiação a partidos políticos, atividades sindicais, contribuição com a organização popular e participação em movimentos populares, demonstrando assim a existência de uma consciência crítica.

O terceiro tema mais abordado no quadro é a relação entre o CEBI e a Igreja, no caso em estudo a ICAR, com oito pessoas ajudando na reflexão. Aqui também se percebe a presença da consciência crítica pois as abordagens não revelam visões fundamentalistas ou subserviência, estamos mais próximos da visão de uma Igreja sinodal e em saída como quer o Papa Francisco, apesar de sofrer forte oposição interna. Essa oposição com certeza não vem da Igreja da Libertação.

Ainda examinando o segundo quadro resumo é patente que poucos entrevistados percebem os limites da caminhada, ou mesmo não se importam com eles. Porque pessoas tão conscientes e engajadas agem assim? Dá quase a ideia de um esfriamento em relação aos grupos religiosos. Reforçando esse entendimento vemos que as frustrações e decepções são abordadas por apenas três pessoas. Tanto é que o compromisso com as causas populares é expressamente destacado por seis pessoas, e está implícito noutras falas.

A contemplação do quadro geral de respostas os faz visualizar que vários dos objetivos do CEBI foram atingidos nessa experiência de Mossoró. Mais do que pensar ou rezar, motivar as pessoas a viver e a testemunhar sua fé. Despertar para uma leitura a partir da realidade dos

excluído. Despertar para a formação de uma consciência crítica e releitura da vida através da palavra de Deus. Ser espaço de resgate da cidadania, estimulando o engajamento.

A referência a comunidade é sempre presente pois nos espaços formativos os estudos não eram individualizados e nem mexiam apenas com o intelecto. Estar presente é estar com alguém e com Deus. Uma leitura bíblica a partir do popular seria o caminho para fazer de nossas comunidades espaços de crescimento, em que o grupo deve realizar a tarefa de desvelamento da sua realidade e dos textos bíblicos estudados. O conhecimento bíblico é uma ferramenta para alcançar o fim almejado ao ler a Bíblia em grupo, a saber, iluminar a realidade no sentido de buscar justiça e dignidade comunitária. Esta iluminação nos estimula a continuar no caminho de transformação, não somente em nível de grupo e igreja, mas também em nível da sociedade da qual somos parte.

Um desafio para continuar a caminhada é o cansaço das lideranças. Algumas que foram formadas no passado já não se identificam com a proposta da LPB e migraram para outras lutas. As novas gerações são fortemente influenciadas pelas novas religiosidades do espetáculo e fundamentalistas, onde não existe o estímulo para pensar e se reunir, mas apenas para ouvir a doutrina correta. A narrativa conservadora é simplista, baseada no imediatismo com na luta contra a corrupção e no justiciamento. A narrativa progressista é difícil porque exige reflexão, auto avaliação, autocrítica, engajamento. Mas é no caminho mais árduo que se constrói o sonho coletivo.

A metodologia deve ser adaptada para os dias atuais não apenas usando novos meios de comunicação, mas encontrando outras formas de se aproximar das pessoas e das realidades de sofrimento para dialogar e buscar saídas conjuntas. Mesmo que seja fora dos espaços religiosos institucionais. Esse é um grande limite do CEBI Mossoró pois tudo leva a crer que ele só acontece como grupo organizado quando está dentro da Igreja. É preciso ver se os espaços ocupados pelo CEBI se encaixam com as suas propostas e pensamentos.

Para continuar existindo e tendo relevância o CEBI precisa deixar de desenvolver serviços paroquiais. Precisa ir ao encontro das pessoas e provocar a reflexão. Precisa desmascarar o discurso religioso que sacraliza e justifica aquilo que é diabólico. Precisa acreditar nas lutas que organizações e grupos sociais estão fazendo e se juntar com eles. Não oferecer assessoria demonstrar saber mais, chegar e ver como a gente pode ajudar, estando presente. Da encarnação nas dores e lutas pode surgir, uma forma, uma metodologia que preserve o que foi construído e experimentado pela LPB e agregue novas experiências.

Um mundo que se depara com fundamentalismos a legitimar guerras, genocídios e práticas imperialistas por meio de discursos religiosos. Um mundo que luta por se libertar da imposição de um modelo único de relações, imposto pelo “deus mercado”. O mesmo mundo que não viu resolvidas questões como a da concentração de terras, pois continuamos a lutar contra o latifúndio e de renda, mas que precisa também de respostas para o problema da água, da vida nas cidades, da AIDS, do feminicídio e tantos outros.

É esse mesmo mundo, também tão próximo de nós, que impele o CEBI a fazer novas perguntas em nosso jeito de ler a Bíblia e de praticar a Educação Popular. Leitura da Bíblia a partir dos pobres em razão de um diálogo aberto com os movimentos, entidades, atores e atoras sociais, denunciando os fundamentalismos existentes e, ao mesmo tempo, realizando a conexão Bíblia e cidadania.

A metodologia que norteou a pesquisa exige o questionamento e a atenção ao que está escondido por trás das palavras. Permanecer na superfície e se satisfazer com as respostas prontas impede a aparição do “inédito viável”. Implica abrir mão das certezas fechadas que nos fazem surdos e surdas diante do outro e da outra.

Na perspectiva desta pesquisa, o inédito viável deve ser compreendido como caminhos, propostas e mudanças realizáveis; o caminho de um objetivo maior a ser alcançado. Mesmo quando o objetivo pareça uma utopia, pequenas conquistas nos tornam mais próximos dele e devem ser celebradas. É uma possibilidade concreta de superação, mesmo que parcial, dos aspectos opressores percebidos no processo de conhecimento que parte da análise crítica da realidade.

As utopias que consideravam possível a libertação do oprimido e a destruição do sistema opressor hoje perderam espaço para uma visão mais de emancipação entendida como empoderamento de pequenos grupos que reivindicam o respeito a temas e direitos específicos como negritude, juventudes, agroecologia, e teologia queer.

Construir utopia, como as gestadas nos rebeldes anos sessenta, não é um exercício de sonhadores, mas um atributo de profunda humanidade. O humano tem um quê de divino justamente por não se contentar com o visível e o palpável, mas buscar o significado que transcende toda a realidade.

Liberdade, decisão, ética e responsabilidade não são apenas palavras de ordem. Tratam-se de comportamentos e atitudes cotidianas que podem e devem ser despertadas nas pessoas para substituir o fatalismo e o conformismo. O CEBI se propõe a isso, e se dispõe a caminhar

e a aprender com outros “sonhadores” e “lutadores” dispostos a abraçar esta causa, fiéis as suas raízes e fortalecendo nossas “asas”.

Uma leitura bíblica a partir do popular seria o caminho para fazer de nossas comunidades espaços de crescimento, em que o grupo deve realizar a tarefa de desvelamento da sua realidade e dos textos bíblicos estudados. O conhecimento bíblico é uma ferramenta para alcançar o fim almejado ao ler a Bíblia em grupo, a saber, iluminar a realidade no sentido de buscar justiça e dignidade comunitária. Esta iluminação nos estimula a continuar no caminho de transformação, não somente em nível de grupo e igreja, mas também em nível da sociedade da qual somos parte.

## REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ANDREOLA, Balduino A.; RIBEIRO, Mário Bueno. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas em Genebra. **Estudos Teológicos**, v. 45, n. 2, p. 107-116, 2005.

ARAÚJO, Luiz Carlos. **O Espírito e a Palavra** Série: A Palavra na Vida, 67/68. São Leopoldo. CEBI. 1993.

ARAÚJO, Luiz Carlos. **Metodologia de aprendizagem bíblica. Avaliando as instâncias de formação do CEBI**. Série: A Palavra na Vida, 237. São Leopoldo. CEBI. 2007.

BALDUÍNO, Andreola A.; RIBEIRO, Maria Bueno. **Andarilho da Esperança**: Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas. São Paulo, Aste, 2005.

BASTOS, Márcio Vinícius. Breve história da escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da reforma protestante. **Revista ensaios teológicos**, Vol. 1. n. 1, jun. 2015.

BATISTA, Edinaldo Medina; SILVANO, Zuleica Aparecida (Org). **50 anos 1971-2021 - Mês da Bíblia: Memórias, desafios e perspectivas**. Editora Paulinas. São Paulo, 2021.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: Um manual prático**. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 516 p. ISBN 978-85-326-2727-8.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**. Elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos Altares da Modernidade**. Rumo a um paradigma da Religião numa época pluralista. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOFF, Leonardo. **A Igreja se fez povo: eclesiogênese, a Igreja que nasce da fé do povo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues **Cultura rebelde**: Escritos sobre a educação popular ontem e agora / Carlos Rodrigues Brandão e Raiane Assumpção. – São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

BRIGHENTI, Agenor. **O Método ver-julgar-agir: da ação católica à Teologia da Libertação**. Petrópolis. Editora Vozes, 2022.

BRIGHENTI, Ageno. (Org.) **O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos**. Petrópolis: Vozes, 2023.

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. **O método de leitura popular da Bíblia na América Latina: a contribuição de Carlos Mesters**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1991.

CARDOSO, Nancy Pereira; MESTERS, Carlos. **A leitura popular da bíblia: à procura da moeda perdida**, Série: A Palavra na Vida, 73. São Leopoldo. CEBI. 1993.

CENTRO DE ESTUDOS BIBLICOS – CEBI. **Objetivos – CEBI**. 2023. Disponível em: <https://cebi.org.br/objetivos/>. Acesso em: 03 jul. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. Documento 100. Brasília. Edições CNBB 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **“E a Palavra habitou entre nós”** (Jo 1,14): Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Documento 111. Brasília. Edições CNBB 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL – CNBB. **As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil. 7ª Reunião Ordinário Conselho Permanente**. Brasília/DF, 23 a 26 de novembro de 1982.

COMBLIN, José. **Vocação para a liberdade**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 2012.

CONDINI, Martinho, **Fundamentos para uma educação Libertadora – Dom Helder Câmara e Paulo Freire**. São Paulo, Editora Paulus. 2014.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. **Cidadania: uma postura de vida coerente com a Palavra de Deus**, publicado na Revista Estudos Bíblicos da Editora Vozes. **Estudos Bíblicos**, v. 79, p. 10-23, 2003.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz. **O desafio de evangelizar pela educação no meio urbano. A contribuição da pedagogia que se inspira na espiritualidade**. Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP, Recife - PE, v. 1, n. Especial, p. 87-138, 2003.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz; SILVA, Georgina de Sousa e. **“Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37; Mt 14,16b; Lc 9,13): Comprometam-se socialmente**. Estudos Bíblicos, v. 95, p. 35-48, 2007.

CORREIA JÚNIOR, João Luiz; SILVA, Eunaide Monteiro de Almeida da. **“Uma interpretação da pedagogia de Jesus à luz da pedagogia de Paulo Freire”**. Revista de Cultura Teológica, no. 96 (12 de outubro de 2020): 291–308. <http://dx.doi.org/10.23925/rct.i96.47501>

COSTA, Maria Goretti Duarte. **A espiritualidade como ferramenta para melhoria da saúde mental e da qualidade de vida: um relato de experiência com grupo de mulheres**. Monografia Curso de Especialização em Logoterapia e Saúde da Família. Campina Grande. UEPB. 2023. Disponível em <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/29334/1/TCC%20-%20Maria%20Goretti%20Duarte%20Costa>

DIETRICH, Luiz José; FRIGÉRIO, Teá. **Utopia: Sementes e Caminhos – A leitura da Bíblia a partir da realidade**. Série: A Palavra na Vida, 245. São Leopoldo. CEBI. 2008.

DREHER, Carlos Artur. **A caminho de Emaús**: leitura bíblica e educação popular. Série: A Palavra na Vida, 71/72. São Leopoldo. CEBI. 1993.

DREHER, Martin Norberto. **Fundamentalismo mata** . In : GMAINER PRANZL, Franz: JACOBSEN, Eneida (Orgs ). Teologia pública : deslocamentos da teologia contemporânea . São Leopoldo: Sinodal /EST, 2015

FELIX, Isabel Aparecida. **Anseio por Dançar Diferente**: Leitura Popular da Bíblia na Ótica da Hermenêutica Feminista Crítica de Libertação. Tese de Doutorado. Universidade Metodista Mackenzie. 2010.

FREIRE, Ana Maria (org). Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1984.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Os cristãos e a libertação dos oprimidos**. Lisboa. Edições Base, 1978.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 8. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. UNESP. 2000

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42ª reimpressão, São Paulo: Paz e Terra, 2010 (coleção leitura).

GUIMARÃES, Edward (Org.); SBARDELOTTI, Emerson (Org.); BARROS, M. (Org.). **50 Anos de Teologias da Libertação** - Memória, Revisão, Perspectivas e Desafios - Volume 1. 1. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2022. v. 1.

GUIMARÃES, Edward (Org.); SBARDELOTTI, Emerson (Org.); BARROS, M. (Org.). **50 Anos de Teologias da Libertação** - Memória, Revisão, Perspectivas e Desafios - Volume 2. 1. ed. São Paulo: Editora Recriar, 2022. v. 2.

HUNNIG, Ralf. **Aprendiendo de Carlos Mesters**: Hacia Una Teoría de Lectura Bíblica. Navarra (Espanha). Verbo Divino. 2012

KOHAN, Walter. **Paulo Freire, Mais do que Nunca**: uma biografia filosófica. Belo Horizonte, MG: Vestígio, 2019.

LIBÂNIO, João Batista. **Formação da consciência crítica 1**: subsídios filosófico-culturais. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1978. (Coleção Vida religiosa: temas atuais, 9/I).

LIBÂNIO, João Batista. **Formação da consciência crítica 2**: subsídios sócio-analíticos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1980. (Coleção Vida religiosa: temas atuais, 9/II).

LIBÂNIO, João Batista; CELES, Luiz Augusto Monnerat. **Formação da consciência crítica 3**: Subsídios psicopedagógicos. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1981. (Coleção Vida religiosa: temas atuais, 9/III).

LOWY, Michael. **O que é Cristianismo da Libertação**: religião e política na América Latina – 2ª edição. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular. 2016, 216 p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MESTERS, Carlos. **Flor Sem Defesa**: uma explicação da Bíblia a partir do povo. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.

MESTERS, Carlos **Por trás das palavras**: Um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia. Petrópolis: Vozes, 1977.

MESTERS, Carlos. **Deus, onde estás?**: uma introdução prática à bíblia. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

MESTERS, Carlos **O que me vai no coração**: sobre a fonte e o rumo da interpretação da Bíblia. RIBLA. Petrópolis, n. 50, p. 25-9, 2005.

MESTERS, Carlos. **Seis dias nos porões da humanidade**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

MESTERS, Carlos; OROFINO, Francisco. **O caminho por onde caminhamos**: reflexões sobre o método de interpretação da Bíblia, – Série: A Palavra na Vida, 222. São Leopoldo. CEBI. 2006.

MOREIRA, Gilvander. **Frei Carlos Mesters, Paulo Freire da Bíblia. Por Frei Gilvander**. 2021. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/frei-carlos-mesters-paulo-freire-da-biblia-por-frei-gilvander/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

NASCIMENTO, Hostina Maria Ferreira do. **Círculo de ação-reflexão-ação**: uma possibilidade para a prática pedagógica da formação problematizadora de professores. 212f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. Trad. de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, Maria José F. Rosado. **Freiras no Brasil**. In: PRIORE, Mary Del (Org). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012, págs. 482-509.

OLIVEIRA NETO, José Freire de. **Educação Libertadora e Catequese: viabilidade do método psicossocial de Paulo Freire em uma catequese antropológica.** Mossoró/RN. Sarau das Letras. 2019

OLIVEIRA, Walter Martins de. Paulo Freire no Conselho Mundial de Igrejas (CMI). **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 21, p. 413-430, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v22i0.4916>.

POLETTI, Ivo (Org.). **Solidário Mestre da Vida - Celebrando 90 anos de Dom Tomas Balduino.** Edições Paulinas. São Paulo, 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da bíblia na igreja.** São Paulo: Paulinas, 2009.

PORTELLA, Rodrigo. **Sua excelência, o indivíduo: apontamentos básicos para a pesquisa sobre a religião no tempo presente.** História Agora, 11ª.Edição-Dossiê Religiões e Religiosidades no Tempo Presente (Volume 2), 2011

POSSANI, Lordes de Fátima Paschoaletto Possanto e SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs). **Formação Ecumênica e Popular Feita em Mutirão.** Curso de Verão 25 anos. São Paulo: Paulus, 2011.

PUEBLA (Texto oficial da CNBB): **A Evangelização no Presente e no futuro da América Latina,** Petrópolis, Vozes, 1982

RICHARD, Pablo. Leitura popular da Bíblia na América Latina. **Ribla,** Petrópolis, n. 1, 1988.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; CORREIA JÚNIOR, João Luiz; SILVA, Valmor da. **Leituras Anti-Imperialistas e Libertadoras Da Bíblia.** 01. ed. SÃO PAULO: 2018. v. 01. 204 p.

SALES Ivandro da Costa. **Educação Popular: uma perspectiva, um modo de atuar.** In SCOCUGLIA, Afonso Celso e MELO NETO, José Francisco (Orgs.). **Educação Popular: outros caminhos.** Editora Universitária/UFPB, 1999.

SANTOS, Odja Barros. **Uma Hermenêutica Bíblica Popular e Feminista na Perspectiva da Mulher Nordestina: um Relato de Experiência.** Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Teologia – EST. 2010

SCHINELO, Edmilson (org). **Bíblia e Educação Popular: Encontros de Solidariedade e Diálogo.** Série: A Palavra na Vida, 213/214. São Leopoldo. CEBI. 2005

SCOCUGLIA, Afonso C. **A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas.** João Pessoa: UFPB, 1999.

SILVA, Reginaldo Claudino da. **Paróquia de São Sebastião de Governador Dix-sept Rosado: 80 anos de paróquia e 255 anos de história e evangelização deste pedaço de chão nordestino.** In Revista Alilo Revista da Academia Dix-Septiense de História. Governador Dix-Sept Rosado, edição 003, Ano de 2022, 5º ano de fundação (p. 9-12).

SILVA, Antônio Fernando Gouvêa. **A busca do tema gerador na práxis da educação popular** / (Org.) Ana Inês Souza. – Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

SOARES, Sebastião Armando Gameleira (Org). **Curso Extensivo de Formação de Biblistas: Pistas para análise de textos**. São Leopoldo: CEBI. 1998.

SOAVE, Maria. **Leitura Popular da Bíblia: Caminhos e Orientações**. Série: A Palavra na Vida, 344. São Leopoldo. CEBI. 2016.

STRECK, Danilo R.; ESTEBAN, Maria Teresa (Org.). **Educação Popular – Lugar de Construção Coletiva**. Editora Vozes. Petrópolis, 2013.

STRECK, Danilo. R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. e ampl, Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Orgs.). **Religiões em movimento: o censo de 2010**. Petrópolis, Vozes, 2013, 360pp.

UNESCO, MEC, CEAAL. **Educação Popular na América Latina – desafios e perspectivas**. Brasília, 2005.

WEFFORT, Francisco Correa. **Educação e Política - Reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da Liberdade**. In: FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 13º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

## ANEXO 1 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

### Entrevista com Irmã Lúcia

Então Zelinha, com relação a minha experiência com a Leitura Popular da Bíblia no CEBI Mossoró foi uma experiência de um tempo breve de 93 a 95 quando participei da escola bíblica para agentes, éramos um grupo entre 20 a 25 pessoas inclusive tinha algumas pessoas da Paraíba e o que isso ficou na minha vida o que isso influenciou primeiro me ajudou a crescer na convicção de que Deus sempre está perto do seu povo incansavelmente encontrar forma para se revelar forma para se revelar e que a verdadeira sabedoria se encontra naquele mais simples porque são eles que vivem e que sentem bem de perto o carinho e o cuidado de Deus. Então, eles sabem traduzir. Daí, eles expressam na sua vida a verdadeira sabedoria que se encontra nas entrelinhas das palavras que estão escritas na bíblia como experiência de um povo que já viveu, que já passou, fez a história e que essa história é contínua. Então isso ajudou a esclarecer também a minha paixão pela missão aí as missões populares, o está constantemente em saída de encontro com aqueles lugares, aquelas pessoas que mais necessitam.

Então, essa experiência influenciou muito na minha clareza, meu meu discernimento, na minha forma de posicionar-me pelos mais fracos, pelos mais pobres e sobre tudo nas minhas opções para definir o lado em que devo está, o lado daqueles que mais precisam, o lado daqueles que são mais injustiçado, o lado daqueles que estão mais dispersos por uma questão de estar sempre de fora dentro desses sistema muitas vezes excludentes e a perseverar porque a questão vocacional missionária ele também exigem uma perseverança e nessa perseverança todos os dias encontrando formas de responder ao chamado que se renova de estar com o povo, de estar no meio do povo, de continuar participando nessa história construindo juntos. E aí eternamente enquanto estiver sopro de vida disposição meu meu desejo é justamente está nesses meios populares por que a leitura bíblica popular nessa ótica ajuda a gente não só conhecer mais sentir a ação, a revelação e a presença de Deus esse Deus que é defensor dos injustiçado, desse Deus que é amigo da verdade, esse Deus promotor da verdadeira vida, esse Deus que não só a pena criar mais acompanha cada momento fortalecendo, esclarecendo e dando razões para que a gente, seja de fato um instrumento dele para libertar, para transformar e para recriar.

Então, até hoje a minha caminhada não é ao lado das comunidades, mais e com as comunidades é estar com o povo através da atitude de fé, e mesmo que pareça tão difícil, tão distante do querer da vontade de Deus para esse mundo a gente caminha na fé porque como diz na carta aos Hebreus “a fé é a certeza daquilo que a gente ainda não ver”. Então, aquilo que a gente ainda não tem, aquilo que a gente não constatou, motiva pra gente continuar seguindo. As experiências dolorosas, as experiências difíceis do passado ajudam a gente vislumbrar um futuro que se a gente não chegar a colher os frutos do que é semeado hoje, mais ajuda a gente querer preparar e deixar o mundo melhor para os que virão depois de nós. Talvez a gente não chegue a colher os frutos, mas o importante é semear.

Então, a leitura bíblica popular para mim foi esse lugar, essa escola de constante aprendizado que permanece. E aí, eu agradeço aproveito o momento para agradecer o testemunho da Irmã Clara, da Irmã Janine que começaram, lançaram essas sementes aqui na região na Diocese de Mossoró e depois agradeço a experiência vivida na Amazônia lá na região de Óbidos, na Diocese de Óbito na companhia da missionária Ana Jacira que vive essa paixão que respira esse gosto pela a Leitura Popular da bíblia e aí só me incentiva a da continuidade e confirmar que estou no melhor lugar porque a minha opção faz com que a minha missão seja fortalecida.

### Entrevista com Ana Jacira

Oi Zélia! A partir da minha experiência com Clara e Janine na formação bíblica surgiu o desejo de fazer o curso de História na universidade. E eu, me engajei com essa formação bíblica para toda minha vida até antes da Pandemia eu vivia de dar formação bíblica na periferia nas escolas.

Você perguntou sobre a minha experiência do CEBI. Antes de Clara e Janine eu já conhecia o CEBI com Carlos Mesters em Angras dos Reis. Mas quando soube das irmãs de Gov. D. Rosado logo fui atrás e me tornei uma das discípulas mais fiel.

Ana

A partir dessa experiência me tornei uma assessora das escolas bíblica papular. Por onde andei criei novas escolas, na Argentina, Amazônia e nos assentamentos do RN. Tanto em João Câmara, como em Touros.

Ana

Como missionária tenho duas paixões: as CEBS e o CEBI. Para mim é muito gratificante ver a transformação que o CEBI faz nas comunidades.

### Entrevista com Irmã Iraci Lino

Há... se essa experiência influenciou a minha vida. Sim, e muito no jeito de me encontrar com Deus na oração e na vida. O texto e o contexto bíblico a realidade vivida pelo povo, a metodologia do CEBI na Leitura Popular da bíblia tudo envolve, penetra, renasce. Há uma mudança de mentalidade de jeito de rezar, a ligação fé e vida é palpável. Há tempo para escutar Deus, para discernir antes de assumir as escolhas a palavra de Deus sempre me desafiou para um agir comunitário, juntos aos necessitados principalmente nas realidades periféricas onde viver levo sempre comigo no coração (João 10, 10) “há vida e vida em abundância” a vida do jeito que Jesus deseja em abundância não é fácil em uma sociedade desigual onde a luta pela justiça e a desigualdade é gritante. Mas, lutar com a presença a união e a força transformadora de Deus será sempre a missão cristã de todos.

A minha experiência com a Leitura Popular da bíblia foi muito gratificante, uma experiência aberta e comunitária uma experiência diferente não apenas ouvíamos uma pessoa falar no trabalho bíblico mais íamos com o coração e a luz do espírito santo buscar, descobrir a realidade do texto e do seu contexto, sai do ouvir para escutar, do racional para o sentir levantamos questões suspeita com objetivo de adentrar a realidade e a palavra de Deus e termos as luzes necessárias para vivenciar com atitudes e comportamento a proposta de Jesus Cristo assim juntos e juntas éramos motivados a atualizar nosso agir no aplicativo do amor de Jesus. Colaborando para a mudança humana fraterna e social, tendo como referência (At. 3, 42-47 e At.4, 32-37) “Vejam como eles se amam”.

Quando cheguei em Mossoró 1971, já trazia uma pequena experiência da Leitura Popular da bíblia vivenciada em Recife onde participava dos estudos bíblicos e encontros nos centros de treinamentos na Diocese de Recife e Olinda. Ali tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas leigos, padre e religiosas que já conheciam e já viviam a experiência da Leitura Popular da bíblia, ali dei meus primeiros passos e me apaixonei, quando cheguei em Mossoró para integrar a equipe de catequese diocesana lembro bem no planejamento diocesano de catequese tinha um estudo sobre a bíblia aproveitei a oportunidade e falei do CEBI depois para o estudo da bíblia foi convidado o Frei Carlos Mestre um dos fundadores do CEBI. Veio nos impulsionar motivando para o CEBI. Era o fundador. Depois dando continuidade aos estudos da bíblia veio a Irmã Agostinha que muito nos animou para iniciar em Mossoró o CEBI a animação foi total, isso foi o primeiro chute depois as irmãs de Governador Dix-Sept Rosado a Clara e a Janina assumiram a organização e animação do CEBI na Diocese com Bispo, Leigos e padres essa foi a primeira experiência do CEBI.

Hoje, como os meus 85 anos e bem fragilizada não estou mais na periferia com o povo, mas no meu coração o meu sentir, minhas memórias da convivência fraterna na busca pelo bem comum permanecem comigo fortificando-me, alegrando-me e rezando por todos que lutam por mais vida. Para isso, uso dos meios de comunicação, mídias para estar sempre em sintonia com a comunidade do CEBI em suas realidades e o processo de conscientização do povo de Deus na luta por mais vida. vejamos por exemplo a eleição presidencial em 2022 o povo gritando vida em todas as dimensões.

## **Entrevista com Maria do Socorro Oliveira**

**Estou conversando com Maria do Socorro Oliveira que nas décadas de 80 e 90 participou da experiência aqui na Diocese de Mossoró tanto do centro de estudos bíblico, como da CPT ? E do MEB (Movimento de Educação de Base) ela vai falar um pouco da sua experiência.**

A primeira pergunta seria para você falar um pouco da sua experiência popular da bíblia e da vivência de uma espiritualidade militante e libertadora aqui na Diocese de Mossoró. Zelinha, a minha relação com a Leitura Popular da bíblia foi quando eu estava na Paróquia de Campo Grande ainda, quando nós éramos do Setor do Zonal do Médio Oeste. E no Zonal Médio Oeste nós tínhamos um grupo que eram com a Irmã Clara, Irmã Janine e outro grupo mais amplo tinham as meninas de Upanema, Campo Grande e nós fazíamos encontro em Campo Grande porque Padre Pedro convidou as Irmãs pra vir coordenar o grupo e nós tínhamos um grupo em Upanema, Janduís na paróquia inteira também nós fazíamos uma Leitura Popular da bíblia na catequese familiar porque a coordenação diocesana também fazia essa leitura. Na verdade, nós éramos influenciados pelo CEBI. Em qualquer espaço que estivéssemos nós éramos como poderíamos dizer ... o nosso fundamento, o fundamento da nossa palavra da catequese familiar eu era professora da educação religiosa também na educação onde nós estávamos em qualquer espaço da pastoral a nossa fundamentação vinha do CEBI, que era uma Leitura Popular da bíblia a partir da realidade, a partir do chão de cada local onde nós estávamos se fosse na zona rural, se fosse na cidade a orientação era que a gente pudesse partir do local que tem uma semelhança muito grande com Paulo Freire.

**Você lembra Socorro quais eram os textos bíblicos que eram assim mais trabalhados?**

Olha Zelinha, eu sei que a gente fazia uma leitura do antigo testamento que era a história, para contar história de um povo e aí eu lembro que quando eu fui fazer o sesebe, quando eu voltei às irmãs até me pediram foi Pirema que me pediu para fazer uma conversa sobre a bíblia com as professoras de Governador Dix-Sept eu tenho uma memória bem frágil, mas eu lembro que a gente pegou alguns livros do antigo testamento. Se você me perguntar quais exatamente eu não vou saber, mais o que me ajudou muito Zelinha, a fazer até hoje na minha vida é a leitura do Gênesis que era assim como eu comecei a compreender diferente o Gênesis, o Êxodo, porque a gente trabalhava muito essa história da migração, da seca, das grandes secas na época. Mas, assim no todo a história do povo, essa que a bíblia conta cheia de parábolas é importante estudar o que está por trás das parábolas.

O que aprendi da leitura? Não vou nem falar dos livros em si, mas da Leitura Popular da bíblia da realidade, uma leitura que a gente precisa contextualizar, por que o contexto em que ela foi escrita é um contexto bastante diferente, escrita em outras línguas que nem existem mais. E aí é preciso pegar essa leitura e da bíblia a gente tirar o cerne aquilo que vai nos ajudar na vida, aquilo que vai nos ajudar a construir um mundo melhor, a construir novas reações construir um mundo mais humano, mais igual, isso eu não estou dizendo a gente deve adaptar a bíblia ao nosso bem quer. Não é isso. Padre Pedro dizia que a bíblia é elástica se você quiser pode puxar pro lado e não é disso que eu estou falando. Estou falando que se a gente compreende que a bíblia foi escrita contando a história de um povo e para ajudar esse povo a se libertar. Então, a bíblia hoje em 2022 também será, assim, utilizada. Utilizada, bem utilizada que é para a libertação das pessoas, a busca de um novo mundo. Então, assim a bíblia... o importante é isso como é que ela ilumina a nossa vida pro mundo melhor. Eu lembro que o Padre Pedro dizia “precisa no escuro todo mundo levar uma lâmpada, mais se algumas pessoas

levarem e iluminarem”. Então, a bíblia é um farol, nos ajudar nos iluminar, a bíblia é luz. E a bíblia cheia de parábola então a gente precisa trazê-la para a nossa realidade, como a história de um povo, nós que acreditamos que a bíblia é luz. Então, nós contamos a história do povo, a história atual com a luz que é a luz da bíblia.

**Socorro, só reiterando você entende que a experiência do CEBI, não ficou restrita só quem era do grupo, mas também se espalhou por toda Diocese e por toda pastoral?**

Eu compreendo eu, por exemplo, eu não participei de todos os encontros que todo mundo participou, mas a Leitura Popular da bíblia o CEBI, nunca deixou de ser para mim uma luz eu que atuava em diversos lugares, eu me tornei militante muito cedo tanto fazia no sindicato quanto na catequese familiar quando eu ia para os encontro na zona rural ou nos encontro ali mesmo na cidade ou nas reflexões na Igreja com o grupo de catequese, grupo de jovens e na educação religiosa. Até hoje eu faço qualquer leitura da bíblia que faço ou ouço eu sempre trago para minha realidade e se eu tiver participado de algum encontro alguma reflexão eu sempre me remeto aquela reflexão. o CEBI é na minha vida um caminho, uma luz.

**Como é que você acha que essa experiência influenciou nas suas escolhas, políticas profissionais e militantes?**

Influenciou-se porque, assim, porque eu sou agradecido a Deus por que eu peguei esse rumo, o rumo da teologia da libertação. Eu vou colocar em cada... o rumo da teologia da libertação na Igreja, o rumo da pastoral da terra, a luta pela terra, a luta pela educação, educação libertadora, a luta por eu estar desse lado da história, por eu estar na esquerda porque a minha primeira formação foi na Igreja. Então o que fundamenta é o evangelho de Jesus Cristo. De que lado eu estou? Eu, acho o sermão da montanha a coisa mais graciosa, mais profunda, forte da bíblia é porque fala de lado mesmo, do que lado você está? Está do lado do amor tem tantas leituras das primeiras comunidades, dos primeiros cristãos, leitura sobre o amor, fé a fé sem obra, a fé com obras isso tudo na verdade foi a bíblia que fundamentou toda a minha militância, minha vida até hoje. Tem uma música na Igreja que canta no tão sublime tem uma parte que diz assim: “Venha a fé, por suplemento os sentidos completar”. E aí na minha vida tem sido assim Zelinha até hoje, tem sido a bíblia a minha luz, essa leitura o evangelho nessa perspectiva a perspectiva da libertação tem fundamentada na minha vida até hoje mais na perspectiva da libertação.

**Pronto, você gostaria de colocar alguma coisa assim que você destacaria, porque essa experiência, essa forma de ler a bíblia e de olhar a realidade porque que deixou de ser importante na Igreja e aqui no nosso meio social?**

Eu acho que a Igreja ou uma boa parte da Igreja foi muito pra dentro dela seu umbigo o que ela se queixou a bíblia se fechou para ela, entendeu? A fundamentação da libertação da daquilo que era amplo... eu lembro daqueles documentos da Igreja que dizia que a política era espaço do laicato era um privilegiado para a gente fazer o agir porque o método ver, julgar e agir era muito inteligente sábio quem criou por que, assim ver a realidade então o laicato deve ir para fora da Igreja se é na política é na política, se é no movimento social só que a Igreja se fechou muito para dentro dela e parte deixou de lado essa coisa da Igreja pé no chão foi para Igreja das nuvens e aí deixou o chão, saiu do chão, tirou os pés do chão de onde a gente pisa. Padre Pedro “a gente pensa a partir do estômago” e eu não tenho dúvida disso quando a Igreja se fechou para dentro dela ela distanciou-se da pobreza dos empobrecidos e das empobrecidas quando ela saiu desse meio, então a Leitura Popular da bíblia, leitura libertadora da bíblia deixou

de ser o essencial. Porque a Leitura Popular da bíblia a leitura a partir da realidade é para quem tem compromisso de transformar a realidade. Então, parte da Igreja não tem mais esse compromisso então tanto faz.

**Socorro, você na época foi da coordenação de pastoral que era uma Igreja que era realmente colegial, Dom Freire fazia questão disso, você lembra de outras pessoas que eram do movimento, eram dessa linha da Leitura Popular, e hoje estão presentes nos movimentos sociais, na política, ou em outras instituições levando à frente o que aprenderam?**

Sim, Sim. Na Diocese nós temos que eram do CEBI que eram da Paróquia eu lembro Raimundo de Janduís, Zuleide, no alto oeste Elizaete, Pirema depois entrou na política não sei como ele está lá, a própria Izolda participava na do CEBI mais participou de alguns encontros na paróquia. Outra coisa Zelinha, é assim eu penso que a pessoa pode não ter ido pra política ou pode não está em uma coordenação de um movimento, mas a pessoa continua com a leitura crítica? Têm muitos companheiros e companheiras nossas que não estão à frente dos movimentos, não estão na política, no partido, mas continuam tendo uma leitura crítica se são professora, professor onde estiverem na profissão, onde eles estiverem continuam com a leitura crítica que você pode conversar, por exemplo, Ana Moraes foi do MEB, Pepi que foi do MEB, José Carlos está na CPT, Zé Edson, Vaniria que não está à frente de movimento nem um, mas teve muito tempo no movimento popular da comunicação. Inês Almeida, que continua na política. Inês Elena, que está na educação bem longe lá em Niterói mais continua, tem pessoas da paróquia que estão longe moram em outros lugares, mas continuam com aquela avaliação crítica eu lembro de Aninha neta de Dona Dolores lá de Campo Grande que hoje está no Maranhão eu acho, mas está lá com o MST. Então, Zelinha, têm outras pessoas que estão ou na Igreja mesmo nessa Igreja mais tradicional. Mas, assim tem uma reflexão crítica mesmo estando dentro da Igreja, porque é essa que temos e é feita por todos nós. Então, pessoas que estão dentro da Igreja, mas continuam com uma visão crítica da realidade lutando onde elas estão, isso para mim é fundamental é super importante. Você ver os meninos da comissão da justiça e paz que é Advogado também continuam com a visão, a Ana que era também da comissão justiça e paz, Lucinete que era da pastoral da juventude, Socorro Batista movimento da juventude, Crispiniano, as pessoas continuam no lado, assim, eu acho meio orgulhoso dizer no lado certo da história, mas do lado mais humano. Então, isso não foi em vão, na verdade eu vi uma vez Junior Solto foi dá um depoimento disse: “o senso de justiça ele aprendeu na Igreja” olha isso depois de muitos anos, isso é muito importante. Ivaneide está também na política. Zelinha, eu acho e não tenho receio de dizer, eu penso que na Igreja a gente aprende o senso de justiça mesmo eu sou capaz de repetir o que Junior disse que na Igreja a gente aprende o senso de justiça e não é em vão.

**Socorro, você gostaria de destacar mais alguma coisa assim dessa sua relação com a Leitura Popular da bíblia e a importância da sua vida?**

É isso Zelinha o que eu destaco é isso que disse agora a pouco o senso de justiça que me acompanha até hoje, hoje, o que há de mais forte na minha vida na minha formação é o que eu aprendi na Igreja o que há de mais forte são as maiores amizades, os maiores bem querer de você não ... eu digo que na Igreja a gente aprende o que não aprende em mais nem um lugar e que sempre a gente pode voltar a Igreja sempre nos deixa uma porta para a volta, se eu fosse voltar morar em Mossoró eu teria espaço na Igreja porque a gente volta eu tenho em Mossoró referências por resto da minha vida você é uma, por exemplo, como assim são referências muito importante que eu tenho na minha vida que está em Mossoró por que foi onde eu vivi Mossoró,

Upanema, Campo Grande você viu que a pessoa que mais falei foi Padre Pedro por que é uma referência Dom Freire é uma referência para nós como que ele compreendia a Igreja, você estava falando do colegiado né, aquelas assembleias Zelinha, onde você ver um local onde se reunia mais leigos e leigas do que padres para discutir a direção da Igreja, as diretrizes da Igreja. Então, assim eu sou uma pessoa privilegiada Zelinha porque participei, porque Deus me deu a oportunidade de estar desse lado e por que tive a possibilidade de viver a Igreja na paróquia de Campo Grande com Padre Pedro e na Diocese com Dom Freire que nos possibilitou inúmeras coisas da gente voar da paróquia de Campo Grande a gente voo para muitos lugares São Paulo regional e a Diocese também então foi assim isso na minha vida foi um divisor de água.

### Entrevista com José Edson e Francineide

**Estou aqui falando com José Edson e Francineide que vão também dar seu testemunho, seu depoimento e gostaria que ele dissesse o nome completo e se autoriza na pesquisa o nome próprio deles ou prefere um pseudônimo. Boa tarde!**

Boa tarde! Meu nome é José Albuquerque de Araújo. E eu autorizo o uso do meu nome sim para essa pesquisa.

Meu nome é Francisca Gomes Torres Filha e chamam Francineide. E eu autorizo também o uso do meu nome na pesquisa.

**Como foi a experiência de vocês com a Leitura Popular da Bíblia e esses momentos comunitários?**

Eu costumo dizer que tudo que aprendi parte muito disso, tudo que sou hoje eu costumo muito de ser isso, tudo que sou hoje, inclusive ser socióloga a escolha da minha profissão parte muito dessa minha convivência nos movimentos populares da Igreja. Na Pastoral da Juventude, no meio popular da PJMP que nós começamos. Eu tinha 13 anos quando comecei a militar nos movimentos da Igreja Católica. Antes de tudo isso eu pensava muitas vezes. Minha família é uma família super católica e eu fiz Primeira Eucaristia tudo com Padre Cornélio, aquelas coisas lá tradicionais tem um fato que eu nunca vou esquecer. Hoje eu pensando eu pensei em nunca mais ir para a Igreja quando eu fui fazer a primeira eucaristia não aquelas folhas, tinha um mimeógrafo a álcool sujava as mãos da gente todinha quando eu fui receber a comunhão Padre Cornélio era o padre também do Sagrado Coração de Jesus. Ele disse: mão sempre limpa para receber a comunhão. Eu era uma criança né, nunca mais morro de vergonha né, de ver isso e depois quando continuei na Igreja né porque se for foi só um momento, mas eu confesso que naquele e momento lá nós não tínhamos muito muito conhecimento. Mas, também ao mesmo tempo eu fiz minha professora da primeira Eucaristia também era de grupos de jovem foi o que motivou que era da do JUCAPE que tinha sido um grupo formado por Padre Pedro lá em Apodi né que era um grupo que era Darquinha que era o companheiro dela. Era grupo grande de pessoas Edvan Pinto, eu tinha muita admiração por aqueles jovens que eles tinham muito a liberdade eles começaram, eles se reuniam não só na Igreja eles reuniam para ler a Bíblia, mas era uma bíblia numa perspectiva de transformação do povo mais pobre de Apodi, de pensar, de levar essa leitura para o mundo Rural que era esquecido ninguém via nem falar esses jovens eles iam também para zonas rurais. Edilson era desse grupo, participava de grupo era muito e ela foi minha professora de catecismo Darquinha, eu via muito isso, eu me interessei muito jovem Claro que eu não ia entrar não dava para entrar, porque eu não tinha a idade né. E, aí quando termina esse momento da primeira Eucaristia eu vou para a legião de Maria né. Que mesmo na região de Maria naquela época feita por esses jogos que alguns desses jovens tradicionalismo mas também era muito bom e mais uma cidade que eu vinha por dentro não tinha nada para você fazer você tem um grupo que lê a Bíblia queria repetir sobre sua realidade a partir da Bíblia, isso era muito importante, foi muito importante na minha trajetória pessoal, na minha trajetória também para escolher minha profissão de gente também né, que é uma coisa que eu acho muito importante para mim é humanização foi primordial. (Francineide)

É o seguinte: tenho uma história de caminhada interessante com relação à Igreja católica porque meu pai eu perdi meu pai muito cedo com 3 anos mais ou menos ele era da cúria Diocesano. Ele era da Legião Maria, foi um dos presentes da cúria, minha mãe uma foi freira, e abandonou o hábito para cuidar dos avós, porque os pais já tinham morrido, eles morreram ela era jovem tinha 13, 14 anos e foi para o convento. Mas, assim a minha proximidade já é

genética com a caminhada da Igreja né e o seguinte depois da primeira eucaristia a gente fez o caminho que todo jovem faz vai embora. Vai participar de uma missa outra coisa. Mas, um momento importante de aproximação com relação aos movimentos de Igreja com relação a série de questões dessas foi no período da Crisma né. E quando terminei já fui convidado para o trabalho com a turma, ou seja, um ano anterior tava aluno de Crisma. No anos seguindo já tava com trabalho e foi o que aconteceu a gente já foi fez parte da fundação de um grupo de jovens, começamos a fazer parte da Coordenação Paroquial de juventude, aí houve aproximação com a pastora Juventude do Meio Popular que a partir desse período a gente já começou a ter uma visão sobre essa necessidade de ligar as reflexões que a gente fazia sobre o evangelho a vida e a caminhada da Igreja com a vida em si, a gente já começava a fazer esses links essas associações foi para faculdade fazer história lembro demais que nos quer chamavam que talvez a faculdade de história botar essa gente no caminho e por incrível que pareça quando eu fui fazer teologia no Senac. Por incrível que pareça aí foi que me disseram que o caminho do desvirtuamento ia ser grande essa foi a preocupação minha de perder a fé era isso, porque vocês vão começar a estudar e se aprofundar muito e era um questionamento meu de jovem era como eu querendo me aprofundar no conhecimento da minha Igreja, da Bíblia, minha vida vou perder minha fé e foi uma das coisas dos pilares que me sustentou nessa reflexão foi pensar sobre a seguinte coisa que a partir do momento que uma reflexão e um questionamento que eu faço de minha fé, mesmo, me faz perder a fé é porque eu não a tinha, ela tava tão fraca que não tinha condição sustentar. (José Edson)

Então, assim dos trabalhos com a PJMP, das atividades eu lembro de um encontro que isso foi interessante, por fazer parte da Coordenação Paroquial, mas tivemos uma Assessoria com o pessoal da CPT, eu lembro muito muito claramente de Edvan Pinto e Júnior ele nos assessoram e eu me vislumbrei com aquilo, porque eu achei muito interessado como é que eles conseguiram pegar a Bíblia, pegar essa ideia de religião que há muito era colocado na cabeça da gente que era uma formação para outro mundo para a gente ir para o céu e coisa desse tipo. E eles começaram a fazer isso e eu comecei a ver que é uma possibilidade de você com essa construção por aqui não dá perspectiva de uma santidade desencarnada mais de algo muito pé no chão muito próximo. Essas atividades de Formação com ele as atividades de informação também que a gente participou depois que já foi fazer parte da coordenação e muitos encontros. Isso, foi uma coisa muito interessante a minha aproximação com esse conjunto de coisas foi via Igreja, via movimento as pastorais com as quais eu participava sobre a maneira nesse momento inicial do conhecimento que tive com o pessoal do trabalho CPT do trabalho com a PJMP e também da Educação de base e eu fui durante cinco anos trabalhei no MEB foi uma escola muito interessante. (José Edson)

Eu acho que a leitura mesmo que eu vim compreender mesmo na Bíblia foi a partir da Leitura Popular da Bíblia mesmo né de pegar a Bíblia botar os pés no chão e começa a ler e ler com a partir da das reuniões com os jovens, a partir dos encontros da juventude que nós íamos aqui em Mossoró. Chega Padre Teodoro né praticamente a gente ele nos torna, nos tornando discípulas que também mulher não era para ser nem discípula não era e o povo falava muito de Apodi achando que isso não era preparação, o interesse dele não era nos preparar para a vida, para sermos cristãos comprometidas com o evangelho, porque o povo percebia que o evangelho era de outra forma era para a gente tá ajoelhada rezando não indo fazendo cursos bíblicos que, por exemplo, às vezes a congregação do Sagrado Coração de Jesus tinha. O Padre nunca gostou desses cursos, sempre gosta dessas coisas mais populares não daqueles cursos que eram elitizados que eram aquela coisa da Bíblia pela Bíblia. Toda vida dizia que não tem como a gente ler a Bíblia se não for para contextualizar a Bíblia para você fazer daquela ambiente que você tá um ambiente melhor a partir dessa dessa leitura ele disse se não faz isso ele disse para

que que serve a Bíblia, para que você passa o dia todo debruçado na Bíblia. Uma coisa que ele fazia muito que eu achava bem admirava ele sofreu muito em Apodi, chegou moderno pegar algumas mulheres, gente, praticamente, eu considero o padre como pai. (Francineide)

Eu tinha 13 anos e ele me ensinou tudo que eu sei, ele me ensinou a ler. Ele trouxe uma biblioteca quando ele veio para Apodi, Nós não tínhamos nem acesso a isso uma biblioteca, ele trouxe a biblioteca vários dos livros da Universidade Popular vinha alguns livros da ediouro era a própria Bíblia outros formatos de Bíblia que a gente só conhecia aquelas Bíblias com aquela gravura aberta numa casa. Ele traz a Bíblia e começa a estudar conosco todos tínhamos um grupo de jovens e a leitura da Bíblia que ele nos instigava, nos preparava para fazer era a leitura dessa né uma leitura mais popular mais real da Bíblia, nós que preparamos, nós quem fazemos a liturgia de todas as missas, nós com 14 anos nós preparamos tudo ele ensinava tudo como nós, nós líamos o evangelho e aí nós iremos refletir e ele ia mostrar outra perspectiva do Evangelho né, ele dentro daquela leitura apresentava Apodi para a gente dizia como era Apodi, como era que os trabalhadores, por exemplo, agricultor sofriam pela concentração de terra, ele ia fazendo a comparação, eu nunca esqueço quando era no Domingo de Ramos, ele sempre achava, isso muito bonito quando Jesus entrava no jumentinho ele disse você acha que Jesus, você acha que Jesus para ser o Rei, por que que ele vai no jumentinho? Ele fazia essas coisas para outras pessoas quando e a ler a Bíblia não tinha nenhum significado. Mas, ele apresentava outro significado para a gente, o próprio, aí a gente chega ao curso de teologia do (CENPACRE) que foi, assim, gente chegar ali e ver e estudar com aquela perspectiva da Bíblia com pessoas, lá do (ITER) que vinha aqueles que viam era Marcelo Barros, nós tivemos ele, tivemos muita gente Padre Hermínio, estou começando a lembrar do nome do povo, Roberto foram muitos. Nós tivemos em Apodi Irene que era Alemã organizar as associações, ela criou o MAC movimenta amigo da criança, que aí a gente se reunia na casa dela para também conversar sobre a Bíblia, sem nenhuma Bíblia na mão. Mas, ela lia pegava aqueles livrinhos que tinha lá os trechos da Bíblia e a gente ia lendo como criança, sabe isso nos construiu muito, isso me construiu muito. Como eu estava dizendo muito para ser e escolher minha própria sociologia. E era até uma coisa que o Padre Teodoro dizia, assim, você devia ter um curso de enfermagem, direito e ele dizia o que é que o sociólogo faz? Eu dizia a ele o que um sociólogo fazia, mas ele ainda dizia que era bom fazer um curso por que ele ficava preocupado com o meu futuro, um pai ficava preocupado com essas coisas. E, aí escolher isso teve muito haver também como eu vivi essa coisa da Bíblia, como eu passei a ver a sociedade, entrar no partido político também que isso aí foi quem é que entrava quando eu falava do PT na minha casa mesmo para minha família. Povo dizia isso é uma absurdo a pessoa ir para um partido desse que meus tios que era velhos, eles diziam que ia ser comunista botavam até é... há agora vai ter comunista em casa vai botar nas carroças uma placa na carroça, tanta coisa para a gente conseguir naquela época tá no partido é ter liberdade de tá compreendendo, você vai se distanciando de certas coisas da própria Juventude da sua cidade você se distancia, porque você tem uma leitura diferente dos próprios relacionamentos também com as pessoas jovens daquela época, também você tem essa diferença foi muito importante muito importante. (Francineide)

Minhas influências e como se deu o processo em relação a maneira pela qual a Bíblia foi entrando nas minhas flexões de vida e vise e versa, teve alguns nortes digamos, assim, já falei CPT que foi muito importante dos cursos das atividades que a gente participar da CPT em eles trazem a Bíblia muito nessa perspectiva a Leitura Popular da Bíblia isso é muito importante. O MEB o movimento de educação de base trouxe essa reflexão também, as próprias atividades de informação que foi catequista durante muito tempo as atividades e informações com o grupo da Coordenação catequese aqui da Diocese das Irmãs Missionária de Jesus Crucificado, exatamente, que tinha um trabalho muito interessante a respeito disso, então, a gente foi

bebendo de diversas Fontes, isso, a gente começava na própria lá a trazer a gente via esse formato de trabalho ambiente ia trazendo para dentro da Paróquia para ir fazendo isso lá na Paróquia de São João que ainda sou dela. Mas, assim eu acho que o divisor de águas, o grande divisor de água na Perspectiva mais de reflexão, mais acentuada eu poderia chamar até demais atualizado coisa desse tipo foi no curso de Teologia no CENPACRE e sobre a maneira não sei se vai dar enviesamento na pesquisa, mas eu vou falar porque tanto eu quanto Francineide a gente fala isso direto porque não tem uma pessoa, assim, que tem uma reflexão ao nosso ver mais profunda, mais interessante mais cativante, mais verdadeiro, e que indica mais a reflexão do que você Zelinha. Porque a gente começava a ver primeiro da profundidade intelectual que tem na reflexão, porque a gente termina não que as outras formas de fazer a reflexão sobre a Bíblia não fosse interessado, mas no período que a gente tava na nessa formação epistemológica formação de conhecimento de construir isso né, da Juventude de 16, 20, 25 por aí, a gente precisava desse aporte de cientificidade naquela base de Leitura Popular a gente ia tendo mais. E é uma das coisas que eu lembro o processo de ensinar a fazer a exegese que a gente fazia a leitura da Bíblia e fazia a discussão política da Bíblia, mas faltava aquele pá. E foi com você que a gente aprendeu a fazer exegese e levei para a faculdade inclusive na faculdade para fazer algum dos trabalhos ao invés de eu me contentar com ler uma tradução de um autor, buscava outras traduções e a partir disso midrash aqueles elementos foi uma coisa tão interessante o trabalho que foi feito com o SEPACRE e com a Leitura Popular da Bíblia porque capacitou a gente primeiro ampliar o universo vocabulário, segundo ter uma condição de fazer uma reflexão sobre a palavra que estava escrito e a gente conseguiu fazer isso em outros espaços outras áreas conhecimento de diversas outras áreas isso foi importante uma base muito importante de informação, então, aproximação que a gente teve foi com esses aspectos aí CPT, MEB a formação com a catequese, pastoral da juventude, justiça e paz também foi muito bom. (José Edson)

Atualmente em nível de atividade pastoral e o uso desses conhecimentos dessas informações esse trabalho de formação que a gente teve. Eu tenho uma proximidade com a Pastoral Juventude do meio Popular assessorar alguns encontros, mas é algo muito explorado né as atividades pastorais e atividades de Igreja e elas estão muito muito esporádicas né. Terminei enveredando por me aprofundar no trabalho, na universidade, uma série de coisas desse tipo e terminou o tempo me restringindo. Mas, não me furto em mim quando me chama para alguma dessas atividades inclusive para Novena alguma atividade desse tipo, assim, as minhas atividades são mais restritas a isso assessorar alguns encontros da PJMP e às vezes algum encontros, alguma palestra ou alguma novela quando me chamam e São nesses momentos que a gente começa a perceber da importância da validade de toda aquela formação que se teve, por que a gente vai tendo condição de fazer uma reflexão trazendo para realidade do cotidiano sempre cotidiano ele nos instiga a ficar a pensar sempre no cotidiano a partir disso e a gente vê o quanto é viva a presença da reflexão Bíblica, da formação teológica, que a gente fez em turno disso. Se é possível que trabalho de tradução, trabalho de reflexão popular da Bíblia, o trabalho não é só possível é necessário, porque por mais que a gente imagine que hoje com essas novas teologias que se tem por aí, no plural mesmo né, por mais que a gente imagina e as pessoas a mais vocês estão com uma reflexão muito arcaica muito antiga isso é 70, 80. Mas, como essa reflexão é uma chamada sempre a atualização, ou seja, você faz uma reflexão a partir do olhar da Bíblia que é um livro, assim, escrito há muito, muito tempo atrás. Porém quando se consegue fazer Leitura Popular da Bíblia a gente consegue essa atualização constante e eu acho, isso, necessário importante, justamente para a gente tentar recolocar a reflexão sobre a Bíblia, sobre o evangelho nessa perspectiva que eu acho que a população mais carece e nós como todos carecemos que é a vida. Demonstrar que essa leitura que tem lá é a leitura para a vida e com a vida. (José Edson)

Eu, tô um pouco mais distante diretamente. Mas, a questão é assim pelo menos o compromisso que a gente assume na sociedade tem reflexo. Eu entendo que eu estou no IF no sindicato porque eu não tenho nenhuma obrigação de estar no sindicato, de estar lá e tá lá contribuindo com o sindicato porque ninguém quer, porque disse que não ganha nada. Eu acho que isso tem tudo a ver com a minha formação de entender que é a caminhada se faz caminhando né que existe a possibilidade de transformação a partir da caminhada muito disso que eu aprendi mesmo foi no movimento popular né. (José Edson)

Eu acho que tem tudo a ver, eu acho que meu próprio fazer pedagógico bebe muito disso, por exemplo, eu trabalho, ainda hoje eu faço com os alunos uma ferramenta do movimento popular, análise de conjuntura e eles vão pegar lá Betinho, vão para análise de conjuntura de Betinho, saber os sentimentos falar de sentimentos de acontecimentos que era uma coisa que a gente fazia muito apaixonada Juventude. A análise de conjuntura aquilo era transformador da vida da gente, nós não sabíamos nada do mundo que estava acontecendo não tinha meio de comunicação, como você tem hoje o meio de comunicação era super estrito, o Mundo Jovem, minha gente, o mundo jovem na vida da gente quando a gente pegava aquelas reflexões, daqueles textos que era textos simples. Se você for pensar mas tocava em pontos que eram muito importantes para caminhada para nossa construção do sujeito. Até comprei um livro que eu lia muito na pastoral da queda de Pedrinho que era de sociologia crítica. Eu estava louca por esse livro agora encontrei lá eu fiquei. No ano passado eu olhei várias coisas e a gente fica lembrando né. E outra coisa que eu nunca perdi que é uma coisa que eu acho muito importante na minha vida é minha fé, a fé que eu tenho, por exemplo, a Nossa Senhora é uma coisa que eu passo para minhas filhas que o quanto é importante esse diálogo com Nossa Senhora da gente ver. Eu fico sabe coisa Mística também sabe eu gosto muito de usar isso sabe Nossa senhora falando com a gente às vezes elas, estão bem desesperadas vamos ver, vamos ter calma porque Nossa Senhora às vezes manda as coisas para gente, os sinais depende muito a ver os sinais a gente vê sinais de fé e isso ainda é muito importante da nossa vida familiar. Não só na minha vida mas na vida da minha família, Eu acho isso muito importante mesmo participando. (Francineide)

## **Entrevista com representantes do CEBI Governador Dix-Sept**

Meu nome é Reginaldo Claudino da Silva, eu autorizo a utilizar meu nome na pesquisa. Meu contato com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró, se deu no início dos anos 90, 1990, 1991 com a Escola Bíblica Popular eu morava nessa época em Alexandria frequentava a Paróquia Nossa Senhora da Conceição e foi convidado a participar dessa escola para mim foi uma coisa nova uma, para me era mais que uma aventura, uma viagem que eu fazia na história, na religião. Por que eu já havia lido a Bíblia minha irmã tinha uma Bíblia, eu pedir a ela emprestado e eu li ela desde o Gênesis ao Apocalipse sem saber como era que estava conduzido, ou seja, nem para onde ia nem entender o significado porque tinha coisa que parecia que desmanchava o que tinha visto anteriormente e isso na escola bíblica eu aprendi que cada livro tem sua época e a sua leitura não podia ser feita de forma aleatória. Então, a Bíblia com uma coleção de 73 livros eu tinha que saber que forma eu começava a ler, então, quais os primeiros livros que lia qual era o momento que cada livro tinha sido escrito, o momento é aquele período histórico que tinha sido vivido para depois trazer essa leitura para oração e para nossa vida no cotidiano. Depois, dessa escola Bíblica Popular eu voltei a morar em Governador Dix-sept Rosado e manteve esse contato com a leitura bíblica Popular com as reuniões que havia na paróquia no centro de São José, com as Irmãs que depois que Clara e Janine voltaram para os Estados Unidos vieram Irmã Delce, Irmã Guiomar e essas outras deram continuidade, Irmã Kátia.

### **Você participava do CEBI jovem?**

Cheguei a participar algumas reuniões do CEBI jovem, mas na época que o CEBI jovem estava acontecendo eu já tinha um contato mais com a outra parte por ter sido já depois de muito tempo, então, o CEBI jovem para mim, eu participava, estava lá, mas para mim era mais interessante o outro grupo porque era o grupo que eu tinha iniciado e tinha assim eu já tinha uma certa maturidade em relação àquela Juventude, mas que eu participava junto com ele era um movimento muito bom tinha grande participação dos jovens e havia uma grande mobilização na paróquia dessa juventude e o contato dela com a leitura bíblica. Inclusive meu contato com a leitura bíblica Popular é uma forma de trazer para oração, de trazer para a vida foi justamente a partir do CEBI a partir desse encontro inclusive com os encontros com o CEBI jovens.

Eu quero complementar quando ele falou sobre a juventude porque com esse gosto que ele tinha pela juventude levou ao encontro internacional da juventude que foi nosso representante na Jornada da Juventude na Espanha foi uma riqueza. (Irapirema)

Tem muita coisa que com o passar do tempo a gente vai, até a distância ao mesmo tempo a vivência da gente. mas, o CEBI para mim foi uma verdadeira vivência cristã, por que foi através do CEBI que eu aprendi realmente a viver a vida cristã. Porque antes era aquela coisa rezar e tudo amém. (Idaísa)

Mas, o CEBI foi de início viver com a comunidade, participar porque eu participava daquelas reuniões os ferreiros da comunidade assentava no chão se pensando e se avaliando os problemas de acordo com a bíblia foi uma vivência muito bonita uma experiência, para mim uma vida que eu vivi e que jamais posso esquecer, visitar as comunidades conhecer todos os problemas, discutir os problemas viver ao lado do povo da comunidade. porque foi quase todas as comunidades de Governador que eu visitei foram vario anos, além de andar no tempo do CIBE eu ainda participei do estudo de adulto, alfabetização de adultos através do MEB e foi uma experiência muito boa, por que dentro do MEB eu já trabalhava. Conviver com aquelas

peessoas adultas que não tinha conhecimento que não sabia nem escrever o seu nome e foi uma vivência pois saía todas as noites no jipe debaixo de chuva do jeito que fosse minha filha era bem pequena e eu levava e colocava para dormir dentro do jipe e meu esposo dirigindo e nós andando por dentro do mato foi uma lembrança que jamais posso esquecer a vivência do MEB. (Idaísa)

Com relação a experiência com a Leitura Popular. Eu Linda da comunidade Bonito. sou filha de uma das fundadoras das CEBIs e sou filha da catequese familiar, então, aprendi muito mesmo. E o CEBI veio justamente fortalecer. Quando Dona Idaísa falou que ela levava a Isa pequenininha minha mãe também. Levava para os encontros das CEBs que não era só rezar era se reunir e ajudar quem precisava. Nós vivenciamos ver, julgar e agir. Aprendemos com Clara e Janine e depois chegou a Irmã Delza com o CEBI para fortalecer mais ainda caminhada para mim foi o momento mais forte da nossa Paróquia foi a vivência e a participação das Irmãs de São José aqui, porque elas não vieram fazer, repassar elas fizeram com que a gente aprender, então, a gente aprendia a comunidade, as pessoas participavam vinham e daí ia passando de geração para geração e os jovens participavam também. Como eu ficava feliz quando eu entrava ali no centro de São José com aquele CEBI jovem e vi aquela Juventude. Eu vi mãe, mãe é evangélica e ia para lá participar do encontro porque o filho tava participando. E vir Irmã Delza muito feliz com aquilo não só ela mais todos que estavam lá. E também tive um grande prazer em participar dos 20 anos do CEBI em Caruaru, para mim foi uma experiência muito boa. Aí você acha que CEBs e o CEBI tinham muito a ver estavam interligados? Eu acho que são interligados, sabe porque Zélia? Porque é como Dona Idaísa fala não é só rezar você tem um momento da oração. Mas, você tem que colocar em prática se tinha alguém na comunidade precisando você não ia dar as costas para lá só rezar não você procurava uma forma da comunidade reunir para resolver o problema daquela família. (Linda)

Olha, a minha vivência com a Leitura Popular da Bíblia começou, começou com o Mobral na minha Comunidade Aguilhada começou a escola do Mobral e a gente participava. E aí a partir do Mobral, já tem aquelas, aquela recomendação para se fazer reuniões para ler a Bíblia e no próprio Mobral a gente lia a Bíblia. Então, começou para mim foi um período rico em que eu saía do momento da minha vida que não era lá muita coisa. E eu tava saindo dele, assim, e essa leitura da Bíblia essa experiência com a Bíblia me fortificou me deu força para eu sair daquela tristeza daquela coisa aí realmente refazer a vida. (Dilma)

Eu faço como aquela música que diz: “olha seu moço quando eu vim de bodocoongo a minha mala era o saquinho e o cadeado era um nó”. Para mim a minha vida foi aqui quando eu vim de Aguilhada para cá, para Governador Dix-sept Rosado era desse jeito a minha mala era um saco e o cadeado era um nó. Eu só trazia coragem e três filhos para criar viúva. E aqui continuei com a leitura da Bíblia com as comunidades indo lá para Aguilhada para me reunir com a comunidade. Para mim foi o período do áureo da minha vida, pois eu renasci, eu era uma fênix renascida das cinzas. (Dilma)

Eu que fiz parte da Coordenação Estadual da escola bíblica com Rita, aí depois a gente veio. Eu ainda fiz o curso de assessoria bíblica, foi eu e a Dona Terezinha que fizemos. Quando as irmãs foram embora eu escrevi um texto que dizia que é um oásis no deserto Nordeste. Eu dizia que foram as Irmãs que levaram a conhecer a Bíblia. Porque antes eu lembro que eu disse muito isso e até li o texto na frente de Dom José Freire, porque antes da Bíblia era livro de Padre, a gente apenas ouvia a leitura. Faz como Reginaldo, lia mas não entendia, não sabia o que era. Com as irmãs, elas realmente nessa Leitura Popular nessa nessas reuniões no sentar no terreiro com as pessoas e sentir a partir da leitura bíblica resgatado a vivência daquelas pessoas

e sentir o que elas estavam sentido. E poder ajudar ela de uma certa forma encorajando isso era uma riqueza profunda a gente realmente nessa época a gente passou a conhecer o que era a Bíblia. Não é coisa só de Padre mais que é também para leigos ler e entender. (Dilma)

Eu sou Irapirema comecei um trabalho na paróquia em 1971 propriamente dito eu não sabia nem entendi porque tinha sido chamada para fazer um trabalho quando as Irmãs me chamaram. Eu dizia não sei nada, não sei fazer nada ela disse: aprende. E a gente começou um trabalho que foi tudo na minha vida, porque eu me achava sem sorte não era gente e foi nesse trabalho com as comunidades que eu comecei com as Irmãs em 1971, que fui me descobrindo né. Me lembro que elas me deram uma máquina de datilografia que eu nunca tinha nem visto e elas me deram e a partir daí eu aprendi com dois dedos e depois me disseram que era Padre Ivan que veio dá um curso de datilografia eu não me lembro quem mais dizem que foi ele. E eu fui alto me descobrindo e justamente andando nas comunidades, planejando a vida da Paróquia. Quando a gente trabalhava com o método ver, julgar e agir a gente via o problema, julgava a luz do evangelho e agia. E a gente tinha esse trabalho lindo na sua comunidade. Descobria como tinha problemas e o povo nem enxergava, vinha as enchentes não tinha como o povo se locomover, do lado para o outro, por que não tinha canoa fazia um abaixo assinado e aparecia as canoas. (Irapirema)

E a gente via que era a força da palavra, eu não tinha medo, tinha gente que me fazia medo. Foram tantos momentos fortes, que eu nessa semana, eu tava me lembrando que com a seca, com o povo morrendo de fome, querendo aquela história de atacar o comércio e a gente não queria que acontecesse isso né. E a gente teve que trocar as comunidades que estava mais presente, por exemplo, me lembro de uma vez nós juntamos um povo e jogamos lá dentro do Izaura Rosado. Eu acho que era Adalton que era o prefeito. Ele juntou a gente lá e nós saímos por meio da rua mais tudo muito bem controlado, planejado e tudo nesse método ver, julgar e agir. (Irapirema)

E aconteceu muitas coisas, eu achava que não tinha nada na vida e foi na comunidades que eu descobri que eu era gente que eu tinha vida não tinha aquele povo que a gente chegava tinha um fogão a lenha com os garrancho do mato que iam pegar, a criança com a barriga desse tamanho tomando uma garapinha de açúcar, café ele doido para dar um cafezinho para a gente e não tinha era uma borrinha de café e tinha muita comida nas vazantes ele colhiam e diziam ficou a raizinha de batata lá vão buscar e a gente botava no fogo as raízes dessas batatas. Eu aprendi com a palavra que eu era gente, eu tinha vida, não tinha aquele povo e foi quando eu aprendi meu Deus aceita, na minha vida foi tudo na minha vida, eu aceitar a minha vida e foi muito bonito eu tinha vida mesmo, eu tinha vida e foi quando eu aprendi que o pobre tem valor, o pobre não é bicho, o pobre é para comer, o povo o pobre é para viver bem, como todo mundo e quando eu vi aquela pirâmide que lá em cima tinha podre de rico, aqui mais ou menos, e aqui um em cima do outro se matando por que não tinha nada nem para comer. Eu agradecei a Deus. Deus eu quero viver, eu vou trabalhar, eu quero viver, eu vou trabalhar e só vou amar a pobre, pode ter eu não vou dizer que não tem rico bom, de coração bom que ajuda e que não merece ganhar alguma coisa mas eu peço a Deus todo santo dia me monde quem precisa por que eu dó e não dó porqueira. Eu dou o que presta, eu fico com o que é ruim mas eu dou o que é bom e eu agradeço a Deus. E quando veio o CEBI melhorou muito mais. Porque foi neste livro que me mostra quando eu erro tô errada porque eu vi no CEBI que isso é pecado não faça mais. Eu conduzir foi uma vida muito pesada, quando nós tivemos um problema na paróquia nós íamos para o Frei Carlos, minhas meninas sempre eu as orientava sempre desde pequenas quando tinha reunião elas me acompanhavam eu rezava o terço dos defuntos com elas ao lado. (irapirema)

### **Resposta da segunda pergunta.**

Eu sei que a minha vivência no PT, houve uma influência muito grande essa vivência bíblica influenciou muito. Me lembro quando as Irmãs chegaram dizendo a gente que estava se criando um partido novo e a gente já sabia e a gente já sabia que estava se criando um partido novo e era um partido popular a gente começou logo a tentar formar e começamos a formar grupos era eu, as meninas de Fafá, Silvaneide e Luzia, Martinha e Naneta, Sula, Bete, chamamos o pessoal de Mossoró Telma Gurgel o marido ela Djalma aí eles viam quase toda semana aqui nos ajudar. (Dilma)

Eu acho que isso talvez redundou a nossa saída da Paróquia, porque achava que a gente que era do PT, porque a gente não mistura as duas coisas a gente sabia o que era trabalhar a Bíblia com o povo, outra coisa era trabalhar a militância política mais muitas pessoas cresceram à vista. Olhe, Governador Dix-sept Rosado o PT estava tomando de conta, da Igreja, a Igreja está sendo dominada pelo o PT. o PT está tomando de conta da Igreja foi aquele celeuma toda, mas a gente era atrevido, a gente teve o atrevimento de ir uma reunião da pastoral em Mossoró no centro de treinamento pedir uma ajuda para a campanha do PT aqui em Governador. Aí, Dom José disse: meninas, meninas. (Dilma)

O que influenciou na militância? Olha, a partir do momento que eu participava das escolas bíblicas que você ia aprendendo a interpretar a Bíblia que a gente lia e não sabia, era trazido a questão da realidade a partir desses encontros não era mostrando. O que era que deveria se escolher? Você vai escolher quem defende a vida ou quem mata? Então independente do partido que você tivesse, dava para você a partir daí ter uma experiência muito boa e aprender. Eu aprendi muito a partir disso aí, você já participava, ficava esses questionamentos, você aprender a se questionar e saber mais ou menos com relação àquelas pessoas que tivesse a frente que não fosse o seu representante. Quem era que você escolheria será que é esses que defendem a vida? Elas diziam muito vamos ter cuidado, tudo isso era debatido a gente tem que estar sempre do lado de quem quer a vida, mas é a vida em abundância para todos e não só para a minoria. A partir disso acho que influenciou muito para mim, e me ajudou muito na minha caminhada. (Linda)

**Você hoje atua como Professora?** Hoje eu sou professora com relação a militância também eu como professora, como animadora de comunidade, como catequista também, travei uma luta em defesa da escola parte pública no nosso município que é da comunidade Bonito na qual foi chegada na gestão passada. e eu travei a luta fui atrás de muita gente inclusive Reginaldo que era o presidente do conselho regional da educação e ele também nos ajudou. Mas, você sabe quando o Poder quer, poder pode né. Reginaldo, como presidente do conselho também, quando a gente enviava o relatório ele ajudou, tentou e não deu mais fiz a minha parte não só eu como reunir a comunidade também. Para mim foi de grande importância mesmo porque não são todas as coisas que nós vamos crescer, mas de braços cruzados eu não fiquei. (Linda)

Em Salvador, no final do curso era uma semana de curso, e tinha Neves lá de Feira de Santana que era uma menina muito boa, uma menina dedicada. Aí, quando a gente teve a despedida ele me entregou um cartãozinho para você nunca me esquecer e eu nunca vou esquecer. Nesse cartão ela dizia que tinha me amado, que eu tinha uma visão muito alta das coisas, mas que tinha muita pena de mim porque eu queria um mundo que eu não ia ver, nunca esqueci. Mas, tinha fé porque o que eu pensava eu queria botar na cabeça dela e de todo mundo era a mudança de mundo, que todo mundo fosse igual, vivesse uma vida digna e eu não ia ver. E hoje estamos em 2023 e tanta coisa ruim. Mas, algumas coisas já melhoraram. (Irapirema)

Pelo menos tem algumas pessoas bem esclarecidas acontece assim, mas a gente tem mais oportunidade de esclarecimento das pessoas, porque a gente viveu uma época aqui calados. Só as coisas acontecendo e a gente aceitava e hoje em dia não é. Hoje em dia muita gente esclarecida que fica transmitindo para os outros de acordo com que nós vivemos né das comunidade esclarecer muito, existem pessoas esclarecidas hoje em dia que podem ajudar os demais. Eu acho que o resultado político do ano passado de Governador do ano passado foi de consciência, porque Aluísio morreu mais eu lembro antes dele morrer ele disse que do Estado Rio Grande do Norte, a Cidade mais politizada chamava Governador Dix-Sept Rosado.(Irapirema)

No caso, a influência que teve, eu posso dizer que teve duas vertentes, uma em termo de escolha do curso, quando eu escolher o curso de história diziam assim, ah você vai acabar perdendo sua fé, porque lá na história o pessoal desmancha tudo, aí eu disse bom eu tô indo para lá para mim solicitar, mais um pouquinho é isso que eu espero. Porque, alguma base eu já tenho, eu tô indo para lá é só para solidificar é para confirmar aquilo que eu já aprendi na minha vida com o CEBI, com a leitura bíblica. Comecei a fazer o curso de história em 2000. (Reginaldo)

E na realidade foi o que esperava solidifiquei a minha fé cada vez mais porque a fé da gente é solidificada a partir da nossa base. E a minha base foi o que o CIBE a leitura bíblica, a escola popular, foi a minha catequese que eu recebi, catequese renovada e a minha experiência familiar como meus pais, minha mãe apesar de serem analfabetos eles tinham uma religião sólida, na fé solidificada. E a outra parte foi a questão de uma construção de uma consciência como pessoa, como ser humano, como cidadão, eu passei a ver a realidade de outro ângulo, com o outro ângulo sempre analisado em diversos ângulos de uma forma para não cair naquela de ser aquela pessoa influenciada por qualquer um. E essa leitura, essa experiência com a Bíblia, como o CEBI, me trouxe, me tornou aquele dito “revolucionário”, que todas as pessoas falam, eu sempre fui aquela pessoa que aprendi é. eu não queria dizer essas palavras, mas apesar de nunca eu nunca ter militar no PT. Mas eu sempre fui aquela pessoa revolucionária de forma assim tido esse pensamento social, socialista, não seria comunista, porque comunista nunca existiu nós historiadores nunca existiu, mais próximo que chegou foi nas primeiras comunidades primitivas, mas ainda não foi um comunismo realmente, o comunismo é muito difícil acontecer, e aquelas ideias socialista me a pregou na minha minha na minha consciência como cidadão, de cristão, de pessoa. E eu aprendi, já aprendi com minha mãe a ser bem humano, a ser uma pessoa que gostava de ajudar. E com a escola bíblica, com o CEBI, com a leitura bíblica eu me tornei essa pessoa mais chegada das pessoas, mas próximas querer ajudar, uma pessoa politizada. (Reginaldo)

Atualmente eu não estou participando de nada em relação a paróquia. **Em relação ao partido?** Não, partido sim. Mas também não é mais como antes de maneira mais moderada pois tem um problema sério de saúde. E quem tem diabete sabe o quanto é difícil. Mas, a minha fé é inabalável, eu tenho a minha crença, ai de mim se não fosse a minha crença ela me sustenta. Mas, eu ainda penso em melhorar, ficar boa participando das atividades e ser uma mulher de luta como eu já fui. Eu briguei muito por melhoria na educação, tanto Municipal como estadual. (Dilma)

Eu hoje não tenho espaço, mas aproveito toda conversa que eu tenho com qualquer pessoa para conscientizar. Trago o CEBI na minha cabeça e falo de Deus eu mostro o Deus da Bíblia, seja jovem, seja adulto minha casa anda muita gente. Tem gente que vem pede um conselho, fala de uma coisa, fala de outra, conta um problema. Graças a Deus! E eu não deixei ainda de fazer os remedinhos porque eu me sinto chamada, pelas vitórias que já tive tomando os remedinhos e por aqueles que não tem com que e que precisam. Eu peço a Deus pra me dar essa força. (Irapirema)

Olha, nos dias atuais eu já fui animadora de comunidade, fui catequista, uma coisa que eu acho que maltratou todo mundo foi a tal pandemia. A pandemia ela afastou muito e após esse afastamento, esse isolamento das pessoas na nossa Paróquia nós em si, não tivemos nem um acolhimento. Então, quando você vê um deixar de participar ou quando você ver o outro ir para outra religião não se admire por que você gosta de estar no canto que é acolhido e que é regado. O que você diz é absorvido e é tentado colocar em prática, mas não é por causa disso também que minha fé abalou. (Linda)

Logo após, a essa pandemia quando a gente podia sair, assim, algum canto não muito. Eu colocava mamãe dentro do carro e ia para casa do fulano. Levava para Aguilhada, nas casas do pessoal lá no Bonito, até me comprometi de levar Pirema mas Dilma e D. Idaísa para passar um dia lá em casa para conversar com ela. Continuo trabalhando 2 expediente em sala de aula, eu tenho a minha mãe que se Deus quiser vai fazer 95 anos em Março. Então, requer muita atenção não que esteja com problema de saúde, mas ela é muito apegada a mim, então tudo sou eu. Pois é eu tenho essa riqueza e ela ajuda também muita gente e a fé dela é inabalável. Reginaldo fez também uma visita a ela e viu. Sua mãe chegou a participar do CEBI? Não. Só a catequese familiar e CEBs, agora das CEBs ela foi até para o Rio de Janeiro. (Linda)

Só para dizer que a fé, permanece sólida ela continua firme cada dia ela foi renovando, a pesar das coisa, que aparece que os acontecimentos que a gente acaba por vez dizer está realmente acontecendo no caso dessa pandemia que nos deixou muito apreensivo muito afastado e hoje eu estou participando na paróquia como ministro da comunhão e trabalhos comunitários só que depois da pandemia não foi feito quase nada até nas vistas que a gente faz, as vezes ajudando as pessoas que está necessitada, mas não tem aquela consistência dos grupos nem das reuniões para fazer acontecer é lamentável espero que volte. (Reginaldo)

## Entrevista com Irmã Eliane

01.

Quero dizer que sem sombra de dúvida o CEBI influenciou e muito na minha vida tanto pessoal quanto nas minhas escolhas. Como também na minha militância, só o que sou hoje graças a formação que eu recebi do CEBI e isso desde as minhas origens da minha vida vocacional. Porque, a minha congregação a qual faço parte Missionária da Sagrada Família. Desde que eu entrei no primeiro ano da minha experiência na formação inicial já tínhamos formação bíblica na linha de CEBI. Porque na minha paróquia de origem o Irauna já existia o CEBI nosso Padre lá sempre apoiou o CEBI e implantou na paróquia até hoje ainda existe CEBI há 40 anos que existe o CEBI, mais de 40 anos que o CEBI existe também na minha paróquia desde do início que o CEBI existiu, então é a formação base da minha vida religiosa consagrada a formação bíblica toda na linha do CEBI Graças a Deus que eu tive essa oportunidade, de ter essa formação tão rica, tão bela. Agradeço muito a existência do CEBI para formar a pessoa que sou hoje, uma pessoa humana, cidadã convicta da minha missão também não só como religiosa, mas como cidadão nessa linha da Leitura Popular Libertadora. Então, a formação da minha congregação até hoje, a formação bíblica é toda na linha do CEBI, nós temos muitas irmãs até hoje que fazem, onde nós moramos nas Paróquia na comunidade investimos na formação do CEBI, fazendo até assinaturas dos livros das revistas formando os ciclos bíblicos. Então, o CEBI é essencial na minha vida, posso dizer.

Então, em toda minha militância nos movimentos sociais, nos movimentos populares as pastorais sociais, que a gente está sempre presente e atuante e que a gente onde passa nas Paróquias investe nessa dimensão social. Isso também é sócio ambiental, tudo a partir dessa metodologia da Leitura Popular e Libertadora do CEBI. Um grupo de mulheres com os grupos de pessoas nas ruas, na formação de mulheres, formação de criança de jovem, os movimentos sem terra tudo que é do movimento na nossa militância não só minha, mas das nossas irmãs. Uma boa parte de toda nessa dimensão, então, nós agradecemos muito pela contribuição do CEBI. Para nossa atuação enquanto Missionários da Sagrada Família e eu agradeço muito a oportunidade que eu tive desde a Diocese de Mossoró, quando eu passei, outras Dioceses também, já passei por várias Dioceses e a gente sempre está no CEBI acompanhando formando militando nos movimentos sociais populares e as pastorais sociais da nossa Igreja com essa Leitura Popular e Libertadora. Então, ela é de suma importância na minha vida.

02

Olá, boa tarde! querida Zélia Cristina. Desde já meu muito obrigado pelo convite para esse momento de partilha sobre a história do CEBI na minha vida também na vida da Diocese de Mossoró.

A minha atuação com a Leitura Popular da Bíblia no CEBI RN. Então, gostaria de dizer que a minha história começou, mas precisamente com o CEBI na Diocese Mossoró no ano de 1997 quando me consagrei lá na Paraíba na minha terra natal e fui enviada para a missão na paróquia de Porto Alegre, no qual tinha como pároco na época o Padre Dário. E aí eu vim com as irmãs Francisca, Lourença e Irmã Lilia. Chegando a São Francisco do Oeste com acolhida generosa calorosa de Padre Dário dando as boas-vindas, e aí também logo após uma reunião com ele para indicar qual seria os grupos que eu iria acompanhar, ele propôs que eu acompanhasse o CEBI na paróquia. E a iniciar na Diocese uma escola de animadores do CEBI. E aí ele pediu que eu me escrevesse e ele tava também motivando alguns leigos da Paróquia para e também para essa escola. E aí foi que a gente fez nos escrevemos uma turma muito boa

acho de uns seis, sete pessoas comigo, e aí a partir daí ele pediu para gente acompanhar o CEBI na Paróquia e a gente foi formando os grupos de circo bíblico alguns já tinham a gente foi fortalecendo, organizando nas comunidades a paróquia muito grande, e aí juntamente com o Raimundo Viana que é um leigo da Paróquia com João Eduardo que era leigo também. Depois ficou na Secretaria da Paróquia. E aí a gente ia trabalhando junto no CEBI, participando dos encontros da Diocese de Mossoró.

Tive a graça ainda de participar da escola com assessoria da irmã Janine ou era Clara eu me confundo nos nomes, mas eu tive a graça de conhecer e foi logo na transição também delas para a Irmã Delcia. E aí eu passei bastante tempo no CEBI de Mossoró com a Irmã Delcia participando dos encontros da Diocese do CEBI, na Diocese e também ajudando na articulação do Alto Oeste passei muitos anos, mais ou menos 8 anos na articulação do Alto Oeste foi muito boa caminhada com ciclo com as escolas públicas no Alto Oeste animando motivando a Leitura Popular da Bíblia. Depois eu fui transferido também para outras paróquias e passei a maior parte da minha vida consagrada à Diocese de Mossoró foi mais ou menos 14 anos. Então passei por quatro Paróquias nas quais trabalhei com cinco bíblicos, animando, articulando, fortalecendo, formando novas liderança com os ciclos bíblicos, a Leitura Popular da Bíblia. Então foi uma experiência bem significativa em José da Penha, em Doutor Severiano, São Francisco do Oeste e Luiz Gomes. Então, foi uma caminhada bem significativa com essa Leitura Popular da Bíblia com ciclo bíblico, a experiência mais forte que eu tive. Então o CEBI na minha vida é algo, assim, é essencial fundamental na minha formação bíblica, uma Leitura Popular Libertadora.

03.

Quero dizer que o CEBI influenciou e muito na minha opção de vida, na minha escolha também pela atuação, porque eu escolho e escolhi até hoje está do lado daqueles que ninguém querem estar e é a linha CEBI, é a linha de estar inserida na opção exclusiva pelos mais pobres os excluídos os que não tem voz nem vê. É a ação do CEBI é uma vida grita, então, a minha escolha é essa como vida consagrada sobretudo e nessa dimensão do CEBI com essa Leitura Popular da Bíblia fazendo acontecer essa leitura junto aos empobrecidos pela sua autolibertação a sua promoção humana integral Libertadora.

Então, CEBI ajudou bastante e aí a gente sempre está colocando em prática exatamente a opção evangélica dos empobrecidos está do lado daqueles que ninguém gostaria de estar e aqui a gente em nossas comunidade lugar que a gente escolhe para, assim, sair exatamente as periferias geográficas das cidades, onde ninguém quer estar sobretudo tudo aqui em Aracati, onde a gente mora em uma vila, praticamente, uma vila com bastantes problemas sócio ambientais, com muita violência com muita droga e a gente tá aqui inserida sendo presentes Libertadores na vida desse povo, sendo luz a partir dessa leitura com as crianças, com jovens com as famílias, com ciclo bíblico. E isso já levou muita a transformação do bairro, como própria família coloca para nós o testemunho, porque as Irmãs, já estão aqui a bastante tempo eu estou com 9 meses, mas eles colocam que aqui já teve tanta mudança a partir da inserção nossa nesse bairro tão periférico tão excluído, tão abandonado em todos os sentidos. Então, o CEBI ajuda muita a gente para essa escolha está do lado daquele que ninguém gostaria de estar.

04.

Quero dizer que a ligação do CEBI com a leitura Orante e Libertadora na minha vida Comunitária, já foi colocada anteriormente e também a minha vida de fé, ela é essencial porque é a partir da leitura bíblica, dessa leitura que alimenta a minha mística, pessoal comunitária social e da forçando que ilumina toda a minha caminhada minha trajetória Comunitária social, política e cidadã. Então, ela é que realmente fortalece, essa leitura fortalecedora, motivadora, inspiradora, incentivadora é o quero alimenta minha espiritualidade é a leitura Orante do CEBI nessa dimensão Popular transformadora. Então, o que me faz caminhar nessa dimensão comunitária junto ao povo na minha vida Comunitária também como a vida consagrada estão, inseridos também nas diversas realidades, nas periferias existenciais, sociais, culturais, na labuta do dia-a-dia unindo a minha fé com a luta, fé e vida, fé e militância, fé e luta não podemos separar. Então, essa Leitura Popular CEBI está muito presente nessa minha caminhada.

## **Entrevista com Raimundo**

**Estou aqui falando com Raimundo Canuto da Cidade de Janduís, das Comunidades Eclesiais de Base, ele vai falar um povo da sua experiência de como começou e como isso impactou a vida dele.**

Bom, nós começamos a participar do movimento das Comunidades eclesiais de base no ano de 1983, entrando no grupo de jovens da minha comunidade, a comunidade de permissão município de Janduís da paróquia de Campo Grande. Eu, posso dizer a cada um e a todos que sou desse trabalho das Comunidades eclesiais de base. E aí fizemos o estudo da palavra, o estudo da Bíblia, eu tive uma primeira formação bíblica ainda no instituto de teologia do Recife, um curso bíblico que durou um bom tempo, não, não lembro aqui e depois continuando essa luta das comunidades. E aí veio o Centro de Formação São José em Governador Dix-sept Rosado, que tinha ali a tutela das irmãs Claras e Janine, o CEBI em enfim, que tinha uma equipe, aí fizemos a segunda etapa de informação da escola bíblica, posso dizer de auto e bons som que essa é a formação que eu tive né não tive uma outra formação a minha formação foi rezando olhando meditando e vendo a Bíblia nessa ótica do povo, fazendo com que a gente pudesse aprender e compreender essa missão, essa missão das Comunidades de base.

**Aí essa formação influenciou na sua vida, nos seus pensamentos, nos seus compromissos?**

Posso lhe dizer com toda certeza que foi a formação que tive que fez com que hoje eu seja essa pessoa que tem tentado continuar, então, foi a influência que eu tive número um. Aí a gente pode enumerar o grande homem que foi o Padre Padre, hoje eu tenho certeza que ainda olhando e vendo ninguém se aproximou desse processo quanto ele era um homem que queria realmente fazer com que a inclusão acontecesse nas comunidades. Então, hoje eu tenho essa formação, tida e vinda do processo das Comunidades através da leitura da Bíblia.

**Você tem atuação em sindicato, no partido políticos e também como coordenador de comunidade a formação política foi no sindicato né isso?**

Bem, eu sempre tenho dito que tenho três bandeiras de atuação. A primeira é as comunidades eclesiais de base, das comunidades eclesiais de base foi que eu entrei para a política sindical e também na política sindical entrei na política partidária, no partido dos trabalhadores por compreender que realmente é dessa forma a gente tem que lutar e a política quem resolve, por isso, que a gente compreende que tinha, que entrar então são três chamadas bandeira de luta, nesse processo da construção democrática. E olhando as pessoas que são espelho, que foram espelho, aí nós temos você própria Zélia Cristina, temos várias outras figuras o bispo hoje Sebastião Armando que foi um grande Professor educado nosso da época, e a grande participação de outras figuras importante nessa caminhada a gente pode citar várias pessoas como: Eulandia lá em Campo Grande, Socorro Oliveira, a própria Jacinta, Socorro Holanda, enfim, são alguns aqui que eu tô lembrando, mas se você for enumerar a gente vai passar um bom tempo aqui citando esses nomes de pessoas, como essas que já sei que são pessoas que lutaram para que essas comunidade pudesse ser realmente emancipada e o pouco pudesse ver e ler a palavra de Deus nesse sentido.

## Entrevista com Sebastião Armando

**Estamos conversando com Sebastião Armando, sobre qual a visão que ele tem da relação entre Leitura Popular da Bíblia Educação Popular e o papel que essa experiência teve na formação da consciência das pessoas.**

Eu penso que o CEBI um instrumento muito importante e que teve como digamos, assim, te vê como o seu chão aquilo que ainda estava vivo como herança do Concílio Vaticano II, que de qualquer forma abriu a Igreja para um Novo Horizonte e desautorizou certas verdades tidas como inamovíveis e indiscutíveis. Então acho que o concílio Vaticano II, é o marco, um outro marco é o que aconteceu no nosso continente, Medellín, Puebla clima que esses eventos episcopais expressão de um movimento que serpenteava na Igreja, em que as pessoas da Igreja Católica, especialmente, se envolviam nas periferias se envolviam com a preocupação de aprofundar os caminhos de Educação Popular etc. Então, com a herança do Concílio aquilo que foi o que mexeu na América, eu não gosto de dizer a América Latina, eu gosto de dizer a América Afrolatíndia e o outro vocábulo a liada a essa é América-afrolatíndia, por que quando a gente diz a América Latina está confessando a própria alienação estamos homenageando os que vieram nos dominar, o nosso nome não traz a presença, o nosso nome oficial não traz a presença nem do povo negro, nem do povo Amerídeo dos índios, dos indígenas eu prefiro Afroamerídeo, **Afro** é uma sílaba muito forte, duas sílabas muito forte. **Afro e índia**, então, os africanos e os índios que realmente foram a força de trabalho do continente e no meio não como uma homenagem mais como lembrança **Amer** que lembra America. Mas, América é o nome que os opressores deram às suas façanhas, **e que todo jeito deixou as marcas**, Claro, por isso é bom a gente não esquecer.

Então, Sebastião você acha que o CEBI chegou um pouco atrasado nessa caminhada da teologia da libertação e do Cristianismo da libertação como chama Lovir? Que ele é de 79 já estava na época da volta da grande disciplina.

O CEBI só nasce a partir disso que você acabou de dizer mas não está digamos assim como o primeiro protagonista, mas ele vem no meio da correnteza. A Correnteza que vinha a partir do mundo dos pobres, e dos intelectuais, e dos agentes de pastoral das mulheres. Ainda naquele tempo, primeiro com a luta ainda meio abafada, lutando para se afirmar o fato é que ali também estavam operando os movimentos feministas, agora evidentemente é um enfrentamento muito difícil porque a Igreja tem séculos e séculos. A Igreja é sobre toda a idade média para cá. Com todo poder Dogmático que tem os Papa e na esteira do Papa os bispos aproveitam e dizem as suas como se fossem inamovíveis e que ninguém pode contestar, a Igreja tem refletido desde a Idade Média sobre o poder conservador. Aí o CEBI digamos, assim, não foi a profecia primeira ele vem na esteira de algo que nasce das lutas anteriores ao concílio Vaticano II, a ação Católica teve um peso enorme nisso aí, não é por acaso que os Padre e os legos estiveram ligados aquilo que se chamava assistente de ação católica, estava no mesmo paralelo no qual navegou o CEBI.

02.

Se a gente quisesse encontrar alguma coisa de intermediário, entre a forma da Igreja anterior ao Concílio Vaticano II, e consequentemente Medellín e Puebla, entre isso uma Igreja conservadora e a ter reacionária etc. Pré-conciliar, se a gente quisesse situar coisa aí o CEBI me parece é expressão, por exemplo do movimento ação católica, pequenos grupos. Claro, que na ação católica havia digamos, assim, uma uma formatação mais rígida no sentido de que havia um meio estudantil, um meio Universitário, havia um meio chamado independente,

havia um meio Rural Agrário, ação católica rural. E movimentos semelhantes. Esse veio por que? por que o CEBI já herdou alguma coisa da ação católica. Já havia um rio que trazia nessa direção se a gente quisesse como é muito comum na Igreja católica caracterizar a época pela figura emblemática dos Papas, a gente diria que o CEBI é uma coisa que nasceu por que apareceu na Igreja João XXIII, que abriu a Igreja para se sair daquele dogmatismo, no qual ela vinha. Então, o CEBI, é uma leitura bíblica sem dogmatismo, nesse sentido João XXIII, abriu esse panorama, Paulo VI, foi mais sistemático, mas discreto, mas do ponto de vista teórico até fundamentou mais as coisas das intuições de João XXII, aqui estou falando dos Papa não como indivíduos. Mas os Papas como emblema de uma época. Então, o Papa João XXIII, depois de Paulo VI para cá acabou porque o Papa João Paulo I, nem entrou com um mês já saiu de cena. E aí veio o Papa da Polônia que vinha com toda a carga da luta contra o comunismo e quando cheirava alguma coisa à esquerda era um malassombro. Então, o Papa João Paulo II eu acho que foi uma espécie de interrupção das correntes das águas.

03.

Eu estava pensando, também não sei responder essa minha preocupação que o CEBI que foi realmente uma cadeia, uma corrente de grupos de iniciativas, estudos com estudiosos de alto gabarito, gente do próprio povo que ia muito mais pela intuição, ou seja, o CEBI é algo muito plural, como é a sociedade particularmente dos pobres, você também encontra um pouco as fatias da sociedade. Mas, me parece que quem sabe se poderia ter andado pelo menos me parece que não se andou suficiente. É difícil de dizer houve uma fixação muito grande no ambiente de Igreja, quando a Bíblia em parte é um livro entre aspas é um livro sagrado, mas também entre aspas é um livro político, se a gente quiser dizer numa categoria que cheirasse a teológica a gente diria que é a política de Deus que deveria ter sido enfrentada com mais clareza, com mais força e parece que a bíblia podia ter dado mais nesse aspecto.

Mas, depende da Igreja que nós somos, porque como a gente dizia antes tivemos o Papa João XXIII, que digamos, assim, representa a inspiração do Futuro, porque parece um paradoxo o velhinho que está praticamente no final de sua projeção na Igreja para o futuro. Depois, vem Paulo VI que era mais intelectual do que João XXIII, era muito conhecido pela a história alguém muito capacitado na historiografia, Historiador. O Papa Paulo VI era muito mais filósofo, teólogo, não era biblista. Estou salientado os Papas, porque na Igreja o Papa é que tem a última palavra. Vocês imaginam que há Bispo, por exemplo, freiam todo o dinamismo da Igreja local e o clero que tem a força, porque tem povo, o bispo não tem povo, o bispo é supervisor. E no entanto, os padre sabendo que eles tem a força, mas eles não promovem o povo, não ajudam o povo a se promover. Não sei se é porque ganham da Igreja tem medo de ficar na miséria, por que por respeito ao Bispo não é, pode ser por medo do Bispo, por respeito não é muito diferente.

E a gente vê a Diocese inteira em que o Bispo é um desastre e o clero aguenta, vai para reunião com ele. Você imagina uma Igreja, uma Diocese que o Bispo marque uma reunião e nem um padre fosse. Se eles não são satisfeitos com a guia, não tem coragem não sei porque essa covardia porque não tem mulher para sustentar, não tem os filhos para sustentar são apenas eles mesmos que sustenta então na máquina da Igreja tem muitos freios, mesmo para Padre muito bons dispostos animados, mas também tem os freios da teologia. Você imagina, por exemplo, que quando começou a pandemia, eu li não sei onde sobre uma reunião em uma das conferências regionais dos Bispos da Itália, em uma determinada região estava em assembleia para definir o rumo do que estava difícil de abrir não se abriam as Igrejas como é que o povo vai ficar desgarrado sem nem uma assistência religiosa sem poder fazer nada no domingo etc. as missas de maneira novas online à distância, então, como presidente eu não lembro qual foi circunscrição Regional da conferência episcopal italiano que nem me lembro mais. Não foi a

nacional, foi a regional, os outros bispos daquela região, dizia, mas não há problema que a Igreja está somente com o padre celebrando a missa, porque, o povo não é substancial para constituir a eucaristia basta o padre, o povo usufrui da eucaristia. Mas quem ele não disse mais dá a entender quem realmente celebra é o padre, o povo está ali por acaso. o Vaticano II morreu aí.

Se o Vaticano II, agora um ano, dois anos atrás, morreu, imagine como era antes, apesar de todas as mudanças e convicções profundas desse pessoal, que leva a uma desgraça. Eu ouvi um sermão do Bispo nesta pandemia em que ele estava veementemente contrário a fechar as Igrejas. Embora estivesse fechando a própria... porque não se pode trocar a hóstia consagrada, pela a vacina, quando se dizia não vá você pode se contaminar rezem em casa na televisão e ele dizia como se pode trocar a comunhão pela a vacina?E acrescentava porque perde-se o privilégio, enorme que é estar com Jesus presente na eucaristia. Agora, pisme você, porque no Altar Jesus diariamente morre e ressuscita?

04.

De maneira mais profunda e calma sobre essa inter-relação mais eu penso que não galhos da mesma árvores, no ocultamento se comunicam mesmo quando não aparece são claro, por que sem a renovação do Vaticano II, não seria possível nem um dos três caminhos, sem a abertura de João XXIII, sem a abertura de Paulo VI, também acho que todos convergiu evidentemente com Papa João Paulo II, como a gente via aquela baixa conservadora em certo aspecto é reacionária. As ligações entre todas essas experiências.

**Estava dizendo mais cedo você acha que a primavera da Igreja aqui na América Afrolatíndia tem muito a ver com o CEBI, porque qual a Leitura Popular da Bíblia?**

Eu mesmo prefiro dizer Afroameríndia essas outras estão na mesma direção prefiro dizer Afroameríndia.

**Qual foi o papel do CEBI, nesse caldo, nesse rio, tinha uma concepção, um projeto próprio?**

O elemento próprio eu penso que veio do estudo da Bíblia, evidentemente o estudo da Bíblia fortalece elementos do método como, por exemplo, o poder estudar em comunidade, atenção a realidade, uma nova percepção da imagem de Deus. Mas, não é uma criação do CEBI, o CEBI como instituição com o processo denominado ele nasceu no propósito. Mas um propósito digamos, assim, navegava no leito de rio que já vinha de antes. Agora eu penso que um prejuízo grande que se tem é estar na Igreja, porque a Igreja é castradora, e a gente ver que essas coisas mudam com séculos. A gente vem de uma Igreja muito autoritária, alienada, dominadora ante feminista, ou seja, tudo isso são entraves para o método do CEBI, ter eficácia realmente, por exemplo, se depende muito das estruturas eclesíásticas o Padre tem de certo modo controle do povo, que está em torno ali da Igreja. E como é que você vai chegar com a Bíblia, o povo não da Igreja podem chegar. Mas, chega aos poucos. Você não funda o CEBI, com gente que não é ou pelo menos tenho ouvido, cheira o que é a Igreja, ter praticado alguma coisa na Igreja. Não é simplesmente um grupo de Educação Popular que se reúne de noite, na sala em um local e vai estudar a Bíblia, para ter esse propósito tem que ter no mínimo de ligação na vida eclesial. E aí está o entrave, porque a Igreja tem andando para trás, as Igrejas.

Mas, por exemplo, você veja o retrocesso o Bolsonaro diz que a CNBB é a Banda podre da Igreja Católica, e no dia seguinte o Arcebispo Cardeal do Rio de Janeiro acolhe a visita que já estava agendada de Bolsonaro, qualquer pessoa com vergonha na cara tinha impedido nós não vamos receber o senhor. Se eu não considero esse alimento como a banda podre da Igreja, procura a banda boa da Igreja mas não aconteceu normal. Ele faz todo o carnaval dele com os evangélicos, pentecostais etc. E um dia vai a Aparecida, nos mesmos dias em que o arcebispo de Aparecida tinha feito uma crítica forte ao governo. Mas, ele foi à missa e recebeu a Santa Comunhão, ele não quer isso e não sabe o que é isso, aquilo é apenas uma moeda de tronco. Devia ter dito que houve uma pane no sistema elétrico e não haver, se não quiser dizer o motivo, mandava apagar as luzes de toda a Catedral de Aparecida e dizer que infelizmente não vai ser possível. O pior .deram vez para ele falar. Quer dizer, então plantar o cerne da missão e a prática do CEBI não é nada fácil. Aparentemente é gostoso, é bom se reunir, a gente canta, e a gente toma alguns propósitos, mas é um processo muito complicado e difícil, **que exige que você rompa com uma concepção que você tinha anteriormente, da vida, da religião, de tudo.** Quando você ver, por exemplo, o Papa, como o Papa Francisco, que quer desenhar um novo rosto, junto com a Igreja e que tem aquela espontaneidade de dizer algumas, que os outros não dizem, mas você ver como ele está mais ou menos isolado.

### Entrevista com Socorro Holanda

Eu, costumo sempre dizer que a Leitura Popular da Bíblia, na minha vida foi como o divisor de água, existiu a minha vida Pastoral minha vida de agente de comunidade, antes e depois de conhecer o CEBI. Porque antes eu tinha uma visão apesar de uma catequese renovada, já tem uma compreensão da Bíblia e tudo, mas era uma coisa muito superficial não aprofundava. E como eu tinha essa visão muito superficial abrangendo todo mundo, é coordenação de catequese, infantil de crisma, festa de padroeiro e quando eu conheci a Leitura Popular da Bíblia, eu passei a ver que tinha coisas mais importantes, formar a comunidade, formar os agentes, lá fora para ter uma visão melhor da vida, da vida, da fé e vida partilhada juntas que não são separadas fé e vida. E fui mais faltando essa questão de sobrecarga de muita coisa, em festa de padroeiro e passei a viver mais como, como multiplicadora da palavra de Deus, fazendo esse trabalho, mas junto ao povo e pretendo, agora aposentada pretendo abranger, fazer e formar, mais comunidade fazer um trabalho diferente, não só mais escola Bíblica Popular. Mas uma coisa nas periferias assim eu quero, pretendo dar continuidade começando com a

Campanha da Fraternidade e aprofundar mais a questão do trabalho mais de periferia, indo nas casas das pessoas.

02.

Quando você pergunta sobre a minha experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró, a minha experiência, ou seja, eu conheci a Leitura Popular da Bíblia em 1996, foi quando eu escutei pela primeira vez falar no CEBI no centro de estudos bíblicos e foi através das Irmãs lá de Governador, Irmãs Clara e Janine em Governador Dix-Sept-Rosado, as irmãs que vieram para Diocese de Mossoró. Aí o Padre aqui que na época era das ordens dos Capuchinhos, levou a fazer essa escola bíblica, não é quem incentivou em outra reunião conheci a Irmã Clara, e ela propôs que a gente fizesse uma escola bíblica de Agentes, lá na Cidade de Governador que seriam oito etapas. Aí fomos seis colegas, seis agentes de pastoral e a partir daí começou o encanto com a Leitura Popular da Bíblia. O encanto a paixão por essa metodologia encantadora, aí todas nós fizemos as oito etapas, quatro do primeiro Testamento, e quatro do segundo Testamento e ao terminarmos decidimos que não ficaríamos só entre nós esse conhecimento, essa nova maneira de ver a Bíblia, de estudar a palavra de Deus e passamos a decidimos fazer uma escola Popular aqui em toda paróquia de imediato só participou aqui da cidade de Severiano Melo, terminamos com 10 pessoas adultas, Legionária, pessoas da comunidade, pessoas que já tem uma vivência de Igreja, mas que ficou muito entusiasmada, gostaram demais e com o passar do tempo a gente foi ampliando para toda paróquia de Itaú, a paróquia que é formada por três Cidades Severiano Melo, Rodolfo Fernandes e Itaú e diversas capelas da zona rural.

E nos dias de hoje já estamos na 7ª escola fizemos um trabalho, o trabalho foi com os jovens antes da pandemia, estudamos oito etapas, com o CEBI jovem, tinha mais de 20 inscritos, mas terminaram parece que só 12 jovens concluíram. Mas foi também um trabalho muito interessante e a gente ao longo desse tempo, desses mais de 20 anos, a gente vem fazendo o mês da Bíblia, Círculos Bíblicos, principalmente, no mês da Bíblia atingindo toda Paróquia. É muito gratificante escutar um depoimento de pessoas que não conhecia a palavra, até a parte de manuseio mesmo, pessoas que diziam que conhecia a Bíblia achava que conhecia lia por lei, e passaram a se ver na Bíblia, a questão que o povo de Deus viveu ontem, nós vivemos hoje. Eles dizem que ficaram admirados, nos depoimentos de dizer que: o povo de Deus era como se fosse uma coisa imaginária, uma coisa que não existia e com a Leitura Popular da Bíblia, com essa nova metodologia passaram a se ver (né) na Bíblia as suas vidas, ou seja, o povo de Deus ontem, o povo de Israel somos nós hoje só muda, os nomes dos personagens e os locais e a época. Questão de ver o contexto muito interessante o contexto que a maioria também a gente conhece de uma forma muito superficial. E é isso basicamente a experiência foi isso estamos com 21 anos de caminhada.

03.

E Jesus veio para os menos favorecidos e a partir daí também a militância no PT passou a ser diferente, passamos a fazer um trabalho mais minucioso até que essa cidade pequena nós fazemos encontro e tem a ligação, bem profunda tem bastante pessoas do diretório do PT dos filiados que são também conhecedores, já Leitura Popular da Bíblia, que tem uma experiência, já com Paulo Freire quem desde a faculdade também 96, 97, 98 que a gente já conhecia Paulo Freire que vê, que a questão da Leitura Popular também é muito ligada a questão de Paulo Freire do método de Paulo Freire, ver a questão da alfabetização de jovens e adultos. Tudo isso influenciou na minha militância, na minha, transformando o meu pensar, o meu viver,

transformando a minha maneira de pensar e de passar e repassar os conteúdos. Outra coisa importante que aconteceu foi conhecer o bibliodrama, uma metodologia que é uma maneira diferente de passar o estudo da Bíblia, de ver o texto de várias formas. Aí tive em São Paulo, três vezes com a equipe da Alemanha fazendo bibliodrama, e fiz também em Salvador que isso muito me ajudou na questão de como ver a palavra de Deus, que faz várias formas de ver, estudar e sentir a palavra da vida.

04.

Se a minha fé e o meu trabalho comunitário nos dias atuais é questão do tripé, a realidade, fé e comunidade e procuro sempre ver a questão dos menos favorecidos do trabalho social, a gente faz um trabalho do partido dos trabalhadores, faz também com o sindicato, a parceria com o sindicato dos trabalhadores em educação quem a companheira é a Emirene, também é Sindicalista vice-presidente do sindicato também é assessora do centro do estudo bíblico, a gente faz desse trabalho e procura ver sempre na comunidade meu trabalho comunitário totalmente hoje depois que conhecia a Leitura popular da Bíblia, conhecer a metodologia de Paulo Freire é totalmente diferente de 20 anos atrás de uma maneira Libertadora, de uma maneira que liberta e não que oprime, mais ou menos, assim, nos dias atuais tem sido um pouco complicado porque a gente sempre trabalha parceria com a Igreja católica e aqui o Vigário é muito fechado. Mas, tá para sair agora a gente espera que a gente possa fazer um trabalho melhor de forma mais concreta, ou seja, tem que ser perseguido, porque esse outro, nem faz e também não admitia que a gente fizesse. Então, a gente tenta fazer o melhor possível e trabalhar de uma forma que liberte as pessoas, assim, como o próprio Jesus Cristo veio para libertar. E também participei de algumas edições do grito dos excluídos, que é um trabalho que a gente faz também, só que a gente fez aqui só dois anos, mas lá em Mossoró participei do grito dos excluídos que é um trabalho mais organizado, participei uns três anos em Mossoró.

05.

Aí, no segundo momento você pergunta sobre a questão se a Leitura Popular da Bíblia influenciou na minha nas minhas escolhas na minha militância. Claro que influenciou como? Porque, antes desse movimento de conhecer a Leitura Popular, de conhecer o CEBI, ainda tinha uma visão muito limitada, muito presa da militância. Eu, já desde 89, sou filiado ao partido dos trabalhadores. Mas a partir da Leitura Popular da Bíblia, eu fui tendo uma visão mais profunda dos menos favorecidos de onde estava realmente a questão da burguesia, da população menos favorecida. Onde estava realmente o menos favorecido que Jesus realmente veio para os mais pobres e para os menos favorecidos.

06.

Nós estamos com 21 anos de caminhada, outras pessoas se integraram na caminhada outras estão afastadas um pouco né de 1996 para cá, mas que nunca deixaram a vivência da Igreja. Eu costumo sempre dizer que o CEBI a Leitura Popular da Bíblia é como um divisor de águas na minha vida porque existiu a minha vida, a minha caminhada.

### **Entrevista com Gorete Duarte**

#### **Conte um pouco sobre a sua experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró.**

Começo o relato lembrando dos primeiros passos dentro dos grupos pastorais da Igreja Católica. Ainda criança, já animava as missas dominicais no grupo CAT(crianças amigas de todos) coordenado pela irmã Lucimar, na matriz de Nossa Senhora da Conceição. Em seguida ingresso para o catecismo e posteriormente primeira eucaristia. Aí meu primeiro contato direto com leituras bíblicas (evidente que não eram nada popular). Só tempos depois passei a ser catequista. Daí em diante passei por algumas formações da catequese, tanto a nível paroquial como de Diocese. No entanto ainda não tinha uma visão tão aberta das leituras bíblicas, mas já me ariscava trazer para o contexto das crianças. Passados os anos, me deparei com a possibilidade de fazer uma escola bíblica do CEBI, com as Irmãs, Clara e Janine, se não me engano quase três anos. Só a partir daí, pude ter a possibilidade de clarificar o contexto das leituras e fazer a conexão com a realidade. As leituras eram vivenciadas e interpretadas pelos participantes do curso. Nesse tempo também fazia parte de grupos de jovens e desenvolvia algumas ações sociais. Em nível de Diocese a troca de experiência nas assembleias diocesanas com os outros zonais (paróquias) ajudaram a compreender a realidade com outro olhar. Ainda trabalhei na cúria Diocesana com o Bispo e fiz parte da equipe social da Diocese.

Morando em outro estado, pude continuar com a formação bíblica. Fiz parte de um grupo de estudos bíblicos (religiosas e leigas) com leituras de teólogas feministas, como Ivone Gebara, Elisabete Fiorenza e Livie Tosh, entre outras.

#### **1. Essa experiência influenciou na sua vida, na sua militância e nas suas escolhas? Como?**

E como influenciou. Amplie o olhar e comecei um engajamento mais ligado com o social. Passei a compreender a linguagem das CEBs, mesmo estando em uma paróquia urbana. Sendo de uma família numerosa, treze irmãos, à única na época que optei por continuar engajada nas pastorais dentro da Igreja Católica. Algumas irmãs e irmãos até fizeram parte dos grupos de jovens, mas não permaneceram. O olhar para as injustiças sociais, se deu depois desses passos dados.

#### **2. Qual a sua ligação com o trabalho comunitário e com a fé nos dias atuais.**

Hoje faço parte de uma ONG que anteriormente trabalhou com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e hoje resiste em com trabalho de mulheres na periferia, por questões financeiras, quase sem atividades. Acompanho grupo de mulheres e continuo presente nos espaços ligados a resistência. Não faço parte de nenhum grupo pastoral, mas continuo próxima de experiências com grupos de religiosas. Sou facilitadora de Yoga e consegui fazer formação em terapias holísticas. Terminando ainda a formação em biodança. Acredito em um mundo com menos violência a partir da minha ação e das demais pessoas que acreditam que juntas podemos construir uma sociedade mais humana e mais solidária. Tenho um olhar voltado para a causa em especial das mulheres

## **Entrevista com Eleni**

### **Conte um pouco sobre a sua experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró.**

A minha experiência com o CEBI nasceu em minha comunidade através do incentivo e apoio do Pe. Walter Collini que nunca mediu esforço para ajudar na Formação de leigos de sua Paróquia. De 1979 a 2010 na Paróquia de Martins, 18 pessoas fizeram Escola Bíblica, vários grupos de estudos e encontros de Formação Bíblica foi realizado. Essa experiência com o estudo da Bíblia sempre fez parte de minha caminhada do dia a dia.

### **Essa experiência influenciou na sua vida, na sua militância e nas suas escolhas? Como?**

E como, foi através do Estudo Bíblico que aprendi que o pobre tem valor, que os leigos tem um papel importante na construção do reino, que Deus está sempre do lado dos pequenos e oprimidos. Sem esquecer que foi através da Bíblia que aprendi ler o texto, olhando o seu contexto.

Na minha militância e escolha, a experiência com a palavra me firmou na vocação e missão pela construção do Reino de Deus, onde estou e do jeito que sou.

### **Qual a sua ligação com o trabalho comunitário e com a fé nos dias atuais**

Sinto que a experiência com a palavra tem me dando mais embasamento para sustentar minha missão. Me faz acreditar que apenas muda o contexto, mais o Deus é o mesmo, muda a metodologia mais o objetivo é o mesmo.

## Entrevista com Antônio Sales José Neto

### **Conte um pouco sobre a sua experiência com a Leitura Popular da Bíblia e o CEBI na Diocese de Mossoró**

Já com uma caminhada bastante significativa como agente de pastoral, em 97 tive a imensa alegria de conhecer o CEBI Mossoró e esse encontro foi de imensa importância, o qual veio ampliar e alargar as minhas relações com o estudo da Bíblia. O método de Escuta e vivência da Palavra numa perspectiva mais ecumênica me ajudou a crescer espiritualmente tendo em vista seu objetivo maior: Ler a Bíblia a partir da vida e inserir esse aprendizado numa prática libertadora. Como aprendiz, no CEBI, tudo que conheci foram sementes das quais hoje colho seus valiosos frutos.

### **Essa experiência influenciou na sua vida, na sua militância e nas suas escolhas? Como?**

Sim, e como influenciou. A maneira de ver a Bíblia como Palavra de Deus, iluminando a vida e nos inserindo na caminhada das comunidades e grupos de convivência e estudo me deixou mais consciente de meu compromisso com a vida, o trabalho e a missão. É algo que me norteia, tem me ajudado até aqui. Uma experiência ímpar para o meu crescimento.

### **Qual a sua ligação com o trabalho comunitário e com a fé nos dias atuais**

Após longos anos de uma caminhada mais presencial com os grupos e experiências de estudos no CEBI Mossoró, hoje mantenho uma influência mais laica, porém sempre presente através das redes sociais, interagindo, comentando e compartilhando minha experiência que absorvi em todos esses anos no CEBI. Contribuir sempre de uma maneira objetiva e prática o método do CEBI, tem sido algo constante em mim!

### **Depoimento de Irmã Maria Cleide Pires de Andrade**

Um trabalho que perpassa todas as comunidades

Estudar a Bíblia é favorecer a articulação e a reunião das comunidades

Através dos círculos bíblicos nas pequenas comunidades de base que a gente atende, seja aqui, em Alexandria ou em outros lugares onde temos passado, a Bíblia tem sido esse instrumento de reflexão e de articulação onde a gente busca sentar, se reunir com as pequenas comunidades, com aquelas pessoas, inclusive não só nas capelas e nos centros pastorais mas principalmente nas casas das famílias

E aí a partir da Bíblia a gente reflete sobre a vida, sobre os acontecimentos da comunidade, da localidade, do mundo e tem sido sempre uma experiência muito profunda e muito bonita que a gente diria que é uma experiência de fé e vida que vai se dando ao longo do tempo nas comunidades de base

É sempre um trabalho ligado ao CEBI, as CEBS e aqueles grupos e padres que ainda trazem, herdam um pouco essa herança das CEBS, que refletem, que buscam vivenciar esse novo jeito de ser Igreja a partir dos pobres das comunidades de base e a Palavra de Deus tem sido assim fundamental em alimentar a fé e a luta dessas pessoas e principalmente das comunidades

Esse momento em SJ da Mata, nós temos a escola Bíblia Elysa. Elysa, era uma mulher apaixonada pela Bíblia e que organizou muitas escolas, maratonas e gincanas bíblicas pelo RN a escola já está na quarta ou quinta etapa. Ao final de dezembro nós finalizamos com 40 pessoas das diferentes comunidades aqui da paróquia. É uma parceria com o Cebi, inclusive Evania e Fátima Barros nos ajudam na assessoria. É um trabalho lindo de comunidade de base, sabe. É um povo que se encontra uma vez por mês, no sábado para estudar a palavra, celebrar a vida, para buscar soluções para suas dificuldades. É uma manhã de sábado que anima a vida, anima a fé. Lindo de se ver essas mulheres, esses homens, esses jovens, reunidos em torno da Palavra

## Convite

O CEBI está em festa  
 E, queremos convidar  
 A família cebiana  
 Para vir participar...  
 30 anos de caminhada  
 Da sementinha plantada  
 Vamos juntos celebrar.

Quando se pensa em CEBI  
 Vem o entusiasmo, a alegria  
 A Bíblia nas mãos do povo  
 Gerando cidadania  
 O CEBI vem descobrir  
 O jeito de Deus agir  
 Por sua metodologia.

Unir a fé com a vida  
 É o sonho do CEBI  
 Sopro do coração de Deus  
 Que nos quer ver construir  
 Uma nova sociedade  
 A partir da realidade,  
 Do agora do aqui.

O nosso agradecimento  
 Ao Deus Pai que nos conduz  
 Que na força da Palavra  
 Deus-nos Seu Filho Jesus  
 Que pelo jeito de amar  
 Na leitura popular  
 Ele é sempre a nossa luz.

Conto com você em nossa TENDA!

Local: Gov. Dix Sept  
 Data: 06/12/2009

Um abraço.  
 A Equipe.

Mossoró /RN

Dando  
 sabor a  
 vida